

CINTIA HENRIQUES

NÃO CAIO NA SUA





CINTIA HENRIQUES

NÃO CAIO NA SUA



Copyright © 2020 Cintia Henriques

Capa: Fernanda Fernandez

Revisão: Maciel Salles

Todos os direitos reservados. Este ebook, ou qualquer parte dele, não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa por escrito da autora, exceto para uso de citações breves em resenhas e divulgação espontânea do material.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

Primeira Edição, 2020

<https://romances.cintiahenriques.com.br/>

À Michelle Valim, minha terceira leitora.

Sumário

[Capa](#)

[Sinopse](#)

[Introdução](#)

[Prólogo - Amélia](#)

[Prólogo - Caio](#)

[Capítulo 01 - Amélia](#)

[Capítulo 02 - Caio](#)

[Capítulo 03 - Amélia](#)

[Capítulo 04 - Caio](#)

[Capítulo 05 - Amélia](#)

[Capítulo 06 - Caio](#)

[Capítulo 07 - Amélia](#)

[Capítulo 08 - Caio](#)

[Capítulo 09 - Amélia](#)

[Capítulo 10 - Caio](#)

[Capítulo 11 - Amélia](#)

[Capítulo 12 - Caio](#)

[Capítulo 13 - Amélia](#)

[Capítulo 14 - Caio](#)

[Capítulo 15 - Amélia](#)

[Capítulo 16 - Caio](#)

[Capítulo 17 - Amélia](#)

[Capítulo 18 - Caio](#)

[Capítulo 19 - Amélia](#)

[Capítulo 20 - Amélia](#)

[Capítulo 21 - Caio](#)

[Capítulo 22 - Amélia](#)

[Capítulo 23 - Caio](#)

[Capítulo 24 - Caio](#)

[Capítulo 25 - Amélia](#)

[Capítulo 26 - Caio](#)

[Capítulo 27 - Amélia](#)

[Capítulo 28 - Caio](#)

[Capítulo 29 - Amélia](#)

[Capítulo 30 - Caio](#)

[Capítulo 31 - Caio](#)

[Capítulo 32 - Amélia](#)

[Capítulo 33 - Amélia](#)

[Capítulo 34 - Caio](#)

[Capítulo 35 - Amélia](#)

[Capítulo 36 - Caio](#)

[Capítulo 37 - Amélia](#)

[Capítulo 38 - Caio](#)

[Capítulo 39 - Amélia](#)

[Capítulo 40 - Caio](#)

[Capítulo 41 - Amélia](#)

[Capítulo 42 - Caio](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Sinopse

Mesmo estando perto dos quarenta anos, Caio nunca esteve em um relacionamento. E nunca fez questão de se prender a ninguém. E isso não vai mudar por causa de Amélia. Sobretudo porque um não suporta o outro e se estranham desde que se conheceram.

Amélia já sofreu muitas decepções e não tem tempo a perder com um cara que não sabe o que quer da vida. Tudo o que ela deseja é trabalhar em paz, para poder cuidar da irmã e da sobrinha. E quem sabe, um dia, encontrar um grande amor.

Mas a implicância entre eles não diminui o tesão inesperado que surge. Depois de muitos desencontros, os dois acabam se rendendo à paixão, mesmo que nenhum deles assuma que isso é um relacionamento.

No entanto, as coisas se complicam, e Amélia precisará de um companheiro de verdade. E pode ser que Caio não esteja preparado para assumir esse papel.

Introdução

Esta é a história de Caio e Amélia, personagens já conhecidos para quem acompanha o meu trabalho. Apesar de ser uma história derivada de “Continue Tentando”, meu romance anterior, “Não Caio Na Sua” pode ser lido de maneira independente. No entanto, aqui apresento alguns fatos relevantes dos primeiros livros, então, se você não gosta de spoilers, seria interessante dar uma olhada em “Tudo Vai Dar Certo” e “Continue Tentando”, ambos disponíveis na Amazon, tanto para compra quanto para empréstimo pelo Kindle Unlimited.

Desde já, agradeço por seu tempo e espero que goste desta nova aventura!

Prólogo

AMÉLIA



— Você vai vestida assim?

Encaro-me no espelho, tentando ver o que tanto incomoda a minha irmã. Uso uma saia social cinza, abaixo da linha do joelho. A camiseta social branca está impecável, sem nenhum vinco sequer. Meus longos cabelos escuros estão presos em um coque apertado no alto de minha cabeça e a maquiagem leve que fiz cobre as manchinhas de sol de minha pele naturalmente bronzeada. O pequeno salto do sapato me deixa uns dois centímetros mais alta e estou me sentindo muito profissional.

— O que há de errado com a minha roupa?

— Ahm... — Ela faz uma pausa, me analisando. — Tudo? Precisa ir embrulhada desse jeito? Pelo menos abre uns botões nessa blusa, libera um pouco esses peitos, parece que vai sufocar.

— Minha roupa está perfeita. Não preciso mostrar decote, vou a uma entrevista de emprego, não a uma balada.

— Mas não precisa ir parecendo uma das senhoras da igreja.

— Preciso mostrar respeito, Rosália. Quero que me contratem pela minha experiência e competência. A última coisa que eu busco é atrair a atenção de alguém pela aparência. Isso nunca dá certo.

— E você acha que dessa vez vai dar certo?

— Tem que dar. Eu não posso continuar naquele escritório, ganhando um salário de merda para ainda ter que ficar ouvindo gracinhas daquele velho babão. Eu preciso que dê certo.

Não suporto o meu trabalho atual, mas foi o único que encontrei quando saí de casa junto com a minha irmã. Precisávamos pagar o aluguel e eu acabei aceitando a primeira oportunidade que apareceu. Mas o meu chefe é um escroto que não me respeita, porque eu sou mulher, e já aguentei essa situação por tempo demais. Preciso me livrar desse homem.

— Vai dar certo. — Ela se levanta da cama e abraça minha cintura. Eu retribuo, mas volto a alisar minha camisa quando ela dá uma risadinha travessa ao me soltar.

As pessoas pensam que a maternidade faz com que as pessoas amadureçam, mas isso nem sempre é verdade. Rosália já tem vinte e um anos e ainda age como se fosse uma menininha. Mesmo que a bebê da nossa casa agora seja outra.

— Você acha que a titia está bonita, Manu? — pergunto à linda garotinha de três anos sentada sobre a minha cama, vestida com o uniforme da creche.

— Titia linda. — Ela responde, com um sorriso no rosto.

Amo tanto essa menina. E não tem nada a ver com o fato de ela ser uma cópia exata minha. Minha irmã até brinca que passou pelas dores do parto para gerar uma criança que pouco se parece com ela. A questão é que sua filha e eu puxamos o lado da família de nossa mãe, enquanto ela tem os traços da família do nosso pai.

Manuela é uma criança inteligente e muito amorosa, e sou muito orgulhosa de estar ajudando em sua criação. Não me arrependo das escolhas que fiz, nem das consequências, porque todas elas nos trouxeram até aqui, juntas e unidas. Mesmo que a situação financeira não seja a mais favorável, acredito que somos felizes. Deus foi generoso conosco. E espero que esteja ao meu lado hoje.

— Você está com encomenda? — pergunto à Rosália, ao me lembrar da questão monetária.

Minha irmã trabalha fazendo artesanato, principalmente crochê. Ela é muito boa no que faz, pena que não consegue cobrar o valor justo por seu talento. Ao menos alguma coisa do que aprendemos naquela casa ainda está sendo útil.

— Sim. Estou fazendo uns chaveirinhos como lembrancinhas para uma autora enviar juntos com seus livros para suas leitoras. Estão ficando uma gracinha. É uma encomenda grande e ela é bem conhecida, prometeu me indicar outras clientes.

— Isso é bom.

— Sim. Acho que consigo pagar as contas de água e luz esse mês. Talvez até sobre um pouco para ajudar com o mercado.

— Isso é ótimo! — afirmo com um sorriso, que ela corresponde.

Por causa de Manu, Rosália precisa trabalhar em casa, para cuidar da filha. Mesmo agora que conseguimos uma vaga para ela na creche, é apenas meio período, então é impossível conseguir um emprego convencional. Acabei assumindo todas as despesas da casa e ela me ajuda sempre que pode.

— Abre um botão pelo menos. — Ela retoma o assunto anterior e volta a se aproximar, tentando mexer em minha blusa. Eu me afasto com uma gargalhada e não permito que encoste em mim.

— Vamos embora, Manu. A titia não pode se atrasar.

Manuela salta da cama e corre para abraçar a mãe, antes de me acompanhar para fora da quitinete. A entrevista é apenas às 9 horas, mas fica do outro lado da cidade, por isso optei por sair de casa mais cedo e já deixar minha sobrinha na escola.

— Boa sorte, irmã. — Ouço Rosália gritar quando já estamos na porta.

— Obrigada. — Espero não precisar da sorte, mas ela nunca é demais.



A produtora de vídeo fica em um moderno prédio comercial e parece ocupar o andar inteiro. Assim que desço do elevador, dou de cara com a recepção, onde uma jovem parece estar entretida com algo em seu celular.

— Bom dia.

Ela se assusta e esconde o aparelho. Ao ver que sou eu, parece relaxar um pouco e abre um sorriso.

— Bom dia.

— Meu nome é Amélia. Eu tenho uma entrevista.

— Claro. Mas acho que você chegou cedo demais, nenhum dos sócios está aqui ainda.

— Eu sei, fiquei com medo de me atrasar. Tem problema eu esperar por aqui?

— Claro que não. — Ela me aponta uma das cadeiras ao lado de sua mesa. — Eu sou Suellen.

— Muito prazer, Suellen.

— Com quem você agendou a entrevista?

— Acho que foi a Cristina quem me ligou.

— Isso mesmo. Diego e Cristina devem chegar daqui a pouco. Caio geralmente demora um pouco mais.

— E você sabe quem vai fazer a entrevista?

— Provavelmente os três. Eles sempre decidem tudo em conjunto.

Essa informação me deixa um pouco mais tensa. É difícil agradar um empregador, três deve ser ainda mais complicado. Se um deles não gostar de mim, é capaz que eu não consiga o emprego.

— Como são os chefes?

— Eles são ok, eu acho. Cristina e Diego são casados, então nem adianta se encantar com o bonitão. — Acho graça da maneira como fala. Como se eu fosse me interessar por quem quer que fosse no ambiente de trabalho. Chefe, então, está fora de cogitação. — E tem o Caio, que é solteiro, mas não é um bom candidato, pois é um putão de marca maior.

— Você sabe mesmo da vida do seu patrão. — Não acho

profissional de sua parte fofocar sobre a vida dos donos da empresa, mas a sua ladainha está servindo para me relaxar. E para que eu tenha uma noção de com que tipo de pessoas estou lidando.

— Ele não faz questão de esconder, você vai ver. Só não fiquei com ele porque me dou o respeito. Sabe como é, né?

— Sei. — Concordo, mesmo não acreditando no que ela diz. Pela maneira como fala dele, é mais provável que o homem tenha recusado seus avanços.

— Mas os três são gente boa, você vai ver.

— Espero que sim.

Pois eu preciso muito desse emprego.



— Essa é a área da pós-produção. Aqui ficam as máquinas e funcionários responsáveis pela arte, edição, finalização. — Cristina segue me apresentando as instalações da produtora. Aceno para os poucos funcionários ali: dois rapazes e duas moças, todos mais novos do que eu.

A entrevista até o momento está correndo bem. Diferente do dito por Suellen, a minha conversa inicial foi apenas com o casal de sócios, pois o terceiro até o momento não apareceu. Diego me contou sobre a fundação da empresa, e sobre o tempo em que os três trabalharam juntos em outro local. Cristina fez as perguntas sobre as minhas experiências e qualificações, além de explicar o trabalho que terei que desenvolver. Formam um casal muito simpático e tenho certeza de que gostarei muito

de trabalhar com eles.

— É isso. — Ela prossegue, me indicando a sala de reuniões, onde Diego nos aguarda. — Como você pode ver, não temos muito tempo de mercado, mas estamos crescendo.

— E tenho certeza de que é só começo. — A minha empolgação é evidente.

— Esse é o espírito. — Diego sorri, apontando-me a cadeira em frente a uma porção de papéis. Cristina se senta ao meu lado, diante de um computador. — Agora vem a parte mais complicada da entrevista. Podemos seguir?

— Claro.

— É um teste rápido. — Cristina explica. — Como somos uma empresa ainda pequena, você teria que assumir tanto a administração quanto o RH. Sei que não é o ideal, mas não temos como contratar duas pessoas.

— Não tem problema, tenho experiência nas duas áreas. Estou acostumada a acumular funções.

— Ótimo, porque o nosso antigo administrador não se deu muito bem nesse quesito.

Ela passa a me explicar sobre os processos da empresa, e o que caberia a mim e o que permanece responsabilidade do escritório de contabilidade que lhes presta serviço. Vejo que há realmente muita coisa desorganizada, mas não é pior do que o estado em que encontrei a empresa na qual trabalho atualmente.

— Mil desculpas pelo atraso. Saí com uma mina que mora lá na

casa do caralho. Peguei um trânsito infernal para voltar pra casa...

A voz grave interrompe a nossa reunião e levanto os olhos para conferir o recém-chegado. Ele é alto e largo — acho que a palavra grande serviria melhor para descrevê-lo. Veste uma camisa polo um pouco apertada e uma calça jeans, diferente dos outros sócios, que usam roupas sociais. Seu cabelo liso está penteado em um topete, que o deixa com cara de menino, mesmo que eu tenha certeza de que já está próximo dos quarenta anos. É mais branco do que eu, seu queixo é largo e bem desenhado, exibindo uma barba por fazer. No entanto, o que me chama a atenção são seus olhos azuis. O homem parece um anjo crescido. Um anjo que está mais para um pecado ambulante.

Como vou conseguir trabalhar todos os dias com um homem desses, meu Pai?



Calo a boca quando noto que Diego e Cristina não estão sozinhos na sala de reuniões. Há uma mulher acomodada em uma das cadeiras e ela levanta o rosto da pilha de papéis à sua frente para me analisar. E é assim que eu me sinto quando seus olhos brilhantes esquadrinham cada centímetro do meu corpo.

A atração é imediata. Mulher linda da porra. Ao mesmo tempo em que se veste como uma velha, é a coisa mais fascinante que já vi na vida. O rosto delicado, os olhos escuros, a boca cheia. No final das contas, essas roupas não me repelem, como aconteceria normalmente. Elas me fazem fantasiar com o que escondem.

— Caio, que bom que decidiu nos agraciar com a sua presença. — A voz de Diego me tira do transe.

— Podemos economizar no sarcasmo hoje.

Acomodo-me na cadeira em frente à mulher, que por fim desviou os olhos de mim.

— Esta é Amélia. — Cristina nos apresenta, com um grande sorriso no rosto. — Amélia, querida, este é o nosso sócio, Caio.

— Muito prazer. — Ela estende a mão pequena para mim e, ao tocá-la, sinto essa energia louca percorrendo meu corpo e se alojando no

meu pau. Ainda bem que a mesa aqui não é de vidro.

Respondo com um resmungo e me afasto, tentando me acomodar melhor na cadeira. Escuto uma risadinha de Diego e decido ignorar.

— Tivemos que começar sem você. — Cristina explica, seus olhos fixos no computador sobre a mesa. — Estávamos aqui repassando as informações com a Amélia. Ela acredita ser capaz de colocar a casa em ordem.

— Eu tenho certeza disso. — Ela fala com firmeza e até a sua voz me excita. — O antigo administrador realmente não fez um bom trabalho, mas eu sei que posso arrumar a bagunça e implementar alguns processos para que isso não volte a acontecer.

— Não sabe o tormento que tem sido me encontrar no meio desse caos. — Cristina reclama, voltando a atenção para a mulher. — Bom, Amélia, por hoje é isso. Eu acredito que encontramos a pessoa ideal. O que vocês acham, rapazes?

Diego concorda com um aceno de cabeça e um sorriso. Cristina volta o olhar para mim e acabo concordando também. Ela é a pessoa mais sensata entre os três e se decidiu que Amélia é boa o bastante, com certeza é. Além disso, como cheguei mais de uma hora atrasado, não tenho do que reclamar.

— Você pode começar na segunda? — pergunta Diego.

A mulher abre a boca e parece incrédula por um segundo.

— Já? — balbucia, passando os olhos pela sala, buscando a confirmação em nossas expressões.

— Se não puder, podemos esperar até que esteja livre.

— Não. Eu posso. — Ela retoma seu tom firme, um sorriso nos lábios. — Estou trabalhando no momento, mas posso deixar tudo ajeitado até o final da semana e estar aqui na segunda.

— Perfeito.

— Muito obrigada pela oportunidade. — Ela se levanta e aperta a mão de Cristina, antes de apertar brevemente a minha e se voltar para Diego. — Vocês não vão se arrepender.

— Tenho certeza que não. — Meu amigo sorri de volta e lhe indica a porta. — Eu te acompanho até a saída.

— Obrigada.

Ela acena para Cristina e se volta mais uma vez para mim, me lançando um sorriso lindo, que eu retribuo. Meus olhos ficam fixos em seu corpo, enquanto eu a observo sair rebolando da sala, mal contendo sua empolgação com o emprego.

— Amélia não pode ser mais um dos seus casos de uma noite. — Cristina resmunga, quando nota que estou fissurado na bunda da mulher.

— Não sei do que você está falando. — Faço-me de desentendido e puxo uma folha qualquer sobre a mesa, fingindo estar ocupado com a leitura.

— Não se meta com ela se não estiver interessado em algo sério. — Ela insiste, puxando a folha da minha mão e fechando a cara. Mesmo se fazendo de brava, continua a coisa mais fofa do mundo.

— Você sabe que eu nunca quero nada sério.

— Ela é a melhor candidata que temos. E sei que vai fazer um

bom trabalho. Eu não quero que você se meta em problemas. Ou meta a empresa em problemas.

— Me diz uma vez que isso aconteceu.

— Quando tivemos que trocar de recepcionista depois que você iludiu a pobre e ela não aceitou o fim? — Ela franze a sobrancelha e leva as mãos à cintura.

— Eu não iludo ninguém, você sabe disso.

— O que eu sei é que quase tomamos um processo por assédio sexual.

— E eu reverti a situação quando consegui provar ao juiz que ela tinha me seduzido e não o contrário. Estava tudo lá, nas mensagens do celular.

— Você escapou por pouco, isso sim. — Ela apoia as mãos sobre a mesa, com as palmas viradas para cima. Eu me aproximo e seguro suas mãos, já esperando a bomba que vai jogar em mim. — Não quero que nada parecido aconteça com a Amélia. Promete para mim que você vai se comportar?

— Eu sempre me comporto. — Faço-me de injustiçado e tento me soltar, mas Cris segura firme. Ela me conhece muito bem.

— Sei... — Bufa, sem acreditar em mim. — Promete que não vai se meter com a Amélia? — Ela insiste, fazendo um biquinho que sempre me desmonta.

— Prometo. — Ergo as mãos em sinal de rendição, e isso a faz sorrir.

É tão injusto que Cristina tenha se casado com meu melhor amigo e ainda tente controlar quem eu posso ou não levar pra cama.

E eu sou injusto e estúpido ao pensar dessa maneira, pois sei que não é ciúmes de mim. Ela apenas está preocupada com a nossa empresa e nosso futuro.

O problema é que assim que faço a promessa, a única coisa que me vem à cabeça é Amélia. No mesmo instante me imagino em minha cama com aquela mulher sem nenhuma das roupas de avó, me exibindo tudo o que esconde ali enquanto me cavalga. E fico duro de novo.

Merda. Isso não vai dar certo.

Capítulo 01

AMÉLIA



Eu amo o meu trabalho. Sei que muita gente deve achar que quem escolhe Administração de Empresas na faculdade o faz porque não sabe o que quer da vida, mas eu sempre soube que era isso o que eu queria.

Gosto da organização, dos processos, de ser capaz de vencer a burocracia. A satisfação de saber que uma empresa está funcionando bem por sua causa não tem preço.

E eu gosto muito desta empresa. Em pouco mais de um ano me apeguei às pessoas e ao clima descontraído. Tenho orgulho dos projetos que desenvolvemos — porque, mesmo não fazendo parte da equipe de produção, sinto que o que eu faço é importante para que tudo funcione bem como um todo. E o meu trabalho é reconhecido, principalmente no quesito financeiro, já que consegui um aumento significativo mês passado. Não poderia estar mais feliz com meu emprego.

— Suellen. — Saio da minha sala, que fica ao lado da recepção, e vejo a recepcionista esconder o celular. Ela ainda não perdeu essa mania e, como nunca prejudicou o seu trabalho, eu finjo que não vejo. — Preciso que você faça estas cotações para mim. — Entrego-lhe as planilhas. — Se possível ainda hoje.

— Posso fazer agora mesmo.

— Isso seria perfeito, obrigada.

Ela me dá um sorriso que eu retribuo. Suellen é meio louquinha, mas não é má pessoa. Apenas um pouco enxerida de vez em quando, e muito avoada na maior parte do tempo. Além de cuidar da recepção, também atua como minha assistente. Não era assim quando entrei, mas ela passava muito tempo sem fazer nada, então conversei com os sócios e consegui autorização para que ela me ajudasse. É bom para nós duas: ela aprende coisas novas e eu consigo aliviar minha carga de trabalho.

O elevador se abre e Caio aparece, com a expressão debochada de sempre. Caminha até nós e para em frente à mesa da recepção.

— Bom dia, Suellen.

— Bom dia. — Ela falta se derreter na presença dele. Eu acabo revirando os olhos para o seu comportamento juvenil.

— Algum recado para mim?

— Ainda não.

Eu cruzo os braços e fico esperando para ver se dessa vez ele vai me cumprimentar ou fingir que não me viu. Já passei pelas duas situações. Caio é o único da empresa que parece não gostar de mim.

— Bom dia, Amélia. — Ele se vira na minha direção, o sorriso cínico no rosto. Ao menos me cumprimentou, talvez seja mesmo um bom dia.

— Bom dia — respondo com meu tom mais neutro.

— Por que você se veste sempre assim?

Sua pergunta me pega de surpresa. Estou com o mesmo estilo de

sempre, saia e blusas sociais, cabelos presos em um coque, sapato de salto baixo. É praticamente meu uniforme, e tenho várias peças semelhantes em meu armário.

— O que há de errado com a minha roupa?

— Vai acabar espantando os nossos clientes desse jeito.

Sabia que era demais esperar um simples “bom dia”. Ele tinha que arrumar alguma coisa para me provocar e estragar a minha manhã.

— Eu achei que isso aqui fosse uma produtora de respeito e que os clientes viessem em busca de vídeos para os seus projetos. — Tento manter o meu tom de voz e a educação, mesmo que isso seja quase impossível perto dele. É o único capaz de me tirar do sério. — Não achei que você estava gerenciando um prostíbulo e eu era parte da mercadoria.

Não é sempre que acontece, mas acho que minhas palavras conseguem chocá-lo. Ele desenvolveu essa implicância comigo desde os meus primeiros dias no cargo. Tenho consciência de que só continuo neste emprego porque Diego e Cristina sabem da minha competência e defendem a minha permanência aqui. Se dependesse de Caio, já estaria na rua há muito tempo.

O mais engraçado é que, no dia da minha entrevista, eu achei que tivesse rolado uma química entre nós. A maneira como ele me secou quando me conheceu, o sorriso que me deu quando Cristina anunciou a minha contratação, tudo indicava que iríamos nos dar bem. É claro que eu não pretendia me envolver com ele, mesmo tendo ficado fascinada quando o vi entrando naquela sala de reuniões, mas acreditei que poderíamos ser ao menos cordiais um com o outro. Não poderia estar mais enganada.

— Você está certa. — Ele diz sério, depois de alguns segundos de silêncio. — Não está mais aqui quem falou. Você pode se vestir com um saco de batatas, que eu não tenho nada a ver com isso. — “Não tem mesmo”, penso mas não digo em voz alta, apenas continuo o encarando. — Vou para a minha sala, Suellen. Estou esperando a ligação de um cliente, pode me passar direto.

— Sim, senhor.

Ele me dá mais uma encarada antes de balançar a cabeça e nos deixar a sós.

— O que foi isso? — Suellen sussurra, observando nosso chefe se afastar.

— Acho que a foda da noite não deve tê-lo feito gozar, aí acordou desse jeito. — Falo sem pensar e me arrependo na hora que Suellen me mira com os olhos arregalados.

— Adoro esse seu lado, Amélia. — Ela gargalha, e quase se engasga quando tenta se controlar. — Deveria deixá-lo livre com mais frequência.

— Vamos trabalhar, Suellen!

Ela ainda está rindo quando volto para a minha sala e acabo rindo também. Só assim para sobreviver às provocações de Caio.



Essas reuniões semanais são a pior parte do meu trabalho. Porque é quando eu preciso me impor e defender todas as mudanças que promovi

nos processos burocráticos. Antes de mim, a administração era um verdadeiro caos. Não sei como conseguiram manter o crescimento da empresa com aquela falta de organização. O antigo administrador era tão negligente que havia uma porção de licenças e taxas que não estavam sendo pagas como deveriam. Tive um trabalho danado para regularizar a situação, e é por isso que eu faço questão de manter tudo em ordem, mesmo que isso desperte a fúria de um dos meus chefes.

— E sempre que vocês precisarem ficar até mais tarde, preciso que me entreguem a nota fiscal do jantar e que peçam o táxi pelo aplicativo, na conta da empresa. É muito difícil ficar adivinhando o quanto vocês gastaram se eu não tenho um comprovante.

— Por que eu tenho a impressão de que essa indireta é para mim?
— resmunga Caio, como eu já esperava, os braços cruzados sobre o peito.

— Porque eu fui bem direta. Você é o único aqui que não cumpre as regras. Da próxima vez, vai ficar no prejuízo, pois não vou pagar o reembolso.

— Engraçado como, às vezes, ela se esquece de que sou um dos donos. — Ele direciona sua reclamação ao seu sócio Diego, que apenas dá de ombros, porque sabe que eu estou certa, mas não quer contrariar seu amigo.

— Para mim não é engraçado como você se esquece de que eu estou apenas tentando fazer o meu trabalho da melhor forma possível — reclamo de volta, começando a me irritar com sua infantilidade.

Nos estranhamos assim desde que eu comecei a implementar esses processos, logo nas minhas primeiras semanas aqui. Caio é

desorganizado ao extremo, sendo o único que não se adaptou às mudanças. Isso faz com que eu precise cobrá-lo com frequência, o que parece aumentar sua aversão à minha pessoa. Posso dizer que, no momento, não me sinto muito diferente em relação a ele. O homem tem sorte de ser meu empregador, porque é a única coisa que me impede de perder o controle e lhe dizer umas verdades.

— Tudo bem, pessoal — Diego intervém, porque sabe que quando começamos a discutir, nenhum dos dois é capaz de dar o braço a torcer. — Acho que todos podemos fazer a nossa parte para melhorar o trabalho dos colegas. Se não há mais nada de importante a ser discutido, acho que estamos dispensados.

— Eu acabei. Por hoje — respondo, ainda nervosa, mas satisfeita por ele ter defendido o meu lado, mesmo que indiretamente.

— Ótimo. Bom trabalho, turma. Agora eu preciso ir, que meus filhos estão me esperando. Bom final de semana pra vocês.

Diego praticamente foge da sala. Com certeza irá se encontrar com Cristina — que precisou deixar a reunião para atender um cliente — e ir para casa, aproveitar o fim de semana em família. E eles formam uma família tão linda que é impossível não sentir uma invejinha. Durante muitos anos eu achei que esse era o caminho que minha vida tomaria. Acreditei que a essa altura já estaria casada com o homem dos meus sonhos, carregando um par de filhos para cima e para baixo. Não poderia estar mais errada.

— Eu quero saber quem vai comigo comemorar a entrega do meu TCC. — A voz de Aline me desperta dos meus devaneios. Ela está feliz, satisfeita com a conclusão do mestrado. — Camila? Matheus?

— Sem chances. Tenho aula e combinei com o Heitor que ia para a casa dele depois. Ele não gosta quando mudo os planos em cima da hora.

— Matheus?

— Claro — ele concorda, mas não parece tão empolgado quanto ela. — Não é como se eu tivesse alguma coisa mais interessante para fazer. Minha vida é patética mesmo.

— Deixa de ser dramático. Sair com sua amiga em uma sexta-feira à noite é melhor que ficar jogando videogame em casa. E vocês? — Ela se dirige a Caio, depois a mim. — Estão a fim de ir para a balada com a gente?

— Você está mesmo chamando a puritana pra ir pra balada com vocês? — Caio fala com todo o desdém que sempre direciona a mim, acompanhado de uma careta que tenho vontade de desfazer no tapa.

— Ela chamou o velho, qual o problema em me chamar? — O provoco de propósito. Me irrita a maneira infantil como age. Ele tem quase quarenta e se comporta como se ainda fosse um garotão. — Pois eu aceito. Faz tempo que não saio.

— Eu passo — Caio quase rosna, e sei que o atingi. Preciso segurar o sorriso vitorioso. — Tenho um encontro com uma gostosa. Obrigado pelo convite.

Não sei por que o que ele diz me afeta. Não temos nada, ele é um idiota, ogro, e, mesmo assim, sempre me incomoda quando ele fala sobre outras mulheres, principalmente dessa maneira grosseira. Caio recolhe suas coisas e sai da sala com um aceno.

— É um imbecil — resmungo, quando ele já não pode me ouvir.
— Não sei por que me dou o trabalho de ser educada com ele. Um bebezão... — Respiro fundo para me acalmar antes de voltar a atenção à Aline e Matheus — Aonde vocês pretendem ir?

— Tem aquele barzinho novo que abriu a duas quadras daqui. Ainda não conheci, mas ouvi dizer que as pessoas estão gostando bastante. — Aline sugere e Matheus apenas concorda acenando com a cabeça.

— Também ouvi falar muito bem sobre ele. — Suellen não para de tagarelar sobre o lugar, me deixou curiosa para conhecer, só não tinha companhia antes. — Preciso passar em casa primeiro, vestir algo mais apropriado. Encontro vocês lá, pode ser?

— Claro. Eu vou ser a louca que estará se acabando de dançar.

— Seremos duas então, mana. — Gosto muito de Aline e seu jeito extrovertido. Estou feliz pelo convite.

Saio da sala imaginando o que posso vestir esta noite, já que o meu guarda-roupa é constituído basicamente de cópias da roupa que uso hoje e nada disso combina com uma saída noturna.



— Olá, meus amores.

— Tia Mel.

Minha pequena se levanta do tapete e corre em minha direção. Eu a pego no colo e a aperto, enchendo seu rosto de beijos.

— Como foi a escolinha?

— Bem. Eu brinquei de massinha e aprendi a escrever o meu nome sozinha.

— Que bom, minha florzinha. Você é mesmo um prodígio.

Ela ri porque digo isso a ela desde que era pequena, sempre que me conta ou me mostra uma de suas conquistas. Acho que foi uma das primeiras palavras que aprendeu a falar, de tanto que a escutou de mim.

— Eu deixei a janta para você no micro-ondas — minha irmã comenta, os olhos fixos na novela que passa na televisão.

— Obrigada. Vou comer rapidinho porque tenho um compromisso daqui a pouco.

— Você vai sair?

— Vou — respondo, já esperando sua provocação.

— Que milagre é esse?

— O pessoal do trabalho me chamou para ir a um barzinho. Aline se formou na pós hoje e quer comemorar.

— E quem vai?

— Acho que só ela e o Matheus.

— Só vocês três.

— Sim.

— Nenhum grandão malcriado por lá?

— Não sei do que você está falando. — Faço-me de desentendida,

sentando-me ao seu lado no sofá.

— Estou perguntando se o Caio vai. — Ela especifica, revirando os olhos.

— Não. E é só por isso que eu aceitei o convite. Não basta aguentar as grosserias dele durante o expediente, a última coisa que preciso é aturá-lo em meus momentos de lazer. — Ela me fita, um sorrisinho torto em seus lábios e agora sou eu quem revira os olhos. — Você não tinha planos, né? Acabei nem perguntando.

— Não. Vou ficar por aqui mesmo. — Ela faz uma pausa dramática, ainda me encarando, e sei que posso não gostar do que vem a seguir. — Eu, minha filha e o pai dela.

Não sei como me sentir com relação a isso.

Ela e Cléber se conheceram na adolescência. Minha irmã tinha apenas quinze anos e ele, dezessete. Sua mãe era frequentadora da igreja do nosso pai e o obrigava a comparecer aos cultos com certa frequência. Foi lá que se conheceram e se apaixonaram. O problema é que o rapaz nunca foi muito honesto, sempre envolvido com péssimas companhias, e meus pais não aprovavam o namoro. Claro que isso não impediu minha irmã de se envolver com ele e de engravidar dois anos depois. E foi aí que a nossa vida mudou completamente, pois Cléber não tinha nem moral nem responsabilidade para assumir uma família, e deixou a minha irmã sozinha no momento em que ela mais precisava. E a situação piorou quando meus pais descobriram a gravidez e a expulsaram de casa. Rosália sempre foi todo o meu mundo, mesmo sendo dez anos mais nova do que eu, então não permiti que ficasse sozinha. Mudei toda a minha vida para poder ficar junto dela e ajudá-la a criar a Manu, nossa

princesinha.

— Ele ficou de vir aqui. Você se importa? — Ela questiona perante o meu silêncio.

— Eu não sei o que dizer, Rosália. — Prefiro usar de sinceridade ao invés de criticá-la. — Não sei mesmo.

— Eu juro que ele mudou, Mel. Está trabalhando de verdade, começou a mandar um dinheiro para ajudar com as despesas da Manu, está tentando fazer tudo direitinho.

— Ele está um pouco atrasado — comento, tentando deixar de fora o tom crítico.

— Antes tarde do que nunca, não? — Ela dá de ombros, tentando me amansar. — Todos têm direito a uma segunda chance, não é mesmo?

— Eu só não quero que você se magoe — expresso o que realmente me preocupa. Ela sofreu muito depois que ele se afastou. E eu sofri junto. — E muito menos que a Manu fique no meio do fogo cruzado se essa reaproximação não der certo.

— Estou vacinada, Mel. Não tenho grandes expectativas. E vou tomar cuidado com a Manu, eu prometo.

— Tudo bem. Mas se ele te machucar de novo, eu juro que quebro a cara dele.

— Não esperaria menos de você. — Ela dá uma gargalhada e pula sobre mim, me abraçando e depositando um beijo no meu rosto.

— Vou sair logo para deixar vocês à vontade.

— Sabe que se você não fosse sair, não me importaria de que

ficasse aqui. Esta é a nossa casa.

— Sorte sua que tenho um compromisso, então.

Dou uma piscadinha para ela e vou para a cozinha jantar. Depois de uma ducha rápida, paro em frente à minha parte do guarda-roupa e, como havia previsto, não há nada aqui que seja adequado para hoje. Derrotada, enrolo-me na toalha e volto para a sala.

— Não tenho nada para usar, posso dar uma olhada no seu armário?

Rosália fica de boca aberta antes de conseguir me responder.

— É claro que pode, irmã. Achei que nunca fosse pedir.

— Besta.

Volto ao quarto com ela na minha cola. Rosália mesma abre a sua parte do guarda-roupa, parecendo empolgada com o meu pedido.

— Isto aqui vai ficar perfeito em você. — Ela puxa um pedaço de pano de um dos cabides e me entrega.

— Cadê o resto dessa saia?!

— Deixa de ser tão cheia de pudores. — Ela toma a saia da minha mão e a coloca na frente do meu corpo. — Deus te deu essas pernas maravilhosas, é um pecado não as mostrar ao mundo.

— Ou talvez o pecado seja mostrá-las.

— Este top vai ficar perfeito. — Ela me ignora, tirando mais uma peça do seu armário.

— É muito justo.

— Minha irmã, poucas pessoas têm a sorte que você tem de não ter barriga nenhuma. Você precisa aprender a valorizar seus atributos. Vai me deixar ajudar ou não?

— Tá bom.

Desisto de protestar e permito que ela me trate como uma boneca. Escolhe a roupa que vou vestir, a sandália, e ainda me faz uma maquiagem, que não me permite ver antes que termine.

— O que você acha, Manu? — Ela pergunta à filha, que se juntou a nós em algum momento entre a base e os cílios postiços.

— Eu quero ser linda igual à tia Mel quando eu crescer.

— Você já é linda, meu amor. — Sopro um beijo, que ela segura e leva ao rosto.

— Pronto, irmã. Agora você pode se olhar no espelho.

Levanto-me da cadeira e caminho até o espelho de corpo inteiro que temos no quarto. A imagem me impressiona, não é algo a que esteja habituada. O top é apertado, valorizando meus seios, e a minissaia alcança o meio das minhas coxas. Não é tão curta assim, mas é muito diferente do que estou acostumada. Rosália penteou meus cabelos lisos de lado, deixando-os soltos, de maneira que chegam até a minha cintura. A maquiagem está bem mais forte do que a que uso no trabalho, com um batom vermelho em contraste com a minha pele bronzeada. Pareço outra pessoa e, ao mesmo tempo em que me sinto estranha com isso, sinto-me bem por estar experimentando algo diferente.

— Você tem certeza de que o Caio não vai estar lá? — Rosália apoia o queixo sobre o meu ombro, olhando-me através do espelho.

— Para de fantasiar, Rosa. — Desvencilho-me dela e pego a bolsa de mão que tinha deixado separada com meus documentos e celular.

— Porque eu tenho certeza de que ele ficaria de queixo caído se te visse assim.

— Estou saindo.

— Aposto até que pararia de implicar tanto com você e te daria uns pegos bem dados — ela sussurra, seguindo-me pelo corredor.

— Obrigada pela ajuda. — Continuo em direção à porta, ignorando suas provocações.

— Cedo ou tarde vai acontecer, você sabe disso.

Viro-me e a seguro pelos ombros, vendo-a rir de mim.

— Não viaja, Rosinha. — Deposito um beijo em sua testa e volto a ficar séria. — Toma cuidado com esse coração, tá?

— Pode deixar. — Ela para de rir e me abraça. — Obrigada por ser a melhor irmã do mundo.

— Eu tento. — Dou de ombros e me abaixo para beijar o rosto de Manuela, que nos observa curiosa. — Se cuidem, meninas. Juízo!

— E você vê se perde um pouco do juízo hoje.

Aceno a cabeça em negativa e saio do apartamento com um sorriso no rosto.



— Demorei muito?

Chego ao bar quando já passa das nove. Meu apartamento novo não é tão longe quanto era a quitinete onde morava antes, mas ainda precisei pegar um ônibus para ir e outro para voltar, e levei mais tempo do que eu tinha calculado.

— Chegou bem na hora. — Aline ergue a caneca de chope em um cumprimento. — Estava esperando companhia para dançar, já que o Matheus não serve para isso.

— Tenho muitos talentos e não tenho vergonha em admitir que dançar não é um deles. — Matheus parece já ter bebido um bocado, pois sua fala está alterada. Fica ainda mais bonitinho bêbado.

Pego a caneca meio cheia de sua mão e viro o conteúdo. Acho que ele já bebeu bastante e eu preciso de um estímulo para me sentir mais livre esta noite. Ainda estou me acostumando com esta roupa. O chope desce rasgando, pois não tenho o hábito de beber. Já que estou no embalo, pego também a caneca de Aline e faço o mesmo.

— Pois eu estou pronta.

Ela ri e deixamos Matheus sentado sozinho. Na pista, dançamos umas três ou quatro canções antes de o meu pé começar a doer.

Voltamos à mesa para descansar um pouco e peço uma rodada de chope, para compensar o que bebi deles assim que cheguei.

A conversa é animada. É raro eu ter oportunidade de socializar com eles dessa maneira, porque Aline, Matheus e Camila trabalham na produção e minha convivência diária geralmente se resume à Suellen e aos três sócios.

Matheus parece mais solto que o normal, e consigo convencê-lo a voltar para a pista com a gente. Já na primeira música, percebo que foi sincero quando disse que não tinha talento para isso, e deixo que volte a se sentar.

— Achei que ele estava exagerando. — Confesso à Aline com uma gargalhada, falando alto por causa da música.

— Não. Ele é péssimo mesmo. Durante as festas da faculdade só tentava dançar alguma coisa quando as outras pessoas já estavam bêbadas demais para reparar nele.

— Por falar em reparar, tem um cara que não tira os olhos de você desde que viemos para a pista.

Aponto-lhe a direção que deve olhar, onde um rapaz a observa desde que voltamos para cá. O cara é lindo e parece babar na minha amiga. Ela se vira e o encara, o que faz com que ele lhe abra um sorriso.

— Acho que vou ao banheiro — Aline está de costas para mim e sei que agora é o momento ideal para deixá-la sozinha.

Caminho em direção ao sanitário e vejo quando o homem se aproxima e a maneira como ela aceita seu contato. Aline com certeza vai se dar bem esta noite.

Eu queria ser assim como ela: mais leve, mais desprendida. Gostaria de ser capaz de me divertir com casos de uma noite, mas acho que a minha criação acaba interferindo muito nisso. Para fazer sexo com alguém, preciso ter algum sentimento envolvido, nem que seja carinho ou admiração. Preciso conhecer a pessoa com antecedência antes de me entregar.

Aproveito que estou aqui para jogar uma água na nuca e tentar diminuir o calor e o efeito dos chopes em meu corpo. A minha resistência ao álcool é muito baixa e já estou tendo dificuldades em pensar direito.

Minutos depois, quando retorno à nossa mesa, encontro Matheus emburrado e Aline de pé, parecendo ansiosa.

— Estou indo embora. — Aponta para o rapaz próximo da saída.
— Você vai ficar bem com o Matheus?

— Vamos ficar ótimos — respondo, sem muita firmeza. Minha língua parece estar se embolando na boca. — Vamos tirar mais umas selfies para postar no Instagram.

Tiro o celular da bolsa e me sento ao lado de Matheus, que abre um sorriso e faz pose para a câmera. Aline se despede e vai embora, enquanto estamos muito distraídos com as fotos.

É claro que eu nunca teria nada com o Matheus. Ele é muito lindinho, só que é bem mais novo do que eu e não faz o meu tipo. Mas não custa ter umas fotos com um rapaz bonito como ele no meu *feed*. Um belo complemento à roupa que estou usando hoje.

E quem sabe quem pode ver essas fotos, não é mesmo?

Sou uma hipócrita, pois sei justamente quem eu quero que veja. Faço algumas poses, abraçando Matheus bem junto a mim, como se realmente tivéssemos algum envolvimento, e ele parece se divertir com isso.

Pedimos refrigerante para seguir com a noite, conscientes de que já estouramos a nossa cota de álcool, e aproveito para subir as imagens ao Instagram, marcando Matheus nas fotos.

Porque Caio não me segue, mas deve seguir Matheus. E hoje eu vou mostrar a ele quem é a puritana.



Nunca parei para pensar como seria a minha vida quando estivesse prestes a completar quarenta anos. Quando era adolescente, tinha o sonho de ser um músico famoso, rodando pelo mundo em turnês, cercado de *groupies*. Acho que todo garoto que decide aprender violão nessa fase tem em mente esse objetivo. É claro que isso acontece com uma porcentagem minúscula, e o máximo de notoriedade que a maioria de nós vai conseguir na vida é na rodinha de violão do grupo de amigos.

Foi por isso que optei por Publicidade e Propaganda na faculdade. Precisava de algo onde eu pudesse trabalhar a minha criatividade e ganhar algum dinheiro com isso. E não me arrependo de minha escolha. Sou bom no que eu faço.

Com certeza não imaginava que aos quarenta já seria dono do meu próprio negócio. Acho que, se dependesse apenas de mim, ainda estaria trabalhando na mesma agência onde conheci Diego, porque eu não teria coragem para correr atrás desse sonho sozinho. Só me arrisquei porque ele e Cristina estavam comigo.

Nossa empresa tem apenas cinco anos e já é valorizada no mercado, com potencial para continuar crescendo. O meu trabalho é reconhecido, as pessoas da área sabem quem eu sou, os clientes já pedem pela nossa produtora quando buscam uma agência de eventos. Posso

dizer que, profissionalmente, sou um homem realizado.

Já no que diz respeito à minha vida pessoal, me sinto como se estivesse em um limbo.

Todas as pessoas da minha idade que conheço estão casadas, ou já se divorciaram, ou mesmo já se casaram uma segunda vez. E a maioria tem filhos. Essas são experiências que não sei se algum dia viverei.

Eu nunca tive pretensões de me casar. Tinha o casamento dos meus pais como parâmetro e não queria aquilo para mim. Via meus amigos se apaixonando e entrando em relacionamentos e não entendia como eles conseguiam fazer isso. Era muito mais fácil não se apegar, porque dessa maneira não havia expectativas. E se não há expectativas, não há decepção. Se rolava atração, divertia-me por uma noite, repetia algumas vezes se fosse mesmo bom e ia cada um para o seu lado quando perdia a graça.

Isso funcionou muito bem para mim até o divórcio de Cristina. Ela estava sozinha, precisando de um amigo que a consolasse, e eu estava ali. No começo foi sem pretensão nenhuma, sempre gostei muito de Cris e já tínhamos nos tornado mais próximos antes mesmo do seu casamento. Ela é uma mulher incrível, é impossível não se encantar. Fui o amigo que ela precisava naquele momento. Até que eu senti a necessidade de mais.

O que Cristina e eu tivemos não foi bem um namoro. Como ela bem definiu na época, foi um erro. Porque eu acabei me apaixonando — algo que nunca tinha acontecido antes — e ela nunca amou ninguém além de Diego. E eu sou masoquista, porque sabia disso e, mesmo assim, achei que tivesse uma chance. Ficamos algumas vezes e logo ela decidiu que não queria mais.

Juro que não fiz por mal, jamais trairia a confiança do meu amigo se a situação na época fosse diferente. Diego estava morando com outra mulher, em outro país. Jamais imaginei que estivesse sozinho, e ainda a amasse como antes. Ele quase não se comunicou comigo durante o período em que estive fora, não é como se eu soubesse que o seu namoro com Rebeca — a garota que levou consigo para Los Angeles — tinha terminado.

De qualquer maneira, meu amigo acabou retornando e eles se acertaram. É claro que Diego ficou chateado comigo, mas isso não durou muito. Cristina o convenceu de que a nossa amizade era mais importante do que qualquer coisa. E é mesmo. Por isso aceitei essa sociedade.

Só que agora eles estão vivendo o seu “felizes para sempre” e eu me sinto como um mero espectador. Não me leve a mal, eu torço por essa felicidade, eles merecem, mas às vezes me pego pensando se eu mesmo poderia estar vivendo tudo isso.

O que senti por Cristina, não voltei a sentir por mais ninguém. Então eu continuo vivendo como vivia há dez anos. Conheço mulheres — seja no karaokê, seja nos aplicativos —, saio, me divirto, repito algumas vezes e nunca me apego a ninguém.

Essa vida acaba sendo um pouco solitária, mesmo quando eu não estou sozinho.

Talvez seja o peso da idade. Tenho consciência de que ainda sou novo e tenho muito o que viver, mas que tipo de vida será esta? Talvez eu esteja experimentando a tão temida crise da meia-idade. Essa noção de que o tempo passou e eu não tenho certeza dos afetos que construí pelo caminho. Se eu morresse hoje, quem realmente sentiria a minha falta?

Que tipo de legado estou construindo neste mundo?

Para ser sincero, sinto-me perdido. Não sei bem o que quero. Não sei se gostaria de um relacionamento e muito menos sei se sou capaz de conseguir manter um por muito tempo. Não me imagino como esposo ou pai de ninguém, ao mesmo tempo que não consigo me ver envelhecendo sozinho.

Sim, estou confuso pra caralho! Talvez eu deva simplesmente arrumar um cachorro.

Eu já moro por conta própria há alguns anos, mas confesso que ainda não me acostumei com o silêncio do apartamento. Vivi com a minha mãe por mais tempo do que seria considerado normal e não tenho vergonha de dizer que só saí de sua casa depois que ela se casou novamente. Não que Dona Teresa tenha me colocado para fora, nem nada parecido. A questão é que ficou estranho permanecer por lá enquanto eles viviam sua lua de mel. Sou folgado, mas tenho vergonha na cara. Minha velha tinha o direito de refazer a sua vida, mesmo que eu não tenha ido com a cara do meu padrasto no começo, principalmente por ele ser mais novo do que ela. Sim, hipocrisia da minha parte se levarmos em conta que a maioria das mulheres com quem eu saio hoje em dia são muito mais novas do eu. Diferente de mim em minhas relações, Renato se mostrou um cara sério e disposto a cuidar da minha mãe como ela merece. Não tive alternativa a não ser aceitar e apoiar o relacionamento. Dona Teresa foi mãe muito nova e abriu mão de muitas coisas por mim, fico feliz por hoje ela ter a felicidade que merece.

Ligo a televisão e me acomodo no sofá, acompanhado de uma cerveja. Eu menti para o pessoal do trabalho. Não tinha encontro nenhum esta noite. Em um dia normal, estaria me preparando para ir para o

karaokê, mas hoje a vontade não veio. É um daqueles dia que bate a *bad*, ou alguma crise existencial, não sei bem descrever o que sinto.

Ligo o videogame e me preparo para jogar online. A minha única interação esta noite será com outros jogadores. Jogarei até cansar, ou até fazer algum moleque em outro país chorar por ter perdido de lavada.

Distraio-me por horas nesse mundo de fantasia, descontando minha frustração nos personagens que mato pelo caminho. É bom para esquecer os problemas e todo o cansaço da semana.

O celular apita com uma notificação e a distração é o bastante para meu personagem ser morto dentro do jogo. Xingo um pouco — ouvindo a provocação de outro jogador pelo fone de ouvido — antes de deixar o controle de lado e pegar o telefone, onde há uma notificação do Instagram avisando que Matheus criou uma postagem depois de muito tempo sem postar nada.

Sem pensar duas vezes, clico no ícone para ver a publicação. E não demoro muito a me arrepender. É uma única foto. Matheus está em um barzinho, com certeza no local em que eles combinaram de se encontrar, abraçado a uma mulher linda, com uma roupa curta colada ao corpo.

— Não é que o garoto é esperto? — Falo sozinho, e isso nem é mais um problema para mim. — Mesmo com essa cara de bobo. Ao menos alguém está curtindo a noite.

Só então noto a pessoa marcada na publicação. Preciso olhar mais de uma vez para acreditar no que está escrito ali. Não é possível que aquela seja mesmo Amélia.

Clico em seu perfil e encontro mais fotos dos dois juntos, em

muitas poses diferentes, algumas íntimas demais. Fico fissurado no que vejo e quase enlouqueço quando vejo uma dela sozinha, provavelmente clicada por Matheus. Aquele corpo com que sonho desde que a conheci está ali, em destaque, e se eu tivesse aceitado o convite, poderia tê-lo apreciado de perto.

Putá merda! Eu estou muito ferrado.



Eu não tenho o hábito de ser grosseiro com as pessoas. Posso não ser nenhum lorde, mas a minha mãe me deu um mínimo de educação.

No entanto, ser grosseiro foi a maneira que encontrei de controlar o tesão que sinto por Amélia desde que a vi pela primeira vez. Prometi à Cristina que não me envolveria com a nossa administradora, e estou tentando bravamente cumprir com essa promessa.

O fato de Amélia mudar a estrutura da empresa e me obrigar a fazer coisas que me irritam também ajuda bastante. Sempre que penso em sua bunda, obrigo-me a recordar da infinidade de planilhas que me obriga a preencher. Sempre que penso em sua boca gostosa, lembro-me de todas as vezes em que implicou comigo por eu ter feito algo que ela considera errado. Sempre que me dirige a palavra, preciso ter uma resposta malcriada para mantê-la longe de mim. Porque, se com ela me tratando mal de volta sinto essa vontade doida de me enterrar nela durante toda a noite, não imagino o que sentiria se fosse delicada comigo como é com os demais.

O problema é que, no começo, essa estratégia dava mais certo. Eu

reclamava de algo, ela brigava de volta, e assim mantínhamos as distâncias. Agora preciso de uma tática nova porque, ultimamente, até discutir com ela tem me deixado duro.

E depois que eu vi aquelas fotos, a situação se complicou muito mais. Porque eu vi parte do que ela escondia, e agora quero ver o resto. E o que é aquele cabelo? Tudo o que consigo pensar é nós dois na cama, comigo a cavalgando e a segurando por aquele cabelo. Quase posso sentir a textura dos fios na minha mão. Não me julgue, acabei de demonstrar que não sou nenhum cavalheiro.

E só de pensar nas benditas fotos já estou duro de novo! Está cada vez mais difícil trabalhar desse jeito. Preciso deixar de pensar nessa mulher.

Normalmente, resolveria uma situação como essa com apenas uma noite. A gente transa, mata a vontade, e acabou. Porque eu notei a maneira como ela me olha. Eu sei que Amélia pode me odiar, mas também se sente atraída por mim. Talvez eu deva propor isso a ela. Pode até ser que a nossa relação profissional melhore depois de uma foda bem dada.

A quem estou tentando enganar? Ela nunca aceitaria uma proposta dessa. Amélia com certeza é dessas mulheres que sonham em se casar e ter filhos, e não posso lhe oferecer nada disso. Alguns orgasmos? Com certeza. Compromisso? De jeito nenhum.

O problema é que nunca senti nada assim antes. Talvez essa atração tão forte se deva ao fato de que eu fui proibido de me envolver com ela. Dizem que tudo o que é proibido é mais gostoso. E a minha imaginação vem trabalhando a todo vapor nesse último ano, criando

cenários, tentando desvendar o que há debaixo de todo aquele pano que ela insiste em usar no dia a dia.

— Está tudo bem, Caio? — Cristina me desperta dos meus devaneios, assustando-me.

— O quê?

— Você estava gemendo, cara. — Diego ri, como sempre tirando sarro da minha cara, enquanto Cristina apenas me encara, curiosa.

— Eu não entendo por que a gente precisar ficar preenchendo estas planilhas! — Volto a atenção para o que estava fazendo, usando isso como desculpa. — Não é para isso que pagamos alguém para administrar a empresa? De que adianta se eu ainda tenho que lidar com essa parte burocrática?

— Deixa de ser dramático, Caio. — Acomodado ao seu lado na grande mesa circular que dividimos, Diego estica o pescoço para ver a tela do meu computador. — São só algumas anotações para facilitar o trabalho dela.

— É o inferno na Terra para mim, você sabe disso.

— Inferno eu passei durante os meses em que ficamos sem administrador. — Cristina revira os olhos e volta a atenção para o seu trabalho. Os dois já não levam minhas reclamações a sério.

— Poderíamos ter encontrado alguém que fizesse o trabalho completo, que não dependesse da gente para fazer isso.

— O trabalho da Amélia é impecável e você sabe disso. — Ela se volta para mim, o rosto fechado. Sempre fica irritada quando insisto em meus protestos. — E é bom você parar de implicar tanto com ela. Se

Amélia pedir demissão, eu não sei o que sou capaz de fazer com você...

— Vai me encher de beijos porque eu terei nos livrado de uma mulherzinha insuportável? — Tento me fazer de engraçadinho, mas não cola. Cristina leva esse assunto muito a sério.

— Eu vou colocar você para fazer tudo o que ela faz. Aí quero ver você reclamando.

Ainda me impressiono com o quanto a Cristina é fofinha. Qualquer outra mulher ameaçaria me capar ou acabar com a minha raça. Se bem que a burocracia me parece tão assustadora quanto ficar sem o meu pau.

— Tudo bem. Não está mais aqui quem falou.

É claro que não quero que Amélia perca o emprego. Só não queria que ela estivesse trabalhando para nós nesse momento. As coisas com certeza seriam diferentes. Não haveria promessa para me manter distante daquele corpo gostoso.

— Deixe a Amélia em paz. — Ela insiste e eu apenas a encaro, porque sei que a bronca ainda não terminou. — Faça a sua parte, para que ela possa fazer a dela, e assim todo mundo fica feliz.

Escuto Diego rindo e me viro com uma careta para ele. Ele se controla e fica em silêncio quando olha para a porta da nossa sala.

— Com licença. — Amélia está sob o umbral e dedilha o batente, visto que a porta já estava aberta. Fico me perguntando se ela ouviu algo da nossa conversa. — Eu preciso da assinatura de vocês nesse contrato.

— Pode entrar. — Diego autoriza e ela caminha em sua direção.

Observo quando a mulher se abaixa ao seu lado para colocar o papel sobre a mesa e indicar o local para a assinatura. Sua bunda fica virada para o meu lado e eu a observo hipnotizado. Infelizmente o momento passa rápido demais e ela vai até Cristina, que também assina o documento.

— Aqui, por favor. — Ela para próximo a mim, o bastante para sentir o seu perfume, e levo um tempo para aceitar o papel que me estende. Assino sem nem prestar atenção ao que se trata, distraído demais com a presença dessa mulher. — Muito obrigada.

Ela recolhe os papéis e sai da sala rebolando, enquanto eu a sigo com meu olhar.

— Se comporta, Caio! — Cristina joga uma bolinha de papel na minha cabeça.

— Estou me comportando! — resmungo enquanto meus amigos riem e volto para a porra da planilha, recitando os motivos pelos quais não suporto Amélia e devo me manter afastado dela.

Capítulo 03

AMÉLIA



— Acho que não estou me sentindo bem, Diego. — Cristina interrompe o que o esposo dizia e sai correndo da sala de reuniões.

— Desculpa, pessoal. Preciso de cinco minutos. Já volto.

Ele sai atrás dela e vejo Caio se levantando também, como se sua vontade fosse se juntar aos dois. É visível em seu semblante a preocupação com Cris. Tenho a impressão de que é a única mulher com quem ele se importa de verdade.

Até hoje eu não entendo bem a relação deles, sempre me pareceu que vai um pouco além da amizade. O que eu conheço da situação dos três foi Suellen quem me contou, então não sei até que ponto é verdade e o que é especulação da parte dela. Parece que Diego e Cristina ficaram juntos uma única vez antes de ela decidir reatar com o ex-namorado e se casar com ele. Depois disso, Diego foi para os Estados Unidos, onde ficou por cinco anos. O casamento de Cristina faliu e ela acabou se envolvendo com Caio, que era amigo dos dois. O relacionamento também não deu certo, mas eles conseguiram manter a amizade. Só quando Diego voltou ao Brasil é que ele e Cristina por fim se acertaram. Dá até dó pensar que levaram tanto tempo para conseguirem ficar juntos. É visível que foram feitos um para o outro.

A minha maior dúvida é onde Caio se encaixa nesse

relacionamento. Será que ainda sente algo por Cristina, mesmo ela tendo se casado com seu melhor amigo? Ou é apenas um amor fraternal, só amizade mesmo, e eu estou enxergando coisas que não existem?

Caio me pega o observando e volto minha atenção para os papéis à minha frente, tentando ignorar a careta que me direciona.

Camila aproveita a pausa para convidar Aline para a balada. É até engraçado o convite partir dela, porque geralmente é o contrário. O seu namorado é a pessoa mais controladora que eu conheço, e eu chego a ter pena dela. Pelo pouco que ouço, tenho receio de que Camila possa estar em um relacionamento abusivo, o que me deixa muito triste, porque sei como é difícil sair dessa situação.

As duas discutem por um tempo, e logo ouço Matheus reclamando de alguma coisa também. Tento não prestar atenção, repassando os documentos que tenho em mãos, evitando voltar meu olhar a Caio, que parece um pouco inquieto do outro lado da mesa, mexendo em seu celular.

— Amélia, vai com a gente? — Camila chama meu nome e ergo a cabeça, encontrando-a com um grande sorriso no rosto. — Fiquei sabendo que você é ótima na pista.

— Vai sair com os mais novos só pra ficar se exibindo no Instagram? — Antes que eu possa responder, Caio se intromete, os olhos ainda no celular.

— O que eu posto no meu Instagram não é da sua conta. — Minha resposta é firme, mas estou quase dando pulinhos de alegria por dentro. Levou uma semana, mas finalmente tive a confirmação de que ele viu as minhas fotos. Toma essa, cretino! Retribuo o sorriso à Camila

quando respondo seu convite. — Eu gostaria muito de ir, Camis, mas prometi à minha irmã que cuidaria da minha sobrinha hoje.

Não fosse por isso, com certeza sairia com eles. Se confraternizar com Aline e Matheus é raro, com Camila é quase impossível. E eu gosto muito dos três. O problema é que Rosália finalmente vai ter um encontro de verdade com Cléber, e não posso voltar atrás na minha promessa. Ela falou a semana inteira sobre isso, não sou eu quem vai estragar a alegria da minha irmã.

— É uma pena, porque não sei quando terei outra oportunidade como essa. — Camila segura a minha mão e vejo que está mesmo chateada com minha ausência. Pelo que entendi, o namorado estará ocupado hoje e essa saída é uma oportunidade única.

— Se a Amélia não vai, pode ser que eu considere sair com vocês. — O ogro se mete mais uma vez. Parece que faz de propósito para me irritar.

— Está mais do que convidado, Caio. — Ele dá um sorriso e me olha de lado. Eu mantenho minha expressão neutra até que Camila continua: — Mas já aviso que não vamos ao karaokê. Sei que é o seu cenário favorito, mas nenhum de nós aqui tem talento ou paciência para isso.

Ele fecha a cara e eu preciso me esforçar para segurar o riso. Caio é viciado em karaokê e, pelo que ouvi Diego comentando, é um hábito de muitos anos. Não vejo muita graça nisso, e nem tenho certeza de que ele seja bom cantando, mesmo que a sua voz seja muito bonita. O cara é um grosseirão, mas não sou cega aos seus atributos — sou humana, afinal de contas. A questão é que ele parece bater ponto por lá toda semana.

— Se eu for, você finalmente vai me dar uma chance? — Caio ignora Camila e se volta para Aline, usando sua pose de sedutor. Odeio quando faz isso dentro da empresa.

— Caio, você tem idade para ser meu pai. Ele é o quê, uns quatro anos mais velho que você? — O homem faz uma careta e, mais uma vez, preciso segurar o riso, fingindo que não estou atenta à conversa. — Nunca vai rolar porque eu vejo você como se fosse um tio para mim.

— Você sabe que parte o meu coração quando diz isso. — Caio leva a mão ao peito, de uma maneira dramática. — Tio...

— Tio Caio — Aline o provoca, e ele faz bico, seguindo com a brincadeira de mau gosto.

— A linha entre flerte e assédio é muito tênue. — Não consigo me conter mais e solto em um resmungo. Ele deveria ter mais respeito com os funcionários de sua empresa.

Caio está prestes a me responder, e sei que seria de uma maneira muito malcriada se Diego e Cristina não voltassem à sala neste exato momento. Minha chefe está mais pálida do que o normal e parece cansada.

— Desculpa, gente. — Ela volta a se sentar e Diego ocupa o seu lugar ao lado dela, segurando sua mão. — Acho que comi alguma coisa que não me fez bem.

— Você está melhor agora, Cris? — Caio até parece gente quando segura sua outra mão, beijando o dorso. Ela sorri perante sua preocupação.

— Bem melhor. Obrigada.

— Bom, pessoal. — Diego limpa a garganta para chamar nossa atenção, ou apenas a de Caio, que parecia alheio ao resto de nós. Isso faz com que ele solte a mão de Cris. — Acho que podemos continuar de onde paramos.

Diego se volta para o computador, para retomarmos a reunião, enquanto Camila e Aline cochicham algo que não consigo ouvir e Caio me encara, talvez ainda irritado pela última coisa que disse. Ainda bem que não teve a chance de me responder, não preciso de mais uma grosseria para encerrar a minha semana.

Viro-me para o telão e ignoro sua presença enquanto falamos sobre o orçamento que acabou de entrar na casa.



— Cheguei!

Minha irmã está no único quarto que temos no apartamento, em frente ao espelho. Usa um vestido curto, modelando seu corpo magro. Seus cabelos lisos como os meus, mas na altura dos ombros, estão soltos e divididos ao meio.

— Certeza de que não tem problema ficar com ela hoje?

Manuela está sobre a minha cama, mexendo no meu tablet. Ela e a mãe dividem a cama de casal, mas ela parece preferir a minha de solteiro para brincar.

— Claro que não, irmã. Pode ir tranquila. — Sento-me ao lado da minha pequena e beijo a sua testa.

— Tia, você também vai sair com a gente?

— Você não vai a lugar nenhum, Manuela. — A maneira como minha irmã responde dá a entender que elas estão nessa discussão há um bom tempo.

— Mas eu quero ir. — Ela insiste, fazendo um beicinho.

— Não, amor. Hoje vamos ficar só nós duas aqui. Você não gosta de ficar com a titia? — O bico diminui, mas ela não parece muito conformada ainda. — Eu trouxe o sorvete que você gosta. E podemos pedir uma pizza e assistir a um filme.

— Então você já pode ir, mamãe. Eu vou ficar aqui com a titia.

— Tão fácil essa minha filha... — Rosália ri da espontaneidade da pequena.

— Pode ir tranquila, nós vamos ficar bem.

— Obrigada, irmã.

Ela se aproxima e dá um beijo no meu rosto, depois de fazer o mesmo com Manuela.

— Qualquer coisa, me liga.

— Pode deixar.

— Tia, quero pizza de quatro queijos. — Manu puxa a minha blusa, para chamar minha atenção.

— Nem está ligando mais para mim. — Rosália gargalha e se afasta. — Já estou saindo.

— Bom passeio.

Ela acena e sai. Eu a observo se afastando, torcendo para que tudo dê certo e esse realmente seja o caminho para ela; torcendo para que Cléber tenha mesmo tomado juízo e não volte a magoar minha irmãzinha.



Acordo no susto com o barulho da porta. Depois de muito comermos, Manuela e eu acabamos capotando no sofá, com o segundo filme da noite ainda rodando.

— Desculpa, não queria te acordar. — Rosália tranca a porta e se acomoda à minha direita no sofá, enquanto Manuela continua adormecida à minha esquerda, com a cabeça no meu colo.

— Não tem problema. Eu estava mesmo te esperando. — Abro a boca em um bocejo antes de conseguir continuar: — E aí, como foi o seu encontro?

— É engraçado ouvir você falar assim.

— E não foi um encontro? — Ela dá de ombros, como se minimizasse a importância de sua saída. — Ele não te levou para comer em um lugar legal?

— Sim. E também me levou para conhecer sua casa.

— É mesmo?

— Sim. — Agora há um sorriso em sua face. — É uma casa boa, com dois quartos, e fica em um bairro bom. É perto da oficina mecânica onde ele está trabalhando e tem uma creche não muito longe.

— Creche? — Estranho o rumo da conversa.

— Sim. Dizem que a creche é boa.

— Manuela já tem uma creche. Ela não precisa de outra. — Encaro a minha irmã e a sua cara não me engana: está me escondendo algo. — O que está acontecendo aqui, Rosália?

— Cléber nos chamou para morar com ele, Amélia.

— Mas já? — Falo mais alto do que gostaria e Manuela se remexe em meu colo.

— Sim. — Rosália passa as mãos pelos cabelos da filha para tranquilizá-la. — Eu sei que parece cedo, mas ele disse que não quer perder mais tempo.

— E o que você disse? Você aceitou?

— Eu disse que ia pensar.

— Está mesmo considerando isso?!

— Por favor, não fica chateada comigo.

Respiro fundo, tentando me acalmar. É tudo muito repentino e eu não estou preparada para me afastar das duas.

— Não estou chateada, só penso no que é melhor para você e para a Manu.

— Eu sei. Eu também penso no que é melhor para a Manu. E para você.

— E o melhor para mim é ficar sozinha neste apartamento?

Esse é um pensamento assustador para mim. Nunca estive sozinha

antes. Morei a vida inteira com meus pais e só saí de casa para morar com Rosália. Depois ainda veio Manu.

— Amélia, você acabou de conseguir um aumento. Sei que vai conseguir dar conta das despesas sozinha.

— Eu sei que consigo, a questão não é essa...

— Não é nada certo ainda. — Ela segura a minha mão, tentando me acalmar. Não sei se isso será o bastante. — Eu disse a ele que ia pensar.

— Você realmente o ama?

Ela suspira antes de me responder:

— Amo! — O seu sorriso me dá noção da profundidade de seu sentimento. — Da mesma maneira que amava quando éramos adolescentes. A única coisa que mudou é que agora também tenho orgulho dele, por estar se tornando uma pessoa melhor. Você entende isso, irmã?

— Claro que entendo. — Mesmo que nunca tenha vivido um amor como este que ela declara sentir por ele.

Um dia, acreditei que amava e que o meu amor era correspondido, mas isso não passou de uma ilusão. Aquele “amor” mais parecia uma prisão e ainda não resistiu à primeira dificuldade que surgiu em nosso caminho.

— Acho melhor irmos dormir. Não adiantar pensar nisso agora.

Concordo, porque já não há nada que eu possa fazer. Conheço a minha irmã, sei qual será a sua resposta para o convite de Cléber. A

questão é: será que eu realmente ficarei bem aqui sozinha?



— Sem problemas. Combinado então. Nos vemos às dezesseis.

Diego desliga o telefone com um sorriso no rosto.

— As notícias são boas? — Cris divide a atenção entre seu trabalho e o esposo, aguardando sua resposta.

— Ótimas. O novo cliente aprovou o orçamento e vem para uma reunião agora à tarde.

— Já? — Questiono, virando minha cadeira na sua direção.

— Mas o prazo é aquele que eu já tinha combinado com ele? — Cris franze a sobrancelha, ainda concentrada no que está digitando em seu computador. — Estamos com outros trabalhos na casa.

— Sim. Mas o cara pareceu ansioso em começar o planejamento.

— Me manda as informações por e-mail. — Observo os rabiscos que ele fez em sua caderneta, com os detalhes passados pelo cliente. — Só você entende esse monte de desenhos que chama de anotações.

Fico empolgado com a possibilidade de conseguirmos essa conta. O maior volume do nosso trabalho são vídeos para eventos, não é sempre que temos a oportunidade de fazer publicidade e é uma das coisas que eu mais gosto.

Além disso, a distração será bem-vinda. Quanto mais foco no trabalho, menos preciso pensar na minha própria vida.



— As crianças já estão na sala de reunião, amor. — Diego cochicha para a esposa, que está em uma ligação.

Ele parece um velho chamando os nossos funcionários de “crianças”. Está certo que ele viu duas delas crescer, mas ainda acho ridículo. São todos adultos agora.

Sem contar que Diego e eu temos a mesma idade, o que faz com que eu me sinta um velho. E sei que estou longe disso.

— Podem ir, vou assim que terminar aqui. — Ela cobre o bocal do telefone, antes de voltar a atenção ao cliente que está atendendo.

Pego minha caderneta e acompanho meu sócio para fora da nossa sala.

— O problema é que você se entrega demais. Não tem graça quando é tão fácil. — Ainda no corredor, posso ouvir Aline e, pelo assunto, sei que está falando com Matheus. Esse garoto tem o péssimo hábito de se apaixonar por cada mulher com quem sai.

— Eu achei que estávamos na mesma página, que Carol estava feliz comigo. Aí ontem ela me disse que não ia dar certo, porque nós não tínhamos química. Transamos por duas semanas para ela descobrir que não temos química?

Diego segura a risada e sei que está se divertindo com a conversa

tanto quanto eu.

— Não está dando conta de agradar as mulheres, Matheus? — Ele se assusta com a nossa presença e se empertiga.

— Sei muito bem como agradar uma mulher, obrigado. — Mantém a pose, tentando parecer mais altivo, ofendido com a minha provocação. — Elas que não sabem reconhecer o meu valor.

— Nisso eu acredito. — Diego ri e dá um tapinha em seu ombro, antes de ocupar seu lugar. Eu também me acomodo. — Mesmo assim vou te dar uma dica sobre como agradar as mulheres.

— A essa altura, estou aceitando qualquer sugestão. — Dá até dó a cara de derrotado do garoto.

— Eu comecei a ler os livros de romance que a Cristina gosta. Elas leem essas coisas e sonham encontrar isto na vida real: um cara apaixonado, que não seja pegajoso e que as leve à loucura na cama. Então sempre tento dar à minha esposa o que suas fantasias esperam. Dá um pouco de trabalho, mas vale muito a pena. Esses livros são verdadeiros guias sobre o que as mulheres desejam de nós. Às vezes, arrisco algo que ela com certeza não espera, e aí é quando as coisas ficam mais divertidas.

Fico surpreso com a confissão de Diego. Primeiro, que jamais o imaginei conversando sobre sua intimidade no ambiente de trabalho, e segundo porque não esperava a informação sobre os livros. Parece realmente uma boa ideia. Será que funciona?

— Você está falando desses livros em que homens amarram mulheres, chicotes e esse tipo de coisa? — Matheus parece confuso, enquanto eu estou interessado na resposta do meu amigo.

— Estou falando de amor, não de abuso — Diego usa um tom mais sério. — Você não precisa humilhar e infligir dor a uma pessoa para dar e receber prazer. Pra mim, isso não é prova de amor, é algum distúrbio.

— Algumas pessoas gostam, cara! — Estou protestando antes mesmo de ter consciência disso. Já saí com algumas minas que curtiam umas palmadas e umas algemas. É claro que tinha o detalhe de que nunca teve amor envolvido na história, então acho que não se encaixa bem no que meu amigo está dizendo.

— Vou te indicar alguns títulos. — Diego me ignora e segue a conversa com Matheus: — Tenho certeza de que a próxima você vai conseguir segurar por mais tempo.

— Por falar nisso, cadê a sua esposa? — Aline muda de assunto e percebo que ficou constrangida com a conversa. Não deve ser divertido ouvir o tio compartilhar seus truques de sedução. E a situação não melhora quando levamos em conta que ele também é seu chefe.

— Cris já vem, está em uma ligação. Acho que podemos começar sem ela. O cliente vai chegar daqui a pouco e queria repassar com vocês o *briefing*, para já irmos pensando em ideias.

Diego abre o arquivo com as informações que transcreveu. O projeto é para Giordano Massas, e o novo diretor quer fortalecer a marca perante o mercado. Acho que é por isso que está tão ansioso em começarmos logo, ainda tem a disposição de quem chegou há pouco tempo e quer fazer a sua empresa crescer. Sinto que esse contrato já está garantido.

Repassamos as peças que teremos de produzir e o cronograma. É

uma série de vídeos com receitas para internet e um comercial de 30 segundos, que pode vir a ser veiculado a nível nacional se a primeira etapa do projeto obter o sucesso esperado. Serão alguns dias de captação, que ficarão sob responsabilidade de Diego, já que ele será o diretor da vez. E também teremos anúncios de jornais e revistas, que é algo que fazemos com pouca frequência e será ótimo para aumentar o nosso portfólio.

— Desculpa o atraso, pessoal.

Cristina entra e ocupa o lugar ao lado de Diego, que se aproxima e lhe dá um beijo no rosto. Amo meus amigos, mas acho desnecessárias essas demonstrações públicas de afeto no ambiente de trabalho. Preciso me segurar para não revirar os olhos.

Seguimos repassando os detalhes por mais alguns minutos até que o telefone no centro da mesa toca.

— Peça para a Amélia trazê-los até aqui, por favor. Obrigado, Suellen. — Diego desliga e se volta para nós: — Eles chegaram.

Através da porta de vidro, consigo observar Amélia caminhando em nossa direção. Consegui passar o dia inteiro sem pensar nela, tão entretido que estava com a elaboração desse orçamento. Hoje a mulher está linda como sempre, nas mesmas roupas feias de costume. Como eu gostaria de arrancar essas roupas! Ela adentra a sala acompanhada de dois homens.

— Pessoal, este é Gustavo Giordano, diretor-geral da Giordano Massas, e seu diretor comercial, Giovanni Giordano.

Ela tem um sorriso no rosto que nunca mais direcionou a mim depois do dia de sua entrevista. E é melhor assim. A tentação já é grande

demaís do jeito que é.

Observo nossos clientes. O diretor-geral, que aparenta ser mais novo, está com os olhos fixos em Aline, que parece chocada em vê-lo. Não tenho certeza, mas esse comportamento me diz que eles já se conheciam antes. E que ela não está muito feliz com sua presença aqui.

— É um prazer conhecê-los. — Diego os cumprimenta e indica as cadeiras que devem ocupar. — Obrigado, Amélia.

Amélia sai da sala ainda sorrindo e rebolando daquele jeito que me deixa louco. Ao voltar a atenção para a mesa, vejo que o imbecil do tal Giovanni a está secando. Não sei por que, mas isso me deixa irritado. Limpo a garganta para chamar sua atenção:

— Eu sou o Caio. — Estendo a mão para cumprimentá-los, e Gustavo faz isso sem desviar a atenção de Aline, o que dá mais força à minha teoria. — Vocês já conversaram com Cristina e Diego pelo telefone. Este é o restante da nossa equipe fixa. Matheus é um dos nossos *designers* e também faz *motion*, Camila é nossa editora de vídeo e Aline é publicitária e também é *designer*.

— É um prazer conhecê-los. — Gustavo por fim parece se dar conta de que há outras pessoas na sala, e acena para os demais.

— Tenho a impressão de que já nos conhecemos antes. — Giovanni encara Aline, com um sorriso idiota no rosto. Já não estou gostando muito desse cara.

— É apenas uma impressão. — Ela parece agitada quando se vira para Diego. — Podemos começar? Temos muito o que discutir.

— Claro. — Meu amigo também está estranhando essa interação

e o comportamento da sobrinha, mas decide seguir em frente. — Gustavo, eu estava explicando um pouco do projeto para eles antes de vocês chegarem. Se você puder falar mais sobre a empresa e sobre o que vocês estão buscando...

O jovem entra em modo profissional e explica sobre a tradição familiar da empresa, sobre os seus estudos fora do país e o fato de que assumiu a empresa há pouco tempo, como eu havia suposto.

Minha cabeça já está fervilhando de ideias para o projeto. No telão, expomos alguns dos trabalhos que já realizamos, enquanto Diego explica a nossa experiência e como será o processo de produção.

— Aline vai ser a responsável por esse projeto. — Ele conclui a apresentação.

A garota arregala os olhos e preciso me segurar para não rir. Ela é transparente demais.

— Diego, não tenho certeza de que é uma boa ideia... — fala baixinho, como se o resto de nós não pudesse ouvi-la assim mesmo.

— Bobagem. É uma ótima ideia. Você está pronta. — Ele sorri a incentivando, e não sei se não percebeu que há alguma coisa rolando entre esses dois ou se está fazendo isso de propósito para provocá-la.

Só espero que essa “coisa” entre eles não atrapalhe o nosso trabalho.

— Tenho certeza que sim. — Gustavo parece estar se divertindo com o desconforto de Aline, o que me deixa na dúvida se eles se separaram em bons termos.

Giovanni toma a palavra, explicando melhor o que eles desejam.

É um projeto interessante e bem inclusivo, mas que demandará várias diárias de captação e a seleção de um elenco bem diverso.

Gustavo parece tão empolgado com o nosso trabalho que aumenta o projeto ali mesmo, incluindo um vídeo institucional no pacote, para apresentar a empresa a distribuidores. O cara parece saber o que está fazendo e está disposto a investir em sua estratégia.

— Vou acrescentar esse vídeo ao orçamento e, assim que o tiver, eu encaminho para vocês aprovarem e podermos elaborar o cronograma.
— Diego também está empolgado com a perspectiva de mais trabalho.

— Faça isso. Em todo caso, podemos fechar o acordo. Trabalharemos com vocês de qualquer maneira. Depois do que vi aqui, não escolheria outra produtora. — Gustavo se levanta, acompanhado do primo. Sei bem o que ele viu aqui, e tenho certeza de que não foi apenas o nosso trabalho.

— Ótimo. Estamos muito felizes em ter vocês como clientes. — Diego aperta sua mão.

— Com licença, preciso voltar para a minha mesa para adiantar algumas coisas.

Aline se levanta e sai da sala como um tiro. Gustavo a segue de imediato, deixando a todos um tanto confusos.

— É, pessoal, acho que faremos um bom trabalho juntos. — Giovanni está constrangido com o comportamento do primo, e todos nós fingimos que não é nada de mais. — Muito obrigado pela hospitalidade.

— Nós que agradecemos por terem escolhido a nossa produtora.
— Cris lhe sorri de maneira reconfortante.

— Qualquer dúvida, podem ligar direto para mim. — Tira um cartão de dentro do paletó e lhe entrega. É claro que está enrolando, porque nós já temos o seu contato.

— Eu te acompanho até a saída.

Levanto-me e lhe indico a porta. No corredor, encontramos Gustavo com o olhar perdido em direção ao sanitários.

— Eu precisei usar o banheiro. — Ele se explica, como se eu tivesse questionado algo.

— Está tudo bem agora? — Busco por Aline ao redor, mas não a vejo.

— Sim. Não precisa se preocupar. É melhor voltarmos para a fábrica, primo.

Caminhamos em direção à recepção, onde Amélia conversa algo com Suellen.

— Meninas, foi um prazer conhecê-las. — Giovanni chega perto demais, parando ao lado de Amélia.

— Deu tudo certo na reunião? — Ela é simpática demais com ele. Já disse o quanto isso está me irritando?

— Giovanni, vou esperar no carro. Até mais, pessoal.

Gustavo se despede, parecendo chateado. Não sei o que aconteceu entre Aline e ele, mas deve haver mesmo uma questão mal resolvida aí.

— Posso deixar o meu número com você? — Giovanni alcança mais um cartão e estende a Amélia, que o olha com certa desconfiança. Será que ela não percebeu os interesses reais desse cara? — Para o caso

de ter alguma dúvida sobre os dados da empresa. É você quem cuida dos contratos, não é?

— Sim. — Ela aceita o pedaço de papel, observando-o com atenção.

— E, se estiver a fim, podemos marcar de tomar um café. O que acha?

Amélia levanta o rosto e seu olhar busca o meu. Nem me dei conta de que a estava encarando, esperando a sua reação tanto quanto ele. Ao notar que a observo, abre aquele sorriso cínico antes de se voltar para Giovanni.

— Claro. Eu te mando uma mensagem com o meu número assim que acabar o expediente.

— Perfeito. Estarei esperando.

Ele se afasta até o elevador, muito satisfeito consigo mesmo. Assim que as portas se abrem, acena mais uma vez para Amélia, que corresponde, antes de desaparecer de vista.

Eu fico ali, parado, não acreditando na cara de pau do indivíduo. E no fato de Amélia ter dado trela a ele.

— Podemos te ajudar com alguma coisa? — Volto-me para ela, despertando do meu estupor. Seu sorriso agora é debochado.

Penso em responder, mas desisto. Estou muito irritado, e nem sei ao menos o motivo. Se disser qualquer coisa agora, serei mais grosseiro que o normal, e prometi à Cristina que tentaria me controlar.

Opto pelo silêncio e dou as costas às duas. Posso ouvir suas

risadinhas, o que me tira ainda mais do sério.

Eu estava empolgado com esse trabalho, mas, pelo jeito, vou acabar me estressando um bocado.

Capítulo 05

AMÉLIA



— Promete que se ela não gostar de lá, você a traz de volta?

— Já disse que sim.

Rosália está arrumando as suas coisas para passar o fim de semana na casa de Cléber. Eu sei que ela já tomou a sua decisão, mas fica dando esses pequenos passos, como se com isso eu fosse me magoar menos quando ela emitir sua sentença. Eu sei que ficarei sozinha no final das contas, e preciso aprender a lidar com essa situação, por mais dolorosa e assustadora que seja.

— Não sei o que vou fazer o fim de semana inteiro sem vocês — resmungo, dobrando uma peça de roupa de minha sobrinha, para que ela possa guardar na mochila.

— Irmã, você precisa viver a sua própria vida. Ficou tanto tempo cuidando de mim e da Manuela que se esqueceu de si mesma.

Não deixa de ser verdade. Eu tinha um futuro planejado do qual abri mão quando optei por apoiá-la durante a sua gravidez. Depois disso, Manuela passou a ser a minha prioridade. Entre o trabalho para sustentar a casa e as horas que sempre despendi para cuidar de minha sobrinha, não me sobrou muito tempo para pensar em mim mesma.

Após meu ex-noivo, não consegui me envolver com mais

ninguém. A minha vida amorosa tem sido um desastre. Não consigo me lembrar da última vez que tive um orgasmo que não tenha sido proporcionado por mim mesma — e mesmo isso é difícil de conseguir, porque é quase impossível lograr um momento de privacidade neste apartamento. Depois que saí da casa dos meus pais, eu cheguei a ter um quase relacionamento com o vizinho da nossa antiga quitinete. Ele era divertido, nós saímos por um tempo, dormimos juntos algumas noites, mas não passou disso. A relação esfriou e morreu de vez quando ele conheceu outra mulher. Eu nem me incomodei por ter sido “trocada”, porque já não sentia mais nada por ele. Nem sei se algum dia cheguei a sentir algo. Às vezes acho que só ficamos da primeira vez porque era fácil, ele estava por perto. E só continuamos a nos ver porque era prático, porque um estava ao alcance do outro.

Cheguei a sair com outros caras depois, mas sempre que dormia com alguém por quem não nutria sentimentos, me sentia muito mal depois que tudo acabava. Algo parecia errado, era como se eu conseguisse ouvir a voz do meu pai no fundo da minha mente, julgando as minhas decisões, reprovando o rapaz que estava ali comigo.

Então simplesmente desisti de procurar por alguém. Deixei nas mãos de Deus. Se for para eu me relacionar com alguém, será na hora certa. Mesmo que essa hora pareça não chegar nunca.

Até achei que poderia rolar alguma coisa com Giovanni. Ele é bem bonito e tem mais ou menos a mesma idade que eu. No entanto, além de ser uma péssima ideia me envolver com os clientes da empresa, ele não me pareceu o tipo de cara interessado em algo mais sério. E já tentei a coisa sem compromisso, somente para perceber que eu não sou assim. Isso não funciona comigo.

Eu aceitei o telefone dele apenas para provocar Caio. Nem sei por que faço esse tipo de coisa. Não estou interessada nele, tenho certeza disso. Acho que me senti bem em esfregar na cara do meu chefe que um homem se interessou por mim sem se importar com a maneira como eu me visto.

E minha pirraça foi bem-sucedida, porque ele saiu da recepção pisando duro. O que Caio não precisa saber é que escrevi a Giovanni apenas para me desculpar e cancelar o café, com a desculpa de que não é certo me envolver com clientes. E, assim, estou de volta à estaca zero.

— Você sabe que sou muito grata por tudo o que fez por nós até agora, não sabe? — Minha irmã segue arrumando a mochila de Manuela e não comento nada sobre o fato de que são muitas peças de roupa para apenas um final de semana.

— Sei. — E tudo o que fiz foi porque achei que era o certo e necessário.

Nunca esperei nada em troca, mas não pensei que esse momento chegaria, ao menos não tão cedo. Quer dizer, nunca parei para me preocupar com isso. Eu sei que não é justo estar chateada. Minha irmã é muito nova, se não fosse o Cléber, ela com certeza se apaixonaria de novo e iria querer seguir com a sua vida da mesma maneira. Por que então estou me sentindo como se estivesse sendo abandonada?

— Não se esqueça do ursinho dela. — Entrego o brinquedo favorito de minha sobrinha, um urso segurando um coração, que lhe dei de presente quando completou um ano. Ela não dorme se não estiver abraçada a ele.

— Nós vamos ficar bem, Amélia. — Ela aperta a minha mão,

tentando me reconfortar. — Você vai ficar bem.

Espero muito que seja verdade. Porque não me sinto muito bem agora.

A campainha toca e corro para atender, antes que ela tenha a chance. Cléber está do outro lado da porta, bem-vestido com uma calça jeans e uma camiseta preta, totalmente diferente do moleque que conheci alguns anos atrás, que andava com uma bermuda largada abaixo da cintura, regata e tênis cheio de cores, como se isso fosse um estilo a ser copiado.

— Boa noite, Amélia — cumprimenta-me com educação, e ainda tenho dificuldades em me acostumar com essa sua nova versão.

— Boa noite. — Indico que passe e fecho a porta.

— Papai. — Manuela, que estava na sala vendo um desenho, corre até nós, jogando-se em seus braços quando ele se abaixa para pegá-la no colo. — Mamãe disse que hoje eu vou poder sair com vocês.

— Vai sim, Manu. Você vai passar o final de semana na minha casa. O que acha?

— Oba. — Ela o abraça mais uma vez. — Você também vai com a gente, tia?

— Não, meu amor. — Impossível não me emocionar com a sua pergunta.

— Mas você vai ficar sozinha?

— Eu vou ficar bem, florzinha. — Ela faz um biquinho e preciso me segurar para não começar a chorar como uma criança. — Não precisa

se preocupar, tá bom?

Passo a mão pelo seu rostinho e ela concorda com um aceno de cabeça.

— Oi, amor. — Rosália por fim se junta a nós e cumprimenta o namorado com um selinho. — Já estou quase pronta.

— Tudo bem. Eu cheguei um pouco mais cedo porque queria falar com a Amélia.

— Comigo? — Estranho, porque nunca fomos próximos, então não tenho ideia de que assunto possa ter a tratar comigo.

— Sim. Podemos conversar um minutinho?

— Claro.

— Eu vou pegar a mochila da Manu. — Minha irmã também parece receosa quando pega a filha no colo e a leva de volta para o quarto.

Eu me sento no sofá e Cléber ocupa a poltrona ao lado. Ele parece nervoso e respira algumas vezes antes de falar:

— Eu sei que a gente nunca se deu muito bem e você tinha todas as razões do mundo para não gostar de mim. Eu era um moleque irresponsável e deslumbrado. — Fala rápido e repete as palavras que um dia usei em uma discussão. Segue antes que eu tenha a chance de contestá-lo: — Mas eu juro que mudei. Ou, ao menos, estou tentando. Me afastei dos antigos amigos, mudei de bairro, consegui um emprego. Estou fazendo de tudo para merecer de volta o amor da sua irmã e da minha filha.

— Eu sei que você está sendo sincero, Cléber. Eu consigo ver isso. — Respiro fundo, buscando me controlar para ter uma conversa civilizada com ele. — Mas você precisa entender que foi muito complicado para nós duas. Você fugiu das suas obrigações e nós tivemos que arcar com as consequências.

— Você não sabe o quanto eu me arrependo disso. Sei que deveria ter lutado pela Rosa, enfrentado o pastor. Não sou mais um moleque, Amélia. Eu quero fazer o certo pela minha família. E você é a pessoa mais importante na vida das duas, e eu queria muito que me perdoasse por tudo.

A firmeza em suas palavras me mostra a verdade por trás delas. Não tenho mais motivos para brigar com ele e não tenho por que impedir a felicidade de minha irmã.

— Não há o que perdoar, porque eu nunca guardei rancor. — O alívio em sua expressão é imediato. — Sofremos um bocado no começo, nossas vidas mudaram muito, mas hoje eu vejo que foi para melhor. Não era saudável para nenhuma de nós permanecer naquela casa. Está tudo certo entre nós.

— Cê não sabe o quanto eu fico aliviado com isso. — Ele suspira de maneira exagerada, e acho graça de seu gesto. — Tava boladão, morrendo de medo de falar com você. — Até a maneira de falar muda, voltando a ser mais parecida com a qual estava acostumada. Já estava entranhando sua formalidade.

— A sua conta está zerada. — Apoio a palma da mão em seu rosto. — O que significa que se você fizer merda de novo, eu mesma dou um jeito de acabar com a sua raça. — Dou três tapinhas de leve, para

deixar clara a minha posição.

— Gostava mais quando tu *era* da igreja, mulher. — Ele se afasta rindo. — Essa ameaça não é de Deus, não.

— Estou falando sério, Cléber.

— Eu sei. — Ele para de rir. — Eu também. Já falei que tomei juízo.

— Cuida direito das duas, elas são o que eu tenho de mais precioso nesse mundo.

— Para mim também, Amélia. Elas são a minha vida.

— Estamos prontas. — Minha irmã interrompe nossa conversa, e sei que ela também estava tensa.

— Tá pronta para conhecer o seu quarto novo, baixinha? — Cléber pega Manuela no colo mais uma vez enquanto ela acena positivo com a cabeça e um grande sorriso no rosto.

Rosália se aproxima de mim e abro um sorriso pouco sincero, apenas para acalmá-la. O que é muito difícil, porque eu não estou me sentindo calma.

— Voltamos no domingo.

— Tudo bem.

— Qualquer coisa, você me liga. — Concordo com a cabeça, observando Manuela, que parece radiante com a atenção do pai. — Nós vamos ficar bem, Mel. Todas nós.

— Promete que vai trazê-la de volta se ela não gostar de lá.

— Eu prometo. Mas não acho que isso vai acontecer.

— Ok — respondo sem vontade, sentindo o coração apertado.

— Eu te amo, irmã.

— Também te amo.

Ela beija o meu rosto e me abraça forte. Eu a seguro por um tempo, porque não quero que veja que não consegui conter minhas lágrimas.

— Manu, diz tchau para a titia. — Ela se dirige à filha quando desfaz o nosso abraço.

Manuela se agita no colo do pai, para que ele a coloque no chão, e corre na minha direção. Abraço a minha pequena como se fôssemos ficar meses afastadas e não apenas dois dias.

— Não fica triste, titia. Eu já volto.

— Eu sei, meu amor. Pode ir tranquila que eu vou morrer de saudades, mas vou ficar bem.

— Tá bom.

Coloco-a no chão e ela corre de volta para os pais, que acenam para mim antes de saírem do apartamento e fecharem a porta.

Imediatamente o silêncio parece demais. Vou para o quarto e me deito na cama que as duas dividem, abraçando o travesseiro de Manu, sentindo o seu cheirinho infantil e enchendo-o de lágrimas.

A casa de Cléber fica distante daqui, não poderei vê-las todos os dias. Como vai ser chegar cada noite e não ter companhia para o jantar?

Não vou mais ter Manuela me contando sobre seu dia na escolinha nem minha irmã falando sobre seus projetos. Não vou ter mais com quem discutir sobre a novela. Vou ficar sozinha como nunca estive antes.

Mais uma vez a minha vida vai mudar. E não sei se estou pronta para essa mudança.



— Sem problemas. Combinado então. Nos vemos às dezesseis.

— Que milagre! Hoje você chegou primeiro.

Mal desço do elevador e recebo o “cumprimento” de nossa recepcionista.

— Está cada vez mais abusada, né, Suellen? — Ela ri, pouco se importando com a minha bronca. — Diego e Cristina ainda não chegaram?

— Não. Eles ligaram dizendo que tinham consulta médica.

— Os dois? Será que aconteceu alguma coisa com os gêmeos? — Os filhos são a única coisa capaz de manter ambos afastados do trabalho.

— Sou uma funcionária discreta, Caio. Não fico pedindo detalhes da vida dos meus patrões.

— Você é a maior fofoqueira que eu conheço, Sue. — Impossível não achar graça da sua cara de pau.

— Assim você me ofende. — Ela leva a mão ao peito de maneira teatral, se fazendo de inocente. — Sou apenas uma pessoa que gosta de se manter por dentro de tudo. E, para a sua informação, eu perguntei ao Diego se tinha acontecido alguma coisa e a sua resposta foi: “nada de

mais”.

— Então não deve ter sido mesmo... Se um dos dois ligar de novo, passa direto para o meu ramal.

— Pode deixar. Não esquece que vocês têm aquela reunião por videoconferência às dez e meia.

— Já tinha me esquecido.

— É para isso que estou aqui. — Me dá uma piscada travessa.

Suellen é uma mulher bonita, mas nunca me interessei por ela. E acho que isso nem se deve ao fato de que é muito nova — mal deve ter passado dos vinte, e sim porque não sinto nada diferente ao vê-la ou conversar com ela. Mesmo assim, acho divertidas suas brincadeiras e insinuações e nunca me preocupei em censurá-la.

Pisco de volta em despedida e passo em frente à sala de Amélia. A porta está aberta e consigo vê-la acomodada em sua mesa, falando ao telefone. Aquele sorriso lindo em seu rosto me faz ficar imaginando quem é a pessoa do outro lado da linha. Ela se vira e se dá conta de que a estou observando. De maneira automática, sua expressão se fecha e ela me encara de volta por alguns segundos. Imagino que vá fazer careta ou até mesmo me mostrar o dedo, mas ela me surpreende e acena; o sorriso, agora tímido, voltando aos lábios.

Não sei o que acontece comigo quando estou na frente dessa mulher. Seria tão melhor para nós se ela me tratasse mal de volta, se se mantivesse afastada. Não consigo resistir e aceno de volta. Seu sorriso está maior quando ela volta a atenção à ligação.

A risadinha irônica de Suellen me desperta do meu estupor. A

encaro e apenas lhe aponto o indicador, o que faz com que ria ainda mais. Desisto de discutir e vou logo para a minha sala.

Passo a próxima hora intercalando minha atenção entre a apresentação que temos de fazer daqui a pouco e o celular, aguardando notícias dos meus sócios. Já passa das dez quando eles por fim aparecem.

— Está tudo bem? O que aconteceu?

— Está tudo bem, Caio. — Diego me tranquiliza enquanto Cristina parece um pouco aérea. — É só uma suspeita, mas nós decidimos já fazer o exame de sangue.

— Do que você está falando? — Volto-me para a minha amiga, cada vez mais confuso e preocupado com esta conversa. — Cris, você está bem?

— Sim. — Ela solta um suspiro pesaroso que a contradiz. Ela não parece nada bem. — Não precisa se preocupar. Não estou doente.

— E para que o exame? — Olho de um para o outro, tentando compreender o que está acontecendo. Diego se nota preocupado com a esposa, mas não consegue disfarçar um sorriso que insiste em se insinuar em seu rosto. Já Cristina parece apavorada. — Você está grávida?

Solto a única possibilidade que aparece em minha mente e pareço ter acertado em cheio. Cris arregala os olhos, como se a palavra pronunciada em voz alta tornasse a situação real.

— Ainda não sabemos. — É Diego quem responde. Ele se aproxima de Cris e a abraça. Ela se refugia em seus braços e esconde o rosto em seu peito. — O resultado deve sair daqui a pouco, mas preferimos vir trabalhar para não ficarmos pensando nisso.

— Vocês estavam tentando?

— Não. Por isso estamos surpresos.

— Eu falei para usar a porra da camisinha, Diego! A pílula falha.

O corpo de Cristina treme e ele aperta o braço, me olhando de cara feia. Me arrependo do que disse, com certeza não é o que precisam ouvir agora.

— Me desculpe... Demora para sair esse resultado?

— Não. Mas é melhor focarmos no trabalho enquanto isso.

— Tudo bem.

Eles se acomodam e ligam suas máquinas. Eu tento me concentrar no que estava fazendo, mas não consigo deixar de pensar na situação. Mais um filho! A primeira vez foi por pouco, e agora eles estão prestes a passar por isso tudo de novo.

— O resultado saiu, Diego.

Ergo os olhos do meu trabalho para ver meu amigo arrastando sua cadeira para se posicionar ao lado da esposa. Eles encaram a tela por um instante, em um silêncio que começa a me angustiar. Mesmo assim, não digo nada. Sei que esse é um momento dos dois.

— Eu preciso de ar.

Cristina arrasta sua cadeira com brusquidão e se levanta, saindo da sala como um tiro.

— O que está escrito aí, homem?

— Positivo. — Ele abre um sorriso, por fim desviando os olhos da

tela.

— Ela não pareceu feliz com o resultado.

— Ela está assustada. Eu entendo isso. Eu também fiquei muito assustado durante a gravidez dos gêmeos. Mas eu tenho fé que dessa vez vai ser mais tranquilo. Nós vamos ficar bem.

— Eu espero que sim, cara. Não suportaria ver vocês passarem por todo aquele tormento outra vez.

— Você dá conta da reunião? — Ele se levanta e recolhe seu celular. — Preciso ver como ela está.

— Sim. — Por mais que eu tenha vontade de ir junto, sei que não é o meu lugar. Não sou eu quem tem de consolá-la e garantir o seu bem-estar. — Eu dou conta.

— Obrigado.

Geralmente fazemos esse tipo de videoconferência na sala de reuniões, mas, como serei apenas eu, não vejo sentido nisso. Atendo a ligação em meu computador e passo a próxima hora expondo ao cliente o que planejamos para o seu projeto. Entro em modo profissional, ignorando o que acontece do lado de fora desta sala, apenas respondendo perguntas e discutindo opções.

Somente quando o cliente desliga me permito preocupar novamente. Levanto-me e vou atrás dos meus amigos, que não voltaram ainda. Ao alcançar o corredor, encontro Matheus e Aline espiando o interior da sala de reuniões pelas portas de vidro.

— Faz tempo que eles estão aí?

Os dois se assustam e se afastam o suficiente para que eu possa ver Diego em uma das cadeiras, com Cristina acomodada em seu colo. Ela chora apoiada em seu ombro e ele passa as mãos pelos seus cabelos.

— Muito. A Cris passou pela gente chorando em direção ao banheiro. Diego apareceu logo em seguida, ficou um tempo por lá com ela e depois a trouxe para cá. — Aline volta a sua atenção ao casal, preocupação em seu semblante. — Você sabe o que aconteceu?

— Ela está grávida. — Sei que não cabe a mim espalhar essa notícia, mas não faz sentido deixar os dois nessa agonia. — Foi ao médico de manhã e o resultado do exame saiu agora há pouco no site do laboratório.

— Ela não queria essa bebê? — Matheus franze a sobrancelha, tentando entender a situação.

— Ela está com medo. — Aline diz algo parecido com o que Diego disse. Por ser da família, ela conhece bem os receios de Cristina.

— Gente, o que eu perdi? — Agora eu me assusto junto com os outros dois quando Camila aparece sem que tenhamos percebido — A Cris está bem?

— Ela foi ao médico hoje e confirmou a gravidez — Aline responde, os olhos fixos na tia.

Parece que isso não é nenhuma grande novidade para as meninas. Eu notei Cristina diferente nos últimos dias, muitos enjoos e um cansaço que não é típico dela, mas não associei isso a uma gravidez. Eu nem me lembro se ela apresentou os mesmos sintomas durante sua primeira gestação.

E sei que é algo inesperado, porque Cristina estava decidida a não ter mais filhos. Sempre disse que o par de meninos de 4 anos são mais do que conseguem dar conta.

— Bom dia, pessoal. — Viramos ao mesmo tempo para a voz desconhecida.

O homem acompanhado de Amélia não me é estranho. Acredito que tenhamos nos encontrado vez ou outra nas festas na casa de Cristina.

— Pessoal, este é o Henrique. Ele é amigo da Cris, veio visitá-la. — Amélia se apoia no braço do cara, como se fossem velhos conhecidos, olhando-o de canto, como se estivesse diante de uma aparição. — Henrique, esses são praticamente todos os membros da equipe.

Os três acenam, envergonhados por terem sido flagrados espiando. Já eu encaro Amélia, esperando uma explicação.

— Diego pediu para trazê-lo para cá quando chegasse. — Ela me encara ao responder.

— Como ela está? — O rapaz se solta dela com delicadeza e se aproxima da porta.

— Ainda abalada com a notícia. Fez o exame de sangue antes de vir para cá e pegou o resultado on-line agora há pouco. — Aline responde, ainda nervosa.

— Acho melhor eu entrar.

Henrique bate à porta e Diego ergue a cabeça, sinalizando para que entre. Cristina se levanta e corre para abraçá-lo quando nota a sua presença.

— De onde a Cris conhece um gostoso desse? — Amélia sussurra, se abanando de maneira exagerada com as mãos.

Esse seu interesse me deixa ainda mais irritado e, antes que perceba, estou bufando. Ouço Camila segurando uma risadinha e percebo que dei bandeira.

— É um amigo de infância — Aline esclarece. — Cresceram juntos.

— Eu até agora não entendi por que ela está assim. Os dois são casados. Qual o motivo do desespero? — Amélia me empurra para poder enxergar melhor o interior da sala, preciso segurar a respiração para não me deixar afetar por seu perfume.

— A primeira gravidez da Cris foi muito complicada. Era de risco e os gêmeos nasceram prematuros. Para complicar mais a situação, ela teve depressão pós-parto, ficou meses mal até se recuperar. Por isso ela tinha decidido que não ia engravidar de novo.

— Parece que o bebê decidiu o contrário. — Mais uma vez aquele sorriso que me enlouquece, preciso dar meio passo para trás para fugir do calor do seu corpo. — Já vem com muita força de vontade.

Diego abre a porta e se junta ao grupo de curiosos.

— Como ela está, tio?

— Ainda chateada. Por isso precisei chamar o Henrique. Além de mim, ele é o único que consegue acalmá-la. — Ele apoia a mão no peito ao espiar a esposa sendo consolada pelo amigo, ambas sentados lado a lado, de mãos dadas, em um momento muito particular. Cristina parece ter se acalmado com a presença do cara. — Me parte o coração ver minha

bonequinha assim. Eu entendo todos os medos, mas estou feliz demais com a notícia para ser capaz de consolá-la. Eu sinto que agora é a minha menininha quem está a caminho. — Seu sorriso é triste.

— Pobre chefinha... — Amélia parece sentida com a situação e sei que está sendo sincera, ela gosta mesmo de Cristina. Todos nós gostamos e nos preocupamos com ela. — Tenho certeza de que tudo vai dar certo dessa vez.

— Eu sei que vocês estão preocupados, mas não adianta nada ficarem aqui espiando. Podem voltar ao trabalho, minha esposa vai ficar bem.

— Com certeza vai. — Aperto o ombro de Diego e decido de me afastar. Nada disso está me fazendo bem, nem o sofrimento de minha amiga, nem o interesse descarado de Amélia em Henrique.

— Sabe se ele é solteiro? — Ainda a ouço perguntar e chego a fechar os punhos de frustração.

Nem sei por que isso me afeta. Amélia pode se interessar por quem quiser. Isso não é da minha conta. Nunca foi e nunca será.



— Ela está melhor?

— Sim. Eu a levei para almoçar e passamos a tarde conversando. Acho que consegui acalmá-la um pouco.

Ao alcançar a recepção, pronto para ir embora, encontro Amélia conversando com Henrique. Estão ambos sentados nas cadeiras da área

de espera. Mais uma vez, próximos demais para o meu gosto. Suellen não está à vista, sempre sai às 18 horas em ponto, para chegar a tempo à faculdade.

— E você a deixou em casa?

— Diego foi buscá-la no restaurante.

— E por que você voltou? — Intrometo-me na conversa, sem me importar em ser mal-educado.

— Acabei deixando a minha pasta na sala de reuniões. — Diferente de mim, ele mantém a educação e me aponta o objeto em seu colo. — Na verdade foi uma sorte eu estar aqui em São Paulo hoje. Estava participando de um congresso, por isso consegui vir assim que Diego me mandou a mensagem.

— Fico muito feliz que a Cris tenha um amigo como você. — Amélia segura a mão do sujeito, pouco se importando com a minha presença.

— Ela é uma pessoa incrível. Só que, às vezes, a ansiedade a deixa sem reação.

— Já foram todos embora? — Intrometo-me mais uma vez, cansado dessa ladainha.

— Sim. Não tinha certeza de que você tinha trazido a chave, então estava te esperando.

— Não seja por isso. — Respondo de má vontade e bato no bolso da calça, onde o meu chaveiro está. — Minha chave está comigo. Pode ir embora.

— Na verdade foi ótimo ter voltado. — Henrique se levanta e lhe estende a mão, que ela aceita sem pestanejar. Eles continuam a conversa como se ainda estivessem ali sozinhos. — Eu ia pedir o seu telefone para a Cris, mas, pessoalmente, é muito melhor. Quer jantar comigo hoje?

Fala sério! Todo mundo que passar por aqui agora vai se interessar por essa mulher? Eu nem sei se ela saiu com o cliente da semana passada.

— Claro. — É perceptível que está se derretendo pelo cara. Que papel ridículo. — Só vou buscar minha bolsa. Chama o elevador, por favor.

Ele se afasta e ela passa por mim para chegar à sua sala, voltando em seguida com sua bolsa.

— Achei que você estava saindo com outro — resmungo quando ela para ao meu lado para guardar o celular.

— Você não sabe nada da minha vida. — Amélia segue inspecionando o interior da bolsa, como se pouco se importasse com as minhas palavras.

— E aquele carinha, o Giovanni?

— Eu não saio com clientes. E foi o que disse a ele naquele mesmo dia, quando lhe enviei uma mensagem.

— E agora vai sair com esse?

— Ele não é cliente. — Ela finalmente ergue o rosto e me encara, seus olhos brilhando de irritação. — Qual é o seu problema?

— Nenhum.

— Boa noite, Caio.

Amélia se afasta sem esperar resposta e entra no elevador que Henrique estava segurando. Ele pega na sua mão e ela se apoia no corpo dele, como se fossem um casal. As portas se fecham e o silêncio volta a reinar na recepção.

E eu fico aqui sozinho me repetindo a mesma pergunta: qual é o meu problema?

Capítulo 07

AMÉLIA



Fazia muito tempo que eu não tinha um encontro como o que Henrique me proporcionou. Ele me levou a um restaurante elegante, mas que não era metido à besta, e passamos a noite conversando e aproveitando uma comida deliciosa. Ele é um cara muito diferente daqueles com quem estou acostumada. É educado e muito inteligente, tanto que passou na prova para ser juiz na cidade em que mora. É maduro, independente e sabe o que quer da vida, além de ser lindo. Tem como ser mais atraente do que isso?

Tem, porque também é uma das pessoas mais engraçadas e descontraídas que eu já conheci. Com poucas horas de convivência, pude perceber por que é alguém tão importante na vida de Cristina. É até difícil acreditar que um cara como esse ainda está solteiro.

A nossa conexão foi quase imediata. E tão forte que, assim que saímos do restaurante, pedi que me levasse para o hotel onde estava hospedado. Seguimos conversando por algum tempo até que, em um ato de espontaneidade que não me é muito típico, acabei me atirando sobre ele e fizemos amor várias vezes noite adentro. Não me lembro da última vez que experimentei algo assim. Nem tenho certeza se já passei por algo parecido na vida.

E dessa vez não veio o arrependimento na manhã seguinte.

Acordei ao seu lado com a sensação gostosa de que aquilo era certo. Me sentia feliz como há muito tempo não acontecia. Nos braços desse homem gostoso não havia nenhuma preocupação: nada de irmã prestes a me abandonar e nada de chefe implicante no trabalho.

Henrique tem apenas um único defeito: ele não mora em São Paulo. Assim que me deixou em casa, precisou retornar para a sua cidade, pois o congresso tinha chegado ao fim e tinha de retomar seu trabalho.

E ficamos sem nos ver por mais dois dias. Ao menos presencialmente. Seguimos trocando mensagens durante o dia e nos vendo à noite por videochamada.

Ele voltou no sábado e passamos o final de semana juntos. E foi maravilhoso ter a sua companhia, porque precisei de alguém para me consolar tendo em vista que Rosália finalmente me comunicou a decisão que eu sabia que já tinha tomado há muito tempo: ela vai mesmo se mudar com a filha para a casa do namorado; e em apenas duas semanas. A tristeza não bateu mais forte porque Henrique estava ao meu lado.

Ficamos na minha casa mesmo — já que minha irmã e sobrinha foram para a casa de Cléber —, e Henrique escutou todo o meu desabafo. É engraçado como me sinto bem ao seu lado. Contei toda a história da minha família e como cheguei ao momento em que me encontro agora. Abri-me de uma maneira que geralmente não faço.

Ele também me contou mais sobre a sua própria vida, sua família, sua paixão pelo direito e sobre a amizade com Cristina.

E é claro que fizemos amor. Tinha de aproveitar a sua presença, já que só Deus sabe quando conseguiremos nos encontrar de novo.

O problema é que a tristeza bateu assim que ele foi embora de

novo no domingo à noite. Nenhum de nós dois pareceu disposto a dar nome ao que estamos vivendo e, pela primeira vez, não me importo com isso. É tudo muito recente, e essa amizade está me fazendo muito bem nesse momento. Mesmo que nos últimos dias tudo tenha ficado no plano virtual. O tempo que gasto diariamente com as nossas conversas tem me ajudado a manter a sanidade e ignorar a alegria de minha irmã ao arrumar a sua mudança e se preparar para uma nova fase de sua vida.

Aos menos as coisas no trabalho estão tranquilas. Até demais, porque parte da equipe esteve fora todos esses dias, participando de uma captação, e eu sinto falta da casa cheia. Aline, Cristina e Caio estão envolvidos nesse projeto da fábrica de massas e nem aparecem por aqui, vão direto para a locação. E mesmo que sinta falta de suas presenças, não sinto falta da malcriação de certa pessoa.

— Amélia! Estou falando com você.

Me assusto com a voz grave chamando meu nome. Estava distraída olhando a última mensagem enviada por Henrique, desejando-me um bom-dia de trabalho, junto a uma foto sua de terno completo antes de entrar no fórum. Lindo demais.

— Oi. Me desculpa.

Volto-me para a porta da minha sala, onde Caio está parado, com cara de poucos amigos. Parece que foi pensar no dito-cujo para invocar a sua presença. Ele ficou fora a semana inteira, não imaginei que fosse aparecer justo na sexta-feira.

— Trouxe a porcaria da nota que você pediu.

— Obrigada.

Espero por um instante e solto um suspiro exasperado quando vejo que ele não pretende entrar para me entregar o papel. Levanto-me e caminho em sua direção, estendendo minha mão.

— Vai ser todo dia isso agora? — Ele puxa a nota de volta, fitando-me de cara fechada.

— Do que está falando?

— Você, com essa cara de idiota, esperando notícias do juizeco.

O encaro por alguns segundos, tentando processar o que acabou de me dizer. Ou melhor, não acreditando no que ele acabou de dizer.

— Sinceramente, eu não entendo essa sua grosseria gratuita. — Estico-me e puxo o papel de sua mão de maneira rude. A essa altura, já não me importo em ser educada. — Estou aqui na minha, não estou incomodando ninguém.

— Mas deveria estar trabalhando. — Ele insiste, fazendo um bico que o deixa parecido com uma criança grande.

— Eu não entro na sua sala dizendo como deve fazer o seu trabalho, então faça o favor de me deixar fazer o meu em paz.

Empertigo-me, pronta para a próxima resposta malcriada de sua parte — provavelmente me recordando de que eu muitas vezes lhe digo como deve fazer as coisas —, mas Caio apenas bufa e sai, mais uma vez batendo o pé.

Fico estagnada ali, tentando digerir mais essa interação. Como é possível que um cara tão lindo possa ser tão grosseiro e tão inconveniente? Como é possível que eu ainda o ache lindo depois disso que acabou de acontecer? Só posso estar louca.

— Ele acabou de alcançar um novo nível. — Suellen aparece na porta, segurando o riso.

— Você ouviu isso? — Levo às mãos à cintura, inconformada. — Não sei qual é o problema dele comigo. Nunca fiz nada que lhe desse motivo para me tratar assim.

— Eu sei o motivo. — Um sorrisinho debochado dança em seus lábios.

— Sabe?

— Ciúmes.

— De quem?

— De você, é claro. — Revira os olhos, como se eu fosse uma tapada por não entender aonde ela quer chegar com isso. — Que pergunta.

— Você surtou, Suellen? — Sem perceber, o tom de minha voz sai mais alto e mais agudo que de costume.

— Você que não quer enxergar. — Ela dá de ombros, como se não estivesse falando uma grande bobagem. — Caio está apaixonado por você. Por isso está chateado que você está saindo com o juiz bonito.

— Volte a trabalhar, Suellen. E talvez seja bom ver se não está com febre, porque parece que você está delirando.

— Não tem problema se você não quer acreditar. — Ela sai da minha sala rindo. — Não deixa de ser verdade. Ele está caidinho por você.

Era só o que me faltava: Caio apaixonado por mim! Ha, ha! Ele

nem ao menos gosta de mim, nunca gostou.

Mesmo tendo certeza de que Suellen está equivocada, volto à minha mesa pensando nessa possibilidade absurda. Porque se ele realmente sentisse a menor simpatia que fosse por mim, jamais seria grosseiro como insiste em ser cada vez que somos obrigados a interagir.

Mas, e se for verdade?

Ele é um cara atraente, que me chamou a atenção desde o instante em que o conheci. Não é desses homens viciados em academia, mas é grande e forte, com um rosto perfeito e olhos azuis que chamam a atenção. No entanto nunca passou disto: atração. Porque ele é o meu chefe e, principalmente, porque tenho certeza de que não me suporta. E por isso essa suposição de Suellen é absurda e eu tenho de focar no que realmente importa: no meu trabalho, e no juiz gostoso que está disposto a me consolar.



Quando chego em casa, sou recebida por uma Manuela eufórica com a mudança. Ela me conta sobre o quarto que o pai montou, sua cama nova e o monte de brinquedos que tem lá. Tudo isso enquanto eu repito a mim mesma que ela está feliz e é tudo o que importa, mesmo que eu esteja me sentindo miserável porque elas vão embora e eu ficarei sozinha.

— Mamãe me explicou que você não vai poder ir com a gente, titia. — Ela faz aquele biquinho que sempre me desmonta.

— Não, amor. Mas você vai ter uma mamãe e um papai morando na mesma casa. Isso não é bom?

— É. — Ela para por um segundo, pensando, o dedinho batendo no queixo. — Mas eu não queria te deixar aqui sozinha.

— Eu vou ficar bem, amor. — Consolo-a, mesmo que eu não tenha certeza disso. — E você pode me visitar sempre.

— E você também pode me visitar! — Um sorriso se abre em seu rostinho lindo. — Eu deixo você dormir na minha cama.

— E onde você vai dormir?

— Na cama da mamãe, ué!

Não a contrario porque esse não é o meu papel. Cabe à minha irmã explicar as mudanças pelas quais a vida da minha pequena irá passar.

— Mel, precisei pegar as suas malas, mas depois eu trago de volta. — Rosália se junta a nós no sofá, sentando-se ao lado da filha.

— Não tem problema. Não pretendo viajar tão cedo. — Nem me lembro a última vez que saí de São Paulo. A última ocasião em que usei essas malas foi para sair da casa dos meus pais, cinco anos atrás.

— Eu comprei aquele vinho que você gosta. — Ela me cutuca, chamando minha atenção. — Pensei em pedir uma pizza.

— Pode ser... — respondo sem muita vontade.

— Ou qualquer coisa que você quiser. — Rosália se esforça perante o meu desânimo, enquanto Manuela olha de uma para a outra, observando nossa estranha interação. — É por minha conta hoje.

— Pizza está bom.

— Tudo bem. — Ela faz menção de se levantar, mas acaba no mesmo lugar. — Irmã, eu te amo muito.

— Eu também te amo — respondo sem fitá-la, segurando as lágrimas que ameaçam cair.

Rosália segura meu rosto entre suas mãos e me obriga a encará-la.

— Você sempre foi o meu modelo, a minha fortaleza. — Seus olhos começam a brilhar como os meus. — Se Manu e eu estamos bem hoje é por sua causa. — Concordo com a cabeça, incapaz de falar nada. — Nós vamos estar em casas diferentes, mas estaremos juntas como sempre. Você não vai se livrar de mim tão fácil. Sou sua irmãzinha, sempre vou precisar de você.

Concordo mais uma vez e ela beija meu rosto, enquanto Manu, sentada entre nós, abraça a minha cintura, e não tenho certeza se ela está entendendo por que estamos as duas choramingando.

O nosso momento é interrompido com o toque do meu celular.

— Deve ser o juiz. — Rosália ri, secando os olhos.

— É ele. — Pego o aparelho da bolsa que deixei no chão quando cheguei.

— Atende logo. Não deixa o bonitão esperando.

Corro para o banheiro, o único lugar onde consigo privacidade neste apartamento. Logo a situação mudará e eu o terei inteiro para mim. E pensar nisso me deixa ainda mais para baixo. Estou feliz por finalmente ter um homem incrível em minha vida, mas o fato de ele morar em outra cidade está pesando muito no momento.

— Como você está, linda? — Ele pergunta assim que o seu rosto preenche a tela.

— Bem.

— Não precisa mentir para mim. — Seu jeito sempre tranquilo me deixa mais à vontade. — Comigo você pode ser sincera sempre.

Respiro fundo antes de cochichar, para que nenhuma das duas me ouça:

— Estou triste, Henrique. Porque a minha irmã vai embora amanhã. Eu vou ficar sozinha.

— Não vai ficar sozinha, porque vou estar aí com você.

— Vai se mudar para cá? — pergunto, provocando-o, porque já sei a resposta.

— Não. — Ele ri. — Mas pretendo visitá-la amanhã.

— Você vem mesmo?

Não tínhamos combinado nada, mas a ideia de vê-lo novamente já me deixa um pouco mais animada.

— Sim. Acha que vai estar livre na hora do almoço?

— Acho que sim. Cléber vai passar aqui de manhã para buscá-las, junto com as malas que faltam.

— Tudo bem. Eu te pego e a gente vai dar uma volta, almoçar em um lugar legal. O que você acha?

— Acho uma ótima ideia. — Um pequeno sorriso se forma em meu rosto pela perspectiva da sua companhia.

— Perfeito. — Ele aproxima mais o rosto da tela. — Estou com saudade da sua boa gostosa.

— Só da boca? — Deixo-me entrar no seu jogo, feliz pela distração.

— Vou te mostrar como estou sentindo falta de cada parte do seu corpo amanhã. — Sua voz se torna mais rouca, demonstrando sua excitação.

— Isso é uma promessa?

— Pode ter certeza.

— Tia! — O gritinho acompanha as pancadas na porta do banheiro. — O que você está fazendo aí?

— Acho que o nosso tempo acabou. — Henrique está gargalhando do outro lado.

— Sim. Tenho que aproveitar a última noite das meninas. Não sei quando voltaremos a ter outra oportunidade como essa.

— Vai lá. A gente se vê amanhã.

— Tá bom.

— Beijo, linda.

— Beijo.

Desligo o telefone me sentindo um pouco mais leve. E pronta para enfrentar a noite de despedida.



— Chegou a hora! — Rosália está empolgada, mesmo que ainda pouco receosa com a minha reação.

— Pois é. — Tento sorrir, para acompanhar seu entusiasmo. Estou tentando me mostrar feliz por ela, mas confesso que está sendo mais difícil do que eu imaginei.

— Você finalmente vai ter a cama de casal para você. E tenho certeza de que vai fazer bom proveito dela, não é mesmo? — Ergue as sobrancelhas de maneira sugestiva e consegue me arrancar a primeira risada sincera do dia.

— Talvez... — Dou de ombros, como se não tivesse pensado nisso antes. É a única vantagem em toda essa história de mudança.

— E o guarda-roupa inteiro para completar com umas roupas mais moderninhas.

Olho para o quarto já o sentindo vazio, mesmo que ela esteja deixando todos os móveis para trás e levando apenas suas coisas pessoais. Seu namorado fez questão de montar a casa inteira do zero para eles.

— Se quiser, posso pedir para o Cléber desmontar a cama de solteiro e procuro uma instituição para doar. Assim você fica com mais espaço no quarto. — Ela me abraça de lado quando não digo nada.

— Não. — Seguro a sua mão, mantendo o nosso contato. — Quero deixar a cama para quando a Manu vier dormir aqui comigo.

— É uma ótima ideia, irmã. — Ela concorda, de maneira condescendente. Ficamos em silêncio por algum tempo, cada uma com seus próprios pensamentos, antes que ela volte a falar: — Fico feliz que

ao menos agora você tenha um namorado.

— Ele ainda não é meu namorado. — Solto-me dela e me sento sobre a minha nova cama, encostando-me na cabeceira. Ela se senta ao meu lado. — E mora a cem quilômetros de distância daqui.

— Mas está disposto a te visitar.

— Isso é.

— Vai ser bom você ter a sua privacidade, Mel. Agora vai precisar disso mais do nunca.

Apenas concordo, porque sei que essa linha de raciocínio a deixa mais tranquila. Não quero que minha irmã se sinta culpada por estar seguindo com a sua vida.

— Rosa? — Cléber bate à porta entreaberta.

— Pode entrar.

— Já tá tudo no carro. Cê tá pronta?

— Sim.

Nos levantamos e o seguimos até a sala, onde Manuela os aguarda, segurando seu ursinho de pelúcia e uma boneca de pano, seu segundo brinquedo favorito, feito pela mãe.

— Vamos embora, pequena?

— Vamos! — Ela pula feliz, antes de correr em minha direção. — Tia, vou deixar a Maria aqui com você, pra te fazer companhia.

Agacho-me para ficar da sua altura e aceitar a boneca que me entrega, comovida com o seu gesto.

— Mas você não vai sentir falta da Maria? — Passo os dedos pelo seu rostinho macio, colocando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha, já morrendo de saudades do meu bebê.

— Eu venho visitar ela sempre! — responde com a firmeza de quem já pensou sobre o assunto.

— E nós vamos estar te esperando aqui. Sempre!

Abro os braços e ela se joga no meu colo. Aperto-a, espalhando beijos pelo seu rosto, provocando suas risadas.

— Você quer que eu espere o Henrique chegar? — Minha irmã questiona quando me separo de minha sobrinha.

— Não. Está tudo bem. Podem ir.

— Tchau, irmã. A gente se fala mais tarde.

Aceito o braço que me oferece, segurando-a por um tempo.

— Que Deus te abençoe e que você seja feliz como merece.

— Obrigada. — Agora é ela quem está chorando. — Você também merece ser feliz. — Ela se afasta e leva as mãos ao meu rosto. — Você merece toda a felicidade do mundo.

Concordo com um menear e aceito o beijo em minha bochecha. Ela recolhe sua bolsa e a mochila de Manuela e os três se despedem com um aceno.

Assim que a porta é fechada, o apartamento parece vazio demais, o silêncio opressivo demais. Esta é a minha nova realidade, preciso me acostumar a estar sozinha.

Mesmo que Henrique esteja prestes a chegar, a distração será por apenas dois dias. E volto a estar por minha conta novamente.



Trabalho ainda é a melhor distração que tenho no momento. Passar o dia inteiro em um set de filmagem me deixa exausto o bastante para chegar em casa, comer, tomar um banho e desmaiar de cansaço até o dia seguinte.

Confesso que está sendo um tanto estranho trabalhar lado a lado com Cristina esses dias, principalmente porque Diego não está conosco. Fico a observando, esperando o momento em que vai surtar de novo, mas ela parece mais calma agora. Pela frequência como, inconscientemente, leva a mão à barriga de maneira protetora, acredito que já aceitou essa nova gravidez. E mesmo que seu semblante demonstre preocupação de vez em quando, há também um brilho em seus olhos que a deixa mais bonita. Impossível não me perguntar se eu seria capaz de colocar esse mesmo brilho ali, de ser responsável pela felicidade que ela sente.

Mesmo que a gente tenha se envolvido no passado, eu nunca tive uma chance de verdade. Cristina só amou um homem nessa vida, e esse homem é o meu melhor amigo. E acredito o que mesmo vale para ele.

E, de qualquer maneira, eu nunca fui o homem certo para Cris. Ela sempre desejou ser mãe, ter uma família, e eu não sei se sou capaz disso. Diferente deles, não tive o melhor exemplo em casa. Meus pais brigavam por qualquer motivo e passei grande parte da minha infância

fazendo de conta que não ouvia os gritos. Eles só se separaram quando eu já era adolescente. Meu pai sumiu no mundo. Parece que, ao deixar de ser marido, também deixou de ser pai, então simplesmente se esqueceu que eu existo. Já a minha mãe, esta sempre tentou fazer o certo por mim. O problema é que nem sempre foi o bastante. Acabou se envolvendo com alguns homens no decorrer dos anos que nem sempre fizeram bem a ela ou a mim. O mais engraçado é que o único cara que eu achei que não ficaria é justamente aquele com quem ela está até hoje.

E, mesmo sabendo que não era o certo para Cris, acabei me envolvendo. Cristina foi a única mulher por quem eu senti algo além de atração; acredito que me apaixonei de verdade. E doeu quando ela disse que nós éramos melhores como amigos. Na época eu simplesmente concordei, porque não havia mais nada a ser dito. Eu não era capaz de convencê-la do contrário, não sabendo que ela nunca sentiria por mim o que sentia por Diego. Então eu engoli o meu orgulho para mantermos a nossa amizade. Não me arrependo, depois da minha mãe, os dois são as pessoas que mais amo em minha vida e não me imagino longe deles. Mesmo assim, é impossível não fantasiar vez ou outra como as nossas vidas poderiam ter seguido rumos diferentes.

Esse tipo de pensamento tem cruzado a minha mente com mais frequência ultimamente. E não só em relação ao que poderia ter sido, mas também em relação ao que pode ser daqui para frente. Às vezes me sinto perdido. Como se a vida de todos ao meu redor seguisse evoluindo e eu me encontrasse estacionado no mesmo lugar, vivendo a mesma vida de vinte anos atrás. E ainda tem a questão da Amélia ameaçando me tirar o sono.

Passamos uma semana inteira fazendo captações na fábrica de

massas, então não pisei na produtora. Só passei por lá na sexta-feira, para buscar alguns arquivos para uma reunião de última hora. Aproveitei para deixar uma nota fiscal com Amélia e acabei me arrependendo em seguida. Mesmo tentando me enganar, senti falta de ver seu rosto nesses dias e usei o pedaço de papel como desculpa. Irritou-me vê-la suspirando ao trocar mensagens com o juiz. Fui grosseiro mais uma vez, e me arrependo muito, porque a mulher não tem culpa da bagunça que anda a minha cabeça ultimamente.

E a merda é que agora até Amélia está em um relacionamento. Ela trabalha aqui há mais de um ano e nunca ouvi nada a respeito de nenhum namorado. Acho que nunca fiz questão de saber. Me agradava pensar que, se eu não podia transar com ela, ao menos Amélia não estava transando com mais ninguém. Eu sei, sou um completo idiota, principalmente porque eu continuei saindo com quem eu queria. E o fato de ela por fim ter arrumado alguém não deveria me importar o mínimo, mas me importa. Incomoda-me muito imaginá-la nos braços de outro cara, principalmente quando só consigo sonhar com ela em minha cama. E já foram muitos sonhos eróticos tendo Amélia como protagonista. E algumas punhetas em homenagem a ela.

Eu poderia ter me entretido com Luana, que se insinuou para mim durante todo o tempo em que estivemos gravando. Eu sempre tive vontade de ficar com ela, mas na época em que convivíamos, a mulher era ligadona no Diego e nunca me deu moral. Parece que a situação mudou, mas, enquanto estivermos trabalhando juntos, não posso fazer nada a respeito. Prometi a mim mesmo — e à Cristina — que não voltaria a misturar as coisas. Meu trabalho é a única coisa certa que tenho em minha vida, não posso colocar isso em risco.

É claro que tenho outras opções em minha agenda. Joice seria a mais viável no momento. Ela é muito mais nova do que eu, mas isso nunca foi um problema para mim. Dezesete anos, para ser mais preciso. Não, essa é a diferença de idade! Ela já tem vinte e dois anos, recém-formada em Pedagogia, atualmente professora do pré-primário.

E ela parece até gostar dessa diferença de idade entre nós. Aprecia ainda mais a minha experiência, já que consigo fazer com ela coisas que os homens da sua idade muitas vezes nem conhecem ainda. Já saímos muitas vezes e ela chegou a passar alguns finais de semana na minha casa, para termos mais privacidade, já que ainda mora com os pais.

E justamente por ser novinha, Joice não está a fim de compromisso. E é por isso que seria a melhor companhia para eu relaxar depois de uma semana exaustiva de trabalho — e da irritação que passei com Amélia ontem. No entanto, nossos últimos encontros não foram tão bons. Talvez o problema seja comigo, que já não tenho mais tanta paciência como antes. Porque apesar de ser inteligente, Joice é um tanto egocêntrica e gosta muito de falar de si mesma — o tempo todo —, e isso está se tornando cansativo. Não se cala nem na hora do sexo. Além do quê, há um certo drama com o ex-namorado da faculdade, com quem ela ainda se encontra de vez em quando, e a última coisa que preciso em minha vida é drama. E esses são os motivos pelo quais ignorei suas últimas mensagens e porque não é uma boa ideia chamá-la agora.

É sábado à noite e estou de saco cheio de ficar em casa. Já joguei videogame e já maratonei série. Preciso ver gente. E só tem um lugar onde consigo liberar minhas frustrações e confraternizar com pessoas com os mesmos gostos que eu. Não, não é nenhum clube de swing — apesar de não ser uma má ideia. Estou falando do karaokê que costumo

frequentar.

O lugar é quase a minha segunda casa, mesmo que agora, por causa do trabalho, eu venha aqui com menos frequência. Cumprimento o dono que está no caixa e pego minha ficha de consumo, antes de adentrar o salão pouco iluminado. Busco rostos conhecidos e não demoro a encontrar. Em um canto mais próximo do palco, há um grupo que conversa, enquanto um dos integrantes está no palco. Aproximo-me e sou recebido com gritos alegres — por parte das mulheres — e debochados — por parte dos homens. De idades variadas, são pessoas que conheço há muitos anos, mesmo que não haja muita intimidade entre nós. A minha relação com esse povo se resume às horas que passamos aqui e um grupo de WhatsApp criado para combinar nossas visitas a este lugar.

É claro que já saí com algumas das mulheres do grupo, mas aprendi a fazer isso de maneira discreta, para evitar qualquer climão que me obrigasse a encontrar um novo lugar para cantar.

Canto diversas músicas sozinho e algumas acompanhado dos meus colegas. Me divirto pra caralho enquanto bebo um bocado. A cada música, uma nova salva de palmas. Sei que é o mais próximo que vou chegar de me sentir um artista de verdade, mas não me importo, a sensação é realmente boa. Aqui não há preocupações com o futuro ou a necessidade constante de controlar o meu desejo por ninguém.

Finalizo uma canção do Queen e cumprimento minha audiência antes de descer do palco. No meio do salão, uma linda mulher que não estava ali antes continua batendo palmas, enquanto me aproximo ao reconhecê-la.

— Carla! Quanto tempo.

Seus cabelos loiros estão mais longos do que da última vez que a vi e já não é tão magra quanto era quando conhecemos. E isso de maneira nenhuma é um problema, pelo contrário. Apresenta novas curvas que a deixam muito mais gostosa.

— Alguns anos.

Ela me abraça, como se tivéssemos intimidade o suficiente para isso, e dá um beijo estalado no canto da minha boca, deixando bem claras suas intenções essa noite. Estou acostumado com mulheres mais novas, mas, diferente do que insinua Amélia, não tenho problemas com aquelas da mesma faixa etária que eu.

— Como você está? — Indico uma mesa ao fundo, que por milagre está vazia, e nos sentamos lado a lado para conversar.

— Estou bem. E você?

— Melhor agora que você está aqui! — Ela agita a cabeça, reprovando minha cantada, mesmo que seus lábios estejam levemente curvados em uma ameaça de riso. — Veio sozinha?

— Sim. Estava esperando encontrar companhia aqui.

— Pois encontrou! — Aponto a mim mesmo, o que lhe arranca um sorriso safado.

— E que achado! — Ela me inspeciona de cima a baixo e parece gostar do que vê.

— É estranho te ver aqui sem a Nádia. — Comento, apenas para puxar assunto.

— Por quê? — Sua expressão se fecha um pouco quando cito a

outra mulher, com quem fiquei algumas vezes, enquanto Carla ficava com Diego. Bons tempos aqueles em que conseguia arrastá-lo para cá. — Está com saudades da minha amiga?

— Só uma curiosidade — respondo na defensiva, não querendo estragar o que mal começou. — Vocês costumavam vir sempre juntas.

— É a vida, Caio. — Ela dá de ombros, parecendo mais tranquila. — O casamento da Nádia segue firme e forte. Já o meu acabou de ir pelo ralo. E o imbecil ainda está tentando tirar todo o dinheiro que pode de mim.

— E é por isso que fujo desse tipo de compromisso. — Sinalizo ao garçom para nos trazer duas vodcas com energético. — Tudo é muito lindo até não ser mais.

— Pois é. Eu estava precisando espairecer e consegui a minha primeira noite livre das crianças em semanas. — Ok, ela tem filhos, mais de um. Sem problema, isso não me afeta porque provavelmente nosso rolo não passará desta noite. — Achei que seria uma boa ideia aparecer por aqui. Estou precisando de uma distração da minha vida de merda.

— Sei bem como é isso. — Concordo, aproximando-me um pouco mais e passando um dedo pelo seu braço, sentindo-a se arrepiar com o meu contato. — Posso ser uma boa distração, se você quiser.

— Acho que não é uma má ideia.

Depois de tantos anos, não achei que ainda teria essa oportunidade, mas seu azar no amor é a minha sorte hoje. Mais uma para riscar da minha lista de fodas que pareciam impossíveis.

A distração funciona para ambos, pela hora que ficamos ali e

pelas demais que passamos na minha cama. E é melhor do que nada. Ao menos desta vez.

Capítulo 09

AMÉLIA



O silêncio se tornou insuportável para mim. Sempre que chego do trabalho ligo a TV em um canal qualquer, apenas para ouvir o barulho, para fazer de conta que não estou sozinha.

Nos primeiros dias, Rosália me chamou por vídeo e conversei com as duas, matando um pouco das saudades. Elas estão felizes e Manuela passava muito tempo tagarelando e contando as histórias de sua nova escolinha. Com o passar dos dias, as ligações foram ficando mais escassas e mais curtas. Agora, quase duas semanas depois, eu me conformei com o fato de que minha irmã está ocupada com sua própria vida, e tenho que permitir que a viva.

No trabalho, a rotina voltou ao normal, já que as gravações na fábrica terminaram na semana passada. A única coisa diferente é que Caio agora fala comigo apenas o essencial. Não há provocações, nem respostas malcriadas. Cumprimenta-me polidamente quando me vê, e é isso. Não sei se está arrependido pela nossa última interação ou se está zangado com algo.

Eu devo ser masoquista, porque não gosto dessa sua versão apática. Prefiro quando está discutindo comigo ao invés de praticamente ignorar a minha existência.

E depois da conversa com Suellen, pego-me pensando se ele

realmente pode ter algum interesse por mim. Pareço aquelas adolescentes idiotas quando descobrem que o *crush* pode estar interessado. E Caio nem é realmente um *crush*, porque nunca tive a intenção de ter nada com ele. Não mesmo.

Sei que nem deveria me preocupar com isso, mas a imaginação trabalha sozinha. Assim como o subconsciente, que anda me pregando algumas peças e me proporcionando alguns sonhos não muito decorosos. Sonhos que não seriam um problema se o protagonista fosse Henrique, mas que se tornam errados quando o homem ali comigo não é o meu atual parceiro.

Estou tentando iniciar um relacionamento com um cara legal, é nisso que preciso focar.

Tento me convencer de que tudo isso é normal. Não tenho como controlar os meus sonhos. E não ajudou nem um pouco o fato de que Henrique e eu não conseguimos nos ver no final de semana passado, porque ele tinha compromissos que não podia adiar.

Passei os dois dias trancada em casa, me sentindo abandonada. Abandonada por minha família e por meu não-namorado.

E a situação não melhorou durante semana. Não estou acostumada com a solidão, nunca precisei lidar de verdade com ela. Assisti a séries, tentei ler alguns romances — que Cris me emprestou quando descobriu que agora teria mais tempo livre — e limpei a casa mais vezes do que era necessário.

Mesmo assim, nem sempre o cansaço físico e mental foi o bastante para me fazer dormir. Rolei muito na cama, a mente fervilhando com pensamentos confusos. Rosália, Manuela, Henrique, Caio. Meu

cérebro indo de um a outro, sem cessar.

E, apesar de pensar muito nos quatro, foi Caio quem ocupou a maioria dos meus sonhos. Atribuo isso ao fato de que é o único com quem ainda tenho contato diário. Espero que a situação mude depois que reencontrar Henrique. Ele é o homem que merece ocupar os meus pensamentos e sonhos eróticos. Apenas ele.



Desço do ônibus buscando o rosto familiar. Henrique se destaca no meio da pequena rodoviária, com o seu porte físico e sorriso lindo. Corro ao seu encontro e o abraço, matando a saudade que senti.

A distância está sendo mais difícil do que imaginei que seria. E estando ali nos seus braços não tenho certeza de que a sensação maravilhosa deste momento compensa toda a angústia que sinto quando estamos afastados.

— Está pronta para conhecer o meu cantinho? — ele questiona, depois de me dar um beijo de tirar o fôlego.

— Sim.

Caminhamos até o estacionamento onde deixou seu carro. Ele parece empolgado e passa o curto trajeto até sua casa falando sobre a cidade, me mostrando pontos que considera importantes.

Saímos da zona urbana e alcançamos uma área mais rural. Em pouco minutos, Henrique para o carro em frente a um portão elegante e aciona o controle remoto. Há um pequeno caminho de pedras que conduz

a uma bonita casa no fundo do terreno. Ele havia comentado que morava em uma chácara, só não imaginei que o lugar fosse tão grande.

É tarde, e não consigo ver muitos detalhes quando desço do carro, apenas um canteiro aqui, outra árvore ali. Henrique recolhe minha mochila e se junta a mim, me conduzindo ao interior da casa, que é a coisa mais linda que já vi. Está toda iluminada e é possível notar que a sala possui uma parede inteira de vidro, permitindo a visão do jardim.

— Gostou? — Ele me abraça por trás assim que adentramos por uma porta lateral que dá acesso à cozinha.

Observo o ambiente que é muito acolhedor. A cozinha parece muito bem equipada, tipo americana, com uma abertura a conectando à sala de jantar. Há um corredor que imagino que leve aos quartos.

— Tem certeza de que você mora sozinho aqui?

— Sim. — Sinto sua risada vibrando através do meu corpo. — Não vivo sozinho na chácara, tenho muitos animais lá fora, mas aqui dentro só eu mesmo. Ao menos por enquanto.

Isso quer dizer que construiu esta casa pensando em formar uma família. Parece uma ideia muito nobre. O problema é que, por mais bonita que seja a casa, eu não me imagino vivendo aqui, nem nesta chácara e muito menos nesta cidade. Não sei aonde estamos indo com esse relacionamento, mas parece que acabei de encontrar o meu primeiro *porém*.

Que não é o bastante para me manter preocupada no momento. Henrique começa a distribuir beijos pelo meu pescoço, enquanto caminhamos abraçados pelo corredor. Passamos pela sala de estar, mas não tenho tempo de apreciar o ambiente, já que ele continua me

arrastando até que entramos no último cômodo, que descubro ser o seu quarto quando me deita sobre uma enorme cama de casal.

— Senti sua falta, gostosa.

— Também senti a sua. — Impossível não sorrir quando ele tira a camisa sem cerimônia, permitindo-me ver seu peito definido. — Vem logo, vem!

Sem pestanejar, ele tira sua calça e seus sapatos, enquanto eu arranco em um só movimento o vestido que escolhi quando passei em casa antes de vir. Em poucos segundos estamos embolados em sua cama, trocando beijos ardentes, matando a saudade que sentimos um do outro. E quando alcanço meu primeiro orgasmo, minha mente está completamente vazia de qualquer problema que eu tenha deixado lá fora.



O domingo chegou rápido demais. E com ele retornaram todas as minhas dúvidas. Porque sinto que o que estou vivendo aqui, por mais maravilhoso que seja, não se encaixa no que eu quero ou preciso para a minha vida.

Fui tratada como uma princesa. Henrique cozinhou para mim, deu-me a atenção que tanto ansiei sozinha em meu apartamento durante a semana e fizemos amor várias vezes para compensar o tempo que ficamos distantes. Esse poderia ser o começo de uma bela história de amor, não fosse pelo fato de que temos objetivos diferentes.

Dois dias foram suficientes para confirmar o quanto Henrique ama esse lugar. Ama a cidade onde nasceu, seus animais, suas plantas e o

simples fato de poder mexer na terra e cuidar de tudo isso. Ele planejou cada tijolo da casa, cada pedaço da cerca, cada canto da horta. Trabalhou muito e economizou tudo o que podia para conseguir esse pequeno pedaço de terra que chama de lar. É o seu sonho feito realidade, um sonho muito bonito, por sinal.

Estou sentada sob um guarda-sol, observando como está entretido com o canteiro de flores que circunda a casa. Uma espécie mais linda que a outra, é nítido o carinho com que cuida delas, pouco se importando com o sol escaldante do começo de tarde.

— Você quer que eu prepare um buquê para você levar? — questiona ao arrancar uma flor vermelha que não tenho ideia de como se chama e colocar sobre a minha orelha.

— Ele não chegaria muito inteiro em casa depois da viagem de ônibus. — Pego a toalhinha que deixei separada e seco o suor do seu rosto. Ainda me impressiona o quanto é bonito, sua pele escura brilhando ao sol.

— Tem razão. Talvez eu devesse separar uma muda e colocar em um vaso.

— Henrique, eu não tenho talento para cuidar de plantas. Eu matei um cacto afogado uma vez. — Ele ri e me dá um selinho, sentando-se ao meu lado na toalha estendida sobre a grama. — É melhor deixá-las aqui, estão muito melhor com você.

— Boa tarde, Henrique!

Uma voz grossa o chama do outro lado da cerca. Ele acena para o casal de vizinhos que nos observa sorridente, acenando de volta. Eles logo voltam aos seus afazeres, como se não estivéssemos ali.

— São os pais da Cristina. Comprei essa chácara principalmente por causa deles. Passei grande parte da minha adolescência no terreno ao lado, na companhia da minha amiga. Meu sonho era ter um lugar igual para mim. Onde eu pudesse levar uma vida tranquila e receber os amigos sempre que eu quisesse.

— Você gosta mesmo daqui, não é?

— Amo esse lugar. — Ele confirma a conclusão a que eu já tinha chegado mais cedo. — É o meu paraíso pessoal. E a melhor parte é que fica a apenas vinte minutos de carro do meu trabalho. Jamais conseguiria isso vivendo em São Paulo.

Concordo com a cabeça, enquanto observo o lugar, tentando vê-lo pela sua perspectiva. Há um pomar não muito distante da casa e várias galinhas com seus pintinhos ciscando pelo terreno.

— Você se imagina vivendo em um lugar assim? — Ele interrompe minha análise, fazendo com que volte meu olhar ao seu rosto.

— Passando férias, sim — respondo com sinceridade. O lugar é incrível, e ótimo para fugir por uns dias da vida agitada da capital. — Vivendo, não. Acho que estou mal-acostumada com a barulheira da cidade grande.

— Entendo. — Ele segura minha mão e a leva aos lábios, depositando um beijo carinhoso.

— Henrique, eu gosto muito de você. Muito mesmo. Mas não acho que isso vá dar certo.

— Por que, linda? — Ele faz uma carícia gostosa em minha mão que quase faz com que eu mude de ideia. Mas passei tempo demais

preocupada com os outros. Preciso pensar em mim mesma agora.

— Eu não pretendo me mudar de São Paulo, você não pretende se mudar daqui. E eu não vejo essa situação mudando tão cedo. Fiquei muito tempo sem me relacionar com alguém, não acho que um meio-relacionamento seja o que eu preciso no momento.

Eu não me imagino passando meus dias aqui, cuidando de galinhas e revirando a terra. Sou muito urbana para isso. E piora se levarmos em conta que as duas pessoas mais importantes da minha vida estão a quilômetros de distância daqui. Posso não morar no mesmo bairro de minha irmã, mas gosto de saber que estou a um Uber de distância caso ela precise de mim.

Não quero abrir mão da minha vida, e jamais permitiria que Henrique abrisse mão da sua, do seu sonho.

E qual o sentido de iniciar um relacionamento que não tem futuro?

Acho que ele não esperava por essa resposta, não depois do final de semana maravilhoso que passamos juntos. Fica me encarando alguns segundos e o silêncio me incomoda.

— Foi uma decisão muito difícil para mim, mas é complicado ter alguém e estar sozinha. Você entende o que eu quero dizer?

— Entendo, linda. Não é o que eu queria para nós, mas entendo.

— Acho que o problema sou eu. — Bufo, frustrada comigo mesma. — Eu não sei viver sozinha, nunca morei sozinha antes. Estou estranhando tudo isso. Gostaria de um companheiro que estivesse ali para mim, mais próximo. Meu apartamento parece vazio e grande demais.

Como é possível que eu ache um apartamento de um quarto grande demais?

— É tudo uma questão de perspectiva. — O sorriso está de volta em seu rosto, e fico feliz que esteja aceitando tudo isso tão bem. Odiaria que ficasse chateado comigo.

— Eu não sei. Acho que estou um pouco carente. Me desculpa, não queria jogar essa frustração em você.

— Não tem problema, Mel. Eu entendo mesmo. Também tive um pouco de dificuldades quando comecei a faculdade e saí de casa.

— Sim, mas você tinha dezoito anos. Eu tenho 31.

— A situação é difícil, não importa a idade que você tenha. Tudo é questão de costume. Uma hora você se acostuma com sua própria presença.

— Espero que sim... — Aproximo o corpo do seu e deito a cabeça em seu ombro. — Henrique, você é o cara mais incrível que eu já conheci.

— Mas...?

— Eu não posso começar um relacionamento agora só porque estou me sentindo carente e sozinha. Não é justo comigo e muito menos com você. Ando muito confusa ultimamente, acho que preciso entender primeiro os meus próprios sentimentos.

Porque se eu tivesse certeza do que temos, não estaria pensando constantemente em Caio, não é mesmo? Esta é outra questão que está me deixando muito perturbada.

— Isso é o fim? — Ele passa o braço pelo meu ombro e aproxima mais o meu corpo do seu.

— De algo que nem começou.

— Sinto muito não ser o que você esperava.

— Você é o que eu esperava...

— Só não sou o que você precisa agora.

— Infelizmente, não.

Eu não quero me apaixonar e me decepcionar depois. É melhor terminar tudo agora, antes que o “gostar” se transforme em “amar” e eu acabe me machucando mais uma vez.

— Podemos continuar a ser amigos? — Ele sussurra, beijando o meu pescoço.

— Claro. — Isso é algo com o que posso lidar. Ter amigos é bom. Uma amizade à distância não é tão sofrida quanto um namoro à distância.

— Sempre que se sentir sozinha, pode me ligar. Eu te faço companhia, mesmo que seja por videochamada.

— Você é um cara incrível, sabia?

— Eu me esforço. — Ele dá de ombros, fazendo-se de humilde. Tento me desfazer do abraço, mas ele me segura firme, depositando um selinho em meus lábios. — O que você acha de uma despedida em grande estilo?

— Eu gosto da ideia. — Abro um sorriso quando ele se posiciona sobre mim, encaixando nossos corpos. Até me esqueço de que os pais da

minha chefe podem aparecer a qualquer momento e nos pegar nessa situação.

— E enquanto você não encontrar o cara certo para você, pode continuar se divertindo com o errado aqui, sempre que eu for a São Paulo.

— Também gosto dessa ideia. — Uma risada escapa do fundo da minha garganta. — Uma amizade colorida?

— Ou um pau amigo, como você preferir.

— Você não tem jeito. — Ele me aperta, fazendo-me rir, antes de me beijar.

Passamos o resto da tarde nos revezando entre o chuveiro e o seu quarto, despedindo-nos da melhor forma possível.

Quando volto para casa no final da noite, estou sozinha de verdade. Sinto-me um pouco melancólica ao ver minha cama vazia, mas tenho a consciência tranquila de que fiz o que era certo. Não posso trocar um afeto por outro. Preciso aprender a gostar de mim mesma, a ser feliz sozinha, antes de buscar alguém que possa fazer parte da minha felicidade.



Nem sempre é uma boa ideia sair com uma mulher recém-divorciada. Porque enquanto tem aquelas que se tornam alérgicas a qualquer coisa que remeta a compromisso — o meu tipo favorito —, tem aquelas que acham que você pode ser o próximo a levá-las para o altar. E não é possível ter certeza de qual tipo você está levando para a cama quando encontra uma pelo caminho.

Falando sério, não sei qual é o problema com a Carla. Achei que tivesse deixado bem claro que eu não quero me envolver com ninguém. Nunca quis. Principalmente não com ela. Pelo amor de Deus, a mulher acabou de sair de um casamento! Como pode acreditar que algo assim pode dar certo de novo?

Era para ser apenas uma distração, mas parece que a Carla só escuta o que quer. Depois que nos encontramos no karaokê, eu acabei a levando para a minha casa. O sexo foi muito bom, não tenho do que reclamar dessa parte. O problema é que ela passou a noite por lá, e queria passar o resto do dia também. Simplesmente não queria ir embora. Preparou o café da manhã como se estivesse em seu próprio lar, e depois perguntou o que iríamos fazer para o almoço. A saída que encontrei foi convidá-la para comer em um restaurante — não sou ogro a ponto de colocar uma mulher para fora da minha casa. Sair com ela foi a solução

mais simples para resolver o problema.

Terminada a refeição, ela insistiu em dividir a conta — o que achei ótimo, sou a favor da igualdade — e me convidou para ir ao cinema. Não me lembro da última vez que fui ao cinema, muito menos acompanhado. Certeza que foi com Cristina, e não tinha a menor vontade de repetir a experiência com Carla. De modo que inventei que já tinha algo agendado com um amigo e a deixei em sua própria residência.

Acreditei que depois disso não ouviria falar dela tão cedo, que tinha captado a indireta. Mas não foi o que aconteceu. Ela me mandou mensagens todos os dias essa semana. Eu respondi, porque tento ser educado, mas começou a ficar chato. Carla veio com uma conversa de que a noite tinha sido incrível, e que deveríamos repetir logo. Que algo tão bom como o que vivemos não podia ficar por isso mesmo, que nós tínhamos futuro juntos. Fala sério! Uma noite e a mulher parece já ter se apaixonado por mim. Sei que sou bom de cama, mas não a ponto de enfeitiçar alguém desse jeito.

Tentei ser compreensivo, inventei desculpas para não ferir o seu ego, mas não foi o bastante. Tentei até mesmo usar a desculpa do “não é você, sou eu”, mas nada disso funcionou.

No final de semana, quando se ofereceu para deixar os filhos com o ex-marido para me encontrar em minha casa, tive que dizer com todas as letras que não ia mais rolar entre a gente. Delicadeza não estava funcionando, então precisei ser direto. Ela não ficou muito feliz com isso e fui mal-educado pela primeira vez ao desligar a ligação enquanto ela reclamava como eu a tinha usado. Se tem uma coisa que eu não sou é falso. Ela me conhece há bastante tempo para saber que eu sou assim.

O cúmulo foi quando eu recebi uma mensagem da Nádia questionando por que eu não estava respondendo à sua amiga. Fazia dez anos que eu não falava com ela, nós ficamos umas duas vezes na vida, e a mulher achava que tinha direito de questionar as minhas ações? Claro que a bloqueei também. O problema é que isso significa que terei de ficar um bom tempo sem aparecer no karaokê. Justamente o tipo de problema que estava evitando até agora.

E não ajuda chegar à produtora segunda-feira pela manhã e encontrar Amélia cantarolando em sua sala, imersa em sua bolha de felicidade. Não que eu tenha perdido tempo reparando nela, mas foi impossível não notar que começou a usar um pouco mais de cor em suas roupas ultimamente. Nada de chamativo, mas essa camisa rosa é algo que nunca tinha visto antes. Assim como o novo penteado, que deixa parte de seus longos cabelos soltos, alcançando a linha do seu quadril. Está mais linda que nunca. Amélia parece radiante, e me irrita saber que o juizeco é o responsável por essa felicidade. E fico ainda mais irritado por estar sentindo isso.

Não é da minha conta!

Não é da minha conta!

Não é da minha conta!

Repito diversas vezes a mim mesmo para ver se o cérebro obedece.

Mais uma vez é a risada de Suellen que me desperta e sigo para a minha sala, fugindo da recepcionista inconveniente e da confusão que a presença de Amélia desperta em mim.

Diego tinha uma reunião marcada para agora de manhã, para apresentar nossa empresa a um novo cliente em potencial. Por isso não estranho quando encontro Cristina sozinha. Cumprimento-a com um beijo na bochecha e me sento para começar a trabalhar. Preciso ocupar minha mente com trabalho. Muito melhor do que ficar pensando nas confusões em que me meto por não conseguir manter o pau dentro das calças.

Algun tempo depois, Suellen me encaminha a ligação de Gustavo, da fábrica de massas. Mesmo tendo uma reunião agendada para hoje à tarde, estranho que queira falar comigo, já que Cristina é a responsável pelo atendimento ao cliente. Aceito a ligação, apenas para descobrir se a nossa reunião ainda está de pé.

Gustavo me cumprimenta com sua animação habitual e joga um pouco de conversa fora antes de tocar no tema da reunião. Confirmamos o horário e ele pede que Aline esteja presente. Não tenho motivo para negar esse pedido, até porque é o normal um gerente de projetos participar da reunião final de aprovação. Ele parece ainda mais animado com a confirmação e logo se despede.

Sei que não é da minha conta, mas acho que terei de perguntar para Aline qual é a relação dela com o cara. Porque isso pode afetar a empresa de alguma forma. Tá legal, é porque estou morrendo de curiosidade mesmo.

— Cris, você que conhece melhor a Aline, sabe se ela já teve algum rolo com o nosso cliente, o da fábrica de massas?

— Por que você pergunta? — Cristina me fita com os olhos bem abertos, parecendo receosa.

— Porque o cara fez questão da presença dela na reunião.

— E o que você disse?

— Que não tinha problema. Afinal, ela é a responsável pelo projeto. O que eu não entendi foi por que ele ligou direto para mim e não para você.

— Porque eu já tinha dito que não tinha como garantir a presença dela. — Ela bufa, contrariada.

— Fiz algo de errado? Está acontecendo alguma coisa que eu deveria saber?

Ela suspira antes de decidir me contar o que sabe.

— Eles se conhecem desde a adolescência. Há muitas mágoas no meio da história, mas a Aline não queria vê-lo e eu estava respeitando a vontade dela.

— Sinto muito, Cris, mas não tenho como voltar atrás agora. Por mais que a situação seja complicada para Aline, não podemos prejudicar o trabalho e correr o risco de perder o cliente.

Da mesma maneira que eu sou obrigado a não misturar as coisas, Aline será obrigada a encarar as consequências dessa relação. Nada mais justo. Se ela tivesse conversado conosco sobre isso logo que o trabalho entrou na casa, Diego poderia não a ter colocado como gerente do projeto e ela estaria livre para se esconder o quanto quisesse.

— Tudo bem. — Cristina agita a cabeça e volta a atenção ao seu computador. — Tenho certeza de que ela consegue ser profissional.

— Espero que sim. — Paro por um instante, lembrando-me de

Carla. — Ele por acaso a está perseguindo?

— Não. — Cristina se apressa a responder. — Talvez sendo um pouco insistente, mas não além do normal. Não precisa se preocupar. Talvez seja bom para eles se encontrarem e tentarem resolver a situação de uma vez.

— Você acha?

— Sim. Eu sei que Aline realmente gosta do cara, só não sei direito o que aconteceu entre eles.

— Espero que se resolvam, então. O Gustavo ficou feliz pra caramba quando eu confirmei que ela vai estar na reunião. E ele pareceu ser gente boa.

— Parece mesmo, não é? — Concordo com a cabeça. — Acho tão engraçado que você não acredita em relacionamentos, mas torce para o relacionamento dos outros dar certo.

— Eu acredito em relacionamentos, eu só não me imagino em um. São coisas diferentes.

— Você só pensa assim porque ainda não encontrou a mulher certa.

— Já encontrei várias erradas, serve?

— Para se distrair, talvez. — Cristina ri, dando de ombros. O que mais gosto nela é que pode tirar sarro de mim de vez em quando, mas nunca me julgou pela maneira como levo a vida. — Mas você vai saber quando a mulher certa aparecer. Não vai conseguir pensar em nenhuma outra. E talvez até mude de ideia com relação ao compromisso do qual tanto foge.

— Vira essa boca pra lá, mulher!

— Já consigo até imaginar você com um par de meninos com a sua cara, tão fofinhos.

— Está me jogando praga, dona Cristina?

A sua gargalhada se espalha pela nossa sala e é contagiante. Acabo rindo junto com ela.

— Não é praga, Caio. É a vida.

— Melhor deixar esse assunto pra lá. Já tenho problemas demais para resolver.

— Não quero nem saber que problemas são esses, porque tenho certeza de que tem a ver com mulher.

— Você me conhece tão bem. — Dou uma piscadinha que a faz rir novamente.

— Até hoje não sei se isso é bom.

Talvez não seja mesmo, mas, como já disse, o importante é que ela nunca me julgou.



— Boa tarde, pessoal! — Cumprimento nossos funcionários assim que chegam à sala de reunião e Matheus é o único que corresponde à minha empolgação. — Antes que o cliente chegue, gostaria de dizer que vocês fizeram um excelente trabalho. Estou muito orgulhoso dos três e, principalmente, de você, Aline. Lidou muito bem com toda a equipe no

decorrer das filmagens e durante todo o processo posterior.

— Obrigada, Caio. — Ao invés de parecer animada, sua expressão mais parece uma careta. E, depois do que a Cris me explicou, finalmente compreendo seus motivos.

— Tenho certeza de que conseguiremos o contrato para o próximo semestre.

Isso faz com que ela se encolha. Sei que está chateada, mas eu estou muito feliz com esta oportunidade.

Cristina atende o telefone quando toca e pede à Amélia que traga os clientes. Em pouco tempo ela aparece, acompanhada de Gustavo e Giovanni — que continua secando sua bunda —, além de Nona Pietra, a dona da fábrica e avó de Gustavo, e Luana, protagonista da campanha e, por alguma coincidência doida, prima dele.

— Oi, pessoal! — A atriz traz um grande sorriso no rosto. Desde que a conheci, há cerca de doze anos, ela não mudou muito. Tirando as pequenas marquinhas de expressão nos cantos dos olhos, parece a mesma pessoa que invadia nossos *happy hours* levada pela prima, que era nossa colega na antiga produtora. Continua tão linda quanto antes. Sem contar que foi uma agradável surpresa trabalhar com ela. É mais talentosa do que imaginava. — Espero que vocês não se importem que eu tenha vindo, mas estava tão ansiosa em ver o trabalho pronto que convenci os meninos a me trazerem junto.

— Imagina, Luana... — Aproximo-me e a abraço, sentindo o calor do seu corpo contra o meu. — Você é sempre bem-vinda aqui.

Quando nos soltamos, reparo que Amélia nos observa, com uma cara não muito amigável e, assim que nossos olhares se encontram, ela

sai da sala batendo o pé. Não deveria, mas fico satisfeito com essa pequena ceninha. Parece que consegui tirar o sorrisinho besta do seu rosto.

Os demais se cumprimentam e Nona Pietra se emociona ao encontrar Aline. Ela abraça a senhorinha, mas volta ao seu lugar antes que Gustavo consiga se aproximar. Eu estava tão ocupado durante as captações que não notei o quanto ela é íntima da dona da fábrica, o que indica que o seu relacionamento com Gustavo durou o bastante para que tenha convivido um tempo com sua família.

A reunião transcorre de maneira bem tranquila. Nona Pietra se encanta com tudo o que apresentamos. E se emociona com os vídeos, nos quais reproduzimos uma cozinha parecida à que tem na sua casa, bem como as reuniões de família que costuma organizar.

Gustavo e Giovanni pedem pequenas alterações, mas no geral o trabalho está aprovado. É muito raro um cliente gostar de tudo assim, logo de primeira, e fico orgulhoso do trabalho da nossa equipe.

— Corrigindo esses detalhes, estaremos prontos para lançar a campanha. — Gustavo vira-se para a avó em busca de aprovação. Ela segura sua mão e a aperta, um grande sorriso no rosto. — De fato, nós gostamos tanto desses materiais que já podemos começar o planejamento para a próxima leva.

— Isso é ótimo! — Impossível conter minha empolgação e noto que Diego também está vibrando com a notícia.

Nos levantamos e, mesmo com a reunião encerrada, continuamos a discutir os detalhes para a próxima campanha. Luana é a mais empolgada, propondo várias receitas da família para os vídeos seguintes,

enquanto Nona Pietra concorda alegremente com ela. Percebo que Aline aproveita o momento de confusão para escapar da sala, sem se despedir de ninguém. Logo Gustavo inventa uma desculpa qualquer e também sai. Olho para Cristina, buscando sua opinião a respeito. Ela apenas agita a cabeça, sinalizando que devo deixar que os dois se acertem.

Ficamos mais alguns minutos conversando antes que o Giovani se despeça e saia acompanhado de Nona Pietra. Os demais também vão deixando a sala e Luana e eu ficamos por último. Ela me dá um sorriso e se aproxima, apoiando-se em meu braço.

— Agora que o trabalho está entregue, acho que podemos ter aquele encontro que você me prometeu.

— Você sabe que o projeto vai ser retomado no semestre que vem, certo?

— A gente faz de conta que não sabe disso.

— Está certo. — Concordo com um sorriso. Será outro contrato, então posso me fazer de louco e considerar que são trabalhos diferentes.

— Você já está liberado? O que acha de sairmos para beber alguma coisa?

“É uma péssima ideia”, penso, mas não digo nada. Eu deveria dar um tempo ao invés de ficar arrumando para a cabeça. O problema é quem está me fazendo o convite.

Eu sempre achei Luana linda, mas nunca tentei nada porque ela era mais uma do fã-clubes do Diego. E agora ela está aqui, disposta a passar um tempo comigo. Não posso desperdiçar essa oportunidade.

Será que é isso o que me restou? Pegar todas as mulheres que meu

amigo pegou um dia? Essa lista é grande, se fosse atrás de todas elas, acho que demoraria a me enjoar.

— Só preciso pegar minha carteira.

— Eu te espero na recepção. — Ela se aproxima e me dá um selinho, antes de me soltar e ir andando na minha frente. Observo o seu caminhar, instintivamente comparando-o com um outro, muito mais gingado e tentador. Merda, essa é a última coisa que preciso em minha mente agora.

Corro até a minha sala, recolho as minhas coisas e despeço-me dos meus sócios. Pela risada de Diego, sei que não preciso dar maiores explicações. Ele sabe exatamente por que estou saindo com tanta pressa.

Encontro Luana em uma conversa animada com Suellen, enquanto Amélia observa tudo da porta de sua sala. Tenta manter sua expressão neutra, mas a conheço bem o bastante para saber que está irritada.

— Já podemos ir, Lu! — Aproximo-me e a abraço pela cintura. Uso o apelido de propósito, para mostrar intimidade.

Observo Amélia pelo canto do olho e vejo o momento em que uma careta ocupa seu belo rosto. Preciso me controlar para não abrir um sorriso vitorioso.

Não sei por que gosto tanto de esfregar esse tipo de coisa na cara dela. Talvez seja porque noto o seu olhar julgador constantemente e isso faz com que sinta essa necessidade de demonstrar que não me importo com o que ela pensa de mim — mesmo que isso não seja totalmente verdade.

— Tchau, meninas. Foi um prazer conhecer vocês.

Ela acena e caminhamos em direção ao elevador. Para aumentar a provocação, viro-me e dou uma piscadinha para Amélia. Ela bufa e dá as costas, voltando para sua sala. E isso me deixa mais feliz do que o convite de Luana para um encontro.



A noite foi boa. Não tenho do que reclamar. Mas, deitado neste quarto de hotel, tendo Luana adormecida ao meu lado, não sinto a mesma satisfação que conseguia antes com esse tipo de encontro. Talvez esteja mesmo ficando velho. Talvez a idade esteja me transformando em um idiota sentimental. Se o sexo não for mais o bastante para me fazer feliz, estou oficialmente ferrado.

A conversa com Cristina retorna à minha mente. Essa história de que eu mudarei de ideia quanto a relacionamentos quando encontrar a mulher certa não me convence. Levando em consideração o número de mulheres com quem já saí, se a certa existisse mesmo, já não deveria ter aparecido a essa altura? E assim que concluo esse pensamento, a imagem da Amélia emburrada enquanto eu me afastava invade meus pensamentos. Logo visualizo o seu sorriso, o seu caminhar, a careta que faz quando está brigando comigo, o quanto fica linda quando está feliz. Quase consigo sentir o seu cheiro. Isso não está certo, não faz sentido. É apenas tesão unido ao fator proibido. Se a mulher certa existisse, com certeza não seria Amélia. Certeza que não.

Merda! Talvez eu esteja mesmo ferrado.

Capítulo 11

AMÉLIA



Acho que posso dizer que estou feliz. Continuo sozinha, mas fiz as pazes com a minha situação.

Eu sempre tive medo da solidão. Depois de tudo o que passei, hoje eu vejo que estar sozinha não é algo ruim, que esse tempo é justamente o que eu precisava para me encontrar na vida. Sempre vivi em função dos outros: primeiro dos meus pais, logo do meu ex-noivo e, depois, da minha irmã e da minha sobrinha. Eu sempre precisei me preocupar com mais alguém antes de pensar no que eu queria. E isso mudou.

Estou por conta própria. As minhas decisões afetam apenas a mim mesma. E é uma sensação libertadora. Agora só preciso descobrir o que eu quero para mim, construir novos sonhos para substituir aqueles que morreram quando cortei laços com meus pais.

Como disse Henrique, estou aprendendo a lidar comigo mesma. E que amigo maravilhoso ele tem se mostrado. Conversamos por videochamada algumas vezes na semana e trocamos mensagens todos os dias. É como se não tivéssemos terminado, com a diferença de que ainda não voltamos a nos encontrar pessoalmente para que ele cumpra a promessa de ser meu pau amigo.

É claro que às vezes me arrependo do término — ele é mesmo um

cara incrível, e imagino que muitas mulheres fariam de tudo para ter um parceiro como ele. Já se passaram mais de dois meses e eu sinto falta de ter alguém. E este é o problema: eu sinto falta de ter um namorado, não necessariamente de ter Henrique como namorado. Sinto falta do carinho, da cumplicidade, e do sexo, porque também sou filha de Deus.

Mas percebi que tinha razão em terminar. Na minha relação com Henrique, a amizade fala mais alto, porque ela não depende da presença física para existir. Podemos estar em países diferentes e sermos amigos, o que não seria possível se isso fosse um namoro. Esse tipo de relação demanda contato, calor, toque, algo que não se consegue através de uma videochamada.

Não voltei a sair com mais ninguém. Sou uma pessoa caseira, então não é como se fosse ficar passeando por barzinhos à procura de um cara novo, principalmente sozinha. A maioria dos amigos que tinha eram da igreja, e perdi o contato quando saí de casa, já que ninguém queria ir contra a vontade do pastor, que havia renegado suas duas filhas.

Minhas únicas opções de companhia são Aline e Camila, que parecem tão envoltas em seus próprios problemas que não acho que estejam saindo muito também.

Outra possibilidade seriam os aplicativos de relacionamento. Mas já tentei uma vez e me senti como se estivesse comprando produtos em um catálogo. Foi uma sensação estranha e desinstalei o *app* antes de dar o primeiro *match*.

Então eu estou levando as coisas com calma. Fiquei tanto tempo sem me relacionar com alguém, não tenho por que ter pressa agora. Acredito que Deus colocará o homem certo em meu caminho quando

chegar o momento. Até lá, vou cuidar de mim mesma e correr atrás do que eu quero.

— Vocês demoraram! — Escuto Suellen reclamando e saio para ver com quem ela está falando.

Encontro Aline, Camila e Matheus na recepção, provavelmente retornando do horário de almoço.

— Nós fomos almoçar no shopping — Camila explica.

— Trouxeram alguma coisa para mim? — A recepcionista cara de pau questiona, fazendo carinha de coitada. Eu cruzo os braços e me apoio no batente, observando a divertida interação deles.

— Matheus tem um par de alianças. — Aline aponta para o amigo, dando de ombros.

— Aline! — ele reclama, corando de vergonha. Acho que não era algo que deveria ser de conhecimento de todos.

— Eu te acho um gatinho, Matheus. — Suellen pisca para ele, que fica ainda mais vermelho. — Mas esse estilo nerd chique não faz o meu tipo.

— A aliança não é para você — ele responde, e não tenho certeza de que ficou ofendido pela dispensa ou satisfeito com o elogio. — Mas te trouxe um chocolate.

— Já te falei que você é o meu favorito nesta produtora? — Ela aceita o bombom que ele lhe entrega com um enorme sorriso no rosto.

Matheus também me entrega um, que aceito de bom grado. Quem é louco de recusar chocolate?

— Eu posso ver, Matheus? — Ele me olha confuso. — As alianças. Posso ver?

— Claro. — Ele tira a caixinha de veludo do bolso e a abre antes de me entregar. A seguro como se fosse um objeto precioso. Eu também já usei uma dessas, por muitos anos, e levei um tempo para me acostumar com a ausência do peso em meu dedo.

— Caio estava procurando por você, Camis. — Suellen fala de boca cheia. Parece que enfiou o doce inteiro na boca. Tem 21 anos, mas às vezes parece que tem nove.

— Ih, vai tomar bronca. — Aline lhe dá um sorriso zombeteiro.

— Deixa de ser besta, Lili. — Camila cutuca a amiga, que dá um salto, rindo.

— Aí estão vocês! — Caio interrompe a conversa e meu corpo reage à sua simples presença. Digo a mim mesma que é a abstinência. Fiquei muitos anos sem sexo, mas agora que me lembrei do quanto é bom, está me fazendo ainda mais falta. E é só por isso que o seu perfume me afeta desse jeito. E a sua voz grossa... — Camila, acha que consegue terminar a edição até amanhã no final de tarde? O cliente está ansioso e não para de me perturbar.

— Acho que sim — ela responde desanimada. Tenho notado que está mais apagadinha ultimamente e imagino que seja porque terminou com o namorado. Todo término é triste, mas, no caso dela, tenho certeza de que vai agradecer por isso no futuro. — Qualquer coisa, entro mais cedo amanhã.

— Obrigado. — Caio se vira na minha direção e seus olhos

recaem sobre o objeto que ainda estou segurando. — O que é isso? O juiz vai te pedir em casamento? — Sem delicadeza nenhuma, Caio arranca a pequena caixinha da minha mão e olha com desdém para as duas alianças. — Seu namorado poderia ter comprado algo melhorzinho, não?

— Eu não tenho um namorado. — Não sei por que sinto a necessidade de esclarecer esse fato a ele. Quando dou por mim, as palavras já saíram. Irritada comigo mesma, pego a caixinha de volta, notando um brilho em seu olhar que não consigo interpretar. — Essas lindas alianças são do Matheus, para a namorada dele.

— A namorada nova? — Caio franze a sobrancelha, encarando o jovem, que apesar de ser alto, parece se encolher sob o olhar do outro.

— Essa mesma — Aline responde, quando o amigo se mantém em silêncio.

— De novo, cara? — Caio resmunga, fazendo careta. — Já falei que não pode ficar servindo de capacho para cada mulher mais bonitinha que cruzar o seu caminho.

— Eu acho lindo o que você está fazendo, Má. — Interrompo o discurso do imbecil e devolvo as alianças a Matheus. — Se você realmente gosta dessa garota, não há problema nenhum em demonstrar isso.

— Não tem nem um mês que conhece a mina. — Caio agora se direciona a mim. — É muito cedo para ficar fazendo declarações desse tipo.

— Ao menos Matheus sabe o que quer da vida — respondo na defensiva, cruzando os braços para enfrentá-lo. Ele sempre se mostrou esse babaca, não sei por que me dou ao trabalho de argumentar com ele.

— O cara tem 24 anos. Não tem idade para saber o que quer da vida!

Estamos discutindo como se estivéssemos apenas os dois aqui. Sei que isso é uma loucura, mas já cansei de dizer que Caio é a única pessoa que consegue me tirar do sério.

— Nem todo mundo leva uma vida inteira para amadurecer, Caio!

— E você, Amélia? Sabe o que quer da vida?

Respiro fundo porque sei que ele não está mesmo interessado na resposta, só continua buscando maneiras de me provocar. Já cheguei à conclusão de que faz isso de propósito, para que eu desista deste emprego e ele possa se livrar de mim e minha “burocracia estúpida”, como gosta de chamar o meu trabalho. Mal sabe ele o quanto eu sou teimosa.

— Eu quero ser feliz — respondo com sinceridade. — Primeiro comigo mesma, depois com alguém que não tenha medo de assumir seus sentimentos. Que seja capaz de me amar incondicionalmente.

— Isso é uma fantasia! — Ele me encara, e por um instante vejo seu olhar descendo para a minha boca antes de voltar a fitar meus olhos. Será que ele já pensou em me beijar? Porque eu com certeza já pensei em beijá-lo algumas vezes, principalmente quando quero que cale a boca.

— Não, é o que pessoas normais desejam. — Obrigó-me a sustentar o seu olhar, mesmo que meu estômago esteja agitado com a sua proximidade. — E muitas encontram de primeira, outras precisam tentar algumas vezes. O importante é não desistir.

— Bobagem. Isso é o que a sociedade tenta te vender.

— Você convive diariamente com um casal que serve de exemplo para todos nós e ainda acha que isso é uma bobagem?

— Diego e Cristina são uma exceção, e Deus sabe o tanto de merda que tiveram que aguentar antes de ficarem juntos. Me diga quantos casais você conhece que realmente deram certo? Que se casaram e estão no “felizes para sempre”? E quanto tempo você acha que isso dura de verdade?

Ele não deixa de estar certo. Conheço mais relacionamentos que deram errado do que aqueles que deram certo. Nem por isso permito-me ser atingida por seu cinismo.

— E o que vocês acham de alguém que acabou de reencontrar um ex-namorado e já está disposta a assumir suas duas filhas como se fossem suas?

A pergunta de Camila me surpreende e consegue interromper a nossa discussão por um instante. Nem me lembrava que ainda estavam ali.

— Você me paga, Camila! — Aline nos dá as costas e sai, sem dar explicações, seguida de perto pelos amigos.

— Eu acho que vou buscar um café. — Suellen acompanha os demais, deixando Caio e eu sozinhos na recepção.

Nos encaramos por um tempo, a discussão esquecida. Observo sua expressão fechada, que não diminui a sua beleza. Como pode um homem tão idiota ser tão lindo? Isso não é justo mesmo.

Ele me encara de volta com a mesma intensidade antes de percorrer o meu corpo com o olhar, como fez na primeira vez que nos

vimos.

— Não sei por que eu ainda perco meu tempo com você. — Decido me afastar antes que faça alguma coisa da qual vá me arrepender depois. Nunca achei que abstinência sexual tivesse esse poder sobre a gente.

Volto para a minha sala e fecho a porta. Escuto-o reclamando do lado de fora, mas decido ignorá-lo, e logo o silêncio retorna.

Não sei onde estava com a cabeça. Eu sei o que quero da vida e, por mais que me sinta atraída por esse troglodita, sei que ele não se encaixa em meus planos de futuro.



— Você veio sozinha? — questiono ao abrir a porta do apartamento e encontrar apenas Rosália do outro lado.

— Nossa! Muito obrigada por demonstrar todo esse entusiasmo com a minha presença.

— Que bom que você veio. — Estou rindo quando a puxo para um abraço. Nem faz tanto tempo assim que nos vimos, já que damos um jeito de nos encontrar quase todos os finais de semana, nem que seja para um almoço. Mesmo assim, eu sinto muito a sua falta. — Mas poderia ter trazido a Manu com você.

— Ela vem daqui a pouco. Cléber foi dar uma volta com ela na pracinha. Eu queria conversar um pouquinho a sós com você, e Deus sabe como a minha filha é capaz de monopolizar nossa atenção.

Fecho a porta e nos acomodamos no sofá, sentadas de lado, para podermos ficar frente a frente.

— Como você está? — Ela segura minhas mãos, apoiando-as sobre suas pernas.

— Bem. — Tento soar tão animada quanto ela, mesmo que isso ainda não seja totalmente sincero. Estou tentando, mas a saudade às vezes é maior.

— E o Henrique? Você não comentou mais nada dele?

— Não deu certo.

— Como assim? — Dou de ombros, como se não fosse nada importante. Agora já não é mais mesmo. Já fiz as pazes com essa situação. — Eu sinto muito. O que aconteceu?

— Eu moro aqui e ele mora lá. Eu não pretendo me mudar para lá, ele não pretende se mudar para cá. Henrique é um cara incrível, só que a gente está em busca de coisas diferentes. Mas ainda somos amigos, nos falamos todos os dias.

— É uma pena. Ele parece saber o que fazer com todo aquele pacote.

— E sabe mesmo. — Impossível não sentir o rosto quente ao recordar os momentos que passamos juntos na cama. — Inclusive me propôs continuarmos nos vendo enquanto eu não encontro o cara certo.

— Ele quer ser o seu pau amigo?

— Usou justamente essas palavras. — Estou gargalhando, e ela logo me segue.

— Não acho que seja uma má ideia. É sempre bom ter alguém disposto a te ajudar a extravasar.

— Como o Cléber está te ajudando?

— Oh! — Ela se abana de maneira exagerada. — Aquele homem tem um fogo que você não tem ideia.

— Eu imagino, para você voltar com ele depois de tanto tempo, deve ter algo muito especial mesmo.

— Em todos os sentidos. — Ela dá uma risadinha. — Estou cada vez mais apaixonada, irmã. Ele mudou muito. É responsável no trabalho, cuida muito bem da Manu e está sendo um ótimo namorado. É muito melhor do que aquele adolescente que que era obrigado pela mãe a ir para a igreja.

— Fico muito feliz por você, Rosa. — Aperto suas mãos e lhe dou um sorriso.

— Obrigada. E por falar em igreja, eu encontrei uma perto da minha casa. Você vai gostar desse lugar, Amélia — ela diz, quando não consigo evitar uma careta. — Não é nada parecido com a igreja do papai, eu juro. O pessoal lá é mais receptivo, eles não julgam, e seguem a palavra de maneira coerente.

— Eu não sei, Rosa... — Ainda não estou convencida.

Eu cresci em uma igreja. Meu pai era pastor fundador de uma, então não conhecia outra vida que não fosse essa. Levei muitos anos para entender tudo o que havia de errado ali, e mais um tempo para conseguir me libertar. Acho que o fato de meu pai ter expulsado minha irmãzinha de casa quando ela engravidou foi o empurrão que eu precisava para

escapar dessa vida. Ali eu nunca encontrei conforto de verdade. A palavra de Deus era manipulada e usada para nos oprimir e nos fazer seguir a vontade dos homens, não a vontade Dele.

— Até o Cléber está indo comigo — ela prossegue. — E está gostando. Não o estou obrigando como sua mãe fazia. — Ela ri quando nota a minha expressão de descrença. — A pastora é uma pessoa sensata. Não somos obrigados a fazer ofertas sem fim à igreja. Cada um ajuda com o que pode, para bancar as despesas – aluguel, água, luz – e o que sobra eles empregam em um projeto de oficinas culturais para os adolescentes. A pastora nem recebe salário, tem um trabalho fixo por fora, assim como os demais obreiros.

— Isso é mesmo diferente. — Muito diferente da maneira como meu pai administrava a sua própria igreja, tirando o que podia e não podia de seus fiéis, enquanto ostentava uma vida de luxo diferente daquela que oferecia a eles. — Eu prometo que vou pensar.

— Tá bom. — Ela parece desanimada com a minha resposta vaga.

— Mas você disse que precisava falar a sós comigo. — Mudo de assunto, pois falar sobre religião ainda me incomoda. Não deixei de ser crente, já que acredito em Deus, mas deixei de acreditar nos homens que se dizem mensageiros Dele. — Era só sobre a igreja?

— Não. — Um sorriso volta imediatamente para o seu rosto.

— Fala logo, menina. — Também estou sorrindo. — Para que me deixar nessa aflição?

— Ele me pediu em casamento, Mel!

— Nossa, Rosália. — Abraço minha irmã, ainda surpresa com a

notícia. Eu não esperava por isso. — Achei que ele se contentaria com vocês morando juntos.

— Cléber quer fazer tudo certo dessa vez. — Ela desfaz nosso abraço e leva a mão à barriga, em um gesto protetor, um grande sorriso iluminando seu rosto.

— Não acredito nisso! — Solto um gritinho e ela se encolhe, talvez com medo da minha reação, já esperando pela minha bronca. Mas jamais faria isso. Posso ver o quanto está feliz, o quanto as coisas mudaram de verdade. — Vou ser tia de novo? — pergunto, um sorriso do mesmo tamanho do dela.

— E madrinha do meu casamento. — Ela ri, aliviada. — Você aceita?

— Claro que aceito, irmã. Sabe que eu faço qualquer coisa por você.

— Eu sei. — Ela começa a chorar e eu me aproximo para secar suas lágrimas, enquanto tento controlar as minhas próprias. — E eu te amo muito por isso.

— Eu também te amo, irmãzinha. — Beijo sua testa. — Para quando é a cerimônia? Sua pastora vai abençoar?

— Sim. Já conversamos com ela. Vai ser em outubro. Queremos fazer uma festa, coisa pouca, vai ser lá no salão da igreja mesmo.

— Você só arrumou uma desculpa para fazer com que eu volte a entrar em uma igreja, não é mesmo? — Levo as mãos à cintura e ela ri. — Temos quatro meses para planejar tudo, então. Não é muito tempo.

— Você vai me ajudar?

— Claro que sim. Você sabe o quanto eu gosto de lidar com essas coisas.

E é impossível não me recordar todos os planos que fiz um dia, do casamento que comecei a planejar há alguns anos. Mas essa ferida já não dói mais. Acho que foi a primeira que cicatrizou.

— Obrigada. Não sei o que seria de mim sem você.

A verdade é que sem ela em minha vida talvez eu tivesse seguido um rumo diferente. E tenho certeza de que faria parte da estatística negativa citada por Caio, porque não acho que o meu casamento teria durado para sempre. Ou talvez tivesse, mas duvido que ainda estivesse feliz com ele. Como dizem, há males que vêm para bem.



Confesso que fiquei surpreso quando Amélia afirmou que não havia um namorado. E isso é uma merda, porque o fato de saber que estava com outro fazia com que eu focasse em controlar o tesão que sinto por ela. Porque posso ser um cretino, mas nunca me meti com mulher comprometida — ao menos que eu sabia.

E agora está difícil fazer o meu cérebro entrar em acordo comigo mesmo. Porque uma parte de mim diz que esse é momento ideal para tentar uma aproximação. Já a outra parte, aquela que ainda guarda um pingão de sensatez, fica me lembrando de seu discurso sobre o que quer da vida e sobre o homem com o qual sonha. E eu sei que nunca serei capaz de ser esse homem.

Nem no sábado, um dos dois dias em que não a vejo, ela sai da minha mente. Está se tornando mesmo uma obsessão que eu não sei como curar.

Estou de saco cheio de ficar sozinho, pensando em quem não devo, então vou atrás da companhia da única mulher que nunca fica brava comigo, não importa a burrada que eu faça. Aquela que me ama, apesar dos meus defeitos.

— Que bom que se lembrou de que tem uma mãe — Dona Teresa reclama, assim que abre a porta.

— Eu sempre me lembro de você. — Aperto-a entre os meus braços, beijando o topo de sua cabeça. Ela é muito mais baixa do que eu. — A questão é que nem sempre me lembro de ligar ou aparecer.

— Você é um desnaturado, isso sim. — Ela dá um tapa em meu peito e se afasta. E o pior é que ela tem razão. A última vez que vim visitá-la já faz mais de um mês, no último Dia das Mães. Sou um filho relapso mesmo, porque moramos na mesma cidade e não a visito com frequência. Ligo várias vezes na semana, mas sei que deveria ser mais presente. — Acho que não merece que eu faça o seu prato preferido.

— Vai me fazer aquela parmegiana cheia de queijo e molho de tomate?

— Não sei se está merecendo. — Fecha a cara, mas tenho certeza de que não está falando sério.

— Não é como se você realmente sentisse a minha falta. — Dou de ombros. — Agora tem o Renato para te fazer companhia.

— Renato é meu esposo, você é meu filho. São amores completamente diferentes e você sabe disso. — Ela cruza os braços sobre o peito e faz um bico. — Eu sinto a sua falta, anjinho.

— Sente falta de lavar minhas cuecas e arrumar o meu quarto?

— Eu sinto falta de você, não da sua bagunça. — Ela gargalha e me abraça novamente. — Estou muito feliz que esteja aqui.

— Eu também, mãe.

Ela me conduz até a cozinha, onde começa a separar os ingredientes para preparar o almoço. Sento-me à mesa e a observo.

Apesar de todo o sofrimento que experimentou durante a vida, hoje parece uma mulher renovada. Prestes a fazer sessenta anos, não aparenta a idade que tem. Alguns dizem que o amor rejuvenesce, geralmente não acredito nessas baboseiras, mas com ela isso parece ter acontecido de verdade.

— Como estão as coisas? — Ela puxa assunto quando me mantenho quieto, acompanhando seus movimentos.

— Bem.

— Bem? — Confirmo com a cabeça. — Tudo certo na produtora?

— Sim. Estamos com um cliente bom agora. Acho que você vai gostar do projeto, gravamos algumas receitas de massas. Assim que os vídeos estiverem no ar eu mando para você.

— Isso é bom. Adoro macarrão. E como vai o resto?

— Cristina e Diego vão ser pais de novo.

— Isso é maravilhoso. Eles formam uma família tão bonita! — Seu olhar sonhador voltado a mim me provoca um nó na garganta. Ela não precisa falar, consigo enxergar o que está pensando. — O terceiro filho, já.

— Sim.

— Eles devem estar radiantes com a notícia.

— Agora estão. — Não há por que entrar em detalhes sobre o pequeno surto de Cristina. Isso parece que aconteceu em outra vida. — Diego é o mais empolgado, diz ter certeza de que será uma menina.

— É sempre uma emoção muito grande ver a família crescer. É

uma pena que eu não tenha podido te dar irmãos.

Talvez não fosse tão ruim ter alguém com quem compartilhar experiências. No entanto, da mesma maneira, teria sido mais uma pessoa sofrendo com o casamento de merda dos meus pais.

Dona Teresa volta a atenção ao que estava fazendo, enquanto eu permaneço imerso em meus pensamentos.

— Mãe, você em algum momento se arrependeu de ter se casado?

Ela limpa as mãos em um pano de prato e se vira para mim, observando-me atentamente. Parece pensar com cuidado no que vai me responder.

— Nunca me arrependi do meu casamento com Renato. — Seu sorriso é imenso e sei que está sendo sincera. — Ele é um homem bom, que me ama de verdade.

— E do casamento com meu pai? Você se arrepende?

— Me arrependo de ter me casado muito cedo. Acho que isso teve a ver um pouco com a minha criação, com a criação da minha mãe. Para sua avó, era normal uma adolescente se casar e sair da casa dos pais para cuidar do marido. E eu estava cega de paixão pelo seu pai, não pensei duas vezes quando ele me pediu em casamento. É claro que o nosso relacionamento não foi nenhum conto de fadas, mas mesmo assim não me arrependo, porque o traste me deu a coisa mais importante para mim nesse mundo. — Ela se aproxima e dá um beijo em minha testa, como se confirmasse que essa coisa importante sou eu.

— E valeu a pena o sofrimento?

— Cada segundo. — Ela responde com convicção. — Passaria

por tudo de novo só para ter você em minha vida.

— E você é feliz hoje?

— Que pergunta! É claro que eu sou. Tenho uma profissão que conquistei com muito sacrifício, uma família maravilhosa, um filho lindo e um marido que me ama. Não posso pedir mais da vida. Talvez alguns netos, mas você não parece muito disposto a realizar meu último desejo.

— Sabe que faço qualquer coisa por você, mas acho que esse é o único desejo que não poderei realizar. — Dou uma risada sem muito humor. Ela não é dessas mães loucas para se tornarem avós, mas isso não quer dizer que não traga o assunto à tona vez ou outra.

— É uma pena.

— Eu seria um péssimo pai.

— Não, você seria um pai maravilhoso.

— Nunca tive o melhor exemplo em casa.

— Seu pai era um imprestável. — Senta-se em frente a mim e segura minhas mãos. — Você não é nada parecido com ele. Eu vejo a maneira como se preocupa com as pessoas ao seu redor, com seus amigos, seus funcionários. E eu sei que você adora crianças. Os meninos do Diego são doidos por você.

E o pior é que ela está certa. Eu adoro mesmo crianças. Mas é fácil se divertir com os pequenos quando você não é o responsável por suas vidas. Responsabilidade sempre complica as coisas.

— É porque eles veem em mim alguém com idade mental próxima da deles.

— Deixe de falar bobagem, menino. — Ela ri, dando um tapa de leve em meu ombro. — Quando a vida precisa nos presentear com algo, ela dá um jeito de fazer as coisas acontecerem.

Não tenho ideia do que ela quer dizer com isso, mas não tenho muito tempo para pensar no assunto, pois o meu telefone toca, interrompendo a nossa conversa. Tiro o aparelho do bolso, encontrando o nome de Diego no visor.

— Aí, mãe. — Mostro o celular para ela. — É só falar no diabo que ele aparece. — Ela se levanta rindo, enquanto eu aceito a ligação. — Você sabe que hoje é sábado, não sabe?

— Claro que eu sei. — Ele nem se abala com o meu cumprimento nada delicado. — Por isso mesmo estou te ligando. Sei que está de bobeira, quer vir aqui em casa hoje à noite?

— Não estou de bobeira. Estou na casa da minha mãe.

— Finalmente, seu desnaturado. Diga a ela que estou mandando um beijo.

— Manda outro para ele. — Minha mãe fala alto, e então me dou conta de que pode ouvir toda a conversa.

— Eu vejo vocês todos os dias da semana e ainda querem que eu vá aí hoje? — Viro de costas para ela e volto a falar com meu amigo. — Por que eu faria isso?

— Porque eu também sei que você não tem nenhum lugar interessante para ir, já que está evitando o karaokê e a Carla. — Pela voz sufocada, vejo que está se controlando para segurar o riso, o muito cretino.

Não devia ter contado essa história para ele. Sabia que seria zoadado eternamente.

— Essa mulher é doida!

— Nunca fale assim de uma mulher, Caio! — Minha mãe me acerta com o pano de prato que estava usando para secar as mãos.

— Tá bom. — Faço uma careta. — Essa mulher está fora do seu juízo normal.

Meu amigo ri do outro lado da linha.

— Por isso achamos que seria uma boa ideia você vir para cá. Eu comprei umas carnes, vamos fazer um churrasco no final da tarde e você pode brincar um pouco com os meninos. Eles sentem falta do tio Caio.

— Você está querendo me usar de babá por algumas horas.

— Não é uma má ideia. Todo mundo ganha.

— Está certo! Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer.

— Esse é o espírito! — Mais uma gargalhada. — Esteja aqui às seis. E vê se traz um daqueles vinhos bons que você fica escondendo.

— Vou ver o que posso fazer. Até mais tarde.

Desligo o telefone no momento em que Renato aparece na cozinha.

— Olha quem veio almoçar com a gente! — Ele exagera no sorriso. — O meu filhão.

— Essa piada não tinha graça dez anos atrás e continua não tendo graça. — Reviro os olhos, levantando-me para cumprimentá-lo. Ouço

minha mãe rindo, ainda focada em seu trabalho.

— Caio, meu consagrado!

— Isso é ainda pior. — Gargalho e aceito a mão que me estende, apertando-a forte e retribuindo o tapinha que me dá nas costas com a outra.

Confesso que minha relação com Renato foi um tanto conturbada no começo. Imagina que você mora com sua mãe — mesmo já tendo quase 30 anos — e é a pessoa mais importante em sua vida. Aí, de repente, ela traz para casa um cara que é apenas 10 anos mais velho que você e diz que está apaixonada por ele. É claro que eu desconfiei do homem, principalmente porque ela já havia se envolvido com uns caras bem escrotos antes. Achei que Renato era apenas mais um que viria se aproveitar da bondade dela, indo embora quando não fosse mais conveniente, deixando-a de coração partido.

Mas Renato ficou. E eu descobri o quanto ele é sincero e se preocupa de verdade com ela. Eu sei que minha mãe o ama, e eu acho que a recíproca é verdadeira.

— Você deveria aparecer mais vezes, amigo. Sua mãe sente mesmo a sua falta.

— Falei isso para ele agorinha.

— E só quando você vem ela se dá ao trabalho de fazer parmegiana. — Ele cochicha para mim, como se fosse um segredo. — E eu realmente gosto de parmegiana.

— Deixa de ser falso, Renato. Eu faço sempre que você pede. — Ele se aproxima dela e dá um beijo em sua bochecha. Ao menos

controlam as demonstrações de afeto quando estou por perto. — E além disso, você cozinha muito melhor do que eu.

— Eu gosto de cozinhar, amor. É diferente. Mas também amo a sua comida.

— Obrigada.

Mais um beijo, dessa vez um selinho. Parecem envoltos em um mundo próprio, cheio de felicidade. Parece que até mesmo se esqueceram de que estou aqui. Isso me incomodaria há alguns anos, mas esse é um dos poucos aspectos da minha vida em que consegui amadurecer. Já não tenho ciúmes de minha mãe, porque sei que ela está feliz e tem tudo o que merece.

Mesmo que eu precise compartilhar minha parmegiana.



A casa nova de Diego e Cristina é bonita, mesmo não sendo gigantesca. Tem três quartos, todos suítes, uma sala espaçosa, um pequeno escritório e uma grande cozinha. O espaço do quintal é maior do que a área construída e foi o motivo por esta ter sido a eleita. Lembro que quando eles decidiram deixar o apartamento, foi muito difícil encontrar a casa ideal, visitaram várias até conseguirem encontrar a elegida. A única alteração que fizeram foi ampliar o espaço de lazer, estendendo a cobertura da área de churrasqueira e fechando parte do espaço com paredes e portas de vidro, para evitar que ficasse muito frio durante a noite. O quintal tem alguns brinquedos de parquinho, como balanços e trepa-trepa, e no verão eles montam uma piscina de plástico para os

meninos brincarem.

É uma casa boa para se criar uma família.

É um lugar onde eu jamais moraria.

— Tio Caio! — Daniel é o primeiro a me ver quando alcanço a área interna, depois de ter minha entrada liberada pelo interfone por Cristina.

O garotinho corre na minha direção e se joga em meus braços. Eu o ergo, jogando-o para cima algumas vezes antes de abraçá-lo apertado.

— Oi, Gabriel! — Encaro-o, esperando sua reação, que não demora a vir.

— Eu sou o Daniel! — O garotinho de 4 anos que puxou os traços da mãe e os olhos do pai me segura pelas bochechas, encarando-me.

— Mil desculpas! Eu jurava que você era o Gabriel!

— Eu sou o Gabriel! — O outro pequeno puxa a minha calça, chamando a atenção.

— Tem dois de vocês! — Grito quando me abaixo para pegá-lo com o braço livre, fazendo com que ambos gargalhem.

— Você trouxe alguma coisa para a gente? — Daniel pergunta, os olhinhos brilhando de expectativa.

— Chocolate. — Sussurro para que seus pais que nos observam não possam ouvir. — Mas é um segredo nosso e eu entrego depois do jantar.

— Eh! — Eles gritam e se agitam para voltar para o chão. Se fosse depender deles para manter segredo eu estava lascado.

Solto-os e ambos correm para o quintal, se pendurando no trepa-trepa.

— Você prometeu doce para eles, não foi? — Cristina se aproxima de mim e dá um beijo em minha bochecha.

— Um chocolate de nada. — Tiro a embalagem de papel do bolso da jaqueta e entrego a ela. — Essa é a graça de ser tio. Posso mimá-los o quanto eu quiser.

— Vou mandá-los dormirem na sua casa quando estiverem elétricos por causa do açúcar.

— Que nada, vocês dão conta. — Pisco para ela, que agita a cabeça e se afasta rindo em direção à cozinha, provavelmente para esconder os doces.

— Você está atrasado! — Diego resmunga quando paro ao seu lado.

— A comida já está pronta?

— Quase. — Vira alguns dos bifos que estão na churrasqueira.

— Então cheguei na hora certa.

— É muito folgado mesmo. Ao menos ajude a Cris a terminar de colocar a mesa.

— Isso eu posso fazer.

Cristina e eu arrumamos a mesa na área interna, ao lado da churrasqueira, pois o inverno mal chegou e já está bem frio lá fora. Vamos ficar todos defumados, mas ao menos estaremos aquecidos.

Quando Cris corre atrás dos meninos, para vesti-los com uma camada extra de roupas, eu fico os observando. Ela está muito mais tranquila, mais feliz, nem parece a mulher de meses atrás que estava apavorada com a ideia de ter outro filho. Sua barriga já começa a aparecer e ela parece ainda mais bonita.

— Vai ser uma menina mesmo?

— A engraçadinha não queria deixar a gente ver, ficou com as pernas cruzadas durante todo o ultrassom. — Diego me responde enquanto fatia, em uma tábua de carne, o bife que tirou do fogo. — Mas eu não aguentei mais esperar a boa vontade dela. Fizemos um exame de sangue, é mesmo uma menina. — Ele tem um enorme sorriso ao me entregar um prato.

— E tem certeza de que só tem uma lá dentro?

— Tenho. — Ele agora gargalha. — E, por favor, não repita essa pergunta para a Cris. Ela anda muito sensível e pode dizer que você está questionando isso porque ela está gorda.

— Cris não está gorda. Ela está ainda mais linda — respondo com sinceridade.

— Eu sei, mas os hormônios podem estar dificultando um pouco as coisas.

— Essa parte não deve ser muito divertida.

— Nem um pouco. Mas agora chegamos à fase boa da gravidez. Os enjoos passaram e a libido voltou. Tem dias que ela não me deixa sair do quarto. Se não fossem os meninos, passaríamos horas transando.

Por incrível que pareça, não temos muito tempo para conversar

quando estamos no trabalho. É bom ter esse tempo para colocar o papo em dia com meu melhor amigo. E esse é outro ponto em que acho que cresci. No começo era muito difícil para mim quando ele falava de seu relacionamento com a Cris. Hoje, já consigo ficar de boa. Já aceitei o fato de que são perfeitos um para o outro e eu nunca deveria ter ficado no meio.

— E mesmo tendo dois mini empata-fodas, você está feliz com a chegada de mais uma.

Sua gargalhada chama a atenção de Cristina, que está empurrando os meninos no balanço e nos olha curiosa. Eu aceno e ela agita a cabeça em negativa, sorrindo, antes de voltar a focar nos filhos.

— Os empata-fodas são a melhor coisa que aconteceu na minha vida depois da Cris.

— Vocês realmente formam uma família muito bonita. — Observo minha amiga rindo com os filhos, que gritam para que ela os empurre mais alto.

— Obrigado? — Diego me olha com uma sobrancelha erguida, provavelmente estranhando minha declaração.

— Me desculpe, minha mãe sempre me contagia com seu sentimentalismo quando vou visitá-la.

— Agora está explicado. — Ele ri, colocando mais carne no meu prato.

— Mas isso não deixa de ser verdade. Apesar de tudo o que aconteceu, eu fico muito feliz que vocês tenham se acertado e construído essa família incrível.

— Valeu. Você sabe que isso, vindo de você, significa muito para mim. — Concordo com a cabeça. — Quem sabe um dia não chega a sua vez.

— Eu aqui te elogiando e você me jogando praga? — Fecho a cara e ele começa a gargalhar da minha reação.

— Meu amigo, nessa vida há coisas que a gente planeja e coisas que o destino simplesmente nos empurra.

— Andou falando com a minha mãe depois que eu saí de lá? Porque ela também veio com essas conversas estranhas para cima de mim.

— Não. — Ele continua rindo. — Mas é assim que as coisas funcionam. Por exemplo, eu escolhi a Cristina para ser a minha parceira pelo resto da vida. Já você, a vida jogou para cima de mim e não tive escolha a não ser aceitar ser seu amigo.

— Sou uma imposição da vida. Bom saber disso!

— Não, meu amigo. — Ele coloca a mão em meu ombro e me olha com a expressão séria. — Você é mais que isso. É o irmão que eu escolhi.

— Você é ridículo! — resmungo, mas apoio a mão de volta em seu ombro.

— Estou atrapalhando o momento de vocês? — Cristina se aproxima, com os pestinhas em seu encalço.

— Não, meu amor. — Diego dá um tapa de leve em meu rosto antes de se virar para a esposa. — A carne está pronta.

Cada um serve um prato e ajuda a alimentar um dos filhos enquanto come, como uma equipe. Os meninos não param de falar, tentando chamar minha atenção e contando coisas da escolinha. É divertido ver a empolgação dos pequenos, que parecem não se cansar nunca. Não sei se eu teria energia para passar mais do que algumas horas com eles.

— Eu sou o único convidado deste ilustre churrasco? — pergunto, quando vejo Diego reabastecendo a churrasqueira depois de já ter comido.

— Betinho deve aparecer daqui a pouco. Ia esperar acabar o plantão do Rodrigo.

— E eu também chamei a Amélia, mas ela tinha um compromisso com a irmã e não tinha certeza de que conseguiria vir. — Cristina comenta como se não fosse nada de mais, enquanto dá comida para Gabriel.

— Por que você chamou a Amélia? — Sinto um aperto no peito com a possibilidade de vê-la fora do trabalho. Será que virá com aquela roupa que usava nas fotos do Instagram? Terei a oportunidade de ter aquela visão ao vivo?

— Porque ela é minha amiga, ué — Cristina franze a sobrancelha, não parecendo muito feliz com a minha pergunta. — E porque ela anda muito sozinha depois que a irmã se mudou com a sobrinha e que o rolo dela com o Henrique não deu certo.

— Você sabe o que aconteceu? — pergunto antes que consiga me controlar. Se possível, o rosto de Cris se franze ainda mais enquanto ouço a risada de Diego. — Foi ele quem terminou com ela?

— Não. Ela terminou.

— Por quê? — insisto, afoito por saber mais.

— Não sei direito. Henrique só me disse que eles optaram por continuar a serem amigos. Mas acho que ele estava muito interessado por ela.

— Então foi ela quem terminou?

— Por que o interesse, Caio? — Cristina me encara, seus olhos penetrantes parecem tentar enxergar os meus pensamentos.

— Por nada. — Dou de ombros, tentando disfarçar. — Só fiquei curioso. Imaginei que ela tivesse sido tão insuportável quanto é no trabalho e seu amigo tivesse se cansado dela.

— Eu realmente não entendo essa implicância que você tem com a pobre. — Cristina bufa e sei que consegui irritá-la. — Amélia é uma das melhores pessoas que eu conheço. Você sabe que eu te amo, mas não vou deixar você tratar mal uma convidada minha. Se ela vier, é bom você se comportar.

Hoje essa é uma garantia que não posso dar. Porque se Amélia aparece por aqui com aquela roupa ou qualquer coisa parecida, vou jogar tudo pro alto e fazer com que a nossa discussão habitual tenha um final distinto, de preferência na minha cama.

Não toco mais no assunto, mas olho para o relógio a todo momento, vendo a hora correr sem que essa mulher apareça. E nem tenho coragem de perguntar à Cristina se ela mandou alguma mensagem confirmando se vinha ou não. Pareço um adolescente com tesão e me sinto ridículo por isso. Porque mesmo que ela apareça por aqui, nada

garante que a noite tenha o final que eu gostaria que tivesse.

Por sorte, logo Roberto aparece acompanhado do esposo e da filha, e a sua presença é o bastante para ocupar a minha mente. O homem não para de falar e fazer piadas. É sempre o centro das atenções aonde quer que vá e hoje sou grato pela distração. Junte-se a isso a alegria das crianças e não vejo o tempo passar.

Somente quando dá meia-noite e os pequenos finalmente parecem desligar é que me dou conta de que Amélia não vem. E que talvez seja melhor assim.

Não! Com certeza foi melhor assim. Nada deve acontecer entre ela e eu. Nem hoje, nem nunca.

Capítulo 13

AMÉLIA



— Você está pronta?

— Um pouco nervosa.

— Eu sei que é um momento importante, mas acho que conseguiremos achar o vestido perfeito para você.

Minha irmã abre um grande sorriso enquanto eu tranco a porta do apartamento.

— Espero que sim. E que não seja muito caro, estamos tentando controlar os gastos para poder bancar a lua de mel. Eu quero muito conhecer Ilha Bela.

— Dizem que é lindo mesmo. E vocês pretendem levar a Manu junto? — questiono quando entramos no elevador.

— Essa era outra coisa sobre a qual queria falar com você. Eu sei que é pedir demais, mas, como você ainda não tirou férias, será que poderia conseguir alguns dias para ficar com ela?

— Você está falando sério? — Impossível esconder o meu entusiasmo.

— Sim. Cléber e eu nunca tivemos muito tempo para curtirmos só os dois depois que a gente reatou. Acho que essa seria uma boa

oportunidade, antes que o novo bebê chegue e aí não sobre mais tempo para nada mesmo. — Ela coloca mão sobre a barriga ainda plana.

— Está combinado. Esse vai ser o meu presente de casamento para vocês.

— Eu sei que está brincando e ainda vai me dar o jogo de panelas que eu pedi, mas nem me importo, porque é um grande presente mesmo. — Ela sorri e se apoia em meu braço, tombando a cabeça em meu ombro.

— Uma semana de férias e o jogo de panelas, não precisa se preocupar. — Estou gargalhando com a possibilidade de passar uma semana inteira com a minha pequena, mimando-a tudo o que não pude nesses últimos meses. Eu sei que ainda faltam muitas semanas para o casamento, mas é bom saber agora para me planejar. — Você se importa se eu arrumar alguma viagem ou passeio para fazer com ela?

— Claro que não, irmã. Tenho certeza de que a Manu vai adorar. Principalmente porque ela colocou na cabeça que quer viajar com a gente.

— Vou arrumar alguma coisa bem legal para fazermos juntas. Ela vai até se esquecer de vocês.

— Isso será ótimo. Por uma semana.

Ambas estamos rindo quando alcançamos a calçada e Rosária me aponta a direção a seguir.

— O Cléber sabe que você pegou o carro dele? — questiono quando ela destranca um carro que deve ter mais de vinte anos, mas está muito bem-cuidado.

— É claro que sabe. Não há segredos entre nós. — Ela entra e eu

ocupo o lugar do passageiro.

— E ele sabe que você reprovou no exame três vezes antes de conseguir a carta?

— Isso não é justo. — Faz um biquinho enquanto dá partida no carro, que engasga uma vez antes de ligar. — Você sabe que um examinador pegou birra de mim e fiz a prova com ele duas dessas vezes. E na terceira eu fiquei tão nervosa que acabei subindo na calçada ao estacionar. Mas eu consegui na quarta vez.

— Ainda bem, né?

— E estou com bastante prática agora. — Nos enfiamos no trânsito e noto que o que ela diz é verdade. — Faz diferença termos um carro para praticar.

— Com certeza. — Eu fiz questão de que Rosália tirasse a carteira de motorista apenas se por acaso precisássemos. Infelizmente nunca tivemos condições de ter um carro enquanto morávamos juntas. Fico feliz que esteja sendo útil agora. — Quais são os planos?

— Nós vamos até a Rua das Noivas, no Bom Retiro. Uma amiga da igreja me deu o endereço de uma loja que tem uns vestidos lindos e bem em conta. E depois podemos ir almoçar na minha casa. Cléber prometeu cozinhar se você aceitasse o convite.

— E desde quando seu namorado cozinha?

— Ele está se esforçando. — Rosália ri. — Mas eu prometo que se a comida ficar muito ruim, eu peço uma massa para a gente.

— Se é assim, eu aceito.

O meu telefone toca, avisando de uma mensagem. Pego-o em minha bolsa e fico surpresa ao ver o nome na tela.

— Quem é? — Minha irmã curiosa aproveita que paramos em um semáforo para tentar espiar meu celular.

— Cristina. Está me convidando para um churrasco de última hora em sua casa hoje à noite.

— A sua chefe? — Concordo com a cabeça. — Eu gosto dela. Parece ser uma boa pessoa.

— E é. Uma boa amiga também.

— Acho que você deveria ir.

— Eu não sei... — Leio mais uma vez a mensagem, conferindo a hora marcada. — É quase certeza de que Caio vai estar lá. Não acho que seja uma boa ideia.

— Acho que é uma ótima ideia. Você precisa sair mais de casa, irmã.

— E o que estamos fazendo agora?

— Você está apenas cumprindo sua obrigação de madrinha. Além disso, você e Caio precisam acabar com essa tensão estranha entre vocês. Dá logo uns pegos no cara e resolve isso.

— E você acha que “dar uns pegos” em meu chefe vai resolver o meu problema?

— Talvez. — Ela dá de ombros.

— Suellen disse que ele está interessado em mim, mas não acho

que isso seja verdade.

— Eu tenho certeza de que ele está interessado em você há muito tempo. Agora resta saber o que você sente por ele.

— Eu sei lá! O cara é lindo e me atrai pra caramba, não tenho como negar isso.

— Então qual é o problema? — Ela insiste, arregalando os olhos.

— Primeiro que ele é meu chefe.

— Isso não é um grande problema se for consensual, acontece o tempo todo...

— Segundo que ele é um idiota. — Interrompo-a, expondo meus motivos para me manter longe de Caio. — Implica comigo o tempo todo, está sempre arrumando motivos para discussão, gosta de me provocar, fala mal da maneira como me visto.

— Ele só quer chamar sua atenção, fica arrumando motivos para interagir com você. Isso é óbvio.

— É assim que você explica a implicância que ele tem comigo? Ele só quer chamar a minha atenção?

— Alguns homens se esquecem de crescer e, pelo que você me contou, Caio parece ser um desses. — Dá mais uma vez de ombros, como se não fosse grande coisa. — Alguns conseguem mudar e se tornarem bons parceiros. Outros não mudam nunca e a gente parte para o próximo. É assim que funcionam as relações humanas.

— Eu terminei com Henrique porque nossa relação não tinha futuro por causa da distância. Já com Caio, não há chance nem mesmo de

ter uma relação. Duvido até mesmo que ele saiba o que é isso.

— Irmã, não estou falando que você precisa se casar com ele — ela insiste. — Eu sei que você sonha com isso, mas nem todo homem com quem você se envolve precisa ser um pretendente em potencial.

— Qual o objetivo de se envolver com alguém se não há a possibilidade de algo mais?

— Aliviar tensão — responde, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Eu sempre tive certeza de que Cléber era o homem da minha vida. Isso não significa que eu fiquei quatro anos esperando que ele tomasse vergonha na cara e resolvesse agir como um homem. Pode ter certeza de que aliviei muito a tensão por aí.

Dou uma gargalhada da maneira como fala. Nem parece que tivemos a mesma educação, tão diferente é a nossa maneira de pensar. A essa altura, não adianta explicar que já tentei fazer isso algumas vezes e minha consciência sempre me cobrou depois. É capaz de ainda receber uma bronca da minha caçula.

— De qualquer maneira, não temos como ter certeza do futuro. As pessoas mudam, os objetivos mudam. Eu era uma mãe solteira aproveitando a vida. Agora sou uma mulher comprometida, prestes a aumentar minha família. Nada garante que as coisas entre você e Caio possam ir além de uma noite. Do mesmo jeito, não temos como saber se não pode ser algo mais do que isso.

Ficamos por um tempo em silêncio, enquanto eu reflito sobre o que ela me falou.

O que eu sinto realmente por Caio? Tensão? Com certeza. Sempre que ele está por perto, sinto aquela pressão gostosa no baixo-ventre. A

quem estou tentando enganar? Basta sentir o seu cheiro ou ouvir a sua voz que meu corpo já reage. Eu sinto muito tesão por ele desde que o conheço, não tenho como negar essa verdade. Ele é um cara bonito, afinal de contas. Não é desses viciados por academia, mas o fato de ser grande o torna bem atraente, ao menos para mim. Suas mãos são enormes — sim, eu já perdi tempo reparando nisso — e por algumas vezes já pensei no que elas seriam capazes de fazer se tocassem meu corpo. Seus olhos são lindos e combinam perfeitamente com as suas bochechas redondas, lhe dando aquele ar de menino travesso apesar da idade.

O problema é que ele é um idiota irritante. E esse fato é difícil de superar. Por isso é melhor me manter afastada o máximo que puder, para impedir que meus hormônios falem mais alto que minha razão.

Pego o telefone e digito uma mensagem para Cristina.

— O que você respondeu? — minha irmã questiona, enquanto para com o carro em um estacionamento.

— Que tenho um compromisso com você e apareço por lá se der tempo.

— É melhor que nada. Isso te dá mais um tempinho para pensar no que eu te falei. E aceitar de vez o convite.

Agito a cabeça em negativa e desço do carro. Tenho quase certeza da minha resposta, mas não digo nada.

A nossa manhã é bem divertida. Passeamos por algumas lojas mais refinadas, admirando os lindos modelos que nunca teríamos condições de bancar, antes de ir até à que sua amiga indicou. Eu não sou fã de provar roupas diferentes, mas minha irmã é apaixonada por isso. Experimenta diversos vestidos, um mais extravagante do que o outro,

alguns um tanto caros, mesmo sabendo que não teria condições de comprar. Eu deixo que faça o que quer, porque esse é o seu momento.

Eu não passei por essa experiência quando estava organizando o meu casamento com meu ex. E hoje agradeço a Deus por tê-lo enrolado tanto para marcar a data da cerimônia. Não sei se teria sido capaz de deixá-lo se nós já estivéssemos casados na época em que me desentendi com meus pais. Minha vida talvez fosse totalmente diferente do que é hoje e, apesar de tudo, gosto muito da vida que tenho.

— É esse! — A voz empolgada de Rosália me desperta das minhas recordações.

Minha irmã está parada em frente ao espelho, observando o vestido que ficou perfeito em seu corpo. É um modelo tomara que caia bem simples, com o busto rendado e uma saia de dupla camada em um tecido leve que escorre pelo seu corpo, e que com certeza se adaptará à sua barriga que estará evidente no dia da cerimônia. Diferente do que achei que buscava, não é branco, e sim champanhe.

— O que achou, irmã? — Vira-se na minha direção, um imenso sorriso em seu rosto.

— Você está linda. — Levanto-me do banco onde estava acomodada e me aproximo dela, segurando sua mão e a fazendo dar uma voltinha, arrancando-lhe uma gargalhada de felicidade. — Vai ser a noiva mais linda que aquela igreja já viu.

— Obrigada, Mel. — Ela me abraça e beija meu rosto, os olhos brilhantes de emoção. — Nada disso estaria acontecendo se não fosse por você.

— Mas eu não fiz nada.

— Você ficou do meu lado quando eu mais precisei. Lutou por mim quando eu mesma não podia. — Ela começa a chorar, e seco suas lágrimas, tentando me controlar para não desmanchar também. — Eu sou a pessoa mais sortuda do mundo por ter uma irmã como você.

— Sou eu quem tenho sorte de ter você e a Manu na minha vida, Rosinha. — Beijo seu rosto e a abraço enquanto ela se acalma. — É melhor tiramos esse vestido para que você não o deixe molhado de lágrimas antes da hora.

— Tem razão. — Ela ri quando se afasta de mim. — São os hormônios, não tenho culpa. O que você acha de escolhermos o seu vestido também?

Só saímos da loja depois de Rosália ter me feito escolher um vestido rosa, de acordo com ela “para atrair o amor para a minha vida”. Tento argumentar que essas tradições são para o Ano-Novo, mas ela diz que é a noiva e tenho que fazer suas vontades. E, como sempre, eu faço.



Rosália estaciona o carro em frente à casinha que Cléber alugou para eles. Já vim aqui algumas vezes e acho o lugar bem bonitinho. São várias casinhas iguais, uma ao lado da outra, com garagens pequenas para apenas um carro. A da minha irmã nem mesmo é coberta, mas isso não parece incomodar nenhum dos dois. A rua é tranquila, principalmente por estar longe da avenida principal do bairro, e já vi as crianças aproveitando a ausência de veículos para jogar bola.

Descemos do carro e logo uma vizinha vem até a minha irmã.

Elas começam a conversar sobre uma encomenda, Rosália empolgada por oferecer seu trabalho. Eu a observo, orgulhosa de ver o quanto minha irmãzinha cresceu, feliz por saber que está batalhando pela sua família.

De repente, uma sensação estranha me domina. Aquela sensação esquisita de quando há alguém te observando. Olho para todos os lados, mas não vejo nada de estranho. A rua está bem vazia, por ser horário de almoço, as pessoas devem estar dentro de casa, ocupadas com a refeição. Há alguns carros estacionados, mas não parece haver ninguém no volante.

— Titia! — A voz de minha sobrinha chama a minha atenção e me viro para vê-la correndo pela garagem e abrindo o portão para se jogar no meu colo.

— Meu amor, que saudades! — Eu a aperto e encho de beijos enquanto ela gargalha.

— Eu ajudei o papai a fazer o almoço — ela diz, fitando meu rosto.

— É mesmo? — Ela concorda com a cabeça. — E o que temos de bom para hoje?

— Bife e batata frita.

— Parece bom mesmo. — Sorrio perante a sua empolgação com um prato tão simples.

Minha irmã se despede da vizinha e pega a filha no colo, dando-lhe um beijo estalado na bochecha. Eu as acompanho para o interior da residência e, ao me virar para fechar o portão, noto um dos carros que antes estava estacionado passando bem devagar pela rua. O homem ao

volante me encara fixamente, e sinto um arrepio percorrer o meu corpo. Um sentimento ruim que não some quando o carro sai do meu campo de visão.



— Conseguiram encontrar o vestido? — questiona Cléber assim que Rosália se aproxima para lhe dar um beijo.

— Sim, amor. E ele é lindo.

— Onde está? — Ele procura pela sacola e acena para mim quando nota minha presença. — Olá, Amélia.

— Oi. — Aceno de volta.

— Ficou na loja, para ajustarem a barra — Rosália explica. — Mas eu fiquei de buscar somente umas duas semanas antes, para ter certeza de que não vamos precisar ajustar por causa do bebê. — Ela mais uma vez leva a mão à barriga.

— Que pena. Eu queria ver.

— Você não pode ver antes do casamento — protesta minha irmã.

— Eu não acredito nessas bobagens, amor. Você sabe disso. — Ele mexe no fogão, virando os bifos que prepara. — Não tirou nem uma foto?

— É claro que tirei — ela responde empolgada e tira o celular do bolso para lhe mostrar a foto que fiz antes que ela trocasse de roupa. Acabo rindo de sua impulsividade.

— É mesmo muito lindo, amor. — Cléber beija a testa de minha irmã de maneira carinhosa.

Fico emocionada em ver o quanto aquele moleque irresponsável que conheci mudou a ponto de se tornar esse marido atencioso. Talvez minha irmã tenha razão. Algumas pessoas podem mudar, podem crescer.

Depois do almoço, que estava melhor do que eu esperava, passo a tarde brincando com minha sobrinha. Nem vejo o tempo passar enquanto ela me mostra todos os brinquedos novos que ganhou e me envolve em todas as brincadeiras que consegue imaginar.

Já é noite quando minha irmã aparece na porta do quarto e nos observa interagindo por alguns instantes.

— Tem certeza de que você não vai mesmo ao churrasco? — ela questiona enquanto analiso, no pequeno espelho cor de rosa, a maquiagem que permiti que Manu fizesse em mim. — Acho que ainda dá tempo, eu posso te dar uma carona até lá.

As pessoas podem evoluir sim, mas isso depende de cada um, e não vejo Caio mudando seu comportamento imaturo. O problema é que se ele não muda, sou eu quem teria que deixar de lado minhas crenças e convicções. E não tenho certeza de que posso fazer isso, ou mesmo se quero fazer isso por causa de um homem. Ao mesmo tempo, não tenho certeza se conseguiria resistir caso ele desse o primeiro passo.

— Não quero, Rosa. Gosto muito da Cris e do Diego, mas quero evitar ficar perto do Caio. Não quero mudar quem eu sou por causa de um cara.

— Tudo bem. Você está certa, tem que seguir o que manda o seu

coração.

— Obrigada.

— Não tem o que agradecer. Eu sempre vou apoiar as suas decisões, principalmente porque você é muito mais sensata do que eu. — Ela dá uma risadinha. — Quer dormir aqui esta noite?

— Eba! — grita minha sobrinha, antes que eu possa responder.

— Vocês não se importam?

— Claro que não, irmã. A casa também é sua.

— Obrigada.

Mando uma mensagem para Cris, recusando de vez o convite, e passo o resto do fim de semana junto das pessoas mais importantes da minha vida, tentando a todo custo tirar um certo grandalhão dos meus pensamentos.



Depois do churrasco na casa de Diego, prometi a mim mesmo que iria mudar meu comportamento. O fato de Amélia não ter aparecido foi como um sinal para mim, um sinal de que não é para acontecer. Que as coisas entre nós devem ficar exatamente do jeito que estão. Eu, o patrão; ela, funcionária — e nada além disso. Eu preciso cumprir a promessa que fiz à Cristina de não voltar a misturar as coisas.

De lá para cá se passaram dois meses. E eu mentiria se dissesse que a minha atração por ela diminuiu. Nem um pouco. Mas estou fazendo de tudo para termos o mínimo de contato possível.

Ajudou o fato de que conseguimos diversos projetos com captação e eu assumi a direção da maioria deles, com muitas dessas semanas passadas em sets de filmagem, bem longe daqui e da presença dela. Foi bom para mim me concentrar no trabalho e esquecer todo o resto. E Diego não reclamou, já que pôde ficar mais tempo ao lado de Cristina, cuja gravidez já está mais do que evidente.

Estou tentando agir da melhor maneira possível. Cumprimento Amélia como faço com os demais funcionários, mas nunca dou motivos para que nossas conversas passem disso. Tento cumprir com suas regras idiotas, preenchendo planilhas e mais planilhas sem reclamar, mesmo que deteste isso. Se não faço nada de errado, ela não tem motivos para

discutir comigo, eu não fico com mais tesão enquanto discutimos e não corro o risco de fazer uma besteira. E tudo tem dado certo, até agora.

Diego e Cristina saíram mais cedo para uma consulta de rotina, então estou sozinho na sala que compartilhamos quando Amélia bate à porta.

Eu disse que tentei me controlar nessas últimas semanas, mas é claro que não consegui deixar de comê-la com os olhos sempre que ela aparece aqui para reclamar de algo. A diferença agora é que já não discuto mais. Faço tudo o que ela manda sem reclamar.

Não sei se posso garantir isso hoje. Porque o seu cabelo está totalmente solto, penteado de lado, a sua blusa tem dois botões abertos, seu rosto está corado, e o meu corpo me pede aos gritos que mantenha essa mulher por perto o máximo de tempo possível.

— Com licença — ela diz, olhando ao redor. Parece surpresa por me encontrar sozinho aqui.

— Pode entrar — digo, engolindo em seco com a visão dessa mulher deliciosa caminhando em direção a mim.

— Achei que Diego e Cristina estavam aqui.

— Eles foram ao obstetra — afirmo, tentando manter meu tom profissional.

— Ah, eu não vi eles passarem pela recepção. Devia estar na cozinha.

— O assunto é com eles?

— Na verdade, não. — Ela parece reticente. Faz muito tempo que

não ficamos apenas os dois em um ambiente fechado, sem testemunhas. — Estava tentando fechar o balanço do mês passado, mas não consegui porque estão faltando várias informações na planilha do projeto do cursinho pré-vestibular.

— A Cristina estava cuidando disso. — Desvio o olhar dela para fingir prestar atenção ao meu computador.

— Ela preencheu a parte que cabia a ela. — Sinto que Amélia também está se controlando, mesmo que comece a ficar irritada com o meu pouco-caso. Preciso me segurar para não sorrir. É muito fácil provocá-la. — Você sabe que tem toda a sua parte referente aos pagamentos do cliente. O formulário está em branco e o pagamento já deveria ter sido quitado.

O pior é que nem fiz de propósito. São tantos formulários que acabei deixando esse passar. E o diabinho sobre o meu ombro decide se aproveitar dessa falha para retomar seus antigos hábitos. Não posso evitar, é mais forte do que eu.

— Você poderia ter ligado ao invés de ter vindo até aqui só para me falar algo que eu já sei.

Ouçoa bufando e ergo os olhos. Amélia me encara, como se não acreditasse no que eu acabei de falar.

— Se já sabe, por que ainda não fez a sua parte? — Ela leva as mãos à cintura e sinto que falta pouco para que exploda. Seu rosto fica mais corado, deixando-a ainda mais linda. E eu mais excitado do que já estava no começo dessa conversa. Por sorte, essa mesa também é de madeira.

— Já cansei de repetir que não preciso que você fique me dizendo

como fazer o meu trabalho. — Eu a encaro, lembrando-me da vez em que a encontrei sorrindo para o próprio telefone. — Da mesma maneira que eu não devo lhe dizer como fazer o seu. Não foi isso o que me falou outro dia?

— Eu faço o meu trabalho direito. — Ela aumenta o tom de voz, com certeza não esperava que eu usasse suas próprias palavras a meu favor. — Já você parece pouco se importar com a administração da sua própria empresa.

— Sabe qual eu acho que é o seu problema, Amélia? — Eu a encaro, aguardando a sua resposta.

— Qual é o meu problema, chefe? — Ela usa de ironia, mas a maneira como diz “chefe” me deixa ainda mais duro.

— Você anda sempre muito tensa. Sabe o que é ótimo para resolver esse tipo de tensão?

— É melhor você não responder, Caio! — Ela fica nervosa ao se dar conta de para onde estou levando a nossa conversa.

— Orgasmos — digo e a vejo se contrair. — Você está precisando gozar, mulher.

— É melhor você calar a boca, antes que se arrependa. — Aperta os punhos, mas é impossível não notar que também remexe as pernas. Gosto de pensar que fica tão excitada com as nossas discussões quanto eu. — Isso é mais do que motivo para processo. — Tenta demonstrar firmeza, mas sua voz sai um pouco tremida.

— Se não tem quem possa resolver isso para você, aqui entre nós podemos dar um jeito na situação.

Atinjo o seu limite quando dou uma piscadela em sua direção. Ela bufa mais uma vez e revira os olhos, agora demonstrando a raiva que sente de mim neste momento.

— Eu realmente não sei por que me dou ao trabalho de tentar ser civilizada com você! — Ela me dá as costas e sai da sala, batendo a porta com força.

Eu respiro fundo, tentando acalmar o meu tesão. Tinha prometido a mim mesmo que me manteria afastado. Amélia deixou bem claro o que quer da vida, e eu não cumpro nenhum dos seus requisitos. Não tenho o direito de sentir o que sinto quando a vejo.

No entanto, confesso que eu senti falta dessas nossas interações. Sou o caralho de um masoquista. Detesto ficar sem falar com ela, adoro provocá-la, mas sempre fico miserável depois que discutimos e ela fica zangada comigo. É como se eu matasse aos poucos qualquer chance que pudesse ter com ela. O que é uma bobagem, porque não deveria estar preocupado com isso.

E o pior é que acabei de fazer uma merda grande. Nunca tinha me insinuado para ela dessa maneira, e agora há grandes chances de ela me dedurar para a Cris. Ou pior, realmente me processar por assédio. E teria todo o direito do mundo de fazer isso.

Eu não poderia ter sido mais idiota.

Abro a porcaria do formulário e começo a preenchê-lo, para não dar mais motivos para que ela volte aqui. Porque se isso acontecer, pode ser que eu não consiga me controlar mais. Aí será um processo com tudo o que tem direito.



Sou o último a sair da produtora. Dessa vez Amélia não esperou para confirmar se eu estava com a minha chave. Com certeza foi melhor assim.

Não tenho pressa para ir embora. Poderia ter companhia esta noite se quisesse. Joice não para de mandar mensagens, dizendo sentir a minha falta. Com certeza está carente porque o ex deve estar se esquivando dela, ou o contrário também é possível. Eles passam por essas épocas em que se afastam para voltar pouco tempo depois. Como disse, de drama já basta a merda toda na minha vida, e por isso opto por ignorá-la.

Vou para casa, decidido a me juntar ao bando de marmanjos que não têm nada melhor para fazer em uma sexta-feira à noite a não ser se unirem on-line para matar alguns monstros.

Em posse de uma pizza e uma garrafa grande de Coca-Cola, passo um bom tempo entretido com o videogame, gritando com meus colegas pelo microfone. Mas a distração não é suficiente. Cerca de duas horas depois já estou entediado e disperso. Amélia retorna aos meus pensamentos sem que eu me dê conta. Quando meu personagem é atingido, decido que é hora de deixar o jogo de lado.

Eu preciso tirar essa mulher da cabeça. Não pode rolar nada entre a gente, e mesmo assim, não consigo parar de pensar nela. O pior é que só de pensar naquele cabelo que agora mantém solto caindo por suas costas, naquela boca gostosa, naquela bunda perfeita, já estou duro.

Sinto-me um adolescente precisando me aliviar. Já faz um tempo

que não faço isso, não precisava, tendo sempre mulheres a uma ligação de distância quando queria, mas não é algo que se esquece.

Decido buscar alguma inspiração em um site de vídeos para adultos. Preciso imaginar outros rostos e outros corpos, porque se bater uma punheta agora, sei que será pensando nela, e isso não ajuda a minha situação.

Sento-me na cadeira do meu escritório e abro o site que mais gosto. Seleciono vários vídeos, abrindo-os em abas diferentes — imagino que ficarei aqui por um tempo, até aliviar esse tesão represado, e preciso de variedade.

Passo para a segunda página da busca e vejo um rosto que me parece familiar. O título é “Novinha dando o rabo” — é, sutileza não é uma qualidade dos produtores desse tipo de conteúdo — e pelo *thumbnail*¹ não consigo ver direito os atores, então clico no link e espero o vídeo carregar. Há um quarto e a filmagem parece ser amadora, em um ângulo único, talvez em um tripé. Um homem apenas de bermuda se senta sobre a cama, mas seu rosto está borrado, com certeza não quer ser reconhecido. Não entendo essas pessoas que têm fetiche em gravarem suas relações sexuais e divulgar por aí, e depois são incapazes de assumir o que fazem.

Quando a mulher entra no campo de visão da câmera é que percebo quem ela me lembra. A garota não muito alta, negra e com longos cabelos cacheados, ainda está vestida. Há algo de errado com esse vídeo, porque o rosto dela não está borrado como o do cara, quase como se alguém quisesse que fosse possível a identificação da mulher e não a do homem com quem ela está. E essa menina é a cara da Camila, a editora de vídeo da produtora.

Continuo assistindo, porque preciso ter certeza de que não estou louco. Nunca imaginei que Camila fizesse esse tipo de coisa, ela parece ser uma menina tão certinha, tem um namorado há muitos anos e, pelo que acompanho das conversas do pessoal, ela não é muito de sair sem esse cara. O homem começa a falar, tentando convencê-la a fazer algo que ela não quer. Ela fala em sussurros, parecendo envergonhada, e não consigo ter certeza se é ou não Camila. O homem fala alto para ser ouvido, mas sua voz parece distorcida, lembrando-me aqueles programas policiais tentando ocultar a identidade de suas testemunhas.

— *Tudo bem.* — A primeira frase em voz alta dita pela moça me faz ter certeza do que estou vendo. — *Eu faço. Eu te amo, não quero que fique chateado comigo.*

Camila, porque agora tenho certeza de que é a minha funcionária, passa a mão pela cabeça do homem e ele começa a tirar a sua roupa. Não consigo assistir muito mais que isso. Sou um canalha, mas jamais conseguiria ver algo tão íntimo de uma pessoa do meu convívio, ainda mais algo que, claramente, está ali contra a vontade dela. Não há outro motivo para a identidade do homem estar oculta e a dela não.

A questão agora é: o que eu devo fazer? Será que Camila já sabe sobre esse vídeo? Ela sempre foi tranquila, na dela, mas reparei que anda meio tristonha ultimamente, mais apagada. Será que tem algo a ver com esse vídeo? Será que esse cara é o namorado dela? De qualquer maneira, parece ser alguém em quem ela confiou e que traiu essa confiança.

Não sei se ela sabe, mas deveria. Só que eu não tenho essa intimidade para falar com ela sobre isso. Decido guardar o link do vídeo em um bloco de notas e, ao voltar à página inicial, noto que há vários outros como este. Salvo todos e deixo para pensar nisso amanhã. Desisto

também de ver qualquer outro vídeo, porque agora não consigo deixar de pensar quantos estão ali sem a autorização dos envolvidos. Quantas mulheres foram filmadas sem saber, ou confiaram nos parceiros na certeza de que seus vídeos nunca seriam vistos por ninguém?

Bem ou mal, consegui o meu intento. Tenho outra coisa para ocupar minha mente por todo o final de semana agora. Antes tivesse batido uma pensando em Amélia mesmo. Seria melhor do que isso.

Capítulo 15

AMÉLIA



Estou muito puta com Caio. Muito mesmo. A discussão da sexta-feira foi uma das piores que já tivemos. Até agora eu não acredito nas coisas que ele me disse. Passei o final de semana repassando cada palavra que trocamos, cada interação. O bendito não saiu da minha cabeça um momento sequer.

Ao mesmo tempo, confesso que senti falta disso. Como já disse, eu o prefiro discutindo comigo ao invés de fingir que eu não existo. E foram semanas com Caio me ignorando. Só não achei que dessa vez ele fosse tão longe. Por mais que Suellen diga que ele tem interesse em mim, nunca tinha sugerido nada parecido em todo esse tempo. É claro que eu noto a maneira como me olha, principalmente depois que deixei de usar o coque.

Mas eu não fiz isso para chamar sua atenção. Fiz porque é algo que eu queria, pequenas mudanças que percebi que fazem bem para mim mesma: um penteado novo, uma blusa mais colorida, um pouco mais de maquiagem. Porque agora eu tenho mais tempo para mim mesma, e um pouco de vaidade é algo que nunca é demais.

Fiz pela minha autoestima, mas isso parece ter atraído ainda mais a atenção de Caio. E depois de dois meses de silêncio, ele veio com tudo. E o pior é que fiquei excitada com a proposta. O idiota mexe mesmo com

a minha libido.

Eu jamais o processaria de verdade, porque eu tenho consciência de que também o olho de uma maneira que anda fugindo da profissional. E eu tenho certeza de que, mesmo sendo um cretino, Caio nunca se aproveitaria de sua posição para conseguir algo de mim. Só disse aquilo para mantê-lo afastado, porque não sei o que seria capaz de fazer se ele seguisse com essas insinuações. Acho que esse jogo que estamos jogando é perigoso e não vai acabar bem para nenhum de nós.

É um custo me concentrar no trabalho, sabendo que ele está por perto. Tento ignorar sua existência, enquanto organizo as planilhas por projetos, conferindo os custos com as notas fiscais apresentadas. Mas é difícil esquecer que Caio existe quando há um e-mail dele com pedido de reembolso para um almoço. Um valor alto, já que ele levou os clientes para almoçar em um bom restaurante. É prática comum na produtora, um agrado para conquistar o contratante.

E agora preciso falar com ele de novo porque, para variar, não me entregou a nota. Sei que deveria fazer isso por e-mail, mas a vontade de vê-lo de novo é maior do que o meu bom senso. E também sei que ele tem por costume ignorar a maioria das mensagens que envio. Decido ir até sua sala, mesmo tendo receio dessa nova conversa.

Acho que ele só teve coragem de me dizer o que disse porque estávamos sozinhos na sala. E porque sabe que eu também me sinto atraída por ele. Por mais que tente esconder meus sentimentos, é impossível me controlar cem por cento quando estamos frente a frente, mesmo tendo consciência de que não posso ceder a essa tentação.

Mas não quero envolver meus outros chefes nessa história. Amo

meu trabalho e não quero que nada o prejudique. A solução talvez seja mesmo tratar tudo por e-mail, com cópia para seus sócios, para que eles cobrem Caio e eu não precise ficar batendo de frente com ele.

Sim, essa é uma boa ideia. Cristina que distribua as broncas agora.

Mas ela deve entrar em licença-maternidade daqui alguns meses, e eu voltarei à situação inicial. Preciso aprender a ser mais firme com Caio. É isso. Vestir uma máscara de indiferença cada vez que precisar falar com ele e torcer para que volte a se comportar. Morreria de vergonha se ele falasse algo parecido ao que disse na frente de outra pessoa. Não acho que seja tão inconsequente, mas já não tenho certeza do que esperar dele depois de sexta-feira.

Por isso espero Cris e Diego saírem para almoçar antes de ir até a sala deles buscar a bendita nota. Bato à porta entreaberta e entro antes que ele me autorize. Tenho que ser rápida e sair daqui logo.

— Caio, eu preciso da nota fiscal do almoço que você pagou para os clientes da fábrica de cerveja — digo, antes que ele tenha chance de dizer qualquer coisa.

— Tá. Deve estar por aqui em algum lugar... — ele responde olhando os papéis em sua mesa, mas sem realmente procurar por nada. Parece totalmente aéreo, nem mesmo ergueu os olhos para me dar aquela “secada” com a qual já estava me acostumando. — Assim que encontrar eu levo até a sua sala.

— Tá bom — respondo, desarmada pela sua atitude.

Estranho muito o seu comportamento, pois já estava esperando mais uma discussão, ou ao menos uma resposta malcriada. Esse ser apático não é o chefe que eu conheço.

— O que houve, Caio? — Aproximo-me, como se estivesse prestes a lidar com um animal enjaulado. — Está tudo bem?

— Eu não sei.

Sua expressão perdida me deixa ainda mais preocupada. Caio é sempre combativo, nunca o vi dessa maneira.

— Algum problema com a empresa?

— Não — responde com firmeza, e volta a ficar em silêncio, agonizando-me ainda mais.

— Quer me contar o que houve?

Ele parece refletir, talvez surpreso com a minha pergunta. Confesso que também estou surpresa, nunca baixei a guarda diante dele.

— Não sei se você é a melhor pessoa para ouvir isso. — Caio por fim responde, junto com uma risada sem humor nenhum.

— Sou uma ótima ouvinte. Se você estiver com algum problema grave, podemos encontrar uma solução.

— O problema não é comigo.

Acomodo-me na cadeira de Diego e me viro para ele. Acho que é o mais próximo que já estivemos em todos esses meses. Quase posso sentir o calor que seu corpo emana.

— Com quem, então?

— Camila.

Por essa eu não esperava. Ele está preocupado com uma funcionária? Mil hipóteses se passam em minha cabeça e algumas não

são muito agradáveis.

— Encontrei alguns vídeos da Camila na internet — ele continua, quando eu permaneço em silêncio.

— Ela virou youtuber agora? Nunca imaginei que Camila quisesse estar na frente das câmeras.

— Eu não tenho certeza de que ela soubesse que estava sendo filmada. — Ele agita a cabeça em negativa.

— O que havia nesses vídeos, Caio? — Seu tom sombrio começa a me preocupar.

— Camila e um homem. Fazendo sexo.

— Como você encontrou esse vídeo?... Quer saber, deixa pra lá.

— Estava em um site pornô... Não me olha com essa cara, todo homem faz isso. — Eu nem reparei que tinha feito uma careta e volto à minha expressão neutra. Não estou aqui para julgá-lo. — Estava buscando alguns vídeos nesse site e acabei me deparando com um rosto familiar.

— Um vídeo?

— Vários.

— E você acha que ela não sabe sobre eles?

— O rosto dela estava nítido, o do cara não.

— Ele vazou os vídeos. — Chego à mesma conclusão que Caio deve ter chegado, porque acena positivamente — Deve ser o namorado com quem ela terminou. Ouvi alguma conversa sobre isso.

— Tenho quase certeza. Só não sei como contar isso a ela. Não temos esse tipo de intimidade.

Ele parece mesmo chateado com a situação e isso me surpreende. Nunca vi um Caio tão humano quanto esse que tenho agora à minha frente.

— Por que não conversa com a Cris e o Diego? — Em um impulso, coloco a minha mão sobre a sua, tentando tranquilizá-lo. — Eles a conhecem desde pequena, não?

— É uma boa ideia. — Ele olha nossas mãos unidas, uma expressão que não consigo identificar em seu rosto.

— Ela precisa saber. — Apertos seus dedos e ele retribui.

— Obrigado.

Caio ergue o rosto e nos encaramos por alguns instantes, uma sensação estranha se instalando na base do meu estômago. Esse contato parece tão certo e tão errado ao mesmo tempo.

— Amei a nossa civilidade durante essa conversa, — solto-me dele e me levanto — mas isso não te exime da responsabilidade de me trazer a nota do almoço com o cliente.

Ele dá uma risada gostosa, a expressão sombria de antes sendo substituída pelo sorriso debochado de sempre.

— Sim senhora, dona Certinha.

Agito a cabeça em negativa e me encaminho para fora da sala. Preciso me afastar dele imediatamente, pelo bem da minha sanidade.

— Amélia! — Viro-me, esperando sua próxima provocação. —

Obrigado. — Ele diz sério, surpreendendo-me.

— De nada. — Abro um sorriso que não consigo conter. — Se precisar de mais alguma ajuda com isso, pode contar comigo.

Ele concorda com um aceno, dando-me um sorriso lindo em seguida.

Ao mesmo tempo em que deixo a sala muito preocupada com Camila, sinto-me nas nuvens por essa conversa com Caio.

Eu sou uma idiota mesmo. Como é possível que eu fique tão feliz com o fato de que, pela primeira vez, esse idiota tenha me tratado com o respeito que eu mereço?



— Eu imaginava que o cara não era grande coisa, mas isso é um absurdo — comenta Diego, inconformado.

A conversa que tive com Amélia foi a melhor que já tivemos até hoje. Ela deveria me odiar pelas bobagens que sempre escuta de mim, no entanto, se preocupou comigo, quis saber do meu problema e ainda me aconselhou sobre o que fazer. Essa mulher não existe, é boa demais para ser real. E definitivamente não é para o meu bico.

Quando retornei do almoço, Diego e Cristina já estavam de volta. Eu contei aos meus amigos o que estava acontecendo, compartilhando com eles a minha agonia. Agora somos três cabeças pensando no que fazer a esse respeito.

— Eu não sei como devo atuar.

— Camila vai ficar muito constrangida se comentarmos isso com ela. — Cristina tem até mesmo lágrimas nos olhos. Imagino que, como mulher, tenha ainda mais empatia pela situação de Camila.

— E Aline? — Uma ideia cruza a minha mente.

— O que tem ela? — Diego questiona.

— Elas são melhores amigas, não? Talvez Aline saiba de algo.

Assim, podemos ajudar Camila sem que ela saiba que a gente sabe.

— É uma boa ideia — concorda Cristina. — Se Camila já descobriu sobre os vídeos, Aline deve saber. E se elas não sabem ainda, é melhor que Lili conte para ela ao invés de nós.

Diego disca o ramal da sobrinha e pede que ela suba. Ficamos em um silêncio tenso enquanto ela não aparece.

— Vocês queriam falar comigo? — Aline bate os dedos no batente da porta, chamando nossa atenção.

— Sim, querida. — Diego se levanta e puxa uma cadeira para ela se sentar ao seu lado.

— Vocês estão me deixando preocupada. — Ela tem a testa franzida quando se senta. — Eu fiz alguma coisa de errado?

— Não, Lili. — Cristina a tranquiliza, segurando sua mão.

— É sobre a Camila — Diego explica.

— O que aconteceu?

— É um assunto delicado... — começo, quando os outros dois me fitam, encorajando-me.

— Agora estou ainda mais preocupada.

— Cris, é melhor você falar. — Jogo a bola para minha amiga, muito nervoso com a situação.

— Lili, Camila terminou um relacionamento agora, não foi?

— Sim. Ela terminou com o Heitor. — Aline revira os olhos. — Graças a Deus. Nunca fui com a cara dele.

— O término foi amigável? — Acabo me intrometendo, agoniado.

— Nem um pouco. Ele ainda está insistindo para reatar. Ela precisou colocar advogado no meio, pediu ordem de restrição e tudo. Mas por que vocês estão me perguntando isso, pessoal? Ela não quer que ninguém fique sabendo dos detalhes, não é uma situação bonita, e Camila não quer que interfira no trabalho.

— Não interfere — Cris retoma a palavra. — Mas descobrimos uma coisa e ficamos preocupados com ela.

— O quê?

— Há um vídeo...

— Vários vídeos — corrijo Cris.

— Vocês descobriram? — Aline arregala os olhos.

— Sobre os vídeos íntimos? — Aline acena em positivo à pergunta de Diego. — Sim. Ela já sabe sobre eles?

— Sim. O Heitor compartilhou no grupo da faculdade dela. Camila descobriu durante uma festa, logo depois das férias do meio de ano.

— Cretino! — Bato na mesa com força, descontando minha frustração. O cara é um covarde, como pode fazer isso com uma mulher? Expô-la assim perante todos os seus colegas?!

— Ela não teve culpa de nada, nem sabia que estava sendo gravada. — Aline começa a falar mais rápido, também nervosa com a situação. — Por favor, isso não pode interferir no trabalho dela.

— Calma, Aline. Só estávamos preocupados com ela. — Diego sempre foi mais controlado do que eu. — Você disse que ela está com um advogado?

— Sim, a mãe de um amigo de classe.

— A gente preferiu conversar com você para não constranger a Camila — explica Cristina.

— Sim, foi melhor mesmo. Ela vai morrer de vergonha se souber que vocês descobriram.

— Ela não precisa saber. Isso não afeta o seu trabalho. — Controlo-me o bastante para seguir a conversa. — Mesmo que ela tivesse feito isso por vontade própria, o que acontece fora da produtora não é da nossa conta. Eu só fiquei preocupado porque imaginei que ela não soubesse.

— Foi você quem descobriu, não foi? — Aline coloca as mãos na cintura e assume um tom debochado.

— Que péssima imagem você faz de mim, senhorita. — Entro na brincadeira, o clima pesado se desfazendo por um instante. — Onde entraria em contato com algo desse tipo?

— Eu também não achei que você precisasse consumir esse tipo de conteúdo, já que está sempre enrolado com alguma *gostosa* diferente.

— Respeita os mais velhos, menina! — Isso lhe arranca uma risada. — Não vou ficar discutindo minhas intimidades aqui na frente de todos.

— Isso é novidade — resmunga Diego, e agora Cristina também está rindo.

— Obrigada por se preocupar. — Aline volta a ficar séria, encarando-me. — Mesmo.

— Eu me preocupo com vocês — digo com sinceridade. — Todo nós nos preocupamos.

— Obrigada, gente. A única coisa que podemos fazer agora é torcer para esse tormento acabar logo. E para que o Universo faça com que esse cara pague o que fez à minha amiga. Está sendo muito difícil para ela, principalmente porque é impossível fazer com que o vídeo suma desses sites. Ela continua fazendo denúncias, mas sempre que um link é tirado do ar, outros aparecem no lugar.

— Infelizmente, uma vez na internet, está ali para sempre — Diego diz, com pesar.

— Pois é.

— Pode ficar tranquila, Lili. — Cristina aperta sua mão mais uma vez. — E se ela precisar de alguma coisa, nos avise.

Aline concorda com um aceno, levanta-se e sai da sala. Cristina olha para mim, um sorriso triste em seu rosto.

— Obrigada por ter dividido isso conosco, Caio. Acho importante estarmos cientes desse tipo de coisa, para poder ajudar a Camila caso ela precise.

— Foi a Amélia quem sugeriu que eu contasse a vocês. — Dou de ombros. Não foi altruísmo da minha parte. A verdade é que não estava suportando carregar esse segredo sozinho. — Eu não sabia o que fazer.

— Você contou à Amélia? — questiona Diego, parecendo

surpreso.

— Ela me viu preocupado e perguntou qual era o problema. Acabei contando.

Diego e Cristina se entreolham antes que ela volte a atenção para mim:

— Bom, fico feliz de qualquer maneira.

E eu também. Amélia estava certa — claro que estava —, foi um alívio dividir essa informação. E uma tristeza grande saber que Camila está passando por isso. Tenho vontade de encontrar esse cara e lhe dar uma surra bem dada, para ele aprender que não se age assim com uma mulher. Tomara que Camila consiga fazer com que ele responda por esse crime. Eu sei que é difícil, mas é preciso ter esperança e torcer pelo melhor.

Capítulo 17

AMÉLIA



Depois daquela conversa civilizada na segunda-feira, Caio voltou a me evitar. E dessa vez não fiquei chateada. Precisava mesmo desse tempo depois das coisas estranhas que senti quando segurei sua mão naquele dia. Se já estava confusa antes, depois disso minha mente virou uma bagunça só.

Ainda bem que hoje é sexta-feira. E depois de quase duas semanas, amanhã vou ver minha pequena. Manuela vai passar o final de semana comigo, mantendo-me bem ocupada e me impedindo de pensar em Caio um minuto sequer. É o que eu preciso.

Acabei me enroscando com algumas notas que precisava emitir e, quando me dou conta, já passa das sete da noite. Meu escritório não tem janela e somente quando saio na recepção percebo que o mundo está caindo lá fora. A chuva prevista pelo meteorologista no jornal da manhã parece ter vindo com força total. O clima é perfeito para ficar em casa, tomar um banho quente, enfiar-me embaixo das mantas e passar a noite maratonando séries da Netflix. Só preciso enfrentar a chuva primeiro e conseguir chegar em casa sem me desmanchar pelo caminho.

As luzes na produção estão acessas porque Aline ainda está lá trabalhando. Tem feito muitas horas extras nos últimos dias e sei que, assim como Camila, ela também tem seus próprios problemas e está

lidando com eles da melhor maneira que encontrou: trabalhando até se cansar. Gosto tanto das duas que me dói o coração vê-las desse jeito.

Caio não me contou como foi a sua conversa com seus sócios, mas ele pareceu mais tranquilo nos dias seguintes, então imagino que tenham resolvido a questão dos vídeos íntimos. Espero que Camila encontre uma maneira de fazer seu ex-namorado pagar pelo que fez, e que isso não a prejudique mais do que já deve ter prejudicado. O cara é um criminoso e deve ser punido. A internet não pode ser terra de ninguém. Há algumas leis que foram criadas para lidar exclusivamente com esse tipo de situação. E, se Deus quiser, ele vai pagar por isso.

Deixo Aline lidando com seja quais problemas que tenha no momento e decido ir embora. O metrô é mais prático, mas fica a algumas quadras de distância. Já o ponto de ônibus, por sorte, está a apenas alguns metros da portaria do prédio. Olho o horário no aplicativo e vejo que há um ônibus que passa perto da minha casa e que deve passar em menos de 10 minutos. Volto para a minha sala e recolho minhas coisas, desligo tudo e saio em direção ao elevador. A maioria das pessoas já foi embora, mas Caio ainda está aqui, então ele que feche tudo. Aline também tem uma cópia da chave, caso decida ficar até mais tarde.

Passo pela portaria acenando para o porteiro do período noturno, que deve ter acabado de assumir o seu turno. Abro o meu guarda-chuva antes de alcançar a calçada, impressionada com o volume de água que cai dos céus. É tanta chuva que a guia parece um verdadeiro rio. Corro até o ponto de ônibus, buscando uma maior proteção. Há algumas pessoas ali também, todas encolhidas contra a cobertura. Um ônibus se aproxima e o motorista reduz a velocidade para não jogar água naqueles que esperam. Todos os que estavam ali antes entram no veículo, deixando-me sozinha.

Pego o celular para conferir a localização do meu ônibus, mas ele parece estar parado no mesmo lugar que estava na primeira vez que conferi.

Um carro deixa o estacionamento do prédio onde trabalho e acelera ao se incorporar ao trânsito. Ao passar em frente ao ponto de ônibus, joga toda a água da guia sobre mim, antes que eu possa reagir e me proteger. Sem acreditar no que está acontecendo, jogo o celular dentro da bolsa, conferindo o estado da minha roupa encharcada. A blusa branca agora está suja e transparente, deixando entrever meu sutiã. A calça cinza parece mais escura, totalmente molhada. E há muita água dentro do meu sapato. Até mesmo o meu cabelo ficou molhado. Era tudo o que eu precisava para terminar bem a semana.

O carro, que a essa altura eu achei que já estava longe, volta de ré, em uma velocidade menor, mas suficiente para jogar mais um tanto de água. Como se eu já não tivesse tido o bastante.

A janela do veículo é aberta e só então reconheço o motorista, ficando ainda mais irritada.

— Me desculpa. — Caio se inclina sobre o banco do passageiro, para se fazer ouvir sob o barulho da tempestade. — Eu não vi que tinha alguém aí.

— Você fez de propósito! — grito furiosa, nossa trégua totalmente esquecida. — Parece que fica buscando maneiras de infernizar a minha vida.

— Já disse que foi sem querer, merda! — ele grita de volta, como se tivesse motivos para estar irritado depois do que fez.

— Olha o estado da minha roupa! Sabia que isso dá multa?

— Entra aqui que eu te dou uma carona.

— Não quero nada de você. — Cruzo os braços sobre o peito, ao notar o seu olhar sobre mim. Começo a sentir frio, o casaquinho que uso já não está servindo para nada. — Vou esperar a porcaria do ônibus.

— Está esfriando, você está encharcada, vai acabar adoecendo se ficar aí esperando. Entra logo!

— Já disse que não vou a lugar nenhum com você. Estamos fora do horário do expediente. Aqui fora você não é mais o meu chefe!

— Amélia, entra logo na porra do carro!

— Não!

Ele some de vista e acredito que desistiu. No entanto, ao invés de arrancar com o carro, ele sai pelo outro lado e corre na minha direção. Abre a porta do passageiro com violência, pouco se importando com a chuva que acabou de aumentar de volume. Onde está a porcaria do ônibus quando se precisa dele?

— Então vamos ficar os dois aqui, tomando esse caralho de chuva. Porque não vou sair daqui enquanto você não entrar.

— Você é a pessoa mais ignorante que eu já conheci na vida! E olha que já tive que lidar com muita gente cretina.

— Podemos discutir a minha ignorância em outro momento? Já estou com água até no cu.

Preciso me segurar para não rir com o seu comentário. Ele nota e sua cara fica ainda mais fechada. Bufo para demonstrar meu descontentamento, antes de fazer o que diz e entrar no bendito carro. Sei

que não vai me deixar em paz se eu não fizer isso. Assim que me sento, ele bate a porta com força, assustando-me. Poucos segundos depois, abre a porta do outro lado, ocupando o assento do motorista.

— Coloca o seu endereço no GPS. — Entrega-me seu celular, que recebo de má vontade, enquanto ele passa as mãos pelos cabelos para retirar o excesso de água. Digito a localização e prendo o aparelho no suporte do painel. — Achei que você morava mais longe.

— Me mudei há uns seis meses.

Nada mais é dito entre nós. Ele liga o aquecedor e agradeço o gesto, pois já estava tremendo de frio. Faço um coque recolhendo meu cabelo molhado e cruzo os braços sobre o peito de novo, tentando me esconder do olhar que ocasionalmente me dirige. O trajeto só não é feito em silêncio porque a chuva continua a cair intensamente do lado de fora, provocando um ruído alto ao entrar em contato com a lataria do carro.

Meia hora depois, a chuva por fim deu uma trégua quando Caio estaciona o carro em uma vaga próxima à entrada do meu prédio.

— Obrigada pela carona — digo, sem encará-lo, recolhendo a minha bolsa para descer.

— A viagem de volta é longa. Tem como me arrumar uma toalha para que eu me seque um pouco antes de ir?

Penso em negar o seu pedido, mas não tenho como fazer isso depois de ele ter saído do seu caminho para me trazer até aqui. Está certo que se ele não tivesse sido um troglodita, não estaríamos nesta situação, mas preciso reconhecer o gesto e retribuir o favor. Concorro com a cabeça antes de sair do carro e bater a porta. Corro até a portaria do meu prédio e o aguardo enquanto ele ativa o alarme do veículo.

Destranco o portão, sentindo sua presença às minhas costas. Percorremos o corredor e entramos no elevador que já estava parado no térreo. São poucos andares, mas essa caixa nunca me pareceu tão pequena quanto agora, com a sua presença imponente que parece ocupar quase todo o espaço. Não sei se está fazendo para me provocar, mas quase posso sentir sua respiração em meu pescoço, e isso está me causando arrepios pelo corpo.

Sáímos do elevador em silêncio e destranco a porta do meu apartamento, acendendo todas as luzes ao meu alcance e deixando a bolsa sobre o sofá.

— Fique aqui, por favor. Eu vou buscar a toalha.

É claro que ele não me obedece, porque, assim que retiro a toalha do guarda-roupa, tomo um susto ao me virar e encontrá-lo ali, em meu quarto.

— Aqui. — Ofereço-lhe a toalha, que ele pega sem tirar os olhos dos meus. — Pode levar embora se quiser e me devolver na segunda.

— Está tentando se livrar logo de mim, Amélia? — ele questiona, um sorriso debochado no rosto, enquanto desdobra a toalha e a passa sobre os ombros.

— Claro que não. — Tento sustentar o seu olhar, com o meu coração batendo cada vez mais rápido. Ele está perto demais para essa situação ser considerada segura.

— Você está incomodada com a minha presença no seu quarto? — Ele dá um passo à frente, invadindo meu espaço pessoal. — Não estaríamos nesta situação se não fosse por você.

— É você quem não sabe dirigir. — Ergo a mão para tentar mantê-lo afastado. — Onde já se viu, no meio de uma tempestade, passar por uma poça d'água daquele jeito?

— Isso é culpa sua. — Ele dá mais um passo, e minha mão estendida acaba apoiada sobre o seu peito. Simplesmente não consigo me mexer. — Se tivesse entrado no carro da primeira vez que pedi, eu não teria me encharcado desse jeito.

— Você é mesmo um bebezão, não é? — Tento manter o meu tom de voz firme quando dou um passo para trás, quebrando nosso contato e encostando minhas costas na porta do guarda-roupa. — Sempre reclamando de tudo, resmungando o tempo todo.

— E você é uma santinha do pau oco que ama me infernizar. — Sua voz grave é quase um sussurro raivoso. Ele mais uma vez corta a distância entre nós, seu corpo quase tocando o meu enquanto continua me encarando.

— Não fui eu que comecei com isso. — Digo com sinceridade, usando o pouco controle que me resta. — Sempre sou simpática com todo mundo, mas você gosta de me tirar do sério.

— Eu te tiro do sério, é? — Ele inclina a cabeça, um meio-sorriso em seu rosto.

— Você não tem ideia do quanto.

Não sei dizer quem dá o primeiro passo. Tudo o que sei é que nossos lábios se chocam em um beijo descontrolado, cheio do tesão reprimido por mais de um ano. Sei que deveria me afastar dele e pedir que vá embora, mas o meu corpo não responde aos comandos do meu

cérebro. É como se tivesse criado vida própria e fosse atraído como um ímã para Caio.

O homem tem mesmo pegada. Ele me segura contra o seu corpo, enquanto suas mãos passeiam pelo meu, como se fossem várias ao invés de apenas duas.

— Você é gostosa demais, Santinha — ele resmunga, enquanto distribui beijos pelo meu pescoço, descendo até o meu decote. — Eu quero fazer isso desde que eu te vi pela primeira vez naquela sala de reuniões.

Eu estava certa. Ele sentiu o mesmo que eu naquele dia.

Mas não tenho tempo para pensar nessas coisas, porque ele tira o meu casaquinho e começa a desabotoar a minha blusa com impaciência, arrancando o último botão quando ele enrosca.

— Seu bruto! — reclamo, quando ele puxa a blusa pelos meus braços.

— Você ainda não viu nada.

Arranco a toalha dos seus ombros e ele me ajuda a tirar sua jaqueta. Desabotoo cada botão de sua camisa com uma calma que não estou sentindo, apenas para provocá-lo. Admiro o seu peito largo, que não é totalmente liso. Passo os dedos pela penugem, descendo pela barriga até descansar minha mão no cóis de sua calça.

— Mulher, você quer mesmo me enlouquecer.

Em um rompante, ele me ergue do chão, segurando minha bunda. Cruzo as pernas em sua cintura e ele me empurra contra o guarda-roupa, beijando-me enquanto se esfrega em mim, permitindo-me sentir a sua

excitação. Abraço seu pescoço para mantê-lo preso a mim, e depois puxo o seu cabelo quando preciso respirar.

— O que você quer de mim, Amélia? — ele questiona, apoiando a testa na minha.

— Você sabe o que eu quero, Bebezão. — Estou me sentindo ousada quando mordo de leve seu lábio inferior. Sinto-o estremecer, e isso aumenta o meu tesão. — Me leva pra cama.

Ele volta a me beijar enquanto nos gira e caminha a passos rápido até a cama de casal no meio do quarto. Com uma delicadeza que não esperava dele, coloca-me sentada sobre o colchão, passando os dedos suavemente pelos meus braços.

— Você é tão linda!

Sua declaração e a maneira como me olha mexem mais comigo do que deveriam. Não era para estarmos fazendo isso, mas agora já não consigo voltar atrás.

Desabotoo o botão da minha calça e ele se ajoelha para tirar minhas sapatilhas, beijando meus pés, como se estivesse me adorando. A sensação é boa demais para pôr em palavras.

Caio se levanta e me ajuda a puxar minha calça molhada pelas pernas. Arrasto-me pela cama, para alcançar a cabeceira, enquanto ele tira os seus sapatos e se ocupa da sua própria calça, tirando-a junto com a cueca. O que posso dizer é que ele é todo grande e a sua nudez me deixa ainda mais excitada. Minha calcinha já não está molhada apenas da chuva.

Ele sobe na cama, seu corpo cobrindo o meu, seus lábios beijando

meu pescoço enquanto suas mãos trabalham para tirar o meu sutiã. Com a minha ajuda, a peça vai parar no chão, assim como a minha calcinha, que ele tira em seguida, sem parar de distribuir beijos pelo meu corpo. Meus seios recebem um tratamento especial, com direito a chupões e mordidinhas que quase me fazem perder o controle.

— Por favor, me diz que você tem camisinha aqui. — Ele sussurra ao meu ouvido, lambendo o meu pescoço.

— Algumas! — respondo, mordendo os lábios para não rir do seu desespero. Estico o braço e abro a gaveta da mesinha de cabeceira, puxando uma cartela com três preservativos, que entrego a ele.

— Deve ser o suficiente por hoje.

Ele destaca uma e abre a embalagem com os dentes, erguendo o corpo o bastante para se proteger. Dobro meus joelhos e abro as pernas, para que ele possa se encaixar entre elas. Meus braços ao redor do seu pescoço tentam manter sua boca mais próxima da minha.

— Você está pronta pra mim, Amélia? — Ele me beija, sugando minha língua. — Porque não aguento mais esperar. Já esperei demais!

— Só vem, grandão.

Caio abaixa seu corpo, invadindo-me lentamente, o seu peito contra o meu peito. A sensação é maravilhosa, muito melhor do que nos sonhos úmidos que tive.

Aos poucos, ele aumenta a velocidade dos movimentos, e quando dou por mim, estou erguendo os quadris de encontro a ele. Estamos os dois descontrolados, em busca de liberação.

Quando ele deixa de beijar meus lábios para voltar a sugar os

meus seios, eu estouro em um orgasmo avassalador que me faz perder as forças. Isso parece incentivá-lo, já que com mais algumas investidas, Caio também se permite ir.

Ele tomba seu corpo pesado sobre o meu e eu o abraço, sentindo o seu calor. Ficamos assim por alguns minutos, recuperando a respiração. Logo, ele nos vira na cama, apoiando-me sobre o seu peito, seus braços ao redor de mim, como um abraço de um urso, em um silêncio confortável. Não deveria, mas me sinto muito bem aqui.

— Foi tão incrível quanto eu achei que seria — ele diz depois de um tempo, quando achei que já tinha pegado no sono.

— Foi mesmo — concordo, acariciando e beijando o seu peito. Acho que é a primeira vez que concordamos em algo.

— Você está pronta para mais uma? — Ele estica o braço para tirar a camisinha usada e a amarra antes de arremessá-la no lixo próximo da cama.

— Mas já? — Sem conseguir evitar, abaixo o olhar somente para constatar que ele está quase pronto para outra rodada.

— O meu tesão por você é imenso! Do tamanho do meu pau!

Ele fala sério, mas é impossível controlar a gargalhada que me escapa. Somente Caio para dizer algo assim em um momento como esse.

— Está achando engraçado, não é? — Ele nos vira novamente, voltando a cobrir o meu corpo com o seu, seu olhar fixo no meu.

— É muito bom saber que você ainda não precisa da pílula azul — afirmo, quando sinto sua excitação tocando minha coxa.

— Eu vou fazer você engolir essa insinuação, Santinha. — Ele dá uma lambida em meu rosto, que faz com que eu ria ainda mais. — Além de outras coisas.

Caio me beija e eu me perco mais uma vez no prazer que ele me proporciona.



Não sei bem o que faz com que eu acorde. O quarto está na penumbra, o que me dá a certeza de que ainda é muito cedo. Estico lentamente o braço, à procura do corpo que deveria estar ao meu lado, mas só encontro a cama vazia, mesmo que ainda quente. Sinto movimentos pelo cômodo e abro apenas um olho para constatar que Caio está se vestindo com a calça que largou no chão. Ele tem dificuldades, imagino que seja porque a roupa ainda está molhada. Mantenho-me estática, observando seus gestos. Ele parece agitado, e compreendo o que está acontecendo.

Caio está se arrumando para fugir daqui, como um meliante que cometeu um delito e agora precisa deixar a cena do crime.

Ele está arrependido, e nem preciso encará-lo para saber disso. Esta noite não era para ter sido. Passamos tanto tempo nos evitando para sucumbir desta maneira.

Sinto-o caminhando em minha direção e fecho os olhos, fingindo ainda estar adormecida. Ele se aproxima e posso sentir o seu cheiro misturado ao cheiro da chuva quando dá um beijo em minha testa antes de se afastar e sumir de vez.

E eu não o impeço. Porque, por melhor que tenha sido, talvez não passe mesmo de um erro.



O meu final de semana foi uma merda, nada conseguiu tirar Amélia da minha mente. Nem videogame, nem maratona de filmes, nem a minha ida a um karaokê diferente foram capazes de me distrair.

Também tive muita dificuldade para conseguir pegar no sono nessas duas noites. Meu cérebro simplesmente se recusava a desligar. De nada adiantaria ficar rolando mais um tempo na cama hoje, por isso resolvi vir logo para cá, a fim de tentar adiantar algum trabalho. Pela primeira vez em muito tempo sou o primeiro a chegar à produtora.

Confesso que talvez tenha feito isso por covardia. A situação com Amélia ficou ainda mais complicada do que era antes. E acho que o fato de ter fugido de sua casa no meio da noite não ajudou muito. Por isso decidi vir mais cedo e me esconder em minha sala, para não ter de cumprimentá-la na entrada.

Juro que não tinha segundas intenções quando ofereci a carona. Eu realmente fiz merda e queria corrigir. Ela dificultou as coisas, acabamos ambos encharcados, e pedir a bendita toalha foi algo natural. Acho que a coisa mudou de figura no momento em que as portas do elevador se fecharam. Porque, mesmo depois da chuva, o cheiro dela ainda estava ali, me provocando naquele espaço apertado. E quando ela foi para o quarto, não resisti ir atrás dela. Foi mais forte do que eu. Para

minha sorte — ou completa perdição —, a atração é mútua, e Amélia se entregou assim como eu.

A mulher é tudo o que eu imaginei e mais um pouco. Eu sabia que por trás daquela carinha de boa moça tinha uma mulher com um fogo capaz de provocar um incêndio nos lençóis. Ela é mesmo gostosa pra caralho! Uma das melhores fодas que já tive na vida.

Mas isso não faz com que a situação deixe de ser um erro. Porque nada mudou. Ela continua sonhando com um príncipe encantado, e eu continuo não sendo esse cara.

E é por isso que estou escondido em minha sala, como um covarde. Tenho medo de encará-la e ver a decepção em seus olhos. Nunca me importei com isso, mas com Amélia a coisa parece ser diferente. Talvez seja porque ela é minha funcionária, e precisamos seguir com a nossa convivência.

Não sei como as coisas serão daqui por diante, mas eu preciso de mais um tempo antes de vê-la novamente. Pretendo evitá-la enquanto for possível.

Peço meu almoço pelo aplicativo de *delivery* e Suellen o traz para mim. Tenho vontade de perguntar por Amélia, mas desisto. Não quero envolver mais ninguém nessa situação de merda.

Meus amigos estranham quando me encontram almoçando em nossa sala, mas apenas digo que tenho muito trabalho a fazer. Cristina não diz nada, mas tenho certeza de que Diego não engole a minha desculpa. Ao menos não me contradiz, e com isso já estou no lucro.

Passo a tarde trabalhando, focado em uma apresentação para um novo cliente, agendada para amanhã. É uma empresa de eletrônicos que

fará uma grande festa de lançamento para a sua nova linha de produtos. Um trabalho importante e que consegue me distrair por algumas horas — posso ser meio relaxado para outras coisas, mas quando ativo meu lado profissional, consigo me focar totalmente.

Por sorte, Amélia não teve motivos para vir até a minha sala hoje. Ou talvez esteja me evitando assim como estou fazendo com ela. E sou um idiota, porque essa possibilidade me incomoda. O que há de errado comigo?

Quando desligo meu computador, já passa das oito da noite. Sou o único ainda na produtora. Estou cansando, tanto por causa do trabalho quanto pelas noites maldormidas. Recolho minhas coisas e apago todas as luzes.

Ao passar pela recepção, paro em frente à porta da sua sala, que está aberta. Fico um tempo encarando seu cantinho, as fotos da irmã e da sobrinha que tem sobre a sua mesa, o desenho infantil preso à parede, a blusa que ela deixou sobre a cadeira. Em um impulso, entro e pego a peça de roupa, segurando-a contra o meu rosto. Ainda tem o seu cheiro gostoso.

Preciso resolver essa situação. Só não sei ainda como. Não tenho ideia do que fazer agora. Mas sei que não vou encontrar essa resposta aqui, muito menos cansado do jeito que estou.

Deixo tudo como encontrei, tranco a produtora e vou embora. Amanhã é outro dia. Que ele me traga a clareza que preciso.



Depois de mais uma noite insone, hoje decidi agir como o adulto que sou — ou deveria ser. Chego à produtora em meu horário habitual e cumprimento Suellen, que retribui com a sua alegria de sempre. A porta da sala de Amélia está aberta, mas ela não está ali.

— Foi ao banheiro. — Suellen sente a necessidade de me esclarecer e eu dou de ombros, como se isso não fosse importante.

O pior de toda essa situação de merda é que eu estou sentindo falta da Amélia, ao mesmo tempo que estou morrendo de medo de me encontrar com ela de novo.

Vou para a minha sala, de onde só saio na hora do almoço. Retorno uma hora depois, e nas duas vezes que passo pela recepção, não a encontro em seu escritório. Suellen nem me dá mais satisfação de seu paradeiro, só me encara com aquele sorrisinho besta de quem sabe mais do que eu gostaria de demonstrar. Apenas agito minha cabeça em negativa e volto para o meu trabalho.



Não sou de pegar implicância com ninguém, mas esse cliente não me desce. Na verdade, não o cliente, porque o senhor de aspecto bonachão dono da fábrica parece ser gente boa. E está encantado com tudo o que apresentamos até agora. Ainda bem, pois me esforcei um bocado para pensar no conceito desse lançamento.

O problema é o tal Messias que trabalha para a agência que está organizando o evento. Ele é a ponte de ligação entre nós e o cliente. Já trabalhamos com essa agência outras vezes, foram um dos primeiros

clientes que conseguimos ao abrir a produtora, mas é a primeira vez que vejo esse cara. Ele é arrogante, quer mostrar que sabe de tudo e fica tentando empurrar suas ideias “geniais” como se entendesse algo do meu trabalho.

— Eu não gostei muito desse vídeo de abertura. — Ele toma o mouse da mão de Diego sem pedir permissão e volta a apresentação de slides para o começo. — Acho que não tem o impacto que precisamos. Eu tinha pensado em mais dançarinas.

— Do que você está falando, Messias? — Fernando, o cliente, discorda agitando a cabeça em negativa. — Está tudo perfeito. É exatamente assim que eu tinha imaginado. Mais gente no palco vai distrair a atenção do público para longe do produto. O conceito é o mais importante e vai estar no videocenário. As duas bailarinas são suficientes para dar leveza à apresentação e direcionar o olhar dos espectadores.

— Foi justamente o que pensei. — Tenho vontade de gritar um “toma!” para o engomadinho que me encara com cara de pouco-caso. — Não só o vídeo de abertura, como os vídeos individuais de cada produto estão com esse conceito. Apenas o do celular terá algumas dançarinas a mais, quando formos falar sobre o alcance da câmera frontal para selfies.

— Foi a parte que eu mais gostei. A única coisa que eu queria acrescentar é um pouco de diversidade. Não apenas mulheres, mas também homens dançarinos. Meus filhos dizem que esse tipo de coisa é importante hoje em dia.

— Com certeza. — Cristina abre um largo sorriso para o homem. — A agência trabalha com uma coreógrafa fantástica, cuja companhia tem um *cast* bem variado de dançarinos, não é, Messias?

Ela direciona a pergunta a ele porque essa parte do processo é responsabilidade da agência.

— Claro — responde com um sorriso forçado. — Vou anotar esse pedido para conversar com a coreógrafa.

— Então é isso. — Fernando bate as mãos, parecendo satisfeito. — Adorei tudo, pessoal. Bem que o Arnaldo falou que vocês eram os melhores.

— Estamos muito felizes que tenha gostado. — Cris fala por todos. — Tenho certeza de que vai ficar ainda mais satisfeito com o resultado final.

O senhor concorda com um sorriso e um aceno de cabeça.

— Eu gostaria de conversar sobre o cronograma, mas será que posso usar o banheiro primeiro? — questiona Messias, sua expressão neutra.

— Claro — é Diego quem responde. — Fica logo depois da sala da produção, à esquerda. — Ele apresentou a empresa aos dois antes da reunião.

— Eu já vou indo, Messias. — Fernando se levanta. — Deixo vocês resolvendo essas coisas burocráticas. Tenho um compromisso com a minha filha. Ela estuda fora e veio me visitar, então estou tentando aproveitar todo o tempo que temos juntos.

— Temos que aproveitar mesmo — diz Cristina, apoiando a mão na barriga. — Eles crescem tão rápido.

— Pois é, querida. — O homem sorri para ela. — Em um momento estão aí e quando você pisca já estão trazendo um marmanjo

qualquer para casa e dizendo que vão se casar.

— Espero que isso demore muito para acontecer. — Diego ri de nervoso, enquanto Aline, Matheus e eu rimos da sua cara de desespero. — Eu o acompanho até a saída. — Indica a porta e sai acompanhado dos dois.

Aproveito o intervalo para explicar à Aline e Matheus as ideias que tive, detalhando qual vídeo será feito por cada um deles. Poucos minutos depois, Diego retorna e passamos a falar do cronograma.

— O Messias também foi embora? — questiono meu amigo, quando o cara demora muito a voltar. — Achei que ele ia ficar para vermos as datas.

— Não. Ele foi ao banheiro.

— Deve estar fazendo o número dois — comenta Matheus, rindo.

— Eu vou conferir se está tudo bem.

— Caio, dá um tempo para o cara — Diego resmunga, mas eu o ignoro. Meu instinto me diz que há algo errado.

Saio da sala e caminho pelo corredor que dá na área maior onde ficam os cubículos da produção. Nem preciso ir até o banheiro para encontrar Messias. Ele está em frente às mesas que as meninas ocupam e o que vejo me deixa emputecido.

Camila está encurralada, enquanto o imbecil da agência, muito maior que ela, a prensa contra uma parede, impedindo-a de se mover.

— Que merda está acontecendo aqui?! — grito, assustado com a cena que tenho à minha frente.

Sua expressão de medo se transforma em uma de choro quando ouve a minha voz. O homem se afasta e me fita com um sorriso cínico nos lábios, enquanto Camila permanece paralisada no lugar.

Esses jovens são importantes para mim. Sinto-me como se fossem os irmãos caçulas que nunca tive — jamais direi que são como filhos, não tenho idade para isso. Convivemos há alguns anos e me afeiçoei a eles. Mesmo que implique com Matheus, ou que flerte com Aline — tendo certeza de que nada jamais aconteceria entre nós —, eu me preocupo com eles, com suas carreiras, com seu futuro. E ver um deles passar por uma situação como essas... não consigo ficar indiferente.

— A gente só estava conversando. — O cara ergue as mãos, em sinal de rendição, como se não estivesse fazendo nada de mais.

— Camila? — Chamo seu nome para que ela me confirme o que eu acho que vi. Não quero agir por impulso aqui e ser injusto com ninguém.

O problema é que ela apenas fecha os olhos e balança a cabeça em negativa. Seu rosto se enche de lágrimas enquanto ela escorrega pela parede até terminar sentada no chão.

Isso é mais do que preciso. Muito mais. O cara nem vê o soco chegando. É pego de surpresa quando atinjo seu rosto, borrando seu sorriso e fazendo com que cambaleie para trás. A pancada é tão forte que minha mão fica dolorida, e sei que o estrago foi grande.

O babaca se recupera do susto e há fúria em seus olhos quando me encara, com certeza pronto para revidar. Azar o dele, podemos ter quase a mesma altura, mas eu sou muito maior e estou pronto para acabar com a sua raça.

Não chegamos a tanto, pois Aline aparece, gritando pela amiga, e se agacha para abraçá-la. Diego, Cristina e Matheus surgem em seguida, parecendo chocados com a cena.

— É assim que vocês tratam as pessoas com quem fazem negócios? — O homem rosna, segurando o queixo atingido, os olhos vermelhos de raiva.

— Prefiro perder dinheiro a ter de lidar com gente como você, seu porra!

Não sou de me irritar com facilidade, mas esse cara pediu por isso. E estou preparado para continuar o socando quando uma mão delicada pousa sobre o meu braço, impedindo meu movimento.

— Bebezão, você precisa se acalmar. — A sua voz ao meu ouvido, sussurrando o apelido que me deu, funciona como mágica, desarmando-me.

Respiro fundo algumas vezes, sentindo o corpo de Amélia próximo ao meu, e consigo me controlar.

— É melhor você dar o fora daqui antes que eu permita que o Caio termine o que começou. — Diego aponta a saída e Cristina e Matheus se afastam, deixando o caminho livre.

— Vocês estão acabados! — O homem grita histérico. — Nunca mais vão conseguir um cliente sequer nesta cidade!

— Dá o fora daqui! — volto a gritar, mas Amélia, que continua pendurada em meu braço, impede-me de sair do lugar e acertar o cara de novo.

O cretino ainda fita Camila mais uma vez, destilando sua raiva

antes de se afastar. Diego e Cristina o seguem, com certeza para se assegurar de que ele vai mesmo embora desta vez.

— Posso te soltar agora? — Amélia continua sussurrando ao meu ouvido. Deus, como senti falta dessa voz gostosa. Apoio a mão sobre a que ela mantém em meu braço e aperto seus dedos suavemente, acenando em positivo com a cabeça. Ela me solta e se abaixa para falar com Camila. Aproveito para sair dali e voltar para a minha sala.

Pego o telefone e ligo para o meu amigo, que é um dos sócios da agência onde esse cretino trabalha. A conversa é curta, principalmente porque despejo tudo o que aconteceu em poucas palavras. Arnaldo era amigo do meu pai e me conhece desde que eu era pequeno. Inclusive esteve mais presente em minha vida do que o meu próprio pai. Sabe que eu não mentiria sobre um assunto tão grave. Eu lhe asseguro que o cliente não presenciou nada e ele me garante que o cara será demitido. Agradeço e desligo, ainda furioso.

Caminho de um lado ao outro, a mão ainda latejando, enquanto tento me acalmar. E isso vale tanto para a adrenalina de ter entrado em confronto físico quanto à proximidade de Amélia, que me despertou todo tipo de sentimentos.

— Você destruiu a cara do infeliz! — Diego segura o riso quando aparece alguns minutos depois.

— Bati foi pouco!

— Precisava mesmo ter acertado o homem? — Cristina questiona, mas não há reprimenda em sua voz, apenas curiosidade.

— O soco foi justificado. Você não viu a cara dela, Cris. Camila estava aterrorizada.

Eles se acomodam e ficam em silêncio, observando-me enquanto eu retomo meus passos pela sala.

— Já falei com o Arnaldo. O cara já era!

Diego acena em positivo com a cabeça, enquanto Cristina continua me encarando.

— Com licença. — Amélia bate à porta entreaberta e nossos olhares se encontram. — Eu trouxe algo para você.

Ela se aproxima, tímida, sob a mirada atenta dos meus sócios. Estende o braço para alcançar minha mão ferida e eu me deixo manipular, mesmo sem ter certeza do que ela pretende. Quando apoia um saco de gelo que estava em sua outra mão sobre o machucado, encolho-me com a dor, mas ela me segura, sustentando o saco ali por um tempo, um sorriso debochado em seu rosto.

— Como a Camila está?

— Parece mais calma. Eu fiz um chá para ela. E prometi que se o cara pisasse aqui de novo, você acabaria com a raça dele.

— Pode ter certeza de que farei isso — respondo com convicção, e isso arranca uma risada gostosa dela.

— O cara não vai mais pisar aqui. — Diego interrompe o nosso momento. — Duvido muito que consiga emprego em alguma empresa na nossa área tão cedo. Se depender de nós, a carreira dele acabou.

— Acho que Camila agora está mais preocupada com as consequências do que aconteceu.

— Nós vamos conversar com ela. — Diego a tranquiliza. —

Camila não tem com o que se preocupar.

— Tudo bem. Se precisarem de mais alguma coisa, é só me chamar.

Amélia deixa a sala e, mais uma vez, já sinto falta de seu calor. Eu fui muito estúpido por ter fugido dela daquele jeito na sexta-feira.

— Matheus, pede para a Camila vir até a nossa sala assim que for possível. — Cristina está ao telefone. — Obrigada.

— Foi uma sorte o cliente ter saído antes. — Sei que Diego está tão puto quanto eu com essa situação, mesmo que sua voz soe tão tranquila como sempre. — Eu sabia que havia alguma coisa errada com esse cara. A maneira como olhou para ela... Não deveria ter permitido que usasse o banheiro, deveria ter ido atrás dele.

— Como a gente ia saber? — Ainda segurando a bolsa de gelo, retomo a caminhada, sentindo-me um animal enjaulado. Deveria ter acertado ao menos mais um soco na cara daquele imbecil. Camila não tinha participado da reunião, mas Messias a tinha visto durante o tour pela produtora. E ela estava sozinha na produção quando ele tentou atacá-la. Não quero nem pensar o que poderia ter acontecido se eu não tivesse ido atrás dele. — Vamos ficar vigiando todo mundo que entra aqui agora? Não podemos confiar que nossos funcionários estarão seguros cada vez que alguém estranho aparecer aqui para realizar um trabalho com a gente?

— Será que devemos prestar queixa? — Cristina questiona, preocupação em seu semblante.

— Isso é com a Camila — Diego responde. — Ela só precisa saber que a apoiaremos no que for preciso.

— Não, eu não quero. — Camila entra na sala, interrompendo a nossa conversa. — Já tenho um processo para lidar, não quero outro.

— Você está bem, Camila? — Cris se levanta para puxar uma cadeira para que a garota se sente. Acho que foi uma boa ideia, pois Camis parece um pouco trêmula.

— Ainda não.

— Você quer nos contar o que aconteceu? — Cristina se apoia na mesa à sua frente, enquanto Diego e eu observamos à distância. Acredito que seja melhor ela conversar com uma mulher no momento.

Camila parece pensar por um instante, imagino que essa história não seja fácil de contar.

— Meu ex-namorado espalhou vídeos meus pela internet. Vídeos íntimos.

— Nós sabemos disso, Camis — resmungo antes que me dê conta do que estou fazendo. Isso não me importa no momento, quero saber o que aconteceu ali fora.

— Sabem? — Seus olhos dobram de tamanho pela surpresa.

— Sim — Cris responde com calma e um sorriso triste. — Caio encontrou um dos seus vídeos há uma semana e veio falar com a gente. Conversamos com a Aline primeiro, para ver se sabia de algo, e ela nos contou o que estava acontecendo.

— Lili não me disse nada. — Está de cabeça baixa, ainda envergonhada demais para encarar qualquer um de nós.

— Pedimos que não dissesse. Não queríamos que você se sentisse

constrangida. Sabemos que nada disso foi culpa sua, querida. E não queríamos que isso afetasse o seu trabalho aqui.

— Mas afetou de qualquer jeito, não? — Agora é ela quem abre um sorriso triste. A sua dor é quase palpável. É incrível como podemos conviver com alguém todos os dias e não ter ideia do que se passa em sua vida. — Aquele homem me reconheceu e disse que queria deixar seu contato comigo. Que eu poderia oferecer coisas a ele, como se eu fosse uma prostituta.

— Não, querida. — Cris vai até ela e abraça. — Nós sabemos que você não é nada disso.

— Ele me prendeu contra a parede e eu não consegui fazer nada para afastá-lo de mim. — Ela volta a chorar, e isso aumenta minha raiva e minha impotência.

— Eu disse que o soco era justificado! — grito, sem conseguir me conter.

— Eu não duvidei de você. — Diego suspira e passa a mão pelo rosto.

— Eu sei o quanto esse cliente era importante — Camila desembesta a falar, parecendo ainda mais agitada. — Eu sinto muito se causei problemas para vocês...

— Vocês são muito mais importantes para nós do que qualquer cliente — Diego a interrompe. — Camis, eu te vi crescer, te considero minha sobrinha, assim como a Aline. Você é família, e família sempre vem em primeiro lugar.

— Além do mais, o escroto era só um funcionário — resmungo,

sentindo a mão latejando sob a bolsa de gelo. — Um dos donos da agência é meu amigo. Eu contei o que aconteceu e o cara será demitido. O cliente mesmo já tinha ido embora. Você não tem com o que se preocupar.

Ela começa a chorar e, mesmo que seja um choro de alívio, eu me incomodo um pouco. Não gosto de ver ninguém chorando. Sinto-me impotente, porque não há nada que eu possa fazer para sumir com problema que a aflige.

— Você consegue retornar ao trabalho ou prefere ir para casa? — Cris pergunta, acariciando seus cabelos.

— Não. Estou bem. — Ela funga, tentando controlar o choro. — Prefiro ficar aqui a estar em casa sozinha, remoendo tudo isso.

— Tudo bem, então. — Cris lhe dá um sorriso encorajador.

— Obrigada, gente. — Parece um pouco mais tranquila quando se levanta. — E desculpa de novo por tudo.

— Não tem do que se desculpar.

Camila deixa a nossa sala de cabeça baixa. Olho para Cris e Diego, que parecem tão arrasados quanto eu.

— Nunca imaginei que passaríamos por uma situação como essa aqui, dentro da nossa própria empresa. — Cris senta-se e apoia as mãos sobre a barriga. — Este lugar deveria ser seguro, uma segunda casa para nós e os meninos.

Respiro fundo mais algumas vezes antes de me sentar e encará-la.

— As coisas não deveriam ser assim... — Ela fita o esposo e

depois volta a atenção para mim, seus olhos lacrimejando.

— Acha que eu fiz mal em bater no cara?

— Pela primeira vez a sua impulsividade foi muito bem-vinda — ela me responde com um sorriso triste. — Até eu queria ter dado uns tapas no infeliz.

— Por mais que ele tenha merecido, amor, vamos deixar apenas o Caio com a violência física. — Diego está rindo quando se volta para mim, o ambiente um pouco mais leve. — O importante é que você chegou a tempo. E nós vamos ficar mais atentos daqui para frente.

— Pode ter certeza disso.

— Vamos retomar o trabalho, pois esse projeto é grande e o prazo é curto.

Concordo com meu amigo e voltamos a falar sobre o cronograma. Tento me concentrar ao máximo, mesmo que os acontecimentos do dia voltem vez ou outra à minha mente.

Capítulo 19

AMÉLIA



Depois de sua fuga do meu quarto, eu fiquei três dias inteiros sem ver o Caio.

Durante o final de semana foi mais fácil. Rosália deixou Manuela em minha casa antes do almoço no sábado, super empolgada em aproveitar um tempo a sós com o namorado. E minha sobrinha foi toda a distração de que eu precisava.

Eu não me importo nem um pouco em ser babá, amo minha pequena, e cada hora que passamos juntas é preciosa. Cada brincadeira, cada livro que leio para ela, cada música que dançamos, cada desenho animado que assistimos. Amo cada momento. E como eles ficaram mais raros agora que elas moram longe de mim, aproveito ao máximo. Por isso, mesmo que Caio tenha tentado se infiltrar em meus pensamentos, fiz de tudo para focar a minha atenção em quem realmente importava: a minha menina ali comigo.

Somente quando minha irmã veio buscá-la no domingo à noite e eu voltei a ficar sozinha é que me permiti remoer o que tinha acontecido e me preocupar com as consequências.

Sei que Caio não é adepto de relacionamentos, mas será que eu conseguiria levar isso adiante de maneira casual — se é que há alguma chance de voltarmos a ficar mais uma vez? Minha lógica diz que eu

deveria esquecê-lo e ponto final, que se ficar presa a ele posso perder a chance de encontrar um cara que seja realmente certo para mim. Já o meu coração e principalmente o meu corpo estão pedindo aos gritos por mais uma noite com Caio. E quantas mais forem possíveis. Porque o homem sabe o que está fazendo. Ele não é como aqueles mocinhos de livro, com pinta de modelo e abdômen trincado, mas é lindo à sua maneira, e o fato de ser grande fez com que eu me sentisse acolhida em seu abraço. Eu já disse que o homem tem pegada e sabe o que está fazendo? Foram meses imaginando do que ele era capaz e não me decepcionei nenhum pouco. Bom, talvez um pouquinho, quando ele praticamente saiu correndo da minha casa quando achou que eu estava dormindo.

Ontem eu não o vi. Quando cheguei à produtora, ele já estava em sua sala, não saiu para almoçar e ainda estava lá quando eu fui embora. Tinha algumas pendências para resolver com os sócios, mas tratei tudo por e-mail com Cristina, para não precisar ir até a sala deles. Eu tenho amor-próprio. Se Caio não quer me ver, não sou eu quem vou impor minha presença. Por mais que queira vê-lo novamente.

Hoje de manhã fui eu quem abriu a produtora para Suellen. Algumas horas depois, quando retornei do toalete, Sue fez questão de me avisar que Caio tinha acabado de passar por ali. Havia um sorrisinho debochado em seu rosto e tenho a impressão de que essa garota desconfia de algo, mesmo que eu não tenha dito absolutamente nada sobre nada.

Tentei seguir com o meu dia normalmente. Saí mais cedo para o almoço, porque Rosália tinha uma consulta com o ginecologista e me convidou para conhecer meu sobrinho. Sim, é um menino. E a emoção foi a mesma que senti quando ouvi os batimentos de Manuela pela primeira vez. Estou tão feliz pela minha irmã. Ao menos uma de nós está

bem e tem certeza do que esperar do futuro. Já disse que tenho orgulho da família que eles estão construindo? Tenho muito orgulho, principalmente se considerarmos os perrengues que enfrentamos para que chegássemos a esse ponto.

Por causa da consulta, acabei passando um pouco do meu horário de almoço, o que não foi problema porque Suellen e Cristina sabiam do meu compromisso. Continuei sem nenhum sinal de Caio nas horas seguintes.

Isso mudou quando ouvi gritos vindo da produção, a sua voz rouca e inconfundível. Meu coração bateu acelerado quando corri até lá e o vi prestes a atacar aquele homem nojento mais uma vez. Não pensei duas vezes quando segurei em seu braço e o impedi de seguir com a agressão. Não porque estivesse preocupada com o homem, e sim porque não queria ver Caio entrar em problemas por causa disso. Não pude evitar o calor que invadiu o meu corpo quando o toquei, a saudade que estava sentindo desse contato era grande demais. O pior de tudo é que com apenas uma noite já estou viciada desse jeito.

Foi impossível não me preocupar com ele e, por isso, levei a bolsa de gelo até sua sala. Ou talvez tenha sido só uma desculpa para poder vê-lo mais uma vez. Eu sei, tinha prometido a mim mesma manter distância, mas foi impossível. Apesar disso, fiquei feliz com o fato de que ao menos não me rechaçou e me tratou com educação na frente dos seus sócios. Já é um avanço.

Confesso que fiquei muito orgulhosa ao vê-lo defendendo Camila daquela maneira. Essa é a versão de Caio que mais gosto, aquela que demonstra preocupação pelas pessoas ao seu redor. A segunda versão é aquela que conheci em minha cama na sexta-feira. E tenho muito medo

de me apaixonar por qualquer uma delas.

E agora estou aqui, como uma idiota, tentando finalizar o meu trabalho enquanto penso nele. Deveria ter inventado alguma desculpa e ido embora mais cedo, mas não consigo agir assim. Não consigo fugir das minhas obrigações. Sou muito certinha, como diz Caio. E aí está ele ocupando meus pensamentos mais uma vez.

— Chefinha, estou indo embora. — Suellen aparece à minha porta com a bolsa no ombro.

— Já são seis horas?

— Sim. — Ela responde com um sorriso. — Você ficou aí perdidinha no seu mundo particular e não viu o tempo passar.

— Pior que foi isso mesmo. — Sou obrigada a concordar.

— Mal conseguimos conversar hoje. — Ela se encosta no batente e cruza os braços. — Tem alguma novidade para me contar?

— Do que você está falando, Suellen? — Viro-me para o meu computador, para que ela não note o rubor em minhas bochechas.

— Você estava estranha ontem, Caio estava estranho ontem — ela enumera. — Você sabe que eu não sou de espalhar fofocas, mas eu gosto de estar bem informada. E amo segredos. — Ela bate as mãos em frente ao rosto, como se suplicasse por esse segredo que não estou disposta a compartilhar.

Suspiro fundo e me levanto, caminhando até ela e a segurando pelos ombros.

— Suellen, pare de viajar e vá estudar.

— Chefinha... — Faz um bico, parecendo uma criança contrariada, e isso me arranca uma gargalhada.

— Tchau, Suellen! — Empurro-a em direção ao elevador.

— Tá bom — ela bufa. — Só me promete que se alguma coisa acontecer, eu serei a primeira a saber.

— Não há o que saber, Suellen. — Não estou mentindo, levando em conta que não tenho certeza de que o que tive com Caio irá além do que vivemos aquela noite. — Vá estudar que eu ainda tenho muito trabalho para fazer antes de poder ir embora.

— Sabe que amanhã eu vou tentar de novo, não sabe? — ela questiona com um sorriso travesso enquanto eu aperto o botão para o elevador, que chega em seguida.

— E a minha resposta será a mesma. Boa aula. — Aperto sua bochecha para provocá-la e ela entra no elevador rindo.

— Até amanhã.

A porta se fecha e fico por um segundo ali, pensando no que ela falou. Suellen sempre foi muito curiosa, mas sei que diz a verdade com relação a guardar segredos. Gosta de ouvir sobre os outros, mas não é de ficar espalhando o que ouve. Mesmo assim, preciso tomar cuidado porque sou muito transparente, e não quero que as pessoas aqui saibam o que aconteceu. Principalmente se essa coisa entre Caio e eu não for passar disso. Preciso preservar o meu emprego. E a minha dignidade.

Volto para a minha sala, disposta a fazer ao menos uma parte do trabalho atrasado ainda hoje. Mas minha concentração não dura nem meia hora, porque logo sou interrompida por alguém batendo à porta

entreaberta. Impossível não sentir o meu coração acelerado quando vejo que é Caio quem está ali.

— Vim ver se você precisa de uma carona. — Ele age como se fosse uma coisa normal, mas posso ver que está ansioso com a minha resposta.

— Caio, eu moro no sentido oposto à sua casa.

— Não vou pra casa. — Ele abaixa a cabeça, parece incerto sobre o que dizer. — Tenho um compromisso para os lados de onde você mora. Posso te dar uma carona.

Só de pensar que esse compromisso é um encontro com outra mulher, meu estômago se retorce. Mas Caio não me prometeu nada e não posso me mostrar fraca diante dele, então a coisa certa a fazer é aceitar esta carona e mostrar que eu não me abalo com nada do que faz.

— Certo. Só preciso de cinco minutos.

— Ok. Vou te esperar no estacionamento.

— Tudo bem.

— Ok — ele repete, antes de balançar a cabeça e se afastar.

Minha mente parece um turbilhão enquanto salvo os arquivos abertos, desligo o computador e recolho minhas coisas. Não sei o que esperar desta carona, não sei o que esperar de Caio no geral. Só sei que preciso me manter firme para enfrentar o que quer que venha dele.

Desço de elevador, tentando controlar os nervos — e as expectativas. Caio já está com o carro parado ali próximo à porta. Entro e apoio a bolsa no chão, colocando o cinto de segurança. Seu celular já está

no painel, com o meu endereço programado no GPS. O rádio toca uma canção da MPB e ele sai com o carro sem que troquemos nenhuma palavra sequer.

Não há chuva hoje, mas o trânsito não está muito melhor do que no outro dia. Permanecemos em silêncio por um tempo, mesmo que eu note que vez ou outra ele me direciona seu olhar, como se quisesse dizer algo.

— Sua mão melhorou? — questiono depois de alguns minutos, para puxar assunto.

— Sim. — Ele solta o volante para mover as articulações da mão ferida. — Obrigado pelo gelo, ajudou muito.

— De nada.

— Nunca tive a chance de te falar sobre a Camila. — Ele aproveita a deixa para manter a conversa fluindo, e fico grata por isso. — Conversamos com Aline aquele dia, foi o ex-namorado mesmo.

— Que cretino — protesto.

— Muito. Mas ela já entrou com um processo contra o cara. Parece que a coisa ficou feia entre eles.

— Pelo pouco que ouvi sobre esse relacionamento, eu desconfiava que o cara fosse abusivo.

— Pois é, ele não aceitou o término, começou a persegui-la e, quando não conseguiu nada com isso, decidiu se vingar soltando os vídeos.

— E eu achando que ela só estava para baixo esses dias por causa

do término.

— Não, a situação foi muito pior que isso. E hoje o cara da agência a reconheceu. Ele tinha visto os vídeos, ofereceu dinheiro e tentou forçá-la quando ela se recusou. Eu nem sei o que poderia ter acontecido se eu não tivesse chegado a tempo.

— Que horror. — É claro que eu tinha uma ideia do que tinha acontecido essa tarde, mas saber dos detalhes torna a situação ainda pior. — Talvez eu devesse ter deixado você bater mais naquele infeliz.

— Por que você me impediu? — A curiosidade em sua pergunta é genuína, não há repreensão ou censura.

— Fiquei preocupada por você. — Opto pela sinceridade. — Poderia se encrascar se as coisas saíssem de controle.

— E eu estava prestes a sair de controle mesmo. — Ele me olha de lado, com um sorriso. — Ainda bem que você estava lá.

— O cara ainda pode prestar queixa contra você pelo soco.

— Mas ele não vai. Porque se fizer isso, terá uma denúncia contra ele por assédio. Ele não é idiota. Vai deixar o assunto morrer para não piorar para o lado dele. Além disso, deve estar muito ocupado agora procurando outra ocupação, porque foi demitido e duvido que consiga outro trabalho em nossa área. Ao menos não aqui em São Paulo.

— Isso é bom. Fico feliz que não haja motivos para ele retornar à produtora.

— Não mesmo — ele concorda e a nossa conversa chega ao fim, o silêncio voltando a imperar no carro em movimento.

Algumas músicas depois, ele estaciona o carro em frente ao meu prédio. Agora é a hora da verdade.

— Muito obrigada pela carona. Eu te convidaria para subir, mas você tem um compromisso, não é mesmo? — Pego a minha bolsa do chão e apoio a mão na maçaneta, pronta para descer.

— Não tem compromisso nenhum, Amélia — ele solta, quase em um resmungo.

Fico um segundo em silêncio, tentando decifrar a situação em que nos encontramos. Ele inventou uma desculpa qualquer para vir até aqui comigo.

— Você quer subir, Caio? — Viro-me no banco para poder encará-lo, tentando ler a sua expressão.

— Posso fazer esse sacrifício. — Ele dá de ombros e eu dou um tapa de leve em seu braço. Ele se encolhe, fazendo uma careta antes de começar a rir. — Não precisa partir para a violência, mulher! Só queria ficar mais um tempo com você.

— Não precisa ficar inventando desculpas. — Cruzo os braços, cansada desse joguinho. — É só me dizer o que quer.

— Quero ficar de novo com você. — Ele segura o meu queixo e aproxima nossas bocas, me roubando um beijo rápido, com gosto de quero mais.

— Pronto. Foi tão difícil assim?

— E você, Amélia? O que você quer?

— Eu quero que você suba comigo.

Antes que ele diga algo mais, viro-me e desço do carro. Caminho até a porta do meu prédio, ouvindo o som do alarme do carro sendo ativado. Antes que possa destrancar a fechadura, sou abraçada pela cintura, recebendo beijos pelo meu pescoço. Caminhamos assim até o elevador e nossa viagem é diferente daquela de sexta-feira. Assim que as portas se fecham, Caio me imprensa contra a parede do fundo e começa a me beijar. Parece que sentiu a minha falta tanto quanto eu senti a dele.

— Que saudade dessa boca gostosa! — ele diz em um sussurro, me apertando contra si.

As portas se abrem e eu me afasto dele quando vejo um vizinho esperando para entrar. Cumprimento-o com um aceno e desço, com Caio no meu encalço. Destranco o apartamento e ele espera até que estejamos dentro antes de me agarrar de novo.

— Você quer comer alguma coisa? — Afasto-me o bastante para encará-lo.

— Você, é claro. — Mostra-me o seu melhor sorriso debochado.

— Cachorro. — Puxo-o para mais um beijo, arrastando-o para o meu quarto.

— Depois que eu estiver satisfeito de você, podemos pedir uma pizza.

— Parece perfeito para mim!

Em pouco segundos nossas roupas vão para o chão e estamos perdidos um no outro. Caio beija cada pedacinho do meu corpo, como se quisesse explorar e conhecer cada parte de mim. Eu passeio minhas mãos pelos seus braços, descendo pelas suas costas, até alcançar sua bunda, que

aperto com gosto, provocando-lhe uma risada gostosa. Eu amo quando ele ri dessa maneira. Caio desce beijos do meu pescoço até os meus seios, onde perde um tempo, massageando, chupando e mordiscando, como se não tivesse pressa. Mas eu tenho, então o puxo pelos cabelos até que sua boca encontre a minha mais uma vez. Logo estamos conectados, essa energia louca correndo entre nós. Dessa vez é ainda melhor, porque além do tesão, há também aquele gostinho de saudade.



— Por que você é sempre tão grosseiro comigo? — questiono, quando estou deitada em seu peito depois de mais uma rodada de sexo incrível.

Foi a segunda dessa noite. Depois da primeira, tomamos um banho juntos — quase grudados porque Caio ocupa um espaço enorme no meu box —, pedimos uma pizza e assistimos a um filme na televisão enquanto fazíamos a digestão. Quando o filme acabou, achei que ele iria embora, mas Caio me surpreendeu ao me pegar no colo e me trazer de volta para o quarto, onde transamos mais uma vez.

— Não tenho intenção de ser grosseiro — ele responde, fazendo uma careta. — Só não gosto de tantas regras e exigências. E você também me tira do sério.

— Só estou fazendo o meu trabalho, Caio. — Impossível não ficar chateada com a sua opinião. Tento me afastar, mas ele me puxa de volta. — Estou tentando melhorar a sua empresa.

— Eu sei, linda. Mas não é só disso que estou falando.

— E do que está falando?

— Que você me tira do sério. — Ele bufa e franze as sobrancelhas. — Desde o dia em que pisou na produtora, tem sido um inferno me controlar porque você me dá um tesão danado.

— Você se sente atraído por mim e por esse motivo me tratava com grosseria? O que é isso, Caio? — Bato em seu peito antes de me sentar para poder encará-lo. — Estamos na primeira série e eu não sabia? Fazia muito tempo que um garoto tinha interesse em mim e demonstrava isso me chamando de feia e boba.

— Não é isso. — Ele dá uma gargalhada gostosa enquanto eu puxo o lençol para me cobrir. — Assim que te contratamos, a Cris me proibiu de me aproximar de você.

— Por quê? — Não consigo compreender o que Cristina tem a ver com isso. Gosto muito da minha chefe, mas os possíveis motivos para a sua proibição não me agradam. — Você tem alguma coisa com Cristina? Ela está traindo o Diego?

— Não, mulher! — Ele me interrompe rápido. — Quer dizer, eu já tive alguma coisa com Cristina, mas faz muito tempo. — Ele se enrola, ficando nervoso de repente, e começo a ficar desconfiada. — Não é por ciúmes de mim.

— Por que, então?

— Porque eu já tive problemas com uma funcionária antes.

— Você foi acusado de assédio — afirmo, imaginando para onde essa conversa está indo. Não gosto do que ouço, mas é melhor do que as possibilidades malucas que minha mente tinha criado.

— Saí com a antiga recepcionista algumas vezes e ela não aceitou bem quando eu disse que não ia rolar mais. — Ele parece envergonhado ao expor essa informação, mas fico feliz que esteja me dizendo a verdade. — Aí ela entrou com um processo por assédio.

— Eu nunca faria isso. — Como disse minha irmã, se for consentido, não é assédio. E esse tipo de denúncia falsa ainda desmerece aquelas que são verdadeiras, tirando a força das mulheres que realmente passam por esse tipo de coisa.

— Cristina não sabia disso. — Caio explica, depositando um beijo em minha mão. — Só estava tentando proteger a empresa e o seu trabalho, e ela realmente gosta do seu trabalho. O que estou dizendo é que a grosseria era uma maneira de te manter longe. Porque se você fosse simpática comigo, como era com todo mundo, eu não teria aguentado por tanto tempo.

— Você poderia ter arrumado outra maneira de me manter afastada — resmungo.

— Eu sei, não foi uma solução muito inteligente.

— Caio, você é uma das pessoas mais inteligentes que conheço, mas não é muito esperto. — Volto a me aproximar dele, sentando-me em seu colo. Seguro seu rosto entre minhas mãos, apertando essas bochechas tão gostosas e o encho de beijos rápidos, enquanto ele ri. — E o que vamos fazer agora? Cristina e Diego não vão gostar de saber que estamos nos vendo. — Ele revira os olhos, não parecendo feliz ao se lembrar dos sócios. — Porque eu quero continuar com o que quer que isto seja. O que você quer?

Evito nomear o que temos, mas faço a pergunta que é necessária

neste momento, mesmo sentindo muito medo da resposta.

— Eu também quero. Me senti muito mal depois que fui embora daquele jeito, não deveria ter feito aquilo.

— Não mesmo — Bato de novo em seu peito, ainda chateada pela maneira como me senti quando o vi indo embora. Ele segura minha mão e a apoia sobre seu torso, em cima do coração. Seus batimentos estão tão agitados quanto os meus.

— Com relação aos meus sócios, ninguém precisa saber sobre nós.

A resposta não é bem a que eu esperava. Não gosto disso, de agir como se eu fosse seu segredo sujo. Mas acabo aceitando, na esperança de que essa situação mude no futuro. Ele está aqui agora, finalmente estamos conversando como adultos, expondo o que sentimos, e é tudo o que importa no momento.

— Você sabe que isso aqui — aponto de mim para ele — não significa que vou passar a pegar leve com você no trabalho.

— Eu não esperava menos de você, dona Certinha. A coisa boa é que cada vez que você me irritar durante o expediente, poderei descontar minha frustração dando umas palmadas boas nessa bunda gostosa. — Ele desce as mãos pelos meus quadris até apertar a minha bunda com vontade.

— Vai sonhando!

Começo a rebolar sobre seu colo, provocando-o, querendo mais. E ele não me decepciona. Logo estamos unidos novamente, compensando os dias que ficamos separados.

Capítulo 20

AMÉLIA



Caio e eu estamos nesse não-relacionamento há algumas semanas.

Eu não tenho muita experiência com homens. Antes de Caio, era possível contabilizar em uma mão com quantos eu havia dormido. Tenho menos experiência ainda com relacionamentos. O mais longo que tive foi com o meu ex-noivo, e não foi o que podemos chamar de saudável.

Acho que Hugo e eu só ficamos juntos por uma pressão da minha família. Ele era frequentador da igreja, nós crescemos juntos, mas eu nunca tinha sentido nada além de amizade. Até que eu completei 18 anos e ele me surpreendeu com um pedido de namoro. Não era algo que eu esperasse, mas acabei aceitando.

Hoje penso que só aceitei devido às circunstâncias, já que ele fez o pedido em frente a toda a igreja, logo depois de um culto. Simplesmente não soube como dizer não, e na época também não vi um bom motivo para me negar. Nunca tivera um namorado antes, estava solteira e ele também, e meu pai fazia muita questão desse relacionamento. Então eu aceitei. E achava que Hugo era um bom namorado. Ele era bonitinho, educado, me tratava com respeito. E naquela época, só o fato de ter alguém que ouvisse minhas opiniões já era uma grande coisa.

Nós sempre falávamos sobre casamento, era algo comum devido à

nossa vida na igreja: aquela história de não viver em pecado, de se guardar para o casamento e todo esse blá-blá-blá. É claro que eu não me guardei para nada. Poucos meses depois de termos assumido um compromisso eu perdia a minha virgindade com Hugo — e sem ter muita certeza de que também era a sua primeira vez, como ele insistia em me dizer. Obviamente meu pai não ficou sabendo dessas nossas atividades paralelas. Se dependesse do pastor eu teria me casado antes dos vinte, justamente para evitar o pecado. Mal sabia ele o quanto de pecado já tinha cometido junto ao seu protegido.

A verdade é que me recusar a casar tão cedo era a única questão em que não dava o braço a torcer à minha família. Eu sempre quis mais da vida do que o que via ali. Eu não queria apenas ser mais uma esposa de pastor, submissa a tudo como minha mãe. Eu queria estudar, ter a minha profissão, especializar-me o máximo que fosse possível, ter uma carreira antes de pensar em formar uma família.

E consegui seguir dessa maneira por alguns anos. Formei-me em Administração de Empresas, fiz um MBA e consegui o mestrado. A única concessão que fiz ao meu pai foi aceitar trabalhar para ele na igreja, ajudando com a contabilidade. Antes não tivesse feito isso, porque foi ali que começou a minha desilusão com a religião. Ver o quanto de dinheiro os milhares de fiéis entregavam à igreja e o pouco que isso se convertia em retorno à comunidade fez com que eu comesse a questionar se todo o funcionamento da instituição era justo. Até que ponto era certo cobrar o dízimo e pedir tantas ofertas em troca apenas de uma promessa de prosperidade?

No entanto, essas coisas me incomodavam, mas não a ponto de fazer com que eu tomasse alguma atitude. Até porque, que atitude eu

poderia tomar? Meu pai era um homem influente — ainda é —, que fundou uma igreja há muitos anos, conquistando muitos seguidores com a ideia de uma vida próspera e uma passagem direta para o céu. Como eu poderia ir contra isso? Às vezes eu tinha a impressão de que as pessoas gostavam de viver na ignorância, porque questionar dá muito trabalho.

Confesso que me acomodei a essa vida. Principalmente depois de Hugo ter me pedido em casamento — novamente na frente de toda a congregação, para que eu não pudesse recusar. Aceitei que essa seria a minha vida, mesmo prometendo a mim mesma que não seria como a minha mãe, manteria minha independência e não seria a sombra do meu marido. E tentaria mudar alguma coisa no futuro, quando tivesse algum poder real dentro da igreja.

Isso não quer dizer que eu tenha me conformado com a situação. Talvez fosse por isso que ficava tão reticente cada vez que alguém me perguntava sobre a data do casamento. Inventava mil desculpas, dizia que estávamos tentando nos estabilizar financeiramente antes de constituir família. Notava Hugo incomodado com as minhas evasivas, mas consegui enrolá-lo por mais de um ano.

Quando tudo aconteceu, nós finalmente tínhamos uma data e estávamos cuidando dos preparativos para a festa. Isso não fez diferença quando pedi sua ajuda, depois que meu pai colocou minha irmãzinha grávida para fora de casa, como se ela fosse uma pária. Também não teve importância quando saí de casa junto com ela, porque no momento em que mais precisei do seu apoio, Hugo me virou as costas e escolheu a igreja ao invés de mim.

Acho que o que me deixou mais chateada não foi perder o noivo, porque acho que nunca o amei de verdade. O que mais doeu foi ver uma

pessoa que considerava como um amigo me ignorar quando eu precisei de verdade.

Que tipo de casamento nós poderíamos ter sendo ele esse tipo de pessoa?

Depois desse desastre, eu não tive experiências muito duradouras. Acho que o mês que passei com Henrique foi o meu maior relacionamento depois de Hugo. Por isso não tenho certeza do que é isso que estou vivendo com Caio. Com Henrique, por mais que não tenha dado certo, eu tinha certeza de que ele queria o mesmo que eu: um relacionamento sério, um companheiro para a vida, uma família. Eu não tenho ideia do que Caio quer da vida, muito menos o que espera de mim.

O que eu sei é que, apesar das dúvidas, gosto muito do que estou vivendo com ele. Talvez mais do que deveria.

Na produtora as coisas seguem como antes — com a diferença de que Caio agora me trata com a mesma educação com que trata os demais. É claro que continua resmungão e protesta sempre que tem de fazer o que peço, mas está tentando se conter o máximo que pode.

Eu continuo almoçando sozinha, ou com o pessoal da produção quando nossos horários batem. Caio tem o costume de almoçar sozinho, já que Diego e Cristina almoçam em casa com as crianças, e seus horários nem sempre coincidem com os dos demais. Eu não me importaria de esperar por ele, mas entendo que temos de manter as aparências. Não podemos correr o risco de alguém nos ver juntos fora da empresa.

Se a nossa troca de olhares já era frequente antes, agora está ainda mais intensa. Preciso me controlar para não dar bandeira. Principalmente porque Suellen continua na minha cola. A xereta não voltou a tocar no

assunto, mas vez ou outra me direciona um sorrisinho irônico sempre que Caio está por perto. Essa menina é mais esperta do que eu gostaria; se ao menos empregasse essa energia no trabalho...

Quando o expediente se encerra, a coisa muda de figura. Geralmente esperamos todos irem embora para que possamos sair juntos. E temos nos revezado entre o meu apartamento e o dele, pendendo mais para o dele, que fica mais próximo da produtora.

Seu apartamento não é muito grande: sala de jantar conjugada com a de estar, cozinha, dois quartos e uma pequena varanda. É simples, mas de muito bom gosto, um lugar ótimo para um cara solteiro, e eu acho que combina muito com ele. É muito mais organizado do que eu imaginei que seria e é claro que ficou fácil de entender como isso era possível quando ele me contou que há uma moça que limpa a sua casa duas vezes por semana. Nem por um segundo acreditei que Caio fosse capaz de manter a ordem sozinho.

Ele tem se mostrado atencioso, e não somente quando estamos transando. Passamos muitos momentos mais castos juntos, seja assistindo TV ou cozinhando o jantar juntos. Por muitas vezes, ele também é muito carinhoso, e quando isso acontece, eu aproveito o momento, sem pensar que ele pode não se repetir no futuro.

— Não vamos nos ver esse final de semana? — ele questiona quando estamos em seu sofá, um filme qualquer passando na TV.

— Combinei de ir amanhã com a minha irmã resolver os últimos detalhes da festa. — Acomodo-me melhor, deitando a cabeça em seu peito enquanto ele me abraça. — Ela está tão empolgada, falta pouco mais de um mês para o casamento.

— Bom pra ela — ele diz em um tom neutro, passando as mãos pelos meus braços. Imagino que este assunto não seja tão interessante para ele.

— Minha sobrinha vai dormir na minha casa depois disso, mas Rosália deve buscá-la no domingo. Se você quiser pode ir para lá depois.

Foram poucas as noites em que Caio e eu dormimos separados depois que nos acertamos, geralmente nos dias em que eu tive algum compromisso com minha família, ou quando ele ficou preso por causa do trabalho. Já estou ficando mal-acostumada.

— Pode ser. — Ele dá de ombros. — Vou ver como está a minha agenda.

— Precisa saber se não vai estar muito ocupado jogando videogame?

— É um compromisso sério. — Ele franze a sobrancelha e eu seguro o riso. — Tenho amigos que quase não consigo ver pessoalmente, esse é o momento em que aproveitamos para colocar a conversa em dia.

— Matando zumbis?

— E destruindo carrinhos — diz sério, mas logo começa a rir.

— Eu sei que isso é importante para você, Bebezão. — Passo a mão pelo seu rosto, sentindo a barba rala. — Mas se estiver livre, prometo que você pode se divertir muito mais comigo.

— Essa proposta é muito tentadora, Santinha — ele diz, descendo os dedos pelas minhas coxas. — Você faz academia?

— Não — respondo, estranhando a mudança de assunto. — Não

tinha tempo para isso quando morava com minha irmã. E nunca gostei da ideia de ficar fechada em lugares apertados cheios de gente suada.

— E como é que se mantém gostosa desse jeito comendo do jeito que você come?

Acho graça de sua pergunta. Já convivemos tempo bastante para Caio perceber que não sou dessas que se importa com contar calorias. Comer é uma das coisas que mais amo nessa vida e isso nunca foi um problema.

— Parte é genética. Eu não tenho tendência a engordar, meu metabolismo é acelerado — respondo com um sorriso. Só Caio para fazer uma pergunta dessas. — E eu subo escadas como exercício. Quase não uso o elevador do meu prédio. Desço pelas escadas quando vou trabalhar e subo de volta quando chego.

— Mas são dez andares! — Ele arregala os olhos de forma exagerada.

— É questão de costume. — Dou de ombros.

— Mas a gente sempre pegou o elevador no seu prédio.

— Porque você estava comigo. Mas podemos subir de escadas da próxima vez se estiver disposto a fazer esse exercício comigo.

— Nem fodendo. — Ele bufa.

— Esse exercício a gente já faz — eu o provoco, apertando a dobrinha em sua barriga.

— E muito bem, por sinal. — Ele empurra minha mão para longe, antes de trocar nossas posições e se deitar sobre mim, apoiando-se em

seus braços para poder me encarar. — Mas fora isso, não sou fã de academia. O máximo de exercício, de verdade, que eu faço é andar de bicicleta no parque aos finais de semana.

— Eu gosto de andar de bicicleta. — Volto minha a mão para o seu rosto, afundando meus dedos em seus cabelos em seguida. — Podemos fazer isso um dia juntos.

Ele fica me fitando em silêncio por um tempo e me pergunto se eu disse algo de errado. Porque eu tenho consciência de que isso é um programa de namorados, mas eu não consegui me controlar antes de abrir a minha boca.

— Podemos sim. — Ele me dá um selinho antes de voltar a se sentar, me puxando mais uma vez para junto dele. — Podemos fazer o que você quiser — completa, sem me encarar.

Sei que deveria estar mais atenta, proteger mais o meu coração. Mas quando ele diz coisas assim, deixo-me envolver um pouco mais. É aquela esperança de que as coisas mudem e que eu consiga o final que desejo. Só espero que seu eu cair do cavalo, o tombo não seja tão grande.



— Posso saber que carinha é essa? — Rosália me questiona, antes mesmo de me cumprimentar, assim que a encontro no *buffet* que vai servir a comida em seu casamento.

— Do que você está falando? — Tento me fazer de desentendida, mas minha irmã me conhece bem demais.

— Essa cara de quem comeu e gostou muito.

Dou uma gargalhada de seu descaro, enquanto olho ao redor para ver se algum dos funcionários está atento à nossa conversa. Por sorte, os dois que andam por ali parecem preocupados com suas próprias coisas.

Rosália segura minha mão e me arrasta pelo pequeno salão até uma mesinha onde há alguns salgadinhos e fatias de bolo.

— Eu sabia que você estava me escondendo alguma coisa — ela reclama, sem que eu tenha dito nada, enquanto nos sentamos. — Desembucha, mulher! Quem é o sortudo da vez?

— Você sabe quem é... — respondo, sem querer dizer o nome dele em voz alta, como se isso tornasse a confusão ainda mais real.

— Louvado seja, Senhor! — Ela ergue as mãos de maneira exagerada, e eu a seguro, morrendo de vergonha. — Você e o Caio finalmente se acertaram? — Ao menos retoma o seu tom normal.

— Acho que se pode dizer isso.

— Quando foi? Quando? Como?

— Quantas perguntas! — Gargalho com a sua empolgação.

— Bom, se você tivesse me contado quando aconteceu, não estaria te perguntado agora, em um lugar público. — Rosa leva as mãos à cintura, como se estivesse mesmo chateada. Eu sei que é somente um ato, então apenas balanço a cabeça em negativa.

Conto tudo a ela enquanto provamos as amostras de comida. É claro que não exponho todos os detalhes — por mais que sejamos próximas, há informações que gosto de guardar apenas para mim. Minha

irmã foi a primeira pessoa que previu que isso aconteceria; acho que Caio e eu éramos os que estavam em negação. Rosália parece realmente feliz com o caminho que as coisas estão seguindo.

Ficamos tão empolgadas com a nossa conversa que nem reparo que já comemos quase tudo o que estava sobre a mesa.

— A comida aqui é incrível — comento, enquanto levo mais uma salgadinho à boca. — Mas como vocês vão pagar por tudo isso?

— A dona do *buffet* é uma das irmãs da igreja. Ela vai me conseguir um desconto. E também serão poucos convidados, uns cinquenta no máximo. Nós, alguns amigos da igreja nova, os colegas de trabalho do Cléber e talvez a mãe dele. Nem tenho certeza se a velha vai querer aparecer. — Rosália faz uma careta. — Ela também faz de conta que não tem mais filho.

A mãe de Cléber é mais uma das fiéis do meu pai que ficou ao seu lado, e isso é difícil de perdoar.

— Você convidou os nossos pais?

— De jeito nenhum. — Ela agita a cabeça em negativa. — Se eles não têm mais filhas, nós não temos mais pais. Você é a única família que eu tenho, tirando meus filhos e o Cléber. — Ela leva a mão à barriga, como Cris costuma fazer. Acho esse gesto tão lindo.

— Tem razão. Você está mais do que certa. Eu com certeza faria o mesmo.

— Até porque se fosse o seu casamento, eu não deixaria que você os convidasse — ela afirma com convicção.

— E não precisaria de muito esforço para me convencer disso.

Não que precisemos nos preocupar com essa possibilidade tão cedo.

— Isso, para de mudar de assunto e vamos voltar ao que interessa: a sua relação com o Caio.

— Não é bem uma relação — explico, mesmo sem vontade de falar sobre isso. — Somos dois adultos que estão se divertindo juntos. Nem ao menos sei se somos exclusivos.

Essa conversa pendente é algo que me atormenta. Pensar que Caio pode estar ficando com outras enquanto está comigo é terrível, mas sou covarde demais para falar com ele e ter essa confirmação. A única coisa que me consola é que passamos tanto tempo juntos que seria impossível que ele tivesse tempo para ficar com outra. Tirando dias como hoje, em que não nos vemos. Não posso pensar nisso agora, ou vou acabar surtando.

— E você está de boa com isso? — Rosália questiona, com as sobrancelhas erguidas, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Eu não sei o que eu estou fazendo, irmã! — bufo frustrada, passando a mão pelo rosto. — Pelo amor de Deus, eu terminei com o Henrique, que era um cara perfeito para mim!

Ao menos com Henrique eu tinha mais certezas do que dúvidas.

— Não era tão perfeito assim se você terminou com ele.

— Tinha a questão da distância...

— Mana, se você realmente estivesse apaixonada por ele, a distância é algo que se resolveria com o tempo. Você gostava do Henrique, mas nunca foi paixão. Eu não via esse brilho que vejo agora nos seus olhos quando estava com ele.

— Você acha que estou apaixonada por Caio?

— Eu sempre desconfiei disso, você sabe.

— Você é bruxa, por acaso?

— Não — ela responde com uma gargalhada. — Era só a maneira como você falava dele. Como ficava chateada de verdade quando o cara era um idiota com você.

— Ele era mesmo um idiota comigo. — Dou uma risada sem muito humor. — Como é possível que eu ainda me sentisse atraída por ele?

— Porque uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Pois deveria.

— Eu também acho, mas nem sempre o coração é muito racional.

— Quase nunca. — Sou obrigada a concordar. O meu coração parece que perdeu de vez a conexão que tinha com o meu cérebro. — E você acredita que ele me disse que fazia isso para conseguir se manter distante de mim?

— Eu acredito. — Ela ri. — Muito infantil da parte dele, mas Caio sempre me pareceu emocionalmente imaturo.

— E é disso que eu tenho medo. De me envolver e ser uma via de mão única. E se eu estiver desperdiçando meu tempo com ele, esperando por algo que nunca vai acontecer?

— Mel, cabe a você decidir o que fazer. Mas se quer saber a minha opinião, você deve aproveitar o que está vivendo agora. Pode ser que Caio mude e as coisas entre vocês deem certo. Pode ser que ele seja

mesmo um idiota egocêntrico, aí você dá um pé na bunda dele e parte para o próximo. Você é nova, minha irmã. Não tem por que deixar de viver as experiências que deseja porque tem medo do que pode acontecer.

— E o meu trabalho...

— Esse já era — ela me corta, fazendo o gesto com as mãos. — Vocês bagunçaram as coisas no momento em que ficaram pela primeira vez. Se as coisas não derem certo, e for impossível manter a convivência, você arruma outro emprego. É inteligente pra caramba, competente, e tenho certeza de que Cristina ou mesmo Diego não se importarão em lhe dar uma recomendação.

— Você tem razão. — Sou obrigada a concordar com ela. Agora já não há mais nada a ser feito. — Quando foi que você se tornou a mais sábia desta relação?

— Eu cresci quando você não estava olhando. — Com um sorriso de lado ela dá de ombros, como se a capacidade de me dar bons conselhos não fosse nada importante. — Agora vamos provar os bolos, que eu ainda preciso decidir qual sabor quero para o meu casamento. E enquanto isso, você pode me contar mais sobre as qualidades de Caio na cama.

— De jeito nenhum — respondo rápido, rindo da sua cara de pau.

Minha irmã também ri, fazendo a sua melhor expressão de inocente. Essas horas que passo com ela são ótimas, como sempre. Só não servem para fazer com que eu esqueça de Caio, porque ela faz questão de insistir nas perguntas, mesmo que só receba negativas em troca. Rosália nunca foi conhecida por desistir fácil.



As coisas entre Amélia e eu estão cada vez melhores. Fazia tempo que eu não tinha uma parceira como ela. Eu sabia que debaixo daquela pose de santinha havia uma mulher cheia de fogo. E estou amando me queimar.

O que estou vivendo com ela é diferente de tudo o que já vivi antes. Chego a ter um pouco de receio da intensidade do que estou sentindo, um certo medo de não saber como lidar com tudo isso. As chances de eu fazer merda são muito grandes, e tenho consciência disso.

Tento não ficar pensando muito e apenas aproveitar o momento. E até agora tem dado certo. Nos vemos quase todos os dias e, quando isso não acontece, fico pensando nela. É inevitável. Vira e mexe Amélia está ocupando meus pensamentos.

As coisas estão ficando cada vez mais interessantes na produtora. É claro que ninguém sabe do nosso envolvimento — mesmo que Suellen se mostre cada vez mais desconfiada. Eu não estou preparado para a bronca que Cristina vai me dar quando descobrir que eu não cumpri a minha promessa. Vocês viram que eu tentei, aguentei por mais de um ano, merecia um prêmio só por ter resistido por tanto tempo. Espero que a minha sócia pense da mesma maneira.

Amélia e eu continuamos agindo como se nada estivesse

acontecendo. Mas está, e expressamos isso nos beijos que trocamos no trabalho quando ninguém está vendo, geralmente no fim do expediente, quando a maioria já foi embora. Acho que todo esse segredo aumenta a adrenalina e o tesão que sinto por ela.

Por sinal, achei que o tesão fosse diminuir depois que finalmente transássemos, mas não foi o que aconteceu. Muito pelo contrário, não consigo pensar em outra coisa que não seja estar com dela. O mais engraçado é que muitas vezes me contento em estar ao seu lado, fazendo coisas cotidianas como jantar juntos ou assistir a uma série na TV. É claro que isso não significa que não queira estar dentro dela sempre que possível.

Eu gosto de vê-la na minha casa, mexendo na cozinha com a qual já se familiarizou, descansando no sofá ou deitada em minha cama. Ela parece se encaixar bem aqui. Já tive algumas mulheres que passaram um tempo no meu apartamento, mas é como se Amélia realmente pertencesse a esse lugar. E são pensamentos como esse que ainda me trazem um pouco de receio.

Por sorte, nesse momento a única coisa que sinto é conforto. É confortável compartilhar minha cama com ela, enquanto nos aquecemos debaixo do edredom, assistindo a um filme de ação — que foi Amélia quem escolheu, porque é um dos seus gêneros favoritos. Está tudo tranquilo e aconchegante até que seu celular apita e ela muda seu foco para o bendito aparelho, sorrindo assim que lê o conteúdo da mensagem que recebeu.

— Achei que você queria assistir ao filme — reclamo, quando sua atenção fica por muito tempo no celular.

— Me desculpa, eu quero sim. — Ela se inclina e beija a minha bochecha. — Só preciso responder essa mensagem rapidinho.

Ela volta o olhar para o celular, o sorrisinho bobo ainda no rosto — recordando-me daquele momento meses atrás quando a vi fazendo a mesma coisa na produtora — e ter noção de quem pode estar do outro lado da conversa me provoca um sentimento que não consigo nomear, mas que com certeza é negativo.

— Está falando com a sua irmã? — questiono, sem querer expor minhas suspeitas.

— Não — ela responde sem olhar para mim. — É um amigo.

— Um amigo?

— Sim, o Henrique — responde como se não fosse nada de mais. — Você o conhece, ele é amigo da Cris também.

— Eu sei quem é o Henrique — resmungo sem conseguir me controlar, e isso finalmente atrai a sua atenção para mim. — Como também sei que você já transou com o cara.

— Sim — ela demonstra paciência, parecendo não se abalar com o meu repentino mau humor. — Henrique e eu tentamos um relacionamento, que não deu muito certo. Mas nós terminamos em bons termos.

— E vocês ainda se falam?

— Claro. — Ela dá de ombros, voltando a digitar no celular. — Henrique é um dos poucos amigos que eu tenho. Acabou se tornando alguém importante para mim.

— E vocês voltaram a se ver depois que terminaram?

— Não. Ele é um cara muito ocupado. É raro vir a São Paulo. — Ela coloca o telefone na mesinha de cabeceira e se vira para me encarar. — Por que tantas perguntas, Caio?

— Por nada. — Agora sou eu quem dá de ombros. — É só que esse cara está atrapalhando o nosso filme.

— Caio, você por acaso está com ciúmes do Henrique?

— Claro que não. — Minha voz sai mais alta do que eu gostaria e respiro fundo antes de prosseguir: — Eu não sinto ciúmes de ninguém.

Posso ver que ela não acredita em mim e, ao mesmo tempo, parece feliz com a minha reação.

— Não precisa ficar com essa cara amarrada. — Ela aperta minha bochecha, coisa que sempre me irritou, mas que não me incomoda mais quando é ela quem faz. — Já me despedi dele.

— Podemos voltar para o filme, então?

— Não, porque me deu vontade de comer pipoca. Pausa aí que eu volto rapidinho.

Ela se levanta e sai do quarto. E eu faço o que me pede, porque esta tem sido a minha vida: fazer tudo o que Amélia me pede.

Alguns minutos depois ela está de volta, com uma grande tigela que coloca sobre a mesinha de cabeceira antes de voltar a ocupar o seu lugar ao meu lado.

— O que é isso? — questiona, fazendo uma careta. — Caio, por acaso você peidou?

— Talvez — respondo, sem querer me comprometer.

— Não acredito nisso. — Até a cara de nojo que ela faz é linda.
— Não me admira que você até hoje não tenha conseguido uma namorada. Isso é nojento.

Há muito outros motivos pelos quais eu nunca namorei, mas não acho que seja o momento para essa discussão.

— Isso é normal. — Dou de ombros ao assumir minha culpa. — Todo mundo peida. Vai dizer que você não faz isso?

— Faço. Inclusive na sua frente. — Ela começa a agitar o edredom, tentando dispersar o cheiro. — A diferença é que não tenho um bicho morto dentro de mim.

Impossível controlar a risada que me escapa, e isso parece deixá-la ainda mais irritada.

— Ainda bem que viemos para a sua casa hoje — ela continua reclamando. — Do contrário você teria impregnado o meu edredom com esse cheiro horroroso. Como pode um homem tão cheiroso ter um peido tão fedorento?

— Porque ainda não inventaram um perfume que a gente possa beber, Santinha — respondo com uma gargalhada. — Vem aqui que eu vou dar um jeito de você esquecer disso.

Amélia faz uma careta e agita o edredom mais algumas vezes. Eu reviro os olhos para a sua reação nem um pouco exagerada e isso faz com que ela caia na gargalhada. Aproveito o momento para puxá-la para mim, fazendo com que termine sentada sobre o meu colo. Confesso que essa é a posição que mais me agrada: seu calor sobre o meu pau, sua bunda ao

alcance das minhas mãos.

É disso que estou falando. Há uma leveza na maneira como ela lida com as coisas que me encanta, além dessa intimidade que construímos de maneira tão natural. Com Amélia eu rio e gozo com a mesma intensidade.

É claro que assim que assumimos essa posição tanto o filme quanto a pipoca ficam esquecidos por um tempo. Há coisas mais interessantes para fazermos no momento.

Capítulo 22

AMÉLIA



Atualmente estou vivendo em um limbo emocional. Amo o que estou vivendo com Caio, mas odeio não ter a definição do que é isso que vivemos. E morro de medo de perguntar o que ele pensa sobre a nossa relação e não gostar da resposta. E assim vou levando, dia após dia, aproveitando o que é bom, ignorando o que me faz sofrer. Sei que não é um comportamento saudável, mas sigo com esperança de que as coisas mudem em um futuro não muito distante.

Talvez eu possa dar o primeiro passo. Falta pouco tempo para o casamento da minha irmã e eu gostaria muito de convidá-lo para ir comigo, mas não sei como Caio reagiria a esse convite. Afinal, esse tipo de compromisso em família é algo comum quando se está namorando, mas é possível que ele pense que não estamos nessa fase.

Quer saber a pior parte de tudo isso? Eu realmente estou apaixonada por ele. Não sei quando aconteceu — como diz a minha irmã, pode ter sido muito antes do nosso primeiro beijo —, mas eu me dei conta há pouco tempo. Ou talvez só tenha tido coragem de admitir isso a mim mesma há pouco tempo. Eu sei que essa é a realidade porque me dói a ideia de não o ter mais em minha vida, e é a primeira vez que sinto isso por alguém. Nem mesmo meu ex-noivo despertava esse receio em mim. O problema é que não sei se a recíproca é verdadeira. Sei que ele se sente

atraído por mim, a química entre nós é incrível, o sexo é maravilhoso, temos mais coisas em comum do que eu imaginei ser possível, mas nada disso é prova definitiva de que ele sinta por mim algo além de tesão. E é essa incerteza que me consome.

Uma batida à porta me desperta dos meus devaneios. Viro-me para ver quem é e abro um sorriso quando o assunto que tanto me preocupa aparece ali, lindo como sempre.

— Ei, o que você acha de fazermos um programa diferente hoje?
— Caio se aproxima com as mãos nos bolsos traseiros da calça. Parece envergonhado ao falar comigo, e isso não é típico dele.

— Diferente como?

— Um amigo meu está na cidade hoje e faz um tempo que eu não o vejo...

— Ah... — é a única coisa que consigo dizer, chateada por estar sendo dispensada. — Não tem problema. Pode sair com ele, eu vou ficar bem sozinha.

— Não é isso. Ele vai me encontrar no karaokê, e eu queria saber se você se importa de darmos uma passada lá antes de irmos para casa.

Uma variedade de emoções me atinge ao ouvir o seu convite. Ao mesmo tempo que estou feliz com a possibilidade de sairmos pela primeira vez como um casal, não gosto da ideia de que seja no karaokê, que sempre foi um dos seus pontos habituais de “caça”.

— É um desses amigos com quem você se reúne para matar monstros e fazer pré-adolescente chorarem? — pergunto para ganhar tempo, enquanto penso na minha resposta.

— Sim — ele responde com uma gargalhada. — É o John, um amigo da faculdade que mora no Rio de Janeiro. Ele veio para cá hoje a trabalho e já vai embora amanhã.

— Tudo bem. Mas se você quiser pode ir sozinho. Aposto que vocês têm muito assunto para colocar em dia. Eu não quero atrapalhar...

— Eu quero que você vá — ele me interrompe. — A menos que você não queira ir.

— Não, nós podemos ir sim.

— Ótimo. — Ele abre um sorriso, parecendo aliviado com a minha resposta. — Vou mandar uma mensagem para ele. Você já está pronta para sair?

— Preciso de mais quinze minutos para emitir uma nota.

— Perfeito. Vou recolher minhas coisas e já volto.

Ele faz que vai sair, mas acaba retornando e se aproxima ainda mais de mim. Somos os únicos ainda na produtora, então ele não se faz de rogado ao segurar meu rosto entre suas mãos grandes e me dar um beijo gostoso.

— Eu já volto.

— Ok — respondo com um sorriso bobo.

Em momentos como esse, quando me beija dessa maneira, eu concordaria em ir com ele a qualquer lugar.



Estou aqui há pouco mais de uma hora e já tenho uma certeza: não gosto deste lugar. A pouca luz incomoda minhas vistas, o ambiente é abafado e os móveis parecem ter tido dias melhores, sendo agora apenas um risco de tétano. Mas Caio parece amar isso aqui. Desde que chegamos não parou de conversar com seus amigos. Pelo que eu ouvi, faz meses que não aparece por aqui, mas não por minha causa, já que a última vez que veio foi bem antes de ficarmos juntos.

Talvez eu esteja incomodada porque é a primeira vez que saímos em público, e não está sendo o que eu imaginava que seria esse nosso momento. Ele está agindo como se eu fosse uma amiga a mais no meio desse povo — inclusive me apresentou a John como se fosse isso, apenas uma amiga. Fala comigo de vez em quando, mas está distraído demais para realmente prestar atenção em mim. Então eu fico aqui sentada a esta mesa, cercada de pessoas que não conheço, comendo petiscos de procedência duvidosa e bebendo um suco um tanto aguado, enquanto o observo se esbaldar em cima do pequeno palco, cantando com a empolgação de um astro do rock. Nem mesmo ouvir a sua voz linda interpretando canções que também gosto está me deixando mais animada.

Depois de cantar mais uma música ao lado de uma dessas garotas que não disfarçam o quanto gostariam de ir para a cama com ele — ou que talvez já tenha feito isso —, Caio volta a se sentar ao meu lado.

— Está tudo bem? — Ele por fim nota a minha cara emburrada.

— Está — respondo sem muita vontade. Não sei até que ponto isso é culpa dele. Talvez seja eu realmente o problema. Não costumava sair quando era mais jovem, e não são todos os lugares que me agradam. — Eu vou ao banheiro rapidinho.

— Quando você voltar, vai cantar uma música comigo — ele afirma com um sorriso no rosto e parece mesmo empolgado com isso.

— Tá bom. Olha a minha bolsa, por favor.

Eu deveria ter explicado a ele que não canto em público desde que deixei a igreja, mas não quero estragar sua noite. Talvez eu consiga abrir uma exceção hoje, apenas para deixá-lo feliz.

Quicá se eu o lembrar de que poderíamos estar fazendo coisas mais interessantes na minha casa, eu o convença de irmos embora daqui de uma vez. Já aguentei mais do que imaginei ser possível. Agora entendo a implicância de Diego com este lugar.

O banheiro não está em melhores condições que o salão principal, mas sei que dei sorte ao ver a moça da faxina deixando o pequeno ambiente com um balde em mãos. Faço o que preciso fazer, usando um papel que mais parece jornal para me secar, e gasto mais um tempinho em frente ao espelho, encarando-me enquanto lavo as mãos.

Preciso sair daqui. Estou me sentindo sufocada. Eu fiz o sacrifício de vir por Caio, agora preciso ir embora por mim mesma. E tentarei ao máximo não me decepcionar se ele não quiser ir comigo. Seu amigo está aqui, não é um problema se ele quiser ficar. Não é um problema! — repito a mim mesma, tentando acreditar nisso.

Quando retorno ao salão, o lugar onde estava sentada agora está ocupado. Há uma mulher ao lado de Caio. Ela parece ter a idade de Aline, e está muito confortável ao lado dele, com a mão apoiada em seu peito, enquanto fala ao seu ouvido. Ele não parece incomodado com a sua presença, muito pelo contrário, ri do que ela fala, enquanto a garota aproveita para descer sua mão pelo peito dele, de maneira muito

sugestiva, até pousá-la no cóis de sua calça.

Paro por um instante, incapaz de acreditar no que estou vendo. Sabia que eu deveria ter ido pra casa. Ele que tivesse vindo sozinho e feito o que queria fazer, ao menos eu não ficaria sabendo e não estaria com esse aperto no coração que sinto no momento.

Respiro fundo antes de me aproximar, pegando a minha bolsa que está sobre a mesa.

— Amélia! — Caio se assusta com a minha presença e, ao notar a minha cara de poucos amigos, afasta a mão da moça de sua cintura. — Essa é a Joice, uma amiga.

Ela acena para mim com um sorriso no rosto. Aceno de volta, tentando ser educada, enquanto digo a mim mesma que nada disso é culpa dela. A culpada sou eu por esperar de Caio algo que ele não está pronto para retribuir.

— Estou indo embora — digo a ele, pegando a minha comanda sobre a mesa e caminhando em direção à saída.

— Amélia! — escuto-o me chamando enquanto tenta se desvencilhar da garota que está sentada ao seu lado, impedindo sua passagem.

Entrego a minha comanda ao cara do caixa e deixo cinquenta reais para cobrir a minha parte. Um grande desperdício. Antes tivesse ido direto para casa. A Netflix com certeza não teria me decepcionado tanto.

— Não precisa sair desse jeito. — Caio me alcança antes que eu consiga sair e segura minha mão.

— É melhor eu ir embora, Caio. — Puxo a mão de volta,

soltando-me dele. — Vá ficar com seus amigos. Esse lugar não é pra mim. Já deu o que tinha que dar. Nos vemos na segunda.

Começo a descer as escadas que dão para a rua e ouço os passos de Caio me seguindo.

— Me desculpa. — Ele continua falando, enquanto desço à sua frente. — É que eu gosto tanto desse lugar que achei que você poderia gostar também.

— Não deu muito certo, sinto muito por isso. — Dou de ombros e tiro o celular da bolsa quando alcanço a calçada, para pedir um carro por aplicativo. Ele aproveita esse momento para me segurar pelo cotovelo e me fazer encará-lo.

— Amélia, você está brava comigo?

— Não tenho motivos para estar brava. — Ergo as mãos, para mantê-lo afastado. Uso toda a energia que tenho para controlar a vontade que sinto nesse momento de chorar. — Não sou sua namorada, nem mesmo sei se sou realmente sua amiga. Você pode ficar com quem quiser. Eu não tenho nada a ver com isso.

— É claro que você é minha amiga. — Ele bufa, exasperado. E eu me encolho quando mais uma vez me classifica assim. Apenas uma amiga. Ele nota meu desconforto, porque tenta se corrigir. — Você sabe que é mais até do que isso. Me desculpa. — Caio se aproxima e me abraça, mas eu não correspondo. Estou realmente chateada. — Eu sei que não devia ter dado trela para a Joice. É força do hábito. Você pode não ser minha namorada, mas estava comigo. — Ele me solta para segurar meu rosto, mirando-me nos olhos. — Vamos sair daqui e esquecer que essa noite desastrosa aconteceu, o que acha?

— Eu não sei, Caio...

— Por favor — ele pede, parecendo desesperado. E isso é o bastante para me desarmar. — Prometo que vou tentar não ser mais um idiota com você.

Fico em silêncio encarando-o de volta e ele se aproxima para me dar um selinho. Se afasta e analisa minha expressão — que acredito que já esteja um pouco mais suave —, antes de me beijar de novo, dessa vez com mais vontade. E eu correspondo, porque já não sou capaz de lutar contra o que sinto por ele.

— Vamos sair daqui — ele sussurra, apoiando sua testa na minha.

— Você não precisa pagar a conta?

— O dono me conhece. Depois eu transfiro o dinheiro para ele. Vamos sair logo daqui.

E eu vou com ele, porque a idiota nessa história sou eu. Nunca achei que uma paixão pudesse me transformar nesse tipo de pessoa. Tenho raiva de mim ao mesmo tempo em que estou satisfeita que ele tenha escolhido a mim no final das contas. Deve ter algo de muito errado comigo.



Eu sou um idiota. Tenho plena consciência disso, não preciso que fiquem me lembrando deste fato. Ajudaria se alguém me avisasse antes de fazer a merda, não adianta ficar me criticando depois que já estraguei tudo.

Bom, por sorte parece que o estrago não foi tão grande. Tive muita dificuldade em acalmar a fera depois do episódio no karaokê, mas consegui amansá-la com paciência — e alguns orgasmos. Na verdade, a parte do sexo é a única coisa que sei fazer com maestria. O meu problema é todo o resto que engloba um relacionamento. Estou tentando, mas às vezes é muito difícil. Acho que esse é um dos motivos pelos quais fugi desse drama durante tanto tempo. A questão é que agora não sinto vontade de fugir. Eu quero ficar, e tentar fazer diferente.

Sei que não deveria ter agido daquela maneira no karaokê. O problema é que eu acabo me empolgando quando estou ali, envolto naquela atmosfera tão descontraída. Eu amo a música, e em cima daquele palco é quando chego perto daquele sonho que não realizei. Sempre me distraio quando estou cercado por meus amigos, e acabei não notando o quanto Amélia estava desconfortável ali. Claro que a situação não melhorou quando não cortei Joice assim que ela chegou. Estava me divertindo tanto com o desespero da mulher, tentando me convencer a

levá-la para casa enquanto eu me negava a isso, que nem reparei o quanto estávamos próximos. E claro que também não notei a proximidade de Amélia e o quanto aquela cena poderia parecer comprometedora.

Não tiro a sua razão em ficar puta comigo, mesmo que ela tenha se controlado e agido como uma dama, como sempre age. Eu nem sei o que uma mulher como ela viu em mim, um ogro sem noção. Mas eu tenho sorte de ela ter me dado uma chance e não estou disposto a abrir mão do que temos tão cedo.

Amélia ainda parecia reticente quando chegamos à sua casa — ela sugeriu que fôssemos para a minha, mas eu não queria que tivesse a oportunidade de fugir de mim. Fiz questão de retomarmos o plano inicial, preparei pipoca e escolhi um filme, que assistimos no sofá de sua sala.

Ela permaneceu distante nos primeiros minutos, mas aos poucos foi se aproximando e acabou se enroscando em mim, manhosa, apoiando a cabeça em meu ombro e as pernas sobre o meu colo, enquanto eu a abracei e a trouxe para ainda mais perto. Nesse momento eu soube que conseguiria o seu perdão, e não foi necessário pedi-lo em voz alta. Demonstrei com gestos o quanto estava arrependido. Eu sabia o que tinha feito de errado e ela sabia que eu sentia muito por isso.

Acho que consegui alguns pontos a mais quando propus que fôssemos andar de bicicleta no Parque Ibirapuera no domingo. Assim que as palavras deixaram a minha boca, vi o sorriso lindo que se formou em seu rosto, e soube que estava fazendo a coisa certa.

Foi uma experiência nova, e muito divertida. Fazia tempo que Amélia não andava de bicicleta e, por mais que seja uma coisa que não se esquece como fazer, ela levou um tempo para recuperar o equilíbrio e

conseguir acompanhar o meu ritmo. Parecíamos duas crianças brincando no parque e não dois adultos com mais de trinta anos — não precisa me lembrar que estou mais perto dos quarenta, o espelho não me deixa esquecer disso.

Assim que devolvemos as bicicletas alugadas, almoçamos por ali mesmo, em um quiosque, e passamos parte da tarde deitados sobre a grama próxima ao lago, observando as famílias e os outros casais que se amontoavam por ali. E a sensação foi muito boa, tê-la ali, ao meu lado, como se não tivéssemos preocupações no mundo.

Amélia aproveitou o momento, utilizando-se da culpa que eu ainda estava sentindo por tê-la chateado, e me convidou para acompanhá-la ao casamento da irmã. E é óbvio que eu aceitei. Não havia outra resposta possível. Eu teria aceitado de qualquer maneira, mesmo que toda aquela merda não tivesse acontecido na sexta. Ver Amélia em um vestido de festa é algo que não perderia por nada nesse mundo.

Às vezes penso que deveria tomar vergonha na cara e pedir Amélia em namoro de uma vez. O problema é que logo em seguida o medo me domina e desisto da ideia. Porque as coisas estão bem agora, e se eu estragar tudo propondo um compromisso? E se eu não for capaz de ser aquilo que ela espera? Tenho quase certeza de que já não sou, mas ela parece não ter reparado nisso e torço para que fique na ignorância por mais um tempo. Porque quando ela perceber que merece muito mais do que eu posso oferecer, vou estar em uma merda muito grande.



O barulho insistente me desperta. Viro-me para pegar o meu telefone na mesinha de cabeceira, mas ele está apagado, provavelmente sem bateria. Estávamos tão distraídos quando chegamos que nem me preocupei com esse detalhe.

Amélia e eu saímos para jantar hoje. Precisava aproveitar sua presença porque ela vai passar o final de semana com a sobrinha e só poderemos nos ver no domingo à noite. E eu não gosto quando ficamos separados. Estou tão acostumado com a sua presença, seja no trabalho, seja à noite quando realmente podemos ficar juntos, que estranho quando ela não está por perto. Por isso a convidei para jantar em um restaurante legal e depois a trouxe para minha casa, para aproveitar as poucas horas que temos antes de nos separarmos de novo. E ela demonstrou o quanto gostou do nosso encontro me arrastando direto para o quarto quando chegamos. Eu, que não sou bobo nem nada, não me fiz de rogado e aproveitei cada minuto.

O barulho persiste e levo um segundo para me lembrar de que há mais um celular no meu apartamento. Viro-me para o outro lado e encontro Amélia abraçada a um travesseiro. O rosto sereno e calmo, diferente da expressão rabugenta que sempre me direciona no trabalho quando eu faço algo de errado. Ficaria um tempo admirando sua paz se a pessoa ligando não parecesse tão desesperada em entrar em contato.

— Amélia. — Passo a mão pelo seu braço e ela ronrona como uma gatinha, se aconchegando mais a mim. Minha vontade é ignorar o mundo lá fora e fingir que só existimos nós dois, mas sei que isso não é possível. — Santinha, tem alguém te ligando.

Ela arregala os olhos antes de saltar da cama e buscar seu celular dentro da bolsa largada no chão. Olha para a tela do celular antes de

aceitar a chamada.

— Rosália? Aconteceu alguma coisa. — Fica em silêncio enquanto a pessoa do outro lado começa a falar. Sua expressão vai se alterando de sonolenta para uma de completo pavor. — Estou indo para aí.

Ela desliga o aparelho e o joga de volta na bolsa. Só então parece se lembrar de que estou aqui.

— Eu preciso ir ao hospital.

— O que aconteceu?

— É a minha irmã, eu preciso ir até lá. A Manuela precisa de mim.

— Tudo bem. — Levanto-me e começo a buscar a minha roupa. — Nós vamos até lá.

— Você não precisa ir. — Ela coloca a primeira camiseta que encontra e preciso me segurar para não rir, pois é a camisa que eu usava quando chegamos aqui. Fica enorme nela, mas não poderia estar mais linda. — Pode ficar aí, eu resolvo isso.

— Amélia. — Ela continua andando pelo quarto, revirando entre as peças de roupa que arrancamos mais cedo. — Amélia! — Aproximo-me e a seguro pelo ombro. Ela está tão transtornada que não parece saber o que está fazendo. — Parece que foi algo grave e você não está em condições de ir até lá sozinha.

Ela para por um segundo, o olhar fixo no meu, parecendo realmente perdida.

— O que aconteceu, linda? — Tiro uma mecha de seu cabelo que caiu no rosto e seus olhos se enchem de água. — O que aconteceu?

— Atiraram no carro delas, Caio. — Ela se desmancha em lágrimas e a trago para mais perto, apertando seu corpo contra o meu. — Atiraram nelas.

— Tudo bem. Elas já estão no hospital. — Afago seus cabelos, um pouco perdido sobre como reagir a essa notícia. Nunca passei por nada parecido, mas consigo entender o seu desespero. — Vai ficar tudo bem. Nós vamos até lá, tudo vai dar certo. Ok?

— Ok. — Ela funga antes de se afastar de mim e voltar a caçar suas roupas.

Não voltamos a nos falar depois disso. Visto-me e recolho minha carteira, o celular e a bateria extra, torcendo para que esteja carregada. Tento me arrumar rápido porque sei que se demorar um segundo a mais, Amélia é capaz de sair daqui sozinha.

O trajeto até o hospital é feito em silêncio. Ela chora baixinho e não tenho certeza se a pessoa que ligou foi a irmã ou alguém do hospital. Amélia não me conta mais nada, age como se estivesse em estado de choque.

Consigo uma vaga próximo à portaria e ela quase desce antes que eu termine de estacionar. Corro atrás dela, carregando a bolsa que esqueceu no carro, e a encontro na recepção. Amélia dá os seus dados à mulher no balcão, que confere seus documentos e pede que a gente aguarde. Conseguimos um lugar para nos sentar, e ela continua agitada, chacoalhando a perna. Sei que está prestes a perder o controle e nunca a vi dessa maneira.

— Oi, Amélia. — Uma mulher jovem, baixinha e vestida de branco se aproxima de nós. — Eu sou a enfermeira Lavínia. Fui eu quem te ligou. Você pode me acompanhar?

Amélia se levanta e fico na dúvida se quer que eu a acompanhe. Quando ela interrompe seus passos para me encarar, tenho minha resposta e a sigo.

— Como ela está? — Ouço-a perguntar à mulher, enquanto caminhamos por um corredor.

— Manuela está bem. Apenas um tiro de raspão no bracinho, tomou quatro pontos, vai ficar com uma pequena cicatriz, mas nada de grave. O anjo da guarda dela teve bastante trabalho esta noite. — A mulher tem um sorriso no rosto, mas sinto que não está contando tudo.

— E a minha irmã? Meu cunhado? — A voz de Amélia parece alta demais no corredor quase vazio.

— Sinto dizer, mas eles não tiveram a mesma sorte. — A enfermeira para de andar quando alcançamos a porta da enfermaria e se vira para encarar Amélia enquanto lhe dá a notícia que ela não queria ouvir: — Seu cunhado faleceu antes mesmo de o socorro chegar. — A voz da mulher é calma, ela também parece triste com o que diz, mas acho que não se abala tanto quanto uma pessoa normal. Deve ter visto sua cota de tragédias trabalhando nessa profissão. — Já a sua irmã chegou a ser atendida e eu mesma participei de seu atendimento. Antes de ser levada ao centro cirúrgico ela me deu o seu contato, pediu que eu te avisasse. Os médicos fizeram o possível, mas o dano interno foi muito grande. Eu sinto muito.

— Não. A minha irmãzinha não!

O grito de Amélia ecoa pelo corredor, doído, sofrido. Sinto que ela está prestes a perder as forças, então me aproximo e a seguro, permitindo que se apoie em mim e chore no meu peito.

— Sinto muito — a enfermeira repete e eu concordo com um aceno. Os sentimentos dela não vão diminuir a dor de Amélia agora. — Um policial deve vir falar com vocês daqui a pouco. Manuela vai ficar aqui mais algumas horas em observação. O médico deve dar alta a ela pela manhã e a assistente social já foi avisada.

— Obrigado.

Ela acena e se afasta de nós. Olho pela porta da enfermaria e vejo a menininha que é a cara da Amélia. Ela está deitada de lado, os olhinhos estatelados, abraçada a um ursinho manchado de sangue.

— Amélia, querida. — Abraço-a ainda mais forte quando seu choro ganha intensidade. — A Manuela precisa de você agora.

O nome da sobrinha parece o bastante para tirá-la do seu estupor. Funga algumas vezes, tentando se recompor, mas vejo o quanto está sendo difícil para ela.

— O que eu vou fazer sem a Rosália, Caio? — O desespero em sua voz faz com que eu me sinta impotente; não há nada que eu possa fazer para mudar a situação.

— Primeiro nós vamos cuidar da Manu, tudo bem? Ela está aqui, ela acabou de perder os pais.

— Não sei se consigo fazer isso sozinha. — Volta a esconder o rosto no meu peito, o choro retornando.

— Você não está sozinha, eu estou aqui.

Ela aumenta o aperto em minha cintura e eu mantenho o abraço por mais um tempo. Quando ela finalmente consegue se controlar, afasta-se o bastante para que eu possa secar suas lágrimas e beijar sua testa.

— Eu estou aqui.

Ela acena com a cabeça e por fim nos separamos. Ela cruza a porta da enfermaria enquanto eu continuo observando do lado de fora. Quando Manuela a vê se aproximando, começa a chorar e pedir colo. Amélia se deita com ela na cama e passa a niná-la. Eu entro e fico próximo à porta, observando a interação dessas duas almas que parecem ter se quebrado hoje.

A vida delas acabou de virar de cabeça para baixo e não sei como lidaremos com isso daqui em diante.



Amélia passou a noite ao lado da sobrinha, enquanto eu fiquei na sala de espera. Mandeí uma mensagem para Diego e, para minha sorte, ele me retornou pouco antes do amanhecer. Eu me sentia meio perdido, sem saber o que fazer, ou como ajudar, mas meu amigo veio até o hospital para me fazer companhia.

Eu achei que a noite já tinha sido difícil o bastante, mas não tinha ideia como a situação poderia se tornar ainda mais complicada quando o sol nascesse.

Manuela recebe alta como a enfermeira disse que aconteceria, mas nós não somos autorizados a levá-la para casa. Como Amélia ainda não tem a guarda, a assistente social de plantão solicita que a pequena vá para um abrigo até que o juiz dê autorização para que a tia possa se responsabilizar por ela.

É desesperador ver Amélia brigando para impedir que a separem de sua sobrinha. É tão injusto o que estão fazendo. Como pode ser certo afastar uma criança nessas condições da única família que ela conhece?

— Santinha, é por pouco tempo. — Tento consolá-la enquanto ela mantém a pequena abraçada a si, ambas chorando. — Nós vamos falar com o juizado, ela vai voltar para casa assim que possível.

— Não podem tirá-la de mim, Caio. — Ela chora, totalmente sem forças para continuar lutando. — Isso não é certo.

— Eu sei, linda. Mas é por pouco tempo.

Amélia se mantém abraçada à Manuela e só se acalma quando Henrique chega alguns minutos depois, prometendo que já conseguiu uma advogada para entrar com o pedido de guarda provisória.

— Vai ser no máximo por uma noite, Amélia. — Ele se agacha ao lado da cadeira onde ela segura a menina no colo. — Já consegui uma advogada para você, nós vamos entrar com o pedido e eu tento falar pessoalmente com o juiz do caso se for preciso. Manuela não vai ficar longe por muito tempo.

— Eu não posso, Henrique. — Amélia agita a cabeça, as lágrimas ainda caindo sem controle.

— Ela vai ficar bem, eu juro. — Ele segura sua mão, depositando um beijo no dorso.

— Prometo que vamos cuidar bem dela, Amélia. — A assistente social parece ser uma pessoa razoável, e vejo que se dependesse dela não estaria fazendo isso. Infelizmente é a lei e precisa ser cumprida.

Amélia respira fundo algumas vezes, tentando controlar o choro, antes de afastar a sobrinha para poder falar com ela.

— Meu amor, você vai com essa moça um pouquinho, tá bom?

— Eu não quero. — Manuela se nega e volta a abraçar a tia. — Não me deixa, titia.

— Vai ser só um pouquinho, Manu. — Amélia funga e vejo que

está prestes a desabar de novo. — Você vai para um lugar muito legal, para brincar com outras crianças, e a titia promete ir te buscar logo.

— Você jura? — A pequena faz um bico e eu sinto uma vontade tremenda de arrancar as duas daqui de uma vez e acabar com esse tormento.

— Juro.

Manuela desce do colo da tia e aceita a mão da assistente social, enquanto Amélia se mantém firme, observando a mulher levar sua sobrinha embora. Somente quando elas passam por Diego e eu — que ficamos observando da porta esse tempo todo —, Amélia volta a chorar, e Henrique, que está ao seu lado, a abraça. Confesso que não me agrada vê-lo consolando a minha Santinha, mas ao menos ele foi capaz de fazê-la ceder. Por mais doloroso que seja, é o necessário nesse momento.

— Ele é o único que eu conheço que podia nos ajudar — Diego sussurra, explicando-me o motivo de ter chamado o juiz. Provavelmente notou o meu desconforto com a situação.

— Eu sei. Obrigado por ter pensado nisso.

— Ela vai precisar da nossa ajuda — ele prossegue, enquanto observo Amélia se soltando do abraço de Henrique. Seus olhos vasculham ao redor, como se estivesse buscando algo.

— Eu sei — respondo no momento em que ela me encontra na porta e se levanta, correndo ao meu encontro.

Eu abro os braços e a recebo, apertando-a junto a mim quando ela volta a chorar.

— Vamos dar um jeito nisso, Santinha — sussurro para ela, e

sinto quando ela balança a cabeça concordando comigo.

Pego a bolsa que Henrique me entrega e caminhamos para fora da enfermaria. Não há mais nada para fazermos aqui.

— Eu vou ver com a minha amiga a questão da guarda, se vocês puderem ajudá-la com o resto... — O juiz fala com Diego quando chegamos à recepção do hospital.

— Claro. Nós podemos cuidar disso.

— Eu ligo mais tarde. — Ele fala agora para mim e eu apenas aceno com a cabeça.

— Henrique! — Amélia o chama de volta, soltando-se de mim. — Eu tenho uma carta da Rosália, me nomeando tutora da Manu.

— Isso pode acelerar o processo. — Ele parece satisfeito com o que ouve.

Amélia lhe entrega as chaves de seu apartamento e diz onde encontrar a pasta com esse documento e a cópia autenticada dos demais documentos de Manuela. Diego também vai embora, enquanto eu permaneço ao lado dela, esperando o hospital nos liberar os papéis para autorizar a liberação do corpo de Rosália.

É estranho ser responsável por alguém. Nunca passei por isso antes, mas com o luto de Amélia acabo assumindo a responsabilidade de resolver o que é preciso, para que ela não tenha que se preocupar com nada.

Com os documentos do hospital, providenciamos o atestado de óbito e os trâmites para a realização do velório. Ela já não chora mais, porém está totalmente apática. Enquanto vamos de um canto ao outro da

cidade, permanece em silêncio e só diz algo quando é questionada na funerária, suas respostas totalmente monossilábicas.

Já passa das três horas da tarde quando temos tudo resolvido. O velório ficou agendado para o final da tarde de amanhã, e não há muito mais que possamos fazer agora. Decido levá-la de volta para a minha casa, onde Henrique nos encontra para devolver suas chaves e assegurar que o processo já está em andamento. Ele promete que vai ligar assim que souber de algo, e avisa que está na casa de Cristina se precisarmos dele. Eu agradeço por Amélia quando ela não consegue responder e ele vai embora.

Peço comida para nós dois, mas ela se recusa a comer. Queria tanto fazer mais por ela, mas está fora do meu alcance, então apenas me deito ao seu lado, abraçando-a e deixando que desabafe.

A noite chega e é ainda mais difícil. Amélia chora por horas até se cansar e por fim adormecer. Imagino o quanto a situação deve ser terrível para ela: perder a irmã e ainda não poder ficar com a sobrinha, sem ter certeza de como ela está, sem poder consolá-la. Eu mal conheço a garotinha e já estou ansioso para vê-la novamente. Espero que o juizeco ao menos sirva para isso, para tentar agilizar o processo.



Mais uma vez acordo com o celular tocando e dessa vez tenho certeza de que é o meu.

— Alô? — digo ao notar o número desconhecido.

— Caio, aqui é o Henrique. Conseguimos a guarda, vou te mandar

o endereço do abrigo.

— Jura, cara? Estava com medo de que demorasse mais do que isso.

— Geralmente demora, mas demos sorte de o juiz do caso ter sido meu professor na faculdade. Minha amiga advogada vai encontrar vocês no abrigo.

— Muito obrigado por tudo, Henrique.

— Não há o que agradecer. Amélia é uma amiga muito querida.

— Até mais. — Despeço-me, tentando ignorar o fato de que eles já dormiram juntos. Há coisas muito mais importantes para me preocupar no momento.

Coloco o telefone de lado e me viro para Amélia, que começa a se espreguiçar. De repente, ela se senta na cama, totalmente desperta.

— Não foi um pesadelo, não é? — Ela questiona me encarando, os olhos se enchendo de lágrimas de novo.

— Não, linda. — Eu me aproximo e a abraço, enquanto ela volta a chorar em meu peito. — Mas já podemos buscar a Manu, Henrique e a amiga conseguiram a guarda provisória.

Ela continua chorando, mas eu sinto que agora é de alívio. Aperto-a um pouco mais contra mim, antes de soltá-la e erguer seu rosto, secando suas lágrimas.

— A Manu vai ficar com você.

— Vamos logo, Caio. — Ela abre um sorriso triste antes de se levantar da cama. — A minha pequena está me esperando.



A monitora do abrigo abre o portão e eu sinto Amélia apertando minha mão enquanto aguardamos. Alguns minutos depois Manuela aparece acompanhada da assistente social, com quem a advogada já conversou antes de chegarmos. A pequena parece ainda mais abatida do que estava ontem. Amélia se solta de mim, correndo ao encontro da sobrinha e as duas se abraçam, ambas voltando a chorar.

— Eu preciso ir agora, mas diga a Amélia que eu entro em contato para deixá-la a par do processo da guarda definitiva. — A advogada se despede e eu aperto a sua mão antes de ela se afastar.

Volto minha atenção para as duas, vendo Amélia examinar a sobrinha, como se quisesse ter certeza de que nada lhe aconteceu durante as horas que ficaram separadas. Deixo que tome o seu tempo, pois presenciei o desespero que foi a sua noite e acho que ela precisa disso agora.

Depois de mais um abraço, ela carrega a pequena no colo, trazendo-a para perto de mim.

— Tudo bem? — questiono, passando a mão pelo seu rosto.

— Ainda não. Mas vamos ficar bem — ela responde, apoiando a cabeça em meu ombro, e eu enlaço as duas em um abraço, beijando a cabeça da pequena.

Por pior que seja a dor que compartilham, ao menos agora estão juntas de novo.

Capítulo 25

AMÉLIA



Uma briga de facções. É assim que a polícia classificou o que aconteceu com a minha família. Ao que parece, Cléber deixou o grupo com o qual trabalhou por muitos anos, quando decidiu que ia mudar de vida e cuidar de sua família. Já estava fazendo tudo direitinho há mais de um ano, longe de qualquer atividade ilegal, mas isso não foi o bastante para evitar que se tornasse alvo da facção rival, que está em uma missão para eliminar a concorrência. Seus laços com sua vida anterior não haviam sido completamente rompidos como ele imaginava, e minha irmã se tornou dano colateral.

Eu não o culpo. Sei que o que aconteceu foi consequência de seus atos, mas eu vi sinceridade em sua mirada quando disse que tinha mudado de vida. Eu via o quanto ele amava minha irmã, o quanto aprendeu a amar a filha, o quanto estava encantado com a ideia do outro filho que estava a caminho.

Além disso, tenho consciência de que o ódio é um atraso de vida. E eu não tenho tempo para ficar com raiva de ninguém. Preciso usar toda a energia que sobrou para cuidar da única família que me resta.

Mas nada disso consegue diminuir a dor que estou sentindo neste momento. É como se tivessem arrancado um pedaço de mim. Aquela linda garotinha que ajudei a criar já não está mais aqui. Aquela mulher

inteligente que ela se tornou, minha melhor amiga, já não está mais aqui. Aquele bebezinho pelo qual eu já estava apaixonada não teve chance de nascer. E se não fosse por Malu, com certeza eu já teria desabado. Se a minha pequena tivesse encontrado o mesmo destino que seus pais, eu não sei o que seria de mim, porque ela é tudo o que me restou nessa vida.

Eu quase surtei quando a assistente social me disse que não poderia ficar com a minha sobrinha. Em um único final de semana tive as duas piores noites da minha vida: primeiro perdi minha irmã e depois fui afastada da minha sobrinha. Ainda bem que Henrique agiu rápido e Caio estava ao meu lado para me consolar. O meu não-namorado, por sinal, está se mostrando um parceiro maravilhoso. Passou a noite na enfermaria comigo, depois me ajudou com todos os trâmites para a realização do enterro da minha irmã e me acalentou durante a noite que passei longe da Manu. Acho que não teria conseguido fazer tudo se não fosse por ele, que fez a maior parte do trabalho enquanto eu me sentia incapaz de falar com quem quer que fosse.

Depois que buscamos Manuela no abrigo, prometi a mim mesma que minha pequena jamais passaria por algo parecido de novo. Ela não está sozinha nesse mundo, eu sou a sua família, e vou brigar para que a justiça reconheça isso e ninguém nunca mais se atreva a nos separar de novo.

O pessoal da produtora veio ao velório por minha causa. São os únicos aqui que eu conheço. O lugar está cheio de pessoas que nunca vi antes, companheiros da igreja que Rosália passou a frequentar. Fico emocionada com a demonstração de carinho por parte dessas pessoas, que minha irmã conseguiu cativar em tão pouco tempo.

Caio me segura com um braço enquanto carrega Manuela com o

outro. Minha pequena está em silêncio, com a cabecinha apoiada em seu ombro, quando começamos o cortejo que sai do velório em direção ao cemitério. É engraçado que nunca imaginei que ele tivesse jeito com crianças, mas me surpreendeu pela maneira como lidou com ela desde que saímos do abrigo pela manhã.

O sol do final da tarde ainda está forte, a primavera recém-chegada com cara de verão. Caminhamos pela trilha enquanto os irmãos da igreja levam o caixão. Quando alcançamos o local onde ela será enterrada, nos reunimos ao redor da cova, e ver aquele vazio faz com que as lágrimas voltem com força, como se a ficha ainda não tivesse caído e aquele buraco na terra me mostrasse que tudo isso é definitivo. Minha irmã não existe mais. Como a gente lida com algo assim? Em um dia estava falando com ela por telefone, no outro não há ninguém para me responder do outro lado.

Caio me aperta contra si, e eu o seguro quando minhas pernas ameaçam falhar. A dor é grande demais.

Enquanto a pastora lê um trecho da Bíblia e fala algumas palavras sobre minha irmã, noto um casal se aproximando. Um homem e uma mulher que não vejo há mais de cinco anos. Ele usando o seu melhor terno, ela usando a saia abaixo dos joelhos e o cabelo preso em um coque severo como o que eu usava até pouco tempo atrás. Ambos trazem expressões de pesar e preciso me controlar para que a minha não se transforme em uma de desgosto, pela audácia deles de aparecerem aqui.

Eu não sei quem foi que os avisou sobre o enterro. Em momento algum eu pensei em ligar para eles, primeiro porque não estava com cabeça para isso, segundo porque eles já nos consideravam mortas de qualquer jeito, que diferença ia fazer?

Apesar disso, não perco nenhum segundo mais com a raiva que quer me dominar. Recordo a mim mesmo que ainda sou cristã, e se Jesus sempre perdoava os pecadores, quem sou eu para julgar quem quer que seja? Afinal de contas, eles são pais, e está é a última chance para se arrependerem de tudo o que a fizeram sofrer.

O caixão começa a descer assim que a pastora encerra seu sermão. Quando ele desaparece no fundo daquela vala e passa a ser coberto de terra, seguro o grito de desespero no fundo da garganta, que chega a doer com a força que esse gesto demanda.

As pessoas começam a se afastar, prontas para voltarem para as suas vidas. Mas eu ainda não estou pronta para deixar uma parte de mim ali. Caio nota isso e permanece em silêncio ao meu lado. Aline se aproxima e pega Manuela do seu colo, para tirá-la dali. Minha pequena vai sem reclamar, ainda em silêncio. Por sorte minha amiga tem jeito com criança, tendo tantos irmãos mais novos.

— Amélia, minha filha. — Não havia notado que eles ainda estavam aqui. Minha mãe se aproxima e me dá um abraço, que não correspondo. Uma coisa é perdoar, outra é aceitá-la de volta na minha vida. — Eu sinto tanto por isso. Estou devastada. — Ela me solta quando vê que não pretendo retribuir o gesto.

— Você não precisa se preocupar com nada, Amélia. — Meu pai a abraça e fala comigo como se não tivesse ficado tantos anos sem fazer isso, como se a morte de minha irmã automaticamente deixasse tudo bem entre nós. Eu apenas o encaro, não acreditando em seu cinismo. — Sua mãe e eu cuidaremos de tudo. Vamos passar na casa da sua irmã para pegar os documentos da menina...

— Do que você está falando? — Agito a cabeça, tentando clarear as ideias, para tentar processar o que ele acabou de dizer.

— Vamos mudá-la de escola, para que estude em um local mais próximo da nossa casa. — Ele continua, como se eu não o tivesse interrompido. — Ela vai ficar bem conosco.

— Vocês estão loucos?! — Impossível controlar o tom de voz quando compreendo o que estão me dizendo. — Primeiro que não é a “menina”. — Dou ênfase ao modo grosseiro como falou da minha sobrinha. — O nome dela é Manuela. E a Manu não vai a lugar nenhum com vocês.

— E o que você pretende, Amélia? — Meu pai assume sua faceta com a qual estou mais acostumada, aquela que usava quando tentava controlar as nossas vidas, impondo sempre a sua vontade. — Como acha que pode criar uma criança sozinha? Nem casada você é.

— Da mesma maneira como Rosália e eu a criamos nos últimos cinco anos: bem longe de vocês! — Minha mãe começa a chorar com a minha explosão e isso me irrita ainda mais. — Eu tenho a guarda e vocês não vão chegar perto da minha sobrinha, estão me entendendo? Ela não vai ter a mesma vida de merda que a gente teve.

— Você não pode nos desrespeitar dessa maneira, Amélia! — Agora é o pastor quem está gritando. — Nós somos os seus pais.

— Vocês não se preocuparam com isso quando Rosália engravidou e a colocaram para fora de casa. Não se preocuparam conosco todos esses anos, não venham posar de família preocupada para mim agora. São vocês quem não estão respeitando meu luto. — As lágrimas voltam a cair e sei que é a dor da perda misturada à raiva que sinto dos

dois, que não consegui controlar como gostaria. — Nem ao menos sei o que estão fazendo aqui, já que afirmaram que Rosália e eu morremos para vocês no dia que saímos da sua casa.

— Acho melhor vocês irem embora. — Caio intervém, e nunca estive tão grata por uma intromissão dele. — Amélia não está sozinha, ela tem amigos que se importam com ela e com a Manu. Podem voltar às suas vidinhas e fazerem de conta que elas não existem, como estavam fazendo até agora.

— Quem você pensa que é, rapaz? — Meu pai dá dois passos em direção a Caio, como se realmente tivesse alguma chance de ganhar uma disputa corporal com um cara que tem o dobro do seu tamanho. — Que direito acha que tem de falar conosco dessa maneira?

— Quer saber, podem ficar. — Caio ergue as mãos em sinal de rendição e fico aliviada com isso; por mais que soubesse que ele sairia vitorioso, não gostaria de chegar a esse ponto. — Nós estamos saindo. E se vocês tentarem chegar perto da Manuela, nós vamos chamar a polícia.

— Ela é nossa neta. Nós temos o direito de cuidar dela.

— E eu tenho um documento que diz que eu sou a responsável por ela. — Encontro novamente a minha voz, disposta a lutar pela minha sobrinha. Imagino que pela lei eles tenham algum direito, mas não estou raciocinando no momento. Só quero distância dos dois e das lembranças negativas que me despertam. — E é bom você ficarem longe.

Meu pai reclama mais alguma coisa, mas eu o ignoro e saio dali. Caio me segue de perto, até conseguir entrelaçar seus dedos nos meus. O gesto me causa estranheza e conforto ao mesmo tempo, e consigo lhe dirigir um sorriso triste que ele retribui quando nos encaramos.

Desfazemos nosso contato pouco antes de alcançarmos o estacionamento, onde o pessoal da produtora nos espera.

— Amélia, você precisa de uma carona, querida? — Cris pergunta, as mãos apoiadas sobre o barrigão de sete meses.

— Eu levo as duas para casa. — Caio se oferece e Cristina concorda com um sorriso no rosto.

— Muito obrigada por tudo, pessoal. Foi muito importante ter vocês aqui comigo hoje.

— Nós somos família, Amélia. — Diego se aproxima e me dá um abraço rápido. — Se precisar de qualquer coisa, é só nos ligar.

— Muito obrigada. — Tento retribuir com um sorriso, mas é difícil.

Os demais também me abraçam e Aline me entrega a minha sobrinha, que gruda em mim como uma macaquinha, escondendo o rosto em meu pescoço.

Sento-me no banco traseiro do carro de Caio com a minha sobrinha e, com ela em meu colo, nos prendo com o cinto de segurança. A única cadeirinha que tinha ficou no carro metralhado, e me lembrar disso traz de volta o nó na minha garganta. Seguro-me porque não quero continuar chorando na frente da minha pequena.

Caio assume o volante e em pouco tempo estamos a caminho da minha casa.

— Você acha que esse documento vai ser o bastante para mantê-los afastados, Amélia? — Ele questiona, encarando-me pelo retrovisor, depois de termos percorrido alguns quilômetros.

— Eu não sei, mas espero que sim. Rosália registrou sua vontade em cartório. Minha irmã não tinha medo da morte, mas morria de medo de sua filha acabar sendo criada por nossos pais.

Essa foi a coisa mais sensata que minha irmã fez na vida. Lembro que fiquei chateada quando ela me contou sobre a declaração, logo depois que uma antiga amiga de escola morreria vítima de uma bala perdida. Rosália não queria que houvesse a possibilidade de a guarda de Manu parar nas mãos dos nossos pais. Era apenas uma precaução que tive dificuldade em aceitar; mal sabia minha irmã que teria um destino semelhante ao da colega.

— Então não temos motivos para preocupação — ele afirma com convicção. — A advogada vai garantir a vontade da sua irmã e você vai conseguir a guarda definitiva da Manu.

Gosto da maneira como tem cuidado de mim esses dias. É uma grata surpresa ver sua preocupação comigo e com minha sobrinha. Apesar de todas as dificuldades que tenho experimentado nesse relacionamento, é bom saber que ele ao menos está do meu lado no momento em que mais preciso.

— Uma ordem de restrição contra os meus pais também seria uma boa ideia.

— Não sei se conseguiremos tanto, linda, mas podemos tentar. — Ele me lança um sorriso, que retribuo com lágrimas nos olhos.

Quando imaginei que Caio pudesse ser um ponto de luz no meio da escuridão em que estou vivendo?



No dia seguinte ao enterro, fui com Amélia até a casa da sua irmã. Pensei que precisaria inventar uma desculpa qualquer para faltar ao trabalho, mas Cristina pediu que eu a ajudasse, enquanto ela e Diego ficavam com Manu na produtora. Tirando os pais, com quem ela não quer nenhum contato, tudo o que restou à Amélia são seus amigos. Então fomos lá, para que ela pudesse recolher as coisas da sobrinha, que voltará a morar no apartamento com ela agora.

Assim que entramos, Amélia começou a chorar. Um choro tão sentido e tão dolorido que eu fiquei sem reação por um tempo. Nunca passei por nada parecido, nunca perdi ninguém que fosse querido para mim, então é difícil entender o que ela está passando. Fiz a única coisa que poderia fazer, e foi tentar consolá-la. Sentei no sofá com ela no meu colo, abraçando-a enquanto ela chorava apoiada no meu peito.

Não sei por quanto tempo ficamos assim. Amélia se segurava à minha camisa como se eu fosse uma tábua de salvação e ela estivesse se afogando. A sensação de impotência ao vê-la chorar daquele jeito foi enorme. Não havia nada que eu pudesse fazer para diminuir a sua dor, não havia maneira de trazer a sua irmã de volta.

Assim que ela se recuperou, fomos ao quarto de Manuela, onde guardamos todos os seus pertences em malas. Quando por fim entramos

no quarto do casal, Amélia voltou a chorar, dessa vez um pouco mais controlada. Abriu o guarda-roupa e pegou apenas alguns objetos pessoais de sua irmã, como algumas bijuterias, álbuns de fotos e enfeites de tricô feitos por Rosália.

— Eu duvido que a mãe do Cléber queira alguma coisa dele. É melhor doar tudo logo para a igreja — ela sussurrou ao fechar a porta da casa, enquanto eu carregava o que viemos buscar.

Fui eu quem entrou em contato com a pastora da igreja de Rosália para fazer os arranjos necessários. E, para o meu alívio, foi a pastora quem entrou em contato com a mãe de Cléber. Como Amélia havia previsto, a senhora não quis nada que a lembrasse do seu filho.

Voltei sozinho à casa no sábado, para acompanhar o pessoal da igreja que foi recolher as doações. Não queria que Amélia passasse por tudo aquilo de novo. Não havia mais nada ali para ela ver. Também fui eu quem foi até a imobiliária devolver as chaves do imóvel. Depois disso, voltei para junto de Amélia, que estava no apartamento com a sobrinha.

Não tinha conhecido a pequena antes de tudo isso, mas pela descrição de Amélia, aquela criança ali já não era mais a mesma. Passou a tarde toda em frente à TV, em silêncio, como se estivesse em transe. Imagino que o trauma pelo qual passou ainda seja muito grande, não é algo que se supere de um dia para o outro. Ela viu ambos os pais serem assassinados, sobreviveu por sorte e ainda teve que passar uma noite em meio a estranhos e longe da tia.

Amélia não estava muito melhor. Só comeu algo porque eu preparei o jantar — e isso significa que fiz uma macarronada, que é a única coisa que sei fazer de verdade — e insisti para que comesse um

pouco. Manuela também não tinha muito apetite, mas eu havia levado sorvete, e consegui fazer com que ela tomasse um pouco. Não era a coisa mais saudável, mas era melhor do que nada.

Tinha pensado em passar a noite com Amélia, mas notei que ela queria continuar sozinha com a sobrinha. De qualquer maneira seria estranho eu estar ali, já que o apartamento tem apenas um quarto, que as duas agora dividem.

Na verdade, eu nem mesmo sei como fica a minha história com Amélia daqui em diante. Eu fiz o que estava ao meu alcance para ajudá-la, mas sinto que as coisas agora estão diferentes. Há uma criança envolvida, e não sei bem como lidar com essa situação.



Já tem um tempo que não vejo Amélia. Ainda nos falamos todos os dias através de mensagens e eu sempre ligo à noite para saber como elas estão. Por vezes também mandei entregar comida que sei que elas gostam, com receio de que não estejam se alimentando bem. Só não tive coragem de voltar ao apartamento. Sinto que esse é um momento só delas, só as duas entendem realmente a intensidade do que estão vivendo. E por isso estou mantendo minha distância.

Amélia não vem à produtora desde a morte da irmã. Na semana depois do velório utilizou sua licença-nojo² e todo o banco de horas que tinha disponível para ficar em casa com a sobrinha. Na semana seguinte tirou as férias a que tinha direito, e com isso já são mais de duas semanas que não a vejo. E sinto a sua falta como um louco. Sinto falta dos seus

beijos, do seu corpo, mas também sinto falta dela aqui, fazendo-me caretas cada vez que eu faço algo de errado. Sinto falta de dormir ao lado dela.

— Que carinha triste é essa? — Diego me provoca, e então me dou conta de que fiquei muito tempo encarando meu celular, observando minha conversa com Amélia. — Parece que alguém está sentindo falta de uma certa pessoa.

— Eu sei que eu estou sentindo muita falta da Amélia — resmunga Cristina, que assumiu as funções de administração temporariamente. Ela nem ao menos tira os olhos da tela do computador. — Não aguento mais essa papelada. Agora eu entendo por que a Amélia implica tanto com você, Caio. Meu amigo, você é péssimo em organização, deve deixá-la maluca.

“De várias formas que você não tem nem ideia, Cris.”

— Vocês tiveram notícias dela? — pergunto como quem não quer nada, fazendo-me de desentendido.

Diego me encara com uma sobrancelha franzida, e eu opto por ignorá-lo, focando minha atenção em Cris.

— Elas estão bem. Passamos por lá ontem; contamos para os meninos o que aconteceu e eles quiseram deixar um presente para a Manuela.

— E como elas estão?

— Manu parece mais animadinha. E Amélia está se mantendo firme pela sobrinha. Ainda muito triste, mas levando.

— Isso é bom — digo, feliz que elas estejam melhores do que da

última vez em que as vi.

— Você não tem ideia do quanto eu fico feliz em ver você preocupado com a Amélia dessa maneira, Caio. — Agora é a minha amiga quem me encara, com um sorriso torto no rosto. — Até parece que não a odeia mais.

— Eu nunca a odiei. — Minha defesa sai um tom mais alto do que eu gostaria. — Ela me irrita com frequência, mas eu me preocupo com ela da mesma maneira que me preocupo com os nossos demais funcionários.

Vejo Diego segurando o riso e o ignoro mais uma vez.

— Bom, já é alguma coisa para mim. — Cris dá de ombros e volta ao trabalho. — Talvez você consiga manter esse clima cordial quando ela retornar ao trabalho.

— Quanto tempo falta para isso?

— Quase três semanas. — É meu amigo quem responde, e parece estar se divertindo com as minhas perguntas. — Deve ser o bastante para elas se encontrarem na nova rotina. São muitas mudanças na vida da pequena.

Concordo com a cabeça e volto a encarar meu celular. Não vou aguentar tanto tempo, eu preciso vê-la. Penso em mandar uma mensagem, mas decido que é melhor não. Não vou gostar se ela me rechaçar e disser que não me quer lá.

Só espero que não esteja fazendo uma burrada ao aparecer sem avisar.



— Caio! — Amélia parece surpresa quando abre a porta do apartamento e me vê, mas não consigo descobrir se isso é bom ou não.

— Oi, Amélia.

Seus olhos têm olheiras e tenho a impressão de que ela perdeu peso, mas para mim continua linda como sempre. Seu cabelo está preso em um coque frouxo e ela está vestida com uma calça de moletom e uma camiseta, que reconheço como sendo minha. Não sei descrever o que sinto quando noto esse detalhe, é algo como uma agitação na boca do estômago.

— Olá — ela responde ao meu cumprimento, ainda séria.

— Um vizinho me deixou entrar. — Estou quase tartamudeando, de tão nervoso que me sinto. — Eu não sabia se deveria voltar aqui ou não, não sei nem se você me quer aqui...

— Bebezão... — Ela abre um sorriso lindo e seu olhos se enchem de lágrimas. — Eu senti a sua falta. — Agora sou eu quem se surpreende quando Amélia cruza os braços atrás da minha cabeça e esconde o rosto em meu pescoço.

— Eu também senti a sua falta, Santinha. — Aperto-a de encontro ao meu corpo, matando um pouco das saudades que senti. — Você não tem ideia.

Capítulo 27

AMÉLIA



Dizem que o tempo cura todas as dores. A questão é que ninguém especifica quanto tempo é preciso para que isso aconteça. Dias, meses, anos? Porque já são três semanas desde que eu recebi aquele bendito telefonema, e a dor não diminuiu nem um pouquinho sequer.

Estou me fazendo de forte, tentando viver um dia de cada vez, tudo pela minha sobrinha. Tirei férias para ajudar com a transição para a sua nova vida, mas é impossível não sentir o coração partindo cada vez que ela chora pela mãe. Porque eu a amo como se fosse minha, mas ainda sou apenas sua tia. Minha pequena se tornou órfã, e por mais que eu me esforce, essa é uma realidade que vai assombrá-la pelo resto de sua vida, principalmente porque ela estava lá quando tudo aconteceu.

Sou o mais próximo de uma figura materna que lhe restou, então preciso me manter forte. Porque alguém tem de consolá-la quando ela chora, alguém tem de estar lá por ela, para dizer que tudo vai ficar bem — ainda que eu mesma não tenha essa certeza às vezes.

Somente quando ela dorme é que eu me permito sentir. Somente quando ela não está vendo é que eu deixo que as minhas próprias lágrimas sigam seu curso.

Não ajuda muito a distância que Caio colocou entre nós. Achei que poderia contar com o seu apoio, no entanto, depois de me ajudar com

a devolução da casa, ele não voltou mais. Continua mandando mensagens, se mostra um amigo preocupado, mas isso Henrique também faz e de Caio eu esperava mais. O nosso relacionamento podia não ter um rótulo definido, mas eu achei que era importante para ele, na mesma medida em que ele se tornou importante para mim. E acho que é por isso que às vezes a dor parece ainda maior. Porque eu perdi a minha irmã para sempre e, com a situação que vivo agora, parece que também estou perdendo o homem por quem sou apaixonada.

Eu sabia que Caio tinha dificuldades em se comprometer, mas acreditei que isso estava mudando. Talvez lidar com uma mãe solteira não é exatamente o que ele buscava nessa relação, e se ainda mantém contato comigo é porque não encontrou uma maneira de encerrar tudo de uma vez.

Parece que seremos apenas nós duas no final das contas, e talvez seja melhor dessa forma. Preciso acreditar que é melhor assim, para que a dor não seja acompanhada da decepção e do ressentimento.

Os nossos dias têm sido mais do mesmo. Acordamos cedo, porque nenhuma das duas anda conseguindo dormir muito, tomamos café da manhã juntas, damos um passeio na pracinha para tomar um pouco de sol e voltamos para casa antes do almoço. Comemos e passamos a tarde assistindo desenhos ou fazendo o que quer que Manuela sinta vontade. Ontem, depois do jantar, ela me pediu para desenhar, então hoje também passamos em uma papelaria onde eu comprei materiais novos para ela. Voltar a desenhar é um bom sinal e ela fez isso a tarde inteira.

Agora está entretida brincando com o meu celular, deitada em minha cama. Aproveito para ir ao banheiro tomar uma ducha rápida. Quando volto, encontro-a ainda distraída com o desenho que vê e fico

feliz que ao menos tenha voltado a fazer as coisas que gosta. As duas primeiras semanas foram de completa apatia, comigo insistindo para que ela comesse e realizasse outras atividades básicas. Ainda não voltou para a escolinha — estou tentando recuperar a sua antiga vaga aqui perto antes que minhas férias terminem —, mas acho que retomar o contato com outras crianças pode ajudar no processo de superação.

Por isso fiquei feliz quando Cristina e Diego trouxeram os gêmeos para uma visita no domingo. Foi a primeira vez que vi minha sobrinha sorrir depois do que aconteceu. Gabriel e Daniel são dois furacões, mas quando estão com a Manu são super atenciosos, como se compreendessem pelo que ela está passando. Eles têm a mesma idade e se dão muito bem com minha pequena.

Cris me puxou para um canto, para saber como eu estava. Disse a ela o que todo mundo quer ouvir em uma situação como essa: “Estou bem, estou levando”. Deu para notar em sua expressão que ela não acreditou muito em mim, mas não questionou mais nada. E eu agradei por isso. Não é como se ficar repetindo essa resposta fosse fazer com que o processo se acelere.

Volto minha atenção ao presente, buscando o que vestir. Não pretendo impressionar ninguém hoje, então pego a roupa mais confortável que encontro: uma calça de moletom velha e uma camiseta cinza simples. Uma camiseta que, por sinal, não é minha, mas tem sido minha companheira nas últimas semanas. É uma peça que Caio deixou por aqui em uma das vezes que passou o final de semana e que fica enorme em mim. E é justamente por isso que eu a adoro, porque é como se ela me abraçasse, já que o dono da dita-cuja resolveu fugir. Perdi a conta de quantas vezes já a lavei para usar de novo.

— O que você quer jantar hoje, Manu? — Sento-me na cama ao lado da minha sobrinha e ela automaticamente se arrasta para ficar mais perto, tombando a cabeça no meu braço, olhos ainda presos ao celular.

— Eu não estou com fome, titia.

— Mas tem que comer, meu amor. — Passo a mãos pelos seus cabelos e beijo sua testa. Essa conversa tem se repetido em quase todas as refeições. — E se eu comprar uma coisa que você gosta muito?

— Pizza? — Ela ergue a cabeça como se tivesse uma mola no pescoço e me fita com um sorriso tímido no rosto.

— É só me dizer o sabor. — Sorrio de volta, satisfeita com a sua empolgação.

— De queijo! — Agora ganho um sorriso inteiro, e isso é o bastante para me fazer sentir vontade de chorar de alegria.

Tempo: parece que ao menos com Manuela ele está começando a fazer efeito. É a assim que as coisas funcionam agora. Pequenos instantes de alegria em meio à dor. Espero pelo momento em que essa proporção se reverta.

A campainha do apartamento toca e eu estranho, pois o interfone não tocou primeiro. E definitivamente não estamos esperando visita.

— Já chegou a pizza, titia?

— Não, amor. Eu ainda nem pedi. Fica aqui que vou ver quem é.

— Tá bom. Mas não demora — diz, me apontando o dedinho.

Ultimamente ela parece ter medo de ficar sozinha. Ou melhor, tem medo quando não me tem por perto. A noite que teve de passar no

abrigo não ajudou muito e eu compreendo esse receio de que eu também vá deixá-la. Muitas vezes, mal tenho tempo de usar o banheiro e ela já está me procurando, como se eu pudesse desaparecer a qualquer momento, como aconteceu com sua mãe.

— Não vou demorar. — Dou um cheiro em seu pescoço, o que a faz soltar uma risadinha, antes de sair do quarto.

Meu coração parece querer sair do peito quando confiro pelo olho mágico quem é o nosso visitante. E não consigo esconder a surpresa em minha voz quando abro a porta e digo o seu nome. Ele me olha de cima a baixo e, pela primeira vez, não é de uma maneira sexual. Parece mesmo preocupado comigo. E vejo o momento em que reconhece a sua camiseta.

Antes que dê por mim, estou chorando e falando da falta que senti dele, enquanto o abraço e ouço que a recíproca é verdadeira. Posso dizer com sinceridade que é o meu primeiro momento de felicidade genuína desde que minha vida virou de cabeça para baixo. Porque essa é a declaração mais sincera que já me fez desde a primeira vez que ficamos juntos.

— Entra, por favor. — Afasto-me dele para que possa passar para a sala e fecho a porta.

— Está tudo bem mesmo eu ter vindo? — Ele me encara à distância, ainda parecendo inseguro.

— É claro que sim. — Passo a mão pelos olhos, secando as poucas lágrimas que não consegui conter. — Estou muito feliz que esteja aqui. Eu queria que você estivesse aqui — confesso, antes que tenha tempo de pensar melhor em minhas palavras.

— Se você queria eu viesse, deveria ter me avisado. — Ele abre

um sorriso de lado, dando um passo de volta na minha direção.

— Eu não queria te atrapalhar, Caio. — Dou de ombros. Não vou contar a ele sobre o meu medo de ser rejeitada. — As coisas por aqui já não são as mesmas.

— Eu imagino. — Mais um passo e ele estica a mão para afastar uma mecha de cabelo do meu rosto. — Mas eu me afastei porque achei que você queria essa distância.

Como é possível que nós dois quiséssemos a mesma coisa e nenhum dos dois teve coragem de admitir e buscar o outro antes? Eu sei que eu tive medo da rejeição, mas do que Caio tinha medo?

— O importante é que você está aqui agora.

Volto a abraçá-lo e, por fim, ele me beija como eu queria, sua língua encontrando a minha, o seu gosto, do qual eu também senti falta, me invadindo.

— Titia?

Solto-me rápido de Caio, como se estivéssemos fazendo algo errado, e me viro para encarar a pequena que acabou de nos pegar em flagrante.

— Manu, você se lembra do amigo da titia?

— Tio Caio — ela responde o encarando, a expressão curiosa.

— Oi, Manu.

Acho bonitinho quando ele se abaixa para poder conversar com a minha sobrinha fitando-a nos olhos.

— Oi.

— Ele veio nos visitar, não é legal? — pergunto, quando ambos ficam se encarando em silêncio.

— Você gosta do “Mundo Bitá”? — ela questiona, mostrando o celular para ele.

— Nunca vi, mas posso assistir com você se me deixar — ele responde, surpreendendo-me. Não imaginei que tivesse paciência para essas coisas.

— Tá, mas eu não vou voltar do começo. — Manuela se dirige para o sofá e Caio se levanta para acompanhá-la.

— Você está com fome, Caio? — questiono, tentando conter a empolgação ao ver a interação dos dois.

— Sempre — ele responde com um sorriso. — Podemos pedir uma pizza, o que acha?

— Já falei pra titia que quero de queijo! — Manuela fala, levando as mãos à cintura, como se desafiasse Caio a contradizê-la.

— Eu já tinha dito a ela que ia pedir uma — explico em um sussurro, quando ele franze a sobrancelha.

— Queijo será então, princesinha! — Ele faz uma reverência, antes de se sentar ao lado dela no sofá. — O seu pedido é uma ordem.

Ele tira o celular do bolso, desbloqueia e me entrega. Isso demonstra uma confiança que eu não esperava, e mais uma vez fico emocionada. Uso o aplicativo para pedir duas pizzas, porque sei que uma só é pouco para a fome desse homem. E depois lhe devolvo o celular e me sento ao seu lado, enquanto assistimos aos desenhos que minha

pequena já transferiu para a televisão.

O resto da noite transcorre melhor do que eu imaginava ser possível. A pizza chega em poucos minutos e comemos assistindo a um longa-metragem da Disney. Caio apresenta *Alladin* à Manuela, que ainda não conhecia o desenho. Os dois se dão muito bem e fico impressionada ao ver o quanto ele tem jeito com crianças. Minha sobrinha ri das suas imitações dos personagens, parecendo uma menina feliz como outra qualquer, como se não houvesse sofrimento no mundo. Caio acaba dando mais atenção a ela do que a mim, e não me importo nem um pouco com isso, porque Manuela está feliz e é tudo o que me importa.

Quando terminamos de comer, eu faço com que ela escove os dentes para dormir. É claro que a pequena consegue me convencer a deixá-la assistir mais um pouco de televisão, e com isso damos início a outro desenho. No entanto, poucos minutos depois, Manuela está caindo de sono, tombando a cabecinha em meu colo.

— Eu vou colocá-la para dormir — sussurro para Caio, que está sentado ao meu lado agora, o braço sobre o meu ombro, o corpo grudado no meu do jeito que eu gosto. — Você fica um pouco mais?

— Eu fico o tempo que você quiser, Santinha.

Abro um sorriso e lhe dou um selinho antes de me levantar e carregar a minha sobrinha para o quarto. Deito-me com ela em minha cama — já não faz sentido colocá-la na cama de solteiro, pois ela sempre vem parar na minha no meio da noite. Seus olhinhos estão pesados, mas ela está lutando contra o sono, então acabo lendo duas historinhas completas antes que ela finalmente se entregue. Fico mais alguns minutos ao seu lado, para garantir que não vai despertar, e me levanto tentando

não fazer nenhum ruído. Acendo o abajur e apago a luz do quarto, antes de fechar a porta.

— Enfim a sós? — Caio questiona quando volto para a sala.

— Sim — aproximo-me com um sorriso e sento em seu colo, de frente para ele. — Custou um pouco, mas agora ela está dormindo como uma pedra.

— Bom saber. Ainda assim, acho melhor ficarmos bem quietinhos.

— Com certeza. — Seguro o riso, dando um beijo em seu pescoço e sentindo o seu cheiro gostoso.

— Já te falei que você fica um tesão usando as minhas roupas?

— Não, você nunca me disse isso. — Ergo o rosto para encará-lo, os olhos azuis que tanto amo brilhando de desejo.

— Pois você fica um tesão usando minhas roupas. Mas eu gosto mais ainda quando não está usando nada. — Ele me puxa para um beijo demorado, provando cada canto da minha boca. — Você fechou a porta? — questiona quando me permite respirar.

— Sim — respondo, tirando a camiseta que uso.

— Sem sutiã, Santinha? — ele questiona, antes de cair de boca em meus seios, as mãos subindo pela lateral do meu corpo até entrarem em ação também.

— Não preciso dessa coisa ficando o dia inteiro em casa. — Quase não consigo responder, perdendo o fôlego ao sentir suas carícias. Deus, como eu senti falta desse homem.

— Você está a fim de fazer isso, Amélia? — Ele dá alguns beijos em meu pescoço antes de segurar meu rosto entre suas mãos e me encarar. — Vou entender se não quiser.

— É tudo o que eu quero nesse momento. — É tão gentil da parte dele perguntar, um gesto cheio de significado, principalmente vindo ele. É bom saber que está preocupado comigo, com o que eu preciso, com o que eu desejo.

Ajudo-o a tirar sua camisa enquanto começo a me esfregar em seu colo. Passo a mão por seu peito, notando que não fui a única que emagreceu nessas três semanas — uma das dobrinhas à qual estava acostumada já não está tão evidente.

Caio me puxa para o seu corpo, meus seios em atrito com a penugem em seu peito espalhando arrepios pelo meu corpo enquanto ele volta a me beijar. Parece ter fome de mim, e torço para ser abstinência, para que eu tenha sido a última mulher com quem dormiu. Não posso pensar na possibilidade de que tenha ficado com outra enquanto estávamos afastados.

— Você é gostosa demais, Santinha — ele resmunga, fungando em meu pescoço.

— Você também é uma delícia, Bebezão. — Sinto sua risada vibrando pelo meu corpo, antes de ele tomar a minha boca novamente na sua.

— Mamãe! — O grito ecoa pelo apartamento pequeno, fazendo dispersar a nuvem de luxúria em que estávamos envoltos.

Saio do colo de Caio como um tiro, buscando a camiseta que

estava usando.

— Desculpa, Caio. — Peço ao ver a sua expressão de frustração enquanto visto a peça de roupa. — Mil desculpas.

Corro até o quarto, tentando conter as lágrimas. Por Manuela e por mim.

Encontro minha pequena chorando na cama, encolhida em posição fetal. Deito-me a seu lado, abraçando-a junto a mim. A minha presença não é o bastante para acalmá-la, então começo a cantarolar baixinho em seu ouvido, como fazia quando ela era um bebê.

É muito difícil cantar e controlar minhas próprias lágrimas ao mesmo tempo.

Quando o corpinho para de tremer e o choro cessa, sei que ela voltou a dormir. Algumas noites são melhores do que outras, mas os pesadelos se tornaram uma rotina e acontecem com uma frequência maior do que o normal.

Volto a atenção para a porta, onde um Caio totalmente vestido e sério nos observa. Se eu pudesse ter um superpoder, neste momento gostaria de saber o que se passa por sua mente.

— Não vai embora — peço em um sussurro, sem ter certeza de que ele me ouviu.

Deve ter ouvido, porque caminha lentamente até mim e deposita um beijo em minha testa.

— Eu prometo que eu volto — sussurra de volta antes de fazer um carinho na cabeça de Manuela e sair do quarto.

E eu preciso acreditar em sua promessa. E torcer para que ele não se canse dessa situação e entenda que essa agora é a minha vida. Manuela é toda a minha vida. Mas eu não quero que ele vá embora por causa disso.



Eu cumpri minha promessa e voltei no sábado. E no domingo. Amélia e eu não conseguimos fazer nada além de dar uns pegos no sofá, porque Manuela tem o sono muito leve e não temos privacidade no apartamento delas — há apenas um quarto ali e as paredes parecem ser feitas de papel. Durante a semana, consegui ir jantar com as duas algumas vezes, e no final de semana seguinte passei os dois dias inteiros com elas, mas não voltei a dormir no apartamento, porque não há espaço para mim lá.

Confesso que a situação é um pouco estranha. Já fiquei com mulheres que tinham filhos, mas nunca convivi com nenhuma dessas crianças. E não é que eu não goste de crianças, porque eu gosto muito, mas não havia motivos para criar laços com nenhum dos pequenos se eu não pretendia ficar em suas vidas a longo prazo.

Com Manuela a história é outra. Porque eu quero continuar na vida de Amélia, e sua sobrinha agora é parte fundamental dessa vida. É claro que eu compreendo isso, mas é difícil me adaptar. Quando éramos apenas nós dois, batizamos cada cômodo daquele apartamento — e do meu também. Agora precisamos nos controlar, fazer silêncio quando conseguimos um momento a sós e ainda assim corremos o risco de sermos interrompidos a qualquer momento.

Não me leve a mal, aprendi a adorar a baixinha. Ela é tão inteligente e respondona quanto a sua tia e me conquistou com pouco tempo de convivência. Amélia parece feliz quando eu dou atenção à pequena e isso me faz muito bem. Mas eu sinto falta do tempo que tínhamos a sós, e por isso decidi que vou dar um jeito nessa situação.

— Como estão as coisas entre você e Amélia? — Diego me desperta dos meus devaneios, seu rosto não demonstrando nenhuma emoção específica.

— Do que você está falando? — Tento me fazer de desentendido, fingindo que mexo em algo no meu computador.

— Você anda de bom humor ultimamente, então imagino que finalmente tenha tomado coragem e ido visitar a Amélia — ele me responde, com um meio-sorriso. — Ou estou enganado?

Eu o encaro em silêncio por um tempo, seu sorriso aumentando quando eu desisto de negar e solto um suspiro. Ainda bem que Cristina está na sala da administração. De jeito nenhum ia querer ter essa conversa na frente dela.

— Desde quando você sabe?

— Acho que desde sempre. — Ele dá de ombros. — Achei estranho quando parou de comentar sobre as suas conquistas. Depois passou a tratar Amélia como se você fosse um homem feito, e não um dos gêmeos de birra com o outro. — Não consigo segurar o riso quando me compara com um de seus filhos. Eu achando que estava disfarçando tão bem e meu amigo já sabia de tudo. — Mas aí eu tive certeza mesmo quando vi você recusando o convite de Luana no último dia de captação.

E ainda tem essa. Mês passado gravamos uma nova leva de vídeos para a fábrica de massas e precisei trabalhar novamente com Luana. Como da primeira vez, ela foi totalmente profissional durante as filmagens, mas repetiu seu convite no último dia, quando já tínhamos terminado tudo. Meu amigo não apareceu no set em nenhum dos outros dias, mas tinha que estar lá justo neste, para me ver recusando o bendito convite?

Isso que ele não sabe o quanto foi fácil para mim dizer não à Luana. Ela continua sendo a mulher linda e inteligente com quem fiquei meses antes, mas agora já não atrai minha atenção. Inventei uma desculpa qualquer, sem ter coragem de dizer a ela que estava em um compromisso com outra mulher. Porque isso também não é verdade, nem ao menos sei nomear o que Amélia e eu temos, mas desde que ficamos juntos pela primeira vez, ela tem sido mais do que o suficiente para mim.

— Então vocês estão mesmo namorando? — ele questiona quando não digo mais nada.

— O que nós temos não é bem um namoro — defendo-me. — Nós ficamos de vez em quando, não é muito diferente do que eu já tenha feito antes.

— Com quantas você saiu desde que ficou com a Amélia pela primeira vez? — ele questiona, arqueando uma sobrancelha, desafiando-me.

— Nenhuma — respondo, ainda não querendo lhe dar a razão. — Mas só porque não tive tempo.

— Amélia passou um mês cuidando da sobrinha, Caio. Você teve tempo, só não teve vontade de sair com outra.

Não sei o que responder, porque não quero admitir que é verdade. No tempo em que estivemos separados, não pensei em outra mulher que não fosse ela.

— A Cristina vai me matar. — Levo as mãos à cabeça, já prevendo o sermão que minha sócia vai me dar quando descobrir o que está acontecendo. Se é que ela já não sabe!

— O que tem a minha esposa a ver com isso? — Diego franze o cenho, confuso com a minha declaração.

— Assim que contratamos a Amélia, ela mandou que eu ficasse longe. Me proibiu de me envolver com a Santinha.

— Quais foram as exatas palavras que Cris usou? — Para minha sorte, ele não zomba de mim quando deixo escapar o apelido que dei à Amélia.

Paro por um segundo, recordando minha conversa com a Cristina. Isso já faz mais de um ano, mas ainda está bem vívido em minha mente:

— “Não se meta com a Amélia se não tiver interessado em algo sério.” — Solto a frase, fingindo uma voz de mulher.

— E mesmo assim você se meteu. — Diego ri da minha imitação de sua esposa. — Agora a minha pergunta é: o que você tem com a Amélia é algo sério? Pode vir a ser?

— Eu não sei.

— Só você pode responder isso, Caio. Mas é bom decidir logo, porque Amélia está vivendo um momento delicado, e a última coisa que ela precisa é um cara que não sabe o que quer.

— É complicado... — sigo me defendendo.

— Eu também achava que a minha situação com a Cris era complicada. O problema é que demorei a decidir o que eu queria, e acabei ficando longe dela por cinco anos. E se o Miguel fosse um cara decente, eu a teria perdido para sempre. Não cometa o mesmo erro que eu cometi.

Desvio os olhos dos seus e volto a atenção para o meu computador. Sei que meu amigo está certo, mas não sei se sou capaz de ser o homem de família que Amélia está precisando agora.



— Tio Caio! — A pequena grita quando me vê beijando a tia na porta do apartamento.

Ela corre na minha direção e eu me abaixo para pegá-la no colo, apertando-a em um abraço que a faz rir.

— Nós vamos pedir pizza de novo? — ela questiona com as mãos no meu rosto. — Você disse que só podia na sexta-feira e já é sexta-feira.

— É mesmo, espertinha? Vamos pedir sim, mas o que acha de conhecer a minha casa primeiro?

— A sua casa? — ela questiona, com o cenho franzido.

— Sim. Eu tenho uma televisão grandona e um videogame. O que você acha?

— Eu nunca joguei videogame.

— Pois eu te ensino.

— Eba!

— Tem certeza disso, Caio? — Amélia questiona em um sussurro, apoiando a mão em meu braço.

— Pega umas duas roupas de muda, Santinha. Eu quero que vocês passem o final de semana lá comigo.

Vejo que ela estranha o meu pedido, mas não questiona. Simplesmente vai para o quarto fazer o que eu pedi, enquanto Manuela fica na sala comigo, contando sobre tudo o que fez durante o dia.

Quando ela retorna, trocou a roupa de ficar em casa por um jeans e uma camiseta — ainda estranho quando a vejo vestida dessa maneira, tendo convivido por mais de um ano com o seu “uniforme”, como ela chama — e traz uma mochila nas mãos.

— Podemos ir? — A pergunta é à Amélia, mas Manuela responde primeiro:

— Eu tenho que pegar a Maria. Ela não pode ficar sozinha.

A pequena sai correndo para o quarto para buscar a boneca, que pelo que Amélia me contou, foi um presente dado por sua mãe que ela tinha deixado com a tia no dia que se mudou. O ursinho de pelúcia, que era seu brinquedo favorito, teve de ser jogado fora, pois estava todo manchado de sangue. Lembrar daquele dia faz um calafrio percorrer a minha espinha. Essa garotinha sobreviveu por tão pouco, é assustador pensar nisso.

Volto-me para Amélia e a encontro me encarando, o semblante pesado. É possível que ela esteja pensando no mesmo que eu.

— Você está bem, linda? — Puxo-a para perto de mim, enlaçando sua cintura e cheirando seu pescoço. Sou viciado no cheiro dessa mulher. Levo a mão à sua bunda, que fica uma tentação nessa calça.

— Estou. Um pouco preocupada porque ela começa na escolinha nova na segunda.

— Você conseguiu a rematrícula na escola antiga?

— Não. Lá eles só tinham vaga em meio período. Precisei encontrar uma escola particular, e mesmo assim é apenas das 8 às 18 horas, não sei como vou fazer para buscá-la.

Entendo sua preocupação, já que o seu trabalho é das 9 às 18 horas e ainda tem o tempo de trânsito entre um lugar e outro.

— Eu tenho certeza de que o seu chefe pode ajudar com isso. — Dou um beijo em sua bochecha antes de ela se virar para me fitar e receber um selinho nos lábios. — Talvez você possa fazer uma carga reduzida ou trabalhar parte do dia em home office.

— E você acha que meu chefe vai estar ok com isso? — ela questiona, erguendo uma das sobrancelhas.

— Ao menos um deles com certeza. — Aperto-a contra mim e ela ri, negando com a cabeça.

— Achei! — Manuela volta correndo. — Ela estava brincando de esconde-esconde.

— Agora podemos ir, dona Manuela? — Eu a pego no colo, enquanto ela balança a cabeça positivamente.

— Vamos logo, tio Caio. Eu estou com muita fome.

Rio do seu abuso enquanto saímos do apartamento e sua tia tranca a porta. Ao alcançar meu carro próximo à entrada do prédio, abro a porta do passageiro, colocando Manuela no assento elevado que comprei especialmente para ela. São quarenta minutos até a minha casa e a pequena começa a ficar impaciente. Por sorte Amélia sabe lidar com ela e lhe empresta o celular para que possa assistir àqueles desenhos barulhentos que tanto gosta. Em outra época eu ficaria irritado com o barulho dentro do carro, mas é impossível me irritar quando ouço a gargalhada gostosa de Manuela no banco traseiro, enquanto a sua tia mantém a mão em meu pescoço fazendo uma carícia deliciosa na base do meu pescoço.

O desenho é esquecido no momento em que estaciono o carro da garagem do meu prédio. Subimos de elevador e estou ansioso para que a pequena veja a surpresa que lhe preparei.

Abro a porta e deixo que ela entre primeiro.

— Gostou da minha casa, Manu?

— É grandona! — Ela abre a boca de maneira exagerada, enquanto gira em seu eixo observando todos os cantos da sala. Nem é tão grande assim, mas deve ter o dobro do tamanho da delas. — E essa televisão é gigante! — Ela para em frente à tela, observando minha TV de 55 polegadas.

— Sim. E nós podemos ver um filme nela depois. Mas, primeiro, eu quero que você dê uma olhada naquele quarto ali. — Aponto a primeira porta do corredor, que está entreaberta.

Ela olha para a tia, que acena com a cabeça, antes de caminhar até lá. Ela empurra a porta e eu acendo a luz.

— O que você achou, Manu?

— É linda. — Ela leva as mãos ao rostinho, abrindo a boca de novo. — Uma cama de princesa.

No canto do quarto há dois móveis que não existiam ali antes: uma cama e uma cômoda, que eu comprei especialmente para ela, para que se sinta confortável aqui na minha casa.

— Lilás, que é a sua cor favorita, não é? — Agacho-me ao seu lado e ela enlaça o meu pescoço. Seu sorriso é tão lindo quanto o de Amélia.

— Eu amei, tio Caio. Posso dormir aqui hoje? — pergunta para mim e depois se volta para a tia: — Posso, titia?

Mas Amélia não olha para a pequena, ela continua me fitando, seus olhos úmidos de lágrimas não derramadas.

— Você montou um quarto para a Manu na sua casa?

— Mais ou menos. — Dou de ombros e solto a pequena, que corre para a sua cama nova. Esse cômodo era como um estúdio e ainda há muitas coisas minhas que tentei amontoar no outro canto, para abrir espaço. — Não consegui tirar os instrumentos daqui, mas a Manu não vai mexer nas guitarras, não é, pequena?

— Só quando você for me ensinar a tocar — ela responde, parecendo uma adulta e não uma criança de 4 anos.

Impossível segurar a minha gargalhada e Amélia também começa a rir. Manuela se aproxima e puxa a mão da tia.

— Posso dormir aqui, titia?

— Claro que pode, meu amor. — Ela se abaixa para encarar a pequena. — Você gostou da caminha nova?

— Sim!

— Também comprei uns livros, estão na cômoda. — Aponto para o móvel e Manuela corre até lá abrindo a primeira gaveta.

— Eba! — Pula empolgada com os dois livros nas mãos e sinto que fiz a coisa certa quando Amélia se aproxima para segurar a minha mão e apoia a cabeça em meu ombro.

— Obrigada — ela sussurra, depositando um beijo em meu queixo.

— Fiz por todos nós — digo com sinceridade. — Fico feliz quando vejo a felicidade de vocês.

Viro-me para puxá-la para um abraço e aproveito para roubar um beijo demorado, enquanto Manuela está ocupada folheando os livros sobre a cama nova.

— Eu quero pizza antes de dormir! — Cedo demais a pequena se enfia entre nós dois, puxando minha blusa para chamar atenção.

— Sim, senhorita. — Uma gargalhada me escapa, interrompendo o nosso beijo. Amélia sorri enquanto interajo com sua sobrinha. — E qual é o sabor da vez, princesa?

— Calabresa com muito queijo! — Ela grita, erguendo as mãos.

Voltamos para a sala e elas ocupam o sofá, escolhendo o que vamos assistir esta noite. Fazia tempo que não assistia tantos desenhos, mas não me importo. A essa altura já estou familiarizado com tudo o que

foi lançado nos últimos dez anos.

A noite é divertida. Comemos de frente para a TV, e esse tem sido o programa mais comum para mim nos últimos meses. E eu não sinto falta de mais nada.

Já passa das dez quando Amélia vai colocar Manuela para dormir. Sinto que ela está um pouco receosa em deixar a sobrinha sozinha, mas a menina parece não se importar nem um pouco, observando o abajur de borboleta que também comprei e está sobre a cômoda, deixando o quarto em uma penumbra azulada.

— Se você precisar, a titia está no quarto ao lado. É só chamar, está bem?

— Tá bom. — Ela se esconde sob o edredom novo. — Agora me deixa dormir, titia, porque estou muito cansada.

Da porta onde observo a interação das duas preciso segurar o riso que quer me escapar. Manuela parece com a tia não só fisicamente como também no seu temperamento.

Amélia olha da sobrinha para mim, sem acreditar que acabou de ser dispensada. Eu sinalizo para que ela venha na minha direção, mas ela se volta para a sobrinha, descobrindo-a e enchendo seu rosto de beijos. A garotinha gargalha.

— Boa noite, meu amor. — Ela dá um último beijo na testa da pequena e se levanta da cama.

— Boa noite, titia. — A menina volta a se aconchegar e seu olhar recai sobre mim. — Boa noite, tio Caio.

— Boa noite, princesa. — Sopro um beijo que ela pega no ar e

leva a mão ao rostinho. Uma graça.

— Obrigada pela cama.

— De nada.

Ela se vira para a parede e Amélia por fim se junta a mim, encostando a porta, deixando apenas uma fresta.

— Manu vai ficar bem — sussurro para ela, puxando-a para um abraço. Amélia já trocou de roupa e está usando somente uma das minhas camisas, que fica parecendo um vestido nela. — Estamos do lado, dá para ouvir se ela precisar.

— Eu sei — Amélia responde, fazendo um beicinho que eu não resisto em beijar.

— Você precisa relaxar um pouco. E eu sei exatamente como fazer isso.

— Sabe, não é? — Ela assume a sua melhor expressão de safada, mordendo o canto dos lábios.

— Acho que vou precisar te lembrar das minhas habilidades. Faz um tempo, pode ser que você tenha esquecido.

Eu a pego no colo e ela ameaça soltar um grito pelo susto, mas a calo com um beijo enquanto ela enlaça as pernas nos meus quadris. Caminho até o meu quarto e ela fecha a porta quando entramos. Finalmente estamos a sós, e com um pouco de privacidade. Senti muita falta disso e pretendo aproveitar ao máximo.

A jogo sobre a minha cama, de imediato cobrindo o seu corpo com o meu. Em poucos minutos, e em meio a beijos desesperados,

estamos ambos desnudos, mergulhados um no outro, como se os problemas fora desse quarto não existissem. Pela primeira vez em semanas voltamos a ser um só.



Gritos agudos me despertam. Abro os olhos assustado, sentando-me bruscamente na cama. O quarto está na penumbra e Amélia está adormecida ao meu lado, completamente nua, envolta apenas no lençol.

Os gritos se repetem e isso é o bastante para despertá-la. Como um foguete, recolhe a camiseta e a calcinha do chão e se veste, deixando o quarto. Fico por um tempo ainda perdido, sem saber o que está acontecendo até me lembrar da pequena dormindo no quarto ao lado. Por um instante havia me esquecido completamente dela.

Deito-me de volta, debatendo se devo ou não ir até lá. Quando os minutos se passam e Amélia não retorna, decido levantar e ir ao encontro delas.

Pela porta entreaberta vejo Amélia deitada na pequena cama lilás, com a sobrinha ao seu lado, a cabecinha apoiada no braço da tia. Manuela parece ter voltado a dormir, mas há uma dor em sua expressão que não deveria existir para uma criança de quatro anos.

Aproximo-me em silêncio e me ajoelho ao lado delas, segurando a mão de Amélia.

— Essa é a minha vida agora, Caio — ela sussurra, seu olhar está repleto de um sofrimento que me angustia. Queria ser capaz de bloquear tudo o que sentem de ruim. — Não sou mais a tia que fica com ela por

algumas horas quando os pais querem um pouco de tempo sozinhos. Eu sou a única mãe que Manuela tem agora. Nada vai ser como antes.

— Eu sei, linda. — Passo as mãos pelo seu cabelo, depositando um beijo em sua testa. — Talvez a gente só precise de um tempo para se habituar. — Ela concorda com a cabeça, a expressão ainda triste. — Você vai ficar aí com ela?

— Só mais um pouquinho — ela se vira para beijar a testa da sobrinha.

— Tudo bem, Santinha. Se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

— Obrigada, Bebezão.

Ela se volta para mim e trocamos um selinho rápido, enquanto ela passa a mão livre pelo meu rosto.

Encosto a porta e volto para o meu quarto. Volto a me deitar, mas é como se o sono tivesse me abandonado. Essa cama agora parece grande demais sem Amélia. No entanto, ao menos estou tranquilo por saber que as duas estão aqui comigo. Só precisamos encontrar o equilíbrio nesta nova dinâmica que assumiu nossa relação.

Capítulo 29

AMÉLIA



Retomar a rotina não foi fácil. É claro que eu sentia falta do trabalho, mas foi muito difícil me afastar da minha pequena depois de termos ficado mais de um mês grudadas, ainda mais para deixá-la em uma escola nova, onde ela não conhecia ninguém. Infelizmente, como dizem, é vida que segue, e temos de nos adaptar. O lugar aparenta ser bom e as monitoras foram muito atenciosas na visita que fizemos antes de eleger essa escola.

Passei a chegar ao trabalho mais cedo do que de costume. Combinei com Cris que faria um horário diferenciado, para poder pegar Manuela sem problemas. Agora, sempre que é preciso resolver alguma questão fora desse período, posso fazer de casa, assim que chego. Foi complicado no começo, mas estou me acostumando.

Por falar em Cris, ela mal teve tempo de me atualizar sobre tudo o que tinha feito na minha ausência. No dia seguinte ao meu retorno, a pobre começou a sentir contrações e Diego a levou para o hospital. A preocupação tomou conta de todos, pois a pequena Isabela decidiu antecipar a sua chegada em algumas semanas. Por sorte, depois de oito horas de parto, ela veio ao mundo, cheia de saúde, para a alegria dos pais, que ficaram muito aliviados.

Com Diego e Cris fora da produtora, o trabalho de Caio agora é

dobrado. O coitado fica até tarde todos os dias para dar conta de tudo, além de dirigir todas as captações que aparecem. Sei que está cansado, mas faz isso pelo amigo, para que possa ficar o primeiro mês junto de sua filha.

O problema é que isso reduziu drasticamente o tempo que temos para ficar juntos. Claro que ainda compartilhamos alguns beijos roubados durante o expediente, mas nada além disso, principalmente porque nossos horários já não coincidem. Como agora saio mais cedo, não há mais caronas para a minha casa. Como ele sai mais tarde, geralmente vai direto para a sua própria casa. Nos poucos dias que consegue sair no horário normal, ele vai jantar conosco, e depois conseguimos namorar um pouco no sofá, mas não passamos disso.

No final de semana, a coisa muda de figura. É como se vivêssemos em nosso mundo particular. Caio nos busca na sexta-feira à noite e nos leva para a sua casa, onde ficamos até o domingo à noite.

Mas já não ficamos apenas trancados em casa como era nosso costume. Com Manuela junto a nós, Caio tem inventado vários passeios para fazermos. Vamos ao shopping — onde Manu já se viciou nos brinquedos eletrônicos daqueles parquinhos internos —, jantamos fora, já fomos ao cinema e até mesmo fizemos uma viagem curta para uma cidade do interior, para passar o dia em um parque aquático. Eu nem me importo com metade dessas coisas, mas Manuela está feliz por sair de casa e Caio parece satisfeito com cada sorriso dela.

Os dois se divertem muito juntos e Caio a mima demais, permitindo que faça tudo o que eu não deixo — ou finjo que não deixo, afinal alguém tem que assumir o papel de autoridade. A verdade é que amo vê-los juntos e preciso me esforçar muito para não ficar projetando.

Porque está tudo muito bem agora, mas eu não sei por quanto tempo as coisas vão ficar assim. Com Caio eu não tenho como ter certeza, nunca conversamos sobre o futuro. Sei que o que estamos vivendo já é mais que um namoro, mas não há uma palavra dele a respeito disso. Vivo com esse receio constante de que vai acabar se cansando de nós e deixando não apenas a mim de coração partido. Vejo o quanto Manu já está apegada a ele, e confesso que foi algo com que deveria ter me preocupado no começo. Agora só espero que não tenha cometido um grande erro.



Escuto o choro de Manuela pela babá eletrônica que trouxe de casa. Foi a única maneira que encontrei de ficar tranquila com Caio, sem me preocupar com a minha pequena sozinha no quarto ao lado. Os pesadelos diminuíram, mas ainda estão presentes. Cada noite de sono ininterrupto que conseguimos é uma vitória. Ela já fez algumas visitas ao psicólogo designado pelo Estado, pela questão da guarda, mas estou pensando em levá-la a um outro especialista, para ver se há algo mais que possa fazer para que esses sonhos ruins desapareçam de vez. Só preciso organizar um pouco mais a minha vida, pois esse tipo de consulta custa caro, e estou gastando mais do que poderia com a escolinha dela.

Levanto-me preparada para ir consolá-la mais uma vez, mas estranho quando me encontro sozinha na enorme cama de casal. Logo ouço a voz de Caio pela babá-eletrônica e sinto um nó se formar em minha garganta.

— *O que está acontecendo, princesinha?*

— *Eu estou com medo, tio.*

— *Medo do quê?*

— *Do barulho. É muito barulho.*

Eu sei do que ela está falando. A maioria das vezes Manuela sonha com aquele dia. Imagino o quanto deve ter sido assustador se ver em meio aos tiros, sem entender direito o que estava acontecendo. Eles saíram de casa para comer um hambúrguer em uma lanchonete não muito longe de onde moravam. Um passeio cotidiano que de maneira nenhuma era para terminar daquele jeito.

Eu não quis ver as fotos da perícia, mas o policial responsável comentou que foram muito tiros. Muitos mesmo. E até hoje não conseguiram indiciar ninguém pelo que aconteceu. Apenas mais um caso que virou estatística.

Tentando controlar as lágrimas que essa memória me desperta, saio do cômodo parando na porta entreaberta do quarto de minha sobrinha. Vejo Caio sentado ao seu lado na pequena cama, abraçando-a contra si.

— Minha mamãe gritou para eu abaixar, mas ela não abaixou, tio Caio. — A pequena sussurra, antes de levantar a cabeça para encará-lo. — Por que ela não abaixou também?

— Porque ela estava preocupada com você, Manu. Uma mãe sempre vai se preocupar primeiro com seus filhos.

— Mas agora eu estou aqui e ela não. Eu queria minha mamãe aqui. — As lágrimas descem pelo rostinho tristonho. Penso em entrar, mas decido apenas observar enquanto ele continua sua conversa com ela.

É a primeira vez que vejo Manuela falando sobre o que aconteceu naquele dia.

— A sua mamãe sempre vai estar perto de você, Manu. — Ele deposita um beijo carinhoso em sua cabeça. — Você pode não a ver, mas tenho certeza de que ela vai continuar te protegendo, como fez naquele dia.

— Como o Anjinho da “Turma da Mônica”? — A pequena arqueia uma sobrancelha, parecendo confusa com a sua explicação.

— Quase isso — ele responde com uma risada. — Não acho que ela tenha ganhado asas, mas tenho certeza de que vai sempre te proteger. E sua tia está aqui para cuidar de você. Amélia te ama muito, sabia? — Ela agita a cabeça em positivo. — Ela vai te proteger agora que sua mãe não pode mais estar aqui.

— E você também, não é?

Vejo o momento em que ele parece reticente, e não é a primeira vez que gostaria de ser capaz de ler os pensamentos deste homem.

— Eu também, Manu. Você sempre vai estar segura aqui comigo, com a gente.

— Tá bom.

— Vamos voltar a dormir?

— Vamos. Eu estou muito cansada.

— Eu sei. Não parou um segundo quieta hoje.

Ela ri do seu comentário quando ele se levanta para cobri-la.

— Canta uma música pra mim?

— Canto, mas eu não sei nenhuma dessas que você gosta.

— Pode ser a sua música favorita do mundo todo. — Ela diz, abrindo os braços de maneira exagerada. Está tão tranquila que nem parece que acabou de ter mais um desses sonhos horrorosos.

E ali, ajoelhado ao lado da cama da minha sobrinha, ele começa a cantar *Aonde quer que eu vá*, dos Paralamas do Sucesso.

Olhos fechados

Pra te encontrar

Não estou ao seu lado

Mas posso sonhar

Aonde quer que eu vá

Levo você no olhar

Aonde quer que eu vá

Ele segue com os versos, sua voz rouca parecendo tão suave. Assim que a canção termina, Manuela está de olhos fechados, adormecida, e eu estou secando os meus, graças às lágrimas que insistiram em cair.

Caio deposita mais um beijo em sua cabeça antes de se levantar e caminhar para fora do quarto. Eu dou um passo para trás, para que ele não se assuste.

— Achei que você estivesse dormindo — ele sussurra ao encostar

a porta, surpreso com a minha presença ali.

— De onde você tirou isso que falou para a Manu? — Apoio as duas mãos em seu peito, sentindo o seu calor, ainda emocionada com a cena que vi.

— Minha mãe é espírita. Ela acredita nessas coisas. — Ele me abraça e me direciona para o nosso quarto. — Você não?

— Eu não sei. — Dou de ombros. — Fui criada numa igreja evangélica, aprendi que vivemos apenas uma vida e que depois da morte vamos ou para o céu ou para o inferno. Não há volta depois disso.

— Eu acho isso muito definitivo. — Ele agita a cabeça em negativa, franzindo o cenho. — Somos humanos, passíveis de erro. O quão injusto seria termos apenas uma oportunidade, somente esta vida?

— Você também acredita em reencarnação? — Nunca conversamos sobre esse tipo de coisa, fico curiosa por saber do seu ponto de vista.

— Sim. — Ele me solta para fechar a porta, enquanto eu volto para a cama, ainda atenta às suas palavras. — Não sou um estudioso do assunto como a minha mãe, mas ela me ensinou algumas coisas. Acredito que aqueles que amamos continuavam vivos mesmo depois da morte. — Ele deita-se ao meu lado e me abraça, beijando o meu pescoço. — E acredito que vivemos mais de uma vida. Porque, do contrário, eu estou muito lascado.

— Andou cometendo muitos pecados nesta existência? — pergunto, tentando conter um sorriso.

— Mais do que o suficiente para garantir o meu *ticket* para o

inferno se ele existir, Santinha.

Isso me arranca uma gargalhada, que eu sufoco escondendo o meu rosto em seu pescoço.

— Você é bom demais para ir para o inferno, Bebezão — digo em um sussurro, beijando sua boca.

— Você que é boa demais para mim, linda.

— Obrigada por ter cuidado dela hoje. Significou muito para mim.

— Vocês significam muito para mim — responde com uma emoção que nunca senti nele antes.

Com o nó de volta à minha garganta, só consigo lhe responder com um beijo, antes de me aconchegar a ele e voltar a dormir.

Os meus sonhos são bonitos essa noite, com um futuro que eu não achava provável, mas que agora parece ser possível.



— Amélia, tem uma moça aqui procurando por você.

Suellen bate à porta do meu escritório, interrompendo o meu trabalho. Há apreensão estampada em seu rosto.

— Quem é? — questiono, arqueando uma sobrancelha. Não estou esperando ninguém e não lido diretamente com os clientes.

— Não sei — ela sussurra e entra na sala, para que a pessoa lá fora não possa nos ouvir. — Mas parece sério. A moça está de terninho.

Levanto, agora tão apreensiva quanto ela, um sentimento ruim me invadindo imediatamente. Saio da sala e dou de cara com a advogada amiga de Henrique.

— Amélia — ela estende a mão e eu a cumprimento.

— Oi, Edna. Está tudo bem?

— Peço desculpas por aparecer no seu trabalho, mas eu tenho algo importante para te dizer e aproveitei que estava por perto para conversarmos pessoalmente.

— Você está me assustando. — A expressão dela é fechada, ainda mais séria do que eu me lembrava. — É algo grave?

— Tem algum lugar onde podemos conversar em particular?

— Claro. — Aponto a minha sala e ela entra à minha frente. Indico-lhe a cadeira extra e sento-me em meu lugar depois de fechar a porta. — O que houve?

— Recebi um aviso hoje de que os avós maternos entraram com o pedido de guarda da sua sobrinha... — Ela me entrega um papel que retira de sua pasta.

— Não! — Eu a interrompo, não querendo acreditar no que me diz.

— Sinto muito, mas o fato de seus pais quererem disputar a guarda complica a situação.

— Eles não podem fazer isso comigo. — Pego o documento, encontrando ali o nome dos meus pais. — Eu tenho a carta da Rosália.

— Sim, e isso é um ponto a seu favor, assim como o fato de que

ajudou a criá-la — ela mantém o tom sério, inabalável. — Mas eles são avós, também têm direitos e o juiz irá avaliar quem é mais apto a dar o melhor cuidado à menor.

— Eles não podem tirar a Manuela de mim, Edna.

— Vamos fazer o possível e o impossível para que isso não aconteça. Mas você precisa estar preparada. — Concordo com um aceno, incapaz de encontrar as palavras para responder. — Eu te mantenho informada, tudo bem? — Mais um aceno. — Eu preciso ir agora, mas qualquer dúvida, não hesite em me ligar.

Ela aperta meu ombro de maneira a transmitir algum conforto antes de abrir a porta e sair do meu escritório.

Ainda estou sem reação. Parece que esse inferno nunca terá fim. Antes que dê por mim, as lágrimas estão descendo sem controle por meu rosto. Sinto minhas pernas bambearem e dou graças a Deus por estar sentada. Meu coração bate descompassado e me falta o ar. Eles não podem estar fazendo isso comigo. Eles não têm o direito de continuar tentando estragar a minha vida.

— Amélia, o que aconteceu?

Nem percebi o momento em que Caio se aproximou. Com certeza foi Suellen quem o chamou ao escutar o meu desespero.

Quando ainda sou incapaz de responder, ele se agacha ao meu lado e puxa o meu rosto para que eu o encare.

— Santinha, está me deixando preocupado. Suellen, por favor, busque um copo d'água pra ela.

Ouçõ os passos de Suellen se afastando quando entrego o papel

para ele, para que entenda a situação. No momento eu não sou capaz de encontrar as palavras.

— Esses são os seus pais? — ele questiona e consigo acenar com a cabeça. — Eles querem tirar a guarda da Manu de você? De onde tiraram essa ideia de merda? A menina é sua filha, você a criou junto com a mãe dela, nenhum juiz no mundo vai tirá-la de você.

A raiva em seu tom de voz me dá um pouco de ânimo. Ele está certo. Rosália deixou a guarda de Manuela comigo. Eu sou tia, eu ajudei a criá-la, sou a única família que ela conhece. Meus pais são dois desconhecidos, a viram apenas uma vez na vida, e nem se deram o trabalho de conversar com ela.

— Ela é minha — digo em um sussurro. — Não posso ficar sem minha menina, Caio.

— Não vai ficar. — Ele segura minha mão. — Tenho certeza de que sua advogada vai dar um jeito, Santinha. — Ele me abraça, sem se importar que estamos no trabalho, com possíveis testemunhas ao nosso redor. — Vai ficar tudo bem. A Manuela é sua, você ajudou a criá-la, ninguém vai tirar esse direito de você.

Sei que ele não pode garantir esse tipo de coisa, mas no momento escolho acreditar em suas palavras. Porque eu preciso crer que a justiça vai ser justa.

Não sei o que é pior: imaginar-me sem a Manuela ou pensar nela sendo criada naquela casa, da mesma maneira que sua mãe e eu fomos criadas. Minha pequena não merece isso. E eu vou lutar por ela e pela sua felicidade até o fim.



— Olha quem veio te ver, Isabela.

Dou um beijo na testa da minha amiga, que está sentada em uma cadeira na área externa de sua casa, antes de observar com atenção o pacotinho que ela tem nos braços.

A bebê está dormindo profundamente, pouco se importando com a minha presença ou com a barulheira que seus irmãos estão fazendo logo ali no quintal. Parece uma bonequinha, e acho que puxou os traços delicados de sua mãe.

— Finalmente — meu amigo reclama e mostro o dedo do meio para ele, provocando-lhe uma gargalhada.

— Eu estava ocupado com a sua empresa. — Dou um soco em seu braço e ele me acerta de volta, correndo para o lado da esposa em seguida.

— A gente tem esperança de que quando chegarem a uma certa idade, vão parar de agir como crianças, mas acho que ainda não alcançamos esse número mágico. — Cristina tem um pequeno sorriso nos lábios. — Que bom que você veio, Caio.

Não é a primeira vez que vejo a bebê. Eu cheguei a visitar Cris no hospital depois do parto, mas tenho noção do quanto este período de

adaptação da família a essa nova pessoinha é importante, por isso optei por dar um tempo a eles.

— Você quer segurá-la um pouco? — Cristina oferece, levantando-se com a bebê.

Isa parece tão pequena e delicada que tenho receio de não conseguir fazer isso direito.

— Não sei se é uma boa ideia. — Agito a cabeça quando minha amiga se aproxima de mim com a bebê.

— Deixa de bobagem. Ela não é de vidro.

Cristina estica o pacotinho para mim e eu a seguro, trazendo-a para o meu peito, para conseguir um melhor apoio. A bebê resmunga, querendo despertar, mas logo volta a dormir aconchegada a mim. Eu não lembro quando peguei um dos gêmeos no colo pela primeira vez, mas tenho certeza de que eles já eram maiorzinhos — naquela época não estava muito acostumado com crianças ainda.

Segurar Isabela agora é diferente. Pergunto-me se Amélia sentiu a mesma emoção quando pegou Manuela no colo pela primeira vez. Porque, mesmo que não biologicamente, sinto como se esses três fossem meus sobrinhos. Preocupo-me com eles e adoro quando me chamam de tio.

Falando nas peças, Gabriel começa a chorar e Cristina se afasta para acudir o filho.

— Você vai almoçar com a gente? — Diego questiona.

— Não. — Olho para ver se sua esposa está atenta à nossa conversa, mas ela está distante, lidando com os pequenos. — Eu

combinei de almoçar com a Amélia.

— Que bom. — Ele sorri, sua atenção na filha. — Talvez você devesse levá-la com a sobrinha para almoçarem na sua mãe um dia. Dona Teresa sente a sua falta e com certeza ficaria feliz em conhecer a primeira namorada que você tem na vida.

— Você anda falando com a minha mãe pelas minhas costas? — Mudo o foco, ignorando de propósito o uso que fez da palavra “namorada”.

Amélia e eu nunca conversamos sobre isso, mas acho que é o que somos, no fim das contas, não é? Isso não quer dizer que eu não sinta o peso desse rótulo e tudo o que ele representa.

— Claro que não. Ela veio visitar minha filha, bem antes do padrinho, preciso dizer.

— Eu vou ser o padrinho? — Questiono, surpreso com a afirmação, sem me ater à sua repetida reclamação.

Meu amigo não é católico praticante, mas sua família tem esse hábito de nomear padrinhos mesmo sem cerimônia. Dos gêmeos foram Roberto e seu esposo Rodrigo, junto com suas primas Soraia e Vanessa. Bastante gente para cuidar da dupla de furacões.

Nunca fui padrinho de ninguém. Acho que os poucos amigos que tenho e que já tiveram filhos nunca me cogitaram para ser responsável por ninguém. Até hoje não tenho certeza de que possa ser responsável por mim mesmo.

— Cris, você tem certeza disso? — sussurro para a minha amiga, que está voltando para o pátio carregando Gabriel, enquanto Daniel vem

logo atrás.

— Você já contou a ele? — ela pergunta ao marido, que acena em positivo. — Nem para me esperar, queria ver a cara dele — resmunga, fazendo um biquinho.

— Foi hilária — Diego afirma, e só não o soco de novo porque estou com minha afilhada nos braços.

Afilhada! Olho para a pequena, sentindo a força dessa palavra. Mais um rótulo com o qual eu preciso me acostumar.

— E aí, você aceitou ou não? — ela pergunta, colocando o filho no chão. Os dois saem correndo de volta para o quintal e fico imaginando o quanto deve ser cansativo conviver o dia inteiro com eles.

— E tem como negar? — Diego me encara, um sorriso de lado, desafiando-me.

— Claro que não — digo e Cris me olha apreensiva. — Não tenho como negar. É óbvio que eu aceito.

Nesse exato momento Isabela começa a chorar, e espero que esse não seja um sinal de que discorda da escolha de seus pais.

— Deve ser a fralda. — Cris estica os braços e a pega de volta, caminhando com a pequena para o interior da casa.

— E quem vai ser a madrinha? — questiono quando Diego e eu ficamos a sós.

— Ainda estamos definindo isso, mas queremos falar com ela primeiro antes de contar.

— Agora você me deixou curioso.

— Acho que você vai gostar da nossa primeira opção.

O meu celular apitando me impede de seguir questionando. Tiro-o do bolso da calça para encontrar uma mensagem de Amélia.

— Me deixa adivinhar: é a sua namorada? — Diego pergunta, deboche inundando cada palavra.

— Você é um idiota — resmungo antes de abrir a mensagem.

O sorriso que surge em meu rosto é involuntário. Há uma foto da Manu abraçada ao pescoço da tia, ambas rindo enquanto encaram a câmera. Tem também um áudio e levo meu celular ao ouvido para poder escutar.

— *Tio Caio! Cadê você?* — a vozinha infantil de Manuela soa pelo aparelho. — *O almoço está quase pronto. Se não vier logo, vai ficar sem sobremesa.*

— Ela tem o gênio da tia. — Meu amigo gargalha. Nem notei quando ele se aproximou para conseguir ouvir, enxerido do caralho.

— Você não viu nada. — Solto uma gargalhada. Essa baixinha é invocada mesmo e adoro isso nela. — Fala para a Cris que depois eu volto com mais tempo, para ficar um pouco com a minha afilhada.

— Pode deixar. — Meu amigo dá uma palmada nas minhas costas. — Vou deixar uma fralda para você trocar também.

— Dessa parte eu não faço questão.

— Você não acredita no tipo de merda que uma coisinha tão delicada como aquela é capaz de produzir. — Ele faz uma careta exagerada e estou rindo de novo.

— Não faço a menor questão! — enfatizo. — Sou o tio, que fica só com a parte divertida.

— Por enquanto — ele murmura, e tenho medo de perguntar o que quer dizer com isso.

— Até segunda.

Aperto sua mão enquanto lhe dou um meio-abraço de lado, caminhando em direção à saída em seguida.

— Caio! — Diego me chama e me volto para encará-lo. — Você está feliz?

Levo um tempo pensando na pergunta inusitada. Repasso os momentos que tenho vivido, primeiro sozinho com Amélia e, depois da tragédia, com Manu se tornando parte da minha rotina. Tenho muitas dúvidas nessa vida, mas nenhuma com relação ao que sinto quando estou com as duas.

— Estou — respondo com sinceridade.

— Então tenta não fazer nenhuma burrada.

Agito a cabeça em negativa, sem me dar ao trabalho de lhe dar uma resposta. Aceno em despedida e saio da casa.

Meu amigo me conhece bem demais e é por isso que passo todo o trajeto até a casa de Amélia pensando em formas de estragar o que estou vivendo, para poder evitá-las a todo custo.



— Tio Caio, sabia que eu já vou fazer cinco anos?

Manuela não parou de falar um minuto desde que cheguei aqui. Estamos na cozinha, fazendo companhia para a sua tia, que termina de preparar o almoço. Eu estou sentado observando a pequena andar de um lado para o outro, empolgada como nunca. Acho que a cada dia que passa ela está mais parecida com a criança que era antes da perda dos pais.

— É mesmo, Manuzita? — Aperto suas bochechas quando ela se aproxima, e a pequena dá alguns passos para trás, rindo. — Você já está quase uma moça.

— É no sábado que vem — Amélia esclarece, voltando a atenção para a panela. — Ainda falta uma semana, Manu.

— E vai ter festa? — pergunto à Manuela.

— A minha mãe sempre faz um bolo grandão. — Ela abre os braços para mostrar o tamanho do bolo e logo os fecha novamente ao se dar conta do que disse. — Mas minha mamãe não está mais aqui para fazer o bolo grandão.

Amélia apaga o fogo e larga o que está fazendo para se aproximar da sobrinha, agachando-se para ficar da sua altura.

— Eu posso fazer o bolo, meu amor.

— Eu não quero mais festa. — A pequena cruza os braços, agitando a cabeça e fazendo cara de choro.

Amélia a abraça e eu fico morrendo de medo de ter perguntado a coisa errada. Agora as duas parecem absurdamente tristes.

— A gente pode fazer uma coisa diferente — sugiro, tentando

reverter a situação.

— O quê? — A pequena ergue a cabeça, a tristeza sendo aos poucos substituída por curiosidade.

— Um piquenique no parque. — Digo, na esperança de que seja uma boa ideia. Crianças gostam desse tipo de coisa, não? — O que você acha?

— Eu nunca fiz um piquenique. — O brilho das lágrimas que não derrubou é substituído por um pequeno sorriso.

— Pois a sua tia pode preparar várias comidas gostosas pra gente e vamos almoçar no parque. Você vai adorar ver os gansos e cisnes no lago. Podemos andar de bicicleta também.

— Eu não sei andar de bicicleta. — Ela fecha a cara de novo, e eu desvio o olhar para Amélia, que nos observa com um sorriso no rosto.

— Pois eu te ensino — prossigo, torcendo para estar no caminho certo. — Ou você pode andar junto comigo, o que você preferir.

— A gente pode, tia? — Ela se volta para Amélia, a tristeza parecendo esquecida por um momento.

— Se você quiser, Manu. É o seu aniversário, podemos fazer o que você quiser.

— Piquenique e andar de bicicleta!

A pequena grita e sai correndo pela casa, empolgada com a ideia.

— Obrigada. — Amélia se aproxima e sussurra contra meus lábios, dando-me um beijo rápido em seguida.

Antes que ela possa se afastar, a puxo para o meu colo, roubando

um beijo de verdade, que só é interrompido quando Manuela volta correndo para a cozinha reclamando que está com fome.

As duas estão felizes, e eu sou o responsável por esse momento. A sensação é poderosa. Talvez eu seja mesmo capaz de seguir o conselho de Diego e não estragar tudo no final das contas.



Depois do almoço, levo as duas para darmos um passeio no shopping, onde compro mais alguns livros para Manuela. Como diz a tia, a garota é mesmo um prodígio, pois nem completou cinco anos e já consegue ler diversas palavras. Com um pouco mais de incentivo, tenho certeza de que será capaz de ler sozinha logo. Não que eu me importe de ler quando ela me pede. Eu mesmo não sou muito fã de literatura, geralmente gasto meu tempo com videogames e a televisão, mas é bom ver que a mãe e a tia a ensinaram a valorizar a leitura. Isso pode ser importante para ela no futuro, e eu gosto de pensar que estou dando a minha contribuição para a sua educação, mesmo que ainda seja pequena.

Assim que chegamos à minha casa, Manuela corre para o seu quarto, para guardar suas nossas aquisições. É divertido vê-la tão empolgada com um simples livro.

Não tivemos nossa noite de pizza ontem, porque precisei trabalhar até tarde, então a adiamos para hoje. E o sabor escolhido por Manu é frango com catupiry. Diferente de outras crianças, ela gosta de provar novos sabores, e dificilmente pede o mesmo duas vezes seguidas. O que não significa que não coma quando eu peço. A criatura é boa de boca e,

por incrível que pareça, apesar de amar pizza, também come tudo de saudável que a sua tia oferece. Nunca vi uma pessoa amar tanto brócolis como ela.

Depois do jantar, de meio pote de sorvete e mais um clássico da Disney, Amélia coloca a pequena para dormir. Para nossa sorte, os pesadelos estão cada vez mais raros, então nossas noites são muito mais tranquilas — e Amélia e eu temos mais tempo para ficarmos sozinhos.

Quando ela entra no nosso quarto, encontra-me deitado na cama, à sua espera. Tira a saia e a blusa, vestindo uma camiseta minha. Penso em dizer que é um trabalho desperdiçado, pois logo pretendo deixá-la sem nada, mas apenas a observo caminhando pelo quarto, admirando esse rebolado que me deixou louco desde a primeira vez que a vi.

— Obrigada por ter ajudado mais cedo com a Manu — ela diz, encarando-me com um sorriso no rosto.

— Queria ser capaz de fazer mais por ela.

— Você já tem feito muito do que eu esperava, Bebezão. — Ela se aproxima de mim, sentando-se na cama para conseguir depositar um selinho em meus lábios. — Nós não comemorávamos aniversário quando morávamos com nossos pais. O Pastor dizia que a Bíblia era contra esse tipo de celebração, mesmo que não tenha nada lá que diga isso. — Quando Amélia fala “o Pastor”, está se referindo ao próprio pai. Levei um tempo para perceber isso, mas agora já estou acostumado. Pela maneira como sempre fala dele, é como se a função deste na igreja lhe fosse mais importante do que ser pai das duas. — Quando saímos da casa deles, passamos a celebrar, e Rosália sempre fez questão de comemorar cada aniversário da Manuela com uma festa, por menor que fosse. No

primeiro ano, fomos apenas nós três e um bolinho com refrigerante.

— Você acha que deveríamos fazer uma festa? — questiono, preocupado por estar quebrando uma tradição da qual a pequena gosta tanto.

— Não, de jeito nenhum. — Ela me dá mais um beijo e se levanta. — Na situação em que estamos, a sua sugestão é muito melhor.

Amélia se fecha no banheiro por alguns minutos, enquanto eu penso na sua relação com a sobrinha e na sorte da menina em tê-la em sua vida, apesar de tudo o que já viveu.

— Você está muito quietinho. — Amélia retorna para o quarto, remexendo na mochila que trouxe com as suas coisas.

— Você é madrinha da Manu? — pergunto ao me lembrar da minha visita aos meus amigos de manhã.

— Não. Na nossa religião não temos esse costume. — Observo-a enquanto ela volta para o banheiro, parando em frente ao espelho, onde penteia os longos cabelos antes de fazer uma trança. — Mas, se levarmos em conta para que serve uma madrinha, então acho que se pode dizer que sim, afinal a minha irmã decidiu que eu seria sua guardiã caso acontecesse algo com ela. Por que está perguntando isso?

— Diego e Cris me convidaram para ser padrinho de Isabela.

— Que bom, Caio. — Ela tem um sorriso no rosto quando apaga a luz do banheiro e vem para o meu lado. — Isso é muito significativo. Quer dizer que eles confiam em você o bastante para deixar uma das três preciosidades que têm aos seus cuidados.

— Você falando desse jeito parece assustador.

— Deixa de ser bobo. — Ela me dá um tapa de leve no ombro. — Se Deus quiser você nunca precisará assumir responsabilidade nenhuma. No máximo comprar bons presentes para a Isa e ficar de babá de vez em quando.

— E espantar os rapazes quando ela for adolescente.

— Deixa de ser machista. — Recebo outro tapa e aproveito para puxá-la para o meu colo, beijando seu pescoço. — Você não estaria falando em espantar as garotas se estivéssemos falando dos gêmeos.

— Porque com os meninos é diferente — continuo com meu argumento só para provocá-la, porque, para variar, ela está certa. — A meninas são mais ingênuas, precisam se proteger para não cair em papo-furado de marmanjo. — Ela ri enquanto beijo seu queixo.

— Como eu fui ingênuo quando caí na sua conversa?

— Ei! — Separo-a de mim apenas o bastante para fitar seus olhos. — Foi você quem me beijou primeiro. E era você quem ficava me seduzindo e me provocando no trabalho.

— Em primeiro lugar: eu não lembro de ter sido aquela que começou o beijo. E em segundo: quando foi que eu fiz isso de te seduzir e provocar no trabalho? — Ela se faz de inocente, mas sabe exatamente do que eu estou falando.

— Quando olhou na minha cara e pegou o telefone daquele cliente, o tal de Giovani.

— Você ficou com ciúme? — Ela me encara e, quando não digo nada, abre um sorriso de lado. — Sabia que tinha ficado com ciúme. — Nego com a cabeça, mas não consigo esconder meu próprio sorriso. Eu

morri de ciúmes naquele dia, mesmo não sabendo que era isso que sentia. — Já te disse que nunca saí com ele. — Amélia segura meu rosto com ambas as mãos e me dá um beijo gostoso. — E você tem razão, fiz aquilo só para te provocar. Mas o nosso primeiro beijo foi você quem começou.

— Eu me lembro bem de você vindo para cima de mim e quase me engolindo.

— E eu me lembro de você vindo atrás de mim quando disse que era para ficar na sala enquanto buscava a toalha.

— Você estava gostosa pra caramba com aquela roupa molhada toda grudada. — Enfio as mãos por baixo da camiseta e vou percorrendo sua pele até alcançar seus seios, que aperto com vontade, arrancando-lhe um gemido. — E você estava tão doida por aquilo quanto eu.

— Estava mesmo. — Ela dá uma gargalhada e joga os braços ao redor do meu pescoço, apertando-me contra si. — Acho que desde a primeira vez que te vi. Só não queria admitir isso a mim mesma.

E sua confissão me assusta, porque eu me sinto da mesma maneira, mas não sou tão corajoso quanto ela para dizer isso em voz alta. A única resposta que lhe dou é apertá-la ainda mais, como se dessa maneira pudesse mantê-la aqui para sempre, junto a mim.

Então mais uma vez demonstro com gestos e orgasmos o quanto essa mulher é importante para mim.



— Você teve mais alguma notícia da advogada?

Entro na sala de Amélia e fecho a porta. Nem me preocupo mais em fingir que não temos nada. Acho que a essa altura todos aqui já sabem. E Cristina, que é a única de quem ainda estou me escondendo, vai levar mais uns quatro meses para voltar para a produtora, portanto estou a salvo.

— Sim. Ele está com toda a minha documentação, e já estamos prontas para a primeira audiência. Só temos que esperar.

— Seu pais voltaram a te procurar?

— Não. Meu advogado explicou que eles têm o direito de visitar a Manuela, mas não acho que queiram fazer isso. Nunca se interessaram por ela antes e imagino que estejam muito ocupados com a igreja para focarem nisso agora. Tenho certeza de que os advogados deles devem estar cuidando de tudo.

— Você está nervosa com a audiência? — Puxo a outra cadeira e me sento ao seu lado.

— Um pouco. Edna disse que não tenho com o que me preocupar, mas o Pastor sabe convencer as pessoas quando quer muito algo. — Ela bufa, prendendo os cabelos soltos em um coque bagunçado. — Eu não sei

o que se passa na cabeça desse homem. Não sei se enxerga na Manu uma nova chance de educar uma criança e corrigir o fracasso que considera que Rosália e eu nos tornamos, ou se está fazendo isso apenas para me espezinhar e ter algum controle sobre mim. De qualquer forma, não vou permitir que ele estrague a vida dela como tentou fazer com a nossa.

— Tudo vai dar certo e a Manu vai continuar com a gente, você vai ver. — Seguro sua mão e deposito um beijo para encorajá-la.

— Espero que sim. — Recebo um sorriso em retorno. — Mas você veio até aqui, correndo o risco de ser descoberto, só para me perguntar do processo?

— Lamento te informar que não há muito mais o que descobrir. Todo mundo aqui nesta empresa já sabe que estamos juntos.

— Mas a Cris ainda não sabe...

— E espero que não descubra tão cedo. — Faço o sinal da cruz, provocando-lhe uma gargalhada. — Mas você tem razão, eu tinha outra coisa para te dizer.

— Pode falar.

— Meu amigo do Rio está na cidade de novo.

— O John? — Confirmo com a cabeça. — E você vai se encontrar com ele? — ela questiona, com a sobrancelha franzida.

— Você se incomoda? Da última vez que a gente marcou de se encontrar no karaokê, eu meio que larguei ele lá.

— Por minha causa. — Ela baixa o olhar, parecendo envergonhada.

— Não, foi por minha causa. — Aproximo-me e ergo seu rosto, para que consiga me encarar. — Porque eu fui um babaca.

— Foi mesmo. — Ela abre um sorriso debochado. — Não tem problema, lindo. É claro que você pode sair com seus amigos. Eu jamais te proibiria do que quer que fosse.

— Você acha que a Manu vai ficar chateada de não ir dormir na minha casa hoje? — Eu sei que Amélia jamais me proibiria de nada, porque não é assim que a nossa relação funciona; por isso estou mais preocupado com a reação da outra pessoa em minha vida.

— Claro que não. — Ela passa a mão pelo meu rosto, e a ideia de cancelar com John cruza pela minha cabeça quando me dou conta de que não vou passar a noite com essa mulher hoje. — Nós ainda vamos nos ver amanhã, não vamos?

— Claro. Amanhã eu passo lá, com certeza.

— Então pode se divertir com o seu amigo que Manuela e eu vamos ficar bem. Sentiremos sua falta, mas é por pouco tempo.

— Você é a melhor, sabia? — Dou-lhe um beijo rápido. — Prometo que vou te compensar por hoje.

— Espero que sim — responde, enquanto desliga o computador.

— Você já está saindo para buscá-la?

— Sim. O trânsito de sexta-feira é pior, preciso sair um pouco antes.

Amélia se levanta e pega a sua bolsa sobre a mesa.

— Diga a ela que eu mandei um beijo e que nos vemos amanhã.

— Pode deixar.

Aproximo-me e a puxo para um beijo demorado, já sentindo falta da sua boca.

— Até amanhã.

Separo-me para abrir a porta e deixar que saia na minha frente.

— Bom final de semana, Sue — Amélia se despede da recepcionista enquanto caminha em direção ao elevador.

Eu fico parado na porta, observando a sua bunda remexendo dentro da saia apertada. Quando o elevador se abre ela entra e se vira para mim, acenando. Eu aceno de volta, provavelmente com um sorriso idiota no rosto.

— Você está mesmo de quatro por essa mulher. — Suellen comenta quando ficamos a sós, e pela primeira vez não faço questão de disfarçar.

— Você não nem ideia do quanto, Sue. Não tem ideia...

Ouçó a sua risadinha enquanto caminho de volta para a minha sala, tentando não me arrepender por ter aceitado o convite do meu amigo.



Abro os olhos sentindo a claridade entrando pela janela. Levo um tempo para me acostumar à luz e me dar conta de que não estou no meu quarto. Também não estou no quarto de Amélia, e esse pensamento faz

com que eu desperte de vez.

O quarto me parece familiar, mas não consigo me lembrar de alguma vez que tenha estado aqui. É impessoal e, se não fosse pelas duas camas de solteiro, seria muito parecido com aquele onde passei a noite com Luana alguns meses atrás.

Como é que eu vim parar aqui?

Ainda estou vestido com a mesma roupa que usava ontem quando saí do trabalho: uma calça jeans escura e uma camisa branca, que no momento está totalmente amarrotada. Os meus sapatos estão no chão e, ao puxar um pouco a calça, confirmo que minha cueca permanece no mesmo lugar.

Escuto o chuveiro ligado no banheiro da suíte e minha cabeça lateja enquanto eu tento me recordar do que aconteceu ontem. Eu fui para o karaokê, conversei com alguns conhecidos, cumprimentei John, que chegou um tanto atrasado, e nós bebemos. Eu cantei muito e bebi pra caralho. Até onde me lembro, estava me divertindo bastante. O que aconteceu depois disso?

A porta do banheiro se abre e seguro a respiração esperando que a pessoa que está ali saia. Não é possível que eu tenha feito merda. Não posso ter feito uma burrada dessa.

— Resolveu acordar, Bela Adormecida?

— John! — Meu amigo aparece apenas com uma toalha ao redor da cintura e solto todo o ar de uma vez, aliviado. Eu não passei a noite com outra mulher. É a primeira vez na vida que fico feliz com esse fato.

— Quem você estava esperando? — ele questiona, com a

sobrancelha franzida, enquanto remexe em sua mala à procura do que vestir.

— O que eu estou fazendo aqui? — pergunto de volta, para não precisar explicar tudo o que se passou por minha mente no momento em que despertei.

— Você encheu a cara, eu não sabia o seu endereço de cor e tive que te trazer pra cá. — Ele veste uma camisa polo e uma cueca boxer em seguida, pouco se importando com a minha presença ao retirar a toalha primeiro. — Pra você ver o quanto eu me importo, porque tive a chance de trazer uma das gostosas comigo e acabei saindo de lá arrastando um marmanjo.

— Eu fiquei com alguém? — Faço a outra questão que está me incomodando.

— Não. — Ele ri e, mesmo com dor de cabeça, sinto-me aliviado. — Recusou todas as mulheres que se aproximaram dizendo que era um cara comprometido. Algumas nem disseram nada, mas tiveram de ouvir que você não ia pegar ninguém porque tinha namorada. Nunca achei que escutaria estas palavras vindas de você: comprometido e namorada. Achei que era por causa da bebida, mas você não estava tão bêbado assim quando começou a dispensar a mulherada.

— Obrigado por ter me socorrido. — Levanto-me da cama e vou para o banheiro, assustando-me com a imagem que me encara de volta no espelho. Como se diz, estou só o pó. Fazia tempo que não bebia desse jeito.

— Amigos servem para isso, afinal de contas. — John grita do quarto. — Mas para me recompensar você vai me pagar aquele rodízio

que eu gosto.

— Tudo bem. Acho que você merece depois de ter passado a noite na seca por minha causa.

Uso o banheiro e depois lavo o rosto, tentando arrumar o cabelo com um pente que encontro ali. Escovo os dentes usando um dos kits disponibilizados pelo hotel. Sentindo a garganta seca, bebo água da torneira mesmo.

— Vamos logo, porque já é quase meio-dia e tenho que fazer o *check-out*. Além disso, precisamos chegar cedo na churrascaria para fazer valer o preço do rodízio. — John volta a gritar e eu me encolho quando sua voz parece estar dentro da minha cabeça.

— Fala mais baixo — resmungo quando volto para o quarto. — Cadê o meu celular?

— Deve estar na sua jaqueta. Eu não mexi em nada.

Encontro a jaqueta sobre uma cadeira e o celular no bolso, mas ele está morto. A bateria acabou e nem me dei conta. Esqueci de deixar carregando durante o dia no trabalho.

— Tem um carregador portátil para me emprestar?

Ele revira mais um pouco sua mala e me entrega a bateria e o cabo, que eu conecto ao meu telefone, guardando tudo de volta no bolso da jaqueta. Assim que carregar o bastante eu o ligarei para conferir se há alguma mensagem importante.

John recolhe suas coisas e faz o *check-out* do quarto. Pegamos um Uber até a tal churrascaria, que fica perto da faculdade onde nós estudávamos. A graça do lugar na época era conseguir juntar dinheiro o

bastante para aproveitar o rodízio e o *buffet*, onde se pode comer à vontade. Hoje já não precisamos mais contar os trocados, mas continuamos comendo tanto quanto antes.

Consegui uma aspirina e um sal de frutas antes de sair do hotel, então começo a me sentir melhor. Bem o bastante para beber mais alguns chopes enquanto comemos tudo o que os garçons trazem até a nossa mesa. Aproveitamos o almoço para conversar de verdade, já que no karaokê o barulho mal deixa que um escute o que o outro diz.

John conta sobre o trabalho que está desenvolvendo em uma agência de publicidade, a sua vontade de abrir um negócio próprio e os seus não-relacionamentos. Acho que ele é o único amigo que tenho que ainda está solteiro, então tínhamos muito em comum até alguns meses atrás.

Eu conto sobre a minha empresa, sobre as previsões de crescimento para o ano que vem e a vantagem de ter um negócio próprio.

— Mas você ainda não me falou sobre essa sua namorada. — Já passa das três da tarde quando viramos a plaquinha sobre a mesa para sinalizar que estamos satisfeitos. — É a mesma que você levou no karaokê da outra vez?

— Ela mesma. Amélia — respondo com um sorriso, lembrando-me dela. — Mas eu ainda não tive coragem de pedi-la oficialmente em namoro.

— Por que não? Pelo tanto que você falou dela ontem, achei que estava prestes a se casar com ela.

— Não, nada disso. — Confesso que essa ideia ainda me assusta muito. Mal me acostumei com a palavra “namorada”, “esposa” é um

passo para o qual definitivamente não estou pronto. — Nós estamos juntos há apenas alguns meses, ela trabalha para mim, na verdade.

— Secretária? — Ele ergue as sobrancelhas de maneira sugestiva.
— Eu tenho fetiche por secretárias.

— Não, idiota. Nem temos uma secretária na empresa. Ela é responsável pela administração.

— Mas o rolo de vocês é sério mesmo?

— Sim. As coisas ficaram confusas por um tempo, porque ela precisou assumir a guarda da sobrinha, mas agora estamos bem. Já me apeguei à pequena também... Merda!

O aniversário de Manuela é hoje! Caralho, como eu posso ter esquecido disso?

Tiro o celular bolso e finalmente o ligo. Devolvo a bateria a John, que me observa sem entender o que está acontecendo. Quando o aparelho começa a apitar com as mensagens e ligações perdidas, me dou conta que eu estou muito ferrado. Eu consegui fazer uma merda muito grande.

Tanto Amélia quanto Diego tentaram entrar em contato. Ela deve ter ligado para o meu amigo quando não conseguiu falar comigo.

Entro no WhatsApp e abro minha conversa com ela. Das onze às catorze ela tentou falar comigo:

Amélia: Você está a caminho? Estou terminando de preparar os lanches. Comprei aqueles bolinhos que você e a Manu adoram. :D

Amélia: Vai demorar muito ainda? Manuela está mais elétrica do que de costume, não sei por quanto tempo consigo segurar a fera. ;)

Amélia: Caio, você prometeu a ela que iríamos fazer esse piquenique. Onde você está? Já passa da uma.

Amélia: Aconteceu alguma coisa? Estou começando a ficar preocupada.

Amélia: Juro por Deus, Caio, que se você não tiver um bom motivo para ter furado com a minha pequena, vai ter que se ver comigo!

Até me encolho quando leio a última mensagem, porque é como se pudesse ouvi-la gritando comigo.

— Está tudo bem? — pergunta John, encarando-me com uma expressão preocupada.

— Não, cara. Eu estraguei tudo. A gente se fala depois.

Tiro algumas notas da carteira e deixo sobre a mesa. Saio do restaurante digitando uma mensagem, preciso corrigir essa cagada.

Eu: Onde vocês estão?

A resposta não demora a chegar, mas não é a que eu esperava:

Amélia: Estou ocupada agora, Caio. A gente se fala depois...

Merda! Merda! Merda!

Capítulo 32

AMÉLIA



Acordo com Manuela pulando na cama. Abro um sorriso ao ver a sua agitação quando se deita em frente a mim, os olhinhos curiosos conferindo se já estou desperta.

— Tia, você sabe que dia é hoje? — Ela apoia a mão em meu rosto, fazendo um carinho não muito delicado.

— Sábado! — respondo rápido e ela faz uma careta.

— Que dia do mês, tia? — revira os olhos e tenho dificuldade em me manter séria com a gargalhada que quer escapar.

— Dia 11 — acrescento, evitando a resposta que ela busca de verdade.

— E o mês?

— Outubro?

— Não, tia. — Ela aperta minha bochecha como por vezes faço com ela. — Já é novembro.

— 11 de novembro, já? — Arregalo os olhos, fingindo espanto. — O tempo está voando.

— É o meu aniversário. — Ela se senta e coloca as mãos na cintura, encarando-me com a expressão fechada.

— Não acredito nisso! — Sigo com o teatro e também me sento, levando as mãos à boca.

— Você esqueceu? — Franze a sobrancelha, parecendo chateada.

— Claro que não, bonequinha. — Eu a abraço, enchendo-a de beijos, enquanto ela ri. — Jamais esqueceria o aniversário da pessoa mais importante da minha vida! Tenho uma surpresa para você.

— É mesmo? — Seus olhinhos chegam a brilhar de expectativa.

— Sim. Por que você não abre o guarda-roupa e procura pelo seu presente?

— Oba!

Manuela salta da cama e corre para abrir a minha parte do armário que compartilhamos. Os presentes estão à vista e ela volta com os dois pacotes. Primeiro abre o maior, e seu sorriso é imenso quando vê o cachorrinho de pelúcia segurando o coração. Ela ainda sente falta daquele ursinho que precisamos descartar e espero que esse novo companheiro lhe traga mais sorte.

Hoje é mesmo um dia muito especial. Minha pequena completa cinco anos. O tempo passa tão rápido que chega a ser assustador. Parece que foi ontem que Rosália começou a reclamar das contrações e tivemos de sair correndo para o hospital. Parece que foi ontem que, depois de doze horas sofridas para a minha irmãzinha, nós pudemos segurar nas mãos a coisa mais preciosa que já tivemos nessa vida.

A parte triste é que Rosália não está aqui hoje para comemorar este dia conosco. Não pôde ficar aqui para ver a sua menina crescer. Sinto um aperto no coração ao me recordar de minha irmã, e a vontade de

chorar também se faz presente. No entanto, respiro fundo para me controlar, pois hoje deve ser um dia feliz.

E quando Manuela abre o segundo pacote e encontra o tablet que lhe comprei, seu sorriso dobra de tamanho. Não deveria estar gastando com essas coisas — a nossa situação está apertada com a escola nova —, mas acho que, depois de tudo pelo que passamos, minha pequena merece esse mimo. E o abraço que recebo como agradecimento, antes de ela voltar a atenção ao brinquedo novo, faz-me ver que foi um dinheiro bem gasto.

Sentamos encostadas à cabeceira enquanto Manuela me mostra todas as funções do aparelho, que é um desses modelos feitos especialmente para crianças. É incrível como os pequenos de hoje em dia já nascem digitais. E quando esse pensamento cruza minha mente e um outro, que à primeira vista parece não ser muito relacionado, o substitui em seguida, causando-me um calafrio.

Porque enquanto eu vejo a alegria da minha pequena me dou conta de outra coisa: hoje já é dia 11! Pego meu celular da mesinha de cabeceira e abro o aplicativo do calendário, conferindo a data da minha última menstruação. Está atrasada 5 dias! E não seria um grande problema se o meu ciclo não funcionasse tão bem. É claro que com todo o estresse dos últimos meses ele pode ter desregulado um pouco — e é essa a ideia a que me apego para não surtar. Não posso estar grávida do Caio, não agora.

Tento não entrar em pânico, para não estragar o dia de Manuela. Enquanto ela está distraída com o brinquedo novo, entro no aplicativo de delivery e escolho três tipos diferentes de exames, apenas para ter certeza.

Enquanto aguardo pela entrega, vou para a cozinha preparar o café da manhã. Tento seguir com os planos para o dia, deixando essa preocupação no fundo da mente. Preparo ovos mexidos e pão na chapa para nós e pego um dos bolinhos que comprei em uma confeitaria aqui perto de casa. Acendo uma vela e Manuela e eu cantamos parabéns para ela. Apesar de não ser a comemoração com a qual ela está acostumada, parece satisfeita quando enfia o bolinho todo de uma vez na boca, enquanto me encara com a sua cara de arteira.

O interfone toca e sinto meu coração acelerando. Não sei o que vou fazer se for Caio, não conseguirei ficar tranquila ao seu lado enquanto tenho essa dúvida pairando em minha mente.

Por sorte, ou não, é o entregador da farmácia. Peço que suba, e recebo minha encomenda na porta do apartamento. Manuela já terminou de comer e voltou para o quarto, para seguir brincando com o tablet novo. Aproveito este momento para ir ao banheiro e fazer o bendito teste.

Somente quando tenho o resultado do terceiro em mãos e comprovo que todos eles dizem a mesma coisa é que a realidade me acerta em cheio, como um soco na cara.

Eu não tomo pílula. Não era algo que podia fazer quando morava com meus pais, e depois disso acabei não me adaptando àquela que minha médica me receitou. Então sempre fui muito cuidadosa com a camisinha. Jamais esqueci, por maior que fosse o meu tesão no momento. Mas acho que com as estatísticas não se brinca: se um preservativo de látex é 98% seguro, sempre tem aqueles 2% de probabilidade que vão rir na sua cara quando você for a premiada.

E eu acabei de ser premiada!

Seguro o palitinho na mão, recordando-me da última vez que segurei um desses. O exame não era meu, mas a situação foi tão desesperadora quanto, e os dois tracinhos no pedaço de plástico mudaram o rumo de nossas vidas.

Eu só queria que minha irmã ainda estivesse aqui, como eu pude estar por ela naquele dia. Estou passando por um momento complicado e não tenho a minha melhor amiga comigo para me consolar.

— Tia!

O grito de Manuela me desperta de meu estupor e impede que eu volte a chorar. Tudo isso é irrelevante no momento, preciso me preocupar com a minha sobrinha e a celebração de seu aniversário.

Guardo os exames em uma sacola e a deposito no fundo de uma gaveta. Lavo as mãos e o rosto, respirando fundo algumas vezes para conseguir me controlar, e saio do banheiro.

— O que foi, meu amor? — pergunto à Manuela, que está deitada na cama, abraçada ao cachorrinho de pelúcia enquanto assiste a um desenho.

— Já está na hora do piquenique?

— Ainda não, mas já vou começar a preparar os nossos lanches. Você quer ajudar?

— Quero!

Voltamos para a cozinha e eu começo a preparar as coisas. Ela não tinha comentado mais nada sobre esse passeio, achei até mesmo que tinha esquecido, mas é claro que minha pequena inteligente não se esqueceria de algo assim. Arrumamos tudo com capricho, enquanto ela

tagarela sobre o que ver no parque e sobre andar de bicicleta com Caio.

Por falar nele, ainda não tive notícias suas hoje. E ao pensar na notícia que precisarei lhe dar, meu estômago se embrulha. Não sei se é o primeiro enjoo da gravidez ou apenas o nervosismo mesmo. De qualquer maneira, nós combinamos que almoçaríamos no parque, então imagino que ele deve aparecer por aqui antes do meio-dia.

Às onze horas termino de ajeitar as coisas na bolsa térmica — infelizmente não consegui comprar uma cesta para tornar a experiência de Manuela completa, mas acho que posso providenciar uma para a próxima vez.

Ainda não há sinal de Caio, então mando a primeira mensagem perguntando do seu paradeiro. Não recebo resposta e tento não ficar ainda mais ansiosa com isso.

Dou um banho em Manuela, vestindo-a com a jardineira que sua mãe comprou há pouco tempo — como se com isso pudéssemos ter ao menos um pouco de sua presença conosco hoje. Em seguida prendo seu longo cabelo em duas tranças laterais. Minha bonequinha fica ainda mais linda com esse estilo moleca.

Quando a deixo com seus brinquedos e entro para tomar uma ducha, é impossível não voltar ao outro assunto que me preocupa e observar o meu próprio corpo, imaginando todas as mudanças pelas quais ele passará nos próximos meses. Levo as mãos ao meu ventre e quase consigo visualizá-lo crescendo. Há um serzinho se desenvolvendo aqui e, apesar do medo e das dúvidas que sinto no momento, há uma grande certeza: eu já amo essa criaturinha. E não importa o que aconteça entre Caio e eu depois que ele descobrir sobre a minha gravidez, Manuela, este

bebê e eu seremos uma família. E eu vou fazer tudo o que for possível nessa vida para eles serem felizes.

Um pouco mais calma com a minha resolução, saio do banho e me troco. Encontro Manuela na sala, tentando carregar a pesada bolsa térmica nas mãos.

— Cadê o tio Caio? — ela resmunga. — A gente tem que ir logo para o parque.

— Calma, meu amor. — Rindo de sua agitação, tiro a bolsa de suas mãos e a deixo ao lado da porta, antes de voltar minha atenção à minha pequena. — Eu vou ligar para ele.

Com o celular em mãos tento uma, duas, três vezes, mas a ligação continua indo para a caixa postal. Deixo mais uma mensagem, na esperança de que ele retorne logo. Não tenho ideia de onde possa estar. Talvez tenha ficado até tarde no karaokê com seu amigo e acabou perdendo a hora hoje. Não sei como ele é com essas coisas, pois desde que começamos a ficar, Caio não tem saído mais, então não tenho como saber sobre os seus hábitos antes de mim.

Convenço Manuela a assistir um desenho enquanto esperamos. Alguns episódios depois e o meu celular continua em silêncio.

— Você está com fome? — Estou preocupada porque já passa de uma da tarde e tem muitas horas que tomamos café da manhã. — Quer comer alguma coisa enquanto a gente espera?

— Não, eu quero o tio Caio aqui. — Cruza os braços sobre o peito e faz uma carinha de choro que parte o meu coração. — Ele prometeu.

— Eu sei, florzinha.

Ligo de novo, com o mesmo resultado. Envio outra mensagem, preocupada que tenha lhe acontecido alguma coisa.

Manuela está agitada, já não presta mais atenção no desenho, emburrada com a espera. Tento mais uma ligação, com o mesmo resultado, e mando mais uma mensagem, já na certeza de que não terei resposta.

Estou começando a ficar angustiada de verdade. Caio geralmente responde as minhas mensagens assim que envio — mesmo em dia de gravação, ele não demora a me retornar. Não é possível que algo terrível tenha lhe acontecido e meu filho tenha ficado órfão antes mesmo de nascer! Tentando não enlouquecer, opto por outra estratégia e disco para um número diferente.

— Amélia, está tudo bem? — Diego atende no segundo toque.

— Diego, desculpa por incomodar, mas você sabe do Caio?

— Não. A última vez que falei com ele foi ontem à noite, antes de sairmos da produtora. Está tudo bem?

— Acho que sim. É que hoje é o aniversário da Manu e ficamos de levá-la para um piquenique no parque na hora do almoço. Mas Caio não apareceu até agora, não mandou mensagem e também não está atendendo o telefone.

— Ele deve ter ficado sem bateria. Faz isso o tempo todo. Se combinaram, ele deve aparecer a qualquer momento. Caio não passou a noite aí com vocês?

— Não. Ele ia encontrar o John ontem. Estou preocupada que tenha acontecido algo.

— Tenho certeza de que está tudo bem — ele diz, mas não deixo de notar que seu tom de voz não parece tão confiante.

— Você tem o telefone desse John?

— Não. Só o conheço de vista, é amigo da faculdade do Caio.

— Tudo bem. — Impossível evitar o suspiro que me escapa. — Vou esperar mais um pouco.

— Qualquer coisa você me liga.

— Obrigada.

Desligo o telefone sem saber o que fazer.

— Cadê o tio Caio? — Manuela pergunta, chamando a minha atenção.

— Eu não sei, amor.

— Ele prometeu... — Ela volta a fechar a cara, o seu choro é eminente.

— Por que não fazemos o seguinte: nós vamos para o parque e ele nos encontra por lá assim que puder?

— Eu não quero sair daqui sem ele. — Ela pula do sofá, correndo em direção ao quarto. — Ele prometeu.

Corro atrás dela e a encontro deitada na cama, abraçada à boneca que sua mãe lhe fez, chorando sem consolo. Ela está decepcionada, e não posso dizer que meus sentimentos sejam muito diferentes.

— Minha mamãe não está aqui, meu papai também não. E o tio Caio prometeu — ela resmunga baixinho, como se estivesse conversando

com a boneca, e nesse momento eu odeio Caio por fazer a minha pequena se sentir abandonada dessa maneira.

Deito-me ao seu lado, sem saber o que mais posso fazer, e acabo chorando junto com ela. Hoje era para ser um dia bom, não era para estarmos as duas aqui, sofrendo de novo.

Quando me acalmo, consigo enviar uma última mensagem para Caio, quase torcendo para que tenha acontecido algo grave, porque ao menos assim ele teria uma boa desculpa para nos fazer passar por isso.



O interfone toca e eu ignoro. Sei que é ele e não quero vê-lo hoje. Eu queria quando acordei, quando peguei o resultado do bendito teste, quando achei que chegaria a tempo de fazermos o nosso piquenique. Agora não quero mais. Agora eu só quero distância.

Ele finalmente respondeu minhas mensagens cerca de meia hora atrás, enquanto eu tentava convencer Manuela a comer algo e ela voltava a chorar. A minha resposta foi clara, ele não deveria ter vindo. Agora é tarde demais, eu só quero que nos esqueça por hoje, já que parece não ter tido dificuldade de fazer isso até momentos atrás.

O meu telefone toca em uníssono com o interfone e preciso colocar um no silencioso e tirar o outro do gancho. Será que esse homem não vai se cansar?

Sento-me no sofá, controlando a vontade de chorar. Não é possível que ainda tenha lágrimas para derramar. Isso não faz bem nem a mim nem à Manuela, e muito menos ao bebê que estou esperando.

Batidas agitadas na porta me despertam do meu estupor. Não acredito que alguém deixou que ele subisse! Meu prédio não tem porteiro, os moradores deveriam ser mais conscientes ao deixarem passar alguém que não conhecem.

As batidas continuam e sei que não tenho como seguir o ignorando. A menos que queira que um dos vizinhos se incomode e chame a polícia. É, talvez não seja uma má ideia, no final das contas. Assim eu posso me livrar de vez desse problema.

Mas como a idiota que sou, não me agrada a ideia de ver Caio em uma delegacia, então me levanto e abro a porcaria da porta.

— Amélia! — ele diz, como se não soubesse que era eu quem estava atrás da porta. — Santinha! — A maneira como diz meu apelido me mostra que ele está alterado.

— Você está bêbado? — reclamando, dou um passo para trás. Ele aproveita o meu descuido para entrar e fechar a porta às suas costas.

— Não. Foram só algumas cervejas na hora do almoço.

— Ótimo! — Ergo as mãos para o alto, como se pedisse a Deus por paciência. — Eu preocupada que tivesse acontecido algo de horrível com você e foi só um almoço.

— Eu estava com o John, meu celular ficou sem bateria — ele segue se explicando, mas não quero ouvir o seu papo-furado.

— Você sumiu por horas, Caio. Nós tínhamos combinado de levá-la para o parque, mas você nunca apareceu. Manuela não quis nem comer porque você não estava aqui. Está lá no quarto, cansada de tanto chorar. Porque ela contava com você, com a sua promessa, e você não cumpriu.

Eu contava com você.

— Me desculpa, Santinha. — Mais uma vez ele tenta me tocar e eu me esquivo. — Eu bebi um pouco ontem, passei a noite em um quarto de hotel e fiquei sem meu carregador...

— Um quarto de hotel?! — Sinto meu sangue gelado quando ouço isso. Não acredito que ele foi capaz de me trair. Não é possível que eu vá ter um filho com esse cara.

— Não, você entendeu errado. — Ele tenta segurar meus braços, mas eu me afasto novamente. — O John me levou para o hotel dele porque eu estava muito bêbado para voltar para casa sozinho. Não é o que você está pensando.

— Eu nunca exigi nada de você, Caio. Nunca. Mas agora não estou sozinha, eu tenho uma vida pela qual sou responsável. — Tenho duas, na verdade, mas este não é o momento para esclarecer este fato. — E se você faz uma promessa à minha pequena, é bom cumprir. Do contrário, é melhor nem fazer parte da vida dela. Talvez seja melhor também não fazer parte da minha.

— O que você quer dizer com isso? — Sua expressão é dolorida, mas não posso voltar atrás agora. Preciso pensar no nosso futuro, meu e dos meus pequenos.

— Que eu preciso de alguém comprometido com a gente, alguém que vai estar aqui quando for preciso. E se você não está pronto para fazer parte de algo maior, é melhor nos deixar em paz.

— Você não pode estar falando sério, caralho! — Eu me encolho com o seu grito e ele percebe que passou da conta, porque faz uma careta e recua um passo. — Eu nunca errei com você desde que estamos juntos

e, na primeira vez que isso acontece, você está buscando motivos para me afastar.

— Eu me anulei por você mais vezes do que o meu orgulho permitia. Eu deixei que as coisas fossem indo da maneira que você queria. Deixei que o seu medo de relacionamentos me fizesse miserável, com medo de nunca ser o bastante. — Ele se encolhe com as minhas palavras, provavelmente porque tem consciência de que eu tenho razão. — As coisas mudaram agora! — De maneira involuntária levo a mão à barriga, mas por sorte ele não se dá conta de nada. — Eu preciso cuidar de mim mesma, do meu emocional, porque aquela pessoinha naquele quarto se tornou o centro de todo o meu Universo e eu preciso estar bem para cuidar dela. Eu preciso estar preparada para o que vier.

— Eu não sou perfeito, Amélia. Você sabia disso desde o começo. Eu não sei o que quer de mim. — Ele bufa e passa as mãos pelo rosto.

— Eu preciso saber se você está pronto a entrar nessa comigo. De verdade. Porque não sou apenas uma pessoa, sou uma família inteira, e você precisa querer fazer parte dela, com toda a responsabilidade que isso acarreta. Você está pronto para isso ou não?

— Eu não sei, Amélia. — Ele fala mais alto, mas dessa vez não me encolho. — O que quer que eu diga? Eu não sei.

— Sinto muito, Caio. A última coisa que preciso na minha vida agora é de mais incertezas.

— Então é isso? — Ele fecha as mãos em punhos, e nunca o vi tão alterado como está agora. — Por causa de um erro você está terminando tudo entre nós?

— Você sabe bem que o seu sumido foi apenas a gota d'água. —

Já não consigo segurar o choro. Esse momento parece muito definitivo, ele não aparenta estar disposto a lutar por nós. — Eu não quero terminar algo que nem começamos. É justamente disso que estou falando.

— Pois parece que você está me mandando embora.

— Colocar a culpa em mim não vai adiantar, Caio. — Fungo, tentando manter minha voz controlada. — Não sou eu a errada nesta história.

Ele anda de um lado para o outro e eu apenas o observo. Quando começa a caminhar em direção à porta, cada passo que dá eu sinto como uma nova rachadura em meu coração.

Caio para com a mão na maçaneta, e um fiapo de esperança me toma: ele está reconsiderando. Ele vai tomar coragem e nos assumir como tem que ser. Vai fazer o que espero dele desde que descobri que estou apaixonada. Ele precisa ter coragem.

— Posso ao menos ver a Manuela antes de ir?

Não poderia estar mais enganada. No final das contas, ele está mesmo indo embora.

— É melhor não. — Sinto o ar me faltando, o estômago embrulhado. — Ela já chorou por você hoje, não quero que volte a chorar porque está indo embora de vez. Temos que aprender a viver sem você.

Ele abaixa a cabeça e sai sem dizer mais nada. Quando escuto a porta batendo, tombo no sofá e me encolho em posição fetal. Já passei por muitas decepções em minha vida, mas posso dizer com certeza que esta é a maior e mais dolorida.

Sinto um toque suave em meu rosto e, ao abrir os olhos, encontro

minha pequena me consolando. A emoção me toma por saber que, apesar de tudo, não estou sozinha. Nunca mais estarei. Sento-me e a trago para o meu colo, enquanto ambas deixamos a tristeza nos escapar através de nossas lágrimas. Precisamos disso.

Capítulo 33

AMÉLIA



Trabalhar junto a ele tem sido um inferno. Não que Caio esteja me tratando mal ou algo do tipo, pelo contrário, tem se mantido profissional, como deveria ter sido desde o começo. A merda é ter de vê-lo todos os dias sabendo que não temos mais nada. Porque, apesar de tudo, eu ainda o amo. Muito.

Sinto falta dele. Do seu toque, dos seus beijos, do futuro que achei que poderíamos construir, mas que nunca foi real porque ele sempre deixou o medo falar mais alto. Caio é o tipo de pessoa que prefere desistir antes de tentar, com medo de dar errado. Adivinha, querido: já deu errado.

O fato de eu ter confirmado a gravidez com um exame de sangue não ajuda muito. Porque agora, por mais que eu queira me manter afastada, há um laço que nos unirá para sempre, para o bem ou para o mal. O pior é pensar que estarei presa a esse homem por toda minha vida, mesmo que ele nunca possa ser meu de verdade.

Eu só não sei se serei capaz de me manter por perto vendo como ele retoma a sua vida de putão. Imaginar que já está ficando com outras mulheres torna a dor ainda mais profunda.

Minha irmã tinha razão quando disse que mudar de emprego seria uma opção se as coisas entre nós não dessem certo. A questão é que,

naquela época, ela não tinha ideia de em que condições o meu relacionamento terminaria. Eu não tenho como mudar de emprego agora, por mais que eu queira. Estando grávida, não posso pedir demissão e arriscar os direitos que tenho. Mais do que nunca preciso do convênio que a empresa fornece e precisarei da licença-maternidade quando o bebê nascer. Sem contar todo o processo da guarda de Manuela. De qualquer maneira, de que adiantaria sair do emprego que tanto amo se ainda terei que ver Caio com frequência? Levando em conta, é claro, que ele queira ter contato com o nosso filho. Essa é uma questão com a qual não vou me preocupar no momento. Cada dor no seu tempo.

Às vezes, fico me perguntando se eu me excedi no dia em que rompemos, se os hormônios fizeram com que a minha reação fosse exagerada. Talvez em outras circunstâncias eu teria relevado o seu erro e nós teríamos seguido em frente, porque até aquela ocasião o comportamento dele tinha sido exemplar.

Mas aí eu me dou conta de que o momento pode não ter sido o ideal, mas era uma conversa que deveríamos ter tido desde o instante em que Manu se tornou minha responsabilidade. E quando lembro da tristeza da minha pequena, tenho certeza de que fiz o que precisava ser feito. Se Caio não está pronto para assumir o seu papel em nossa família, é melhor então que não faça parte dela. Não gostaria de ser mãe solo, mas estou preparada para isso. É melhor do que estar ao lado de alguém que não está pronto para assumir responsabilidades e pode continuar nos decepcionando com um comportamento infantil.

E agora os meus dias têm sido infernais com sua proximidade e as noites absurdamente tristes com sua ausência.

Por sorte, Diego finalmente está de volta ao trabalho, então tudo o

que preciso da diretoria, peço a ele. É claro que o coitado ficou incomodado quando viu que eu estava tentando evitar Caio de todas as maneiras possíveis, mas não questionou nada, e não poderia ser mais agradecida por isso. Imagino que, mesmo que Caio não tenha lhe contado sobre o desfecho daquele dia, Diego deve ter assumido como a situação ficou depois do “desaparecimento” de seu amigo.

Manuela também sente falta de Caio. Ela parece ter o perdoado pela ausência em seu aniversário e pergunta constantemente sobre ele. E eu não escondi a verdade da minha pequena. Disse a ela que Caio gosta muito dela — o que, apesar de tudo, sei que não é mentira —, mas que eles não se viam mais com frequência porque o meu namoro com ele não deu certo. Ela ficou chateada, mas parece ter aceitado.

Já Henrique, mais uma vez, tem sido um bálsamo em minha vida. Precisava de alguém com quem conversar e ele foi a única pessoa com que tive coragem de me abrir. Mesmo assim não foi espontâneo. Em uma de nossas videochamadas, ele notou que eu estava diferente e insistiu até que eu contasse qual era o problema. Ele me fez rir quando disse que se Caio não assumisse sua responsabilidade, ficaria feliz em ser o pai do meu bebê. E quando encerrei a ligação naquela noite, eu chorei mais um pouco, porque sabia que meu amigo estava falando sério e eu só conseguia pensar no quanto as coisas seriam mais fáceis se eu tivesse me apaixonado por ele e não por Caio.

Mas parece que eu tenho uma tendência a sempre eleger o caminho mais difícil.

— Titia, seu telefone está tocando.

Estava tão distraída pensando na vida que não notei o aparelho

vibrando sobre a mesinha de centro. O número não está salvo em minha agenda, mas não parece ser telemarketing, então eu atendo.

— Bom dia. — Uma voz que não reconheço me cumprimenta.

— Bom dia — respondo por educação.

— Aqui é da loja de vestidos. Tenho uma peça comigo no nome de Rosália Maria. Você é Amélia, a irmã que estava com ela, não é?

O ar me falta. No meio de toda a confusão em que a nossa vida se transformou, esqueci completamente do casamento de minha irmã e de todos os preparativos que tínhamos providenciado. Acredito que a pastora da igreja deve ter se resolvido com os irmãos que iam fornecer a comida e outras coisas para a festa, mas a loja de vestidos, apesar de ser indicação de uma irmã, não tem nada a ver com a igreja e, conseqüentemente, o pessoal de lá não tem ideia do que aconteceu com Rosália.

— Sim — respondo quando consigo encontrar minha voz.

— Eu sinto muito por incomodar. Nós ligamos para o telefone dela, mas não conseguimos contato. Aí eu me lembrei que tinha o seu número aqui, porque você também levou um vestido.

— Não é incômodo.

— É que como se passaram quase dois meses do prazo que ela deveria ter vindo recolher a peça, fiquei preocupada que pudesse ter acontecido alguma coisa.

Levanto-me para sair de perto de minha sobrinha, que assiste à televisão na sala. Não quero falar sobre isso perto dela.

— Agradeço a sua preocupação, mas não houve casamento. —
Fecho a porta do quarto, sentando-me na cama. — Infelizmente a minha
irmã faleceu.

E dizer isso em voz alta sempre dói. A realidade dói.

— Eu sinto muito mesmo. — Posso ouvir o pesar em sua voz. —
Meus sentimentos.

— Obrigada.

— O que eu devo fazer com o vestido? — Quando eu não
respondo, ela continua: — Ele já está pago e, infelizmente, não tenho
como fazer o reembolso.

— Eu preciso de um minuto, por favor.

— Tudo bem.

Afasto o telefone do rosto, enquanto respiro fundo, tentando me
acalmar. Esse vestido representa um sonho que Rosália não conseguiu
realizar. É doloroso pensar nisso, mas não consigo me imaginar me
desfazendo de algo que fez a minha irmã sorrir, mesmo que tenha sido
por pouco tempo.

— Alô? — retorno à ligação. — Vou mandar um Uber recolher o
vestido para mim. Você pode deixá-lo no jeito, por favor?

— Claro, Amélia. E, mais uma vez, eu sinto muito.

— Obrigada.

Desligo a ligação e busco o aplicativo, solicitando o carro para
buscar a encomenda. Uma hora depois estou na calçada do meu prédio,
recebendo o pacote das mãos do motorista.

Passo por Manuela, que continua distraída com seu desenho, e vou para o quarto, fechando a porta. Estico a peça sobre a cama, abrindo o zíper da capa. O vestido tomara que caia me encara de volta. Ergo-a à minha frente, observando os detalhes rendados do busto, a maciez da saia. Paro em frente ao espelho, apoiando a peça sobre o meu corpo. Quase posso enxergar a minha irmãzinha no reflexo, o modo como o vestido ficou perfeito em seu corpo, a alegria que ela sentiu naquele dia. E é claro que estou chorando de novo.

— Um vestido de princesa! — A voz de Manuela me traz de volta ao presente. Nem notei o momento em que ela abriu a porta. — Que lindo, titia.

— É um vestido de casamento, meu amor. — Volto para a cama, arrumando a peça de volta em sua capa, tentando não demonstrar a minha tristeza.

— Você vai se casar, titia? — Ela me segue, saltitando ao meu lado. — Com o tio Caio! — Afirma, levando as mãozinhas ao rosto, como se estivesse surpresa com sua “descoberta”.

— Não, meu amor. — Fecho o zíper enquanto fujo do seu olhar. Mencionar o nome dele não ajuda em minha tentativa de não chorar. — Já disse que Caio e eu não temos mais nada. Esse vestido é de uma amiga. Eu vou guardar para ela.

— Ah, que pena. — Manuela faz um biquinho que finjo não ver enquanto busco um espaço em meu lado do guarda-roupa para pendurar o vestido. — Porque se você casasse com o tio Caio ele ia ter que morar com a gente, então eu ia *ver ele* todo dia. Eu ia gostar de *ver ele* todo dia.

— Isso não vai acontecer, meu amor. — Fecho a porta do móvel e

volto para perto de Manuela, abaixando-me para segurar suas mãozinhas. — A titia já explicou que o Caio não é mais meu namorado.

— Eu sei. — O bico aumenta e sofro junto com ela ao ver o quanto se apegou a ele. — Mas podia voltar a ser.

— O que você acha de sairmos para passear? — Mudo completamente de assunto, tentando animá-la. — A tia Cris convidou a gente para ir à casa dela.

— O Daniel e o Gabriel vão estar lá? — O bico é desfeito e um pequeno sorriso surge em seu lugar.

— Claro. E tenho certeza de que eles estão ansiosos para brincar com você.

— Tá bom. — Ela agita a cabeça em positivo. — A gente pode ir e eu paro de falar do tio Caio.

Não sei se rio ou se choro com a inteligência desta criança.



— Estou tão feliz que você tenha vindo. — Cristina me recebe com um abraço caloroso. — Deveria vir mais vezes, os meninos adoram a Manu.

— Ela também gosta muito dos dois.

Observo a minha pequena correndo pelo quintal junto dos gêmeos, parecendo feliz com a companhia dos amiguinhos, como uma criança sem problemas no mundo.

— Como estão as coisas na produtora? — Cristina me indica uma cadeira ao seu lado e eu me acomodo. — E me diga a verdade. Sempre que pergunto a Diego, ele insiste que não devo me preocupar com nada disso, mas vou enlouquecer se passar todos esses meses sem saber da minha empresa.

— Está tudo bem. De verdade — insisto, quando ela inclina a cabeça e semicerra os olhos. — Estamos com bastante trabalho e, apesar de você fazer muita falta, eles estão dando conta do recado.

— Você já surtou com a bagunça dos dois?

— Ainda não — respondo com um sorriso. — Eles estão se comportando bem e fazendo quase tudo direitinho.

— Isso nós vamos ver quando eu voltar para lá e tiver que conferir o trabalho deles.

— Não liga para ela, Amélia. — Diego aparece na área, empurrando o carrinho onde Isabela dorme. — Minha esposa é viciada em trabalho, está sentindo falta dos clientes a perturbando o tempo todo.

— É a única parte que não sinto falta — ela assegura com um sorriso, recebendo um selinho do esposo.

E eu seria hipócrita se dissesse que não sinto um pouquinho de inveja ao ver a cumplicidade dos dois.

— Vocês vão ficar para almoçar com a gente? — A pergunta é direcionada a mim e já estou balançando a cabeça em negativa quando Cristina responde por mim:

— É claro que vão. Meu querido esposo vai fazer sua especialidade: risoto e medalhão de filé mignon. Tenho certeza de que

vocês vão adorar.

— É realmente minha especialidade. — Diego dá de ombros, como se eu não pudesse recusar depois desse argumento.

— Acho que eu terei que aceitar, então. — Volto a mirada para o quintal, antes de prosseguir. — Até porque, se tirar Manuela da brincadeira agora, corro o risco de ficar com uma menina emburrada em casa pelo resto do final de semana.

Diego sorri para mim e dá mais um beijo na esposa antes de voltar para a cozinha.

— Eu amo ficar com os meus filhos, Amélia. — Cristina retoma a nossa conversa, enquanto empurra o carrinho para que a sua caçula não desperte. — Mas eu também amo o meu trabalho. Às vezes, me sinto até culpada de estar na contagem regressiva para voltar para a empresa.

— Acho que é normal, Cris. Imagino que você deve sentir falta de conviver com outros adultos.

— Você não tem ideia. — Ela ri baixinho. — Mas combinei com o Diego que vou esperar a Isa fazer seis meses, aí eu volto a trabalhar meio período. Assim consigo fazer uma transição mais suave até a Isabela se acostumar com a creche.

— Ser dona da empresa tem que trazer alguma vantagem.

— Com certeza — ela concorda, ainda rindo.

— Mas depois que você retornar, sou eu quem vai ter que sair de licença.

— Do que você está falando? — Sua expressão descontraída

muda para uma de extrema preocupação. — Você está doente? É algo com a Manu?

Preciso tanto de uma amiga, desabafar com alguém, conseguir alguma perspectiva, porque já não estou dando conta de tudo sozinha e, mesmo que Henrique seja um ótimo ouvinte, não é tudo que posso contar a ele.

— Não é nada disso, estamos as duas bem. — Respiro fundo antes de prosseguir: — Eu estou grávida, Cris.

— E o Caio já sabe? — Ela arregala os olhos, surpresa.

— Como você sabe que é dele? — Eu estou ainda mais surpresa com sua pergunta.

— Eu sou mãe, Mel. — Ela volta a sorrir. — E vocês pareciam duas crianças fazendo arte e crenças de que os adultos não desconfiavam de nada.

— Eu achava que a gente estava disfarçando tão bem. — Impossível me manter séria tendo sido desmascarada dessa forma.

— Pois eu já desconfiava tinha um tempo. — Ela segura minha mão. — Mas eu tive certeza depois que a sua irmã faleceu.

— Aquele Caio foi incrível. — Um suspiro cansado me escapa. — Pena não ser assim o tempo todo.

— Vocês estão brigados? — Cristina me solta quando a sua pequena se remexe e ela precisa voltar a empurrar o carrinho.

— Nós terminamos, Cris.

— Por quê? — E mais uma vez a surpresa está presente em seu

questionamento.

Passo os minutos seguintes contando a ela sobre o meu relacionamento com Caio, todo o apoio que me deu quando perdi minha irmã, a maneira como me ajudou a cuidar de Manuela, sua mancada no dia do aniversário dela e sua covardia quando eu lhe dei um ultimato naquele dia.

— Você devia ter contado a ele sobre gravidez no dia em que descobriu.

— Não quero que Caio se sinta obrigado a estar comigo — explico. — Ele precisa fazer isso porque quer, não porque não há outra saída.

— E você não pretende contar a ele?

— E tem como esconder? — Dou uma risada sem humor. — Nós trabalhamos juntos todos os dias. Só se eu fugisse daqui. E nem posso fazer isso enquanto não resolver a questão da guarda da Manuela. Além disso, nem tenho como arrumar outro emprego com uma criança a caminho.

— Nem eu quero que você nos deixe. — Cris arregala os olhos e volta a segurar minha mão, como se eu pudesse escapar a qualquer momento. — Deus sabe o inferno que é a administração daquela produtora sem você por lá. Eu quase surtei durante as suas férias.

— Eu não vou a lugar nenhum, não precisa se preocupar.

— E o que pretende fazer?

— Preciso de um tempo. Assim que essa tormenta passar, eu estiver com a guarda definitiva da Manu e tiver me livrado de vez dos

meus pais, eu conto para ele. Se Caio quiser fazer parte da vida desse bebê, bem. Se não, eu consigo me virar sozinha. Já estou fazendo isso agora.

— Você não está sozinha, Amélia. Nós somos a sua família.

Não conseguiria evitar as lágrimas nem que quisesse. Essa declaração é tão pequena e, ao mesmo tempo, tão poderosa. É justamente o que eu precisava quando vim aqui.

— Muito obrigada, Cris. Isso significa muito para mim.

— Não se preocupa, Mel. Tudo vai dar certo. — Ela me puxa para um abraço. — Nem que a gente tenha de criar essas crianças como se fôssemos uma dessas comunidades alternativas, com todo mundo junto.

A minha risada agora é sincera.

— Acho que a Manuela gostaria disso.

— Você acha que não tem volta? — Ela se afasta o bastante para me encarar.

— Eu não sei. — Dou de ombros, desfazendo-me de seu contato para cair com as costas no encosto da cadeira. — Em alguns momentos, Caio é o homem mais maravilhoso que eu já conheci. Em outros é um completo imbecil que parece que se esqueceu de crescer.

— E você vem dizer isso para mim, que o conheço há mais de quinze anos? É uma pena que as coisas estejam assim entre vocês. Estava torcendo muito pelos dois, Caio parecia outra pessoa desde que vocês ficaram juntos. Mais adulto, mais feliz.

— Uma pena que não durou.

— O tempo vai dar um jeito nessa situação, você vai ver. Agora, deixando o meu amigo idiota de lado... — Acabo rindo da maneira como o descreve. — Eu te chamei aqui por um motivo específico hoje.

— É mesmo? Agora fiquei curiosa.

— Eu sei que você é evangélica, mas se não for um problema, nós gostaríamos que você fosse madrinha da Isabela. Você aceita?

— Jura? — questiono, ainda sem acreditar no pedido, e ela agita a cabeça em positivo. — Claro que eu aceito ser madrinha dessa coisa linda. — Olho para a bebê adormecida, sentindo uma emoção muito grande ao saber que farei parte de sua vida para sempre.

— Mas o Caio é o padrinho, isso será um problema pra você?

— Nós vamos ter um filho juntos, Cris. Não dá pra ficar mais problemático do que isso.

— Não mesmo. — Ela ri e eu a acompanho.

Manuela e eu passamos o resto do dia na casa deles. E é a melhor coisa que poderia ter nos acontecido. Depois do almoço, Diego entretém as crianças, enquanto Cris e eu conversamos sobre a gravidez, sobre tudo o que ela passou, as alegrias e as dificuldades. Consigo compreender melhor seus receios quando descobriu a nova gravidez e presenciar a alegria que está vivendo agora que sua família cresceu. E tudo o que consigo pensar é que a minha família também vai crescer e, apesar de tudo, também estou muito feliz por isso. Assustada, não vou negar, mas feliz.



Ao chegar em casa depois do jantar, encontramos uma bicicleta infantil lilás em frente à porta do nosso apartamento com um bilhete da zeladora explicando que recebeu a encomenda por mim.

— Ele não esqueceu de mim, titia! — Manuela grita, subindo na bicicleta, que só fica em pé porque tem rodinhas laterais.

Assim como ela, eu também não preciso ler o cartão preso na cestinha para saber de quem é o presente. Não sei o que pensar ou o que sentir no momento. Destranco a porta e ela entra pedalando, e por pouco não bate na parede.

— Titia, lê o cartão pra mim? — Ela pede quando estaciona no meio da sala, me entregando o envelope.

Tiro o cartão colorido e o abro, encontrando a letra desenhada de Caio.

Seu presente atrasado, princesa. Mil desculpas por ter estragado o seu aniversário. Te adoro muito.

Assinado: tio Caio.

— Fala pra ele que já estava desculpado, tia — minha pequena fala, como se fosse a coisa mais normal do mundo o que aconteceu.

— O que você acha de falar você mesma para ele? — pergunto em um impulso, torcendo para não me arrepender de minha decisão.

Não há motivos para mantê-los afastados, não quando é provável

que continuem se vendo quando o bebê nascer.

— A gente vai até casa dele? Eu quero!

— Não, amor. Mas podemos fazer uma chamada de vídeo.

— Tá bom — ela responde com um sorriso, como sempre compreensiva. — Pode ser.

Pego o celular da minha bolsa e me acomodo no sofá. Busco o contato dele no WhatsApp — que antes era um dos primeiros e agora está lá para baixo, porque faz uma semana que não nos falamos — e aperto o botão da videochamada, entregando o aparelho à Manuela, que se sentou ao meu lado.

— Amélia! — Ouço a sua voz, mas não o vejo, porque me levanto para não falar com ele. Não posso fazer isso, não posso me machucar ainda mais, não estou pronta para encará-lo dessa forma.

— É a Manuela — minha pequena o corrige, rindo.

— Princesa! — Posso ouvir o sorriso em sua voz quando me apoio na parede oposta para observar a interação dos dois. — Como você está?

— Com saudades — ela responde, fazendo um biquinho.

— Eu também, lindinha.

— Eu gostei muito do meu presente, tio Caio.

— Que bom, Manu.

— Mas eu liguei pra dizer que você já estava desculpado. — Ela mal dá tempo de ele falar. — Eu fiquei triste, mas não estou mais brava.

— Eu sinto muito mesmo. — Sua voz é pesarosa. — Seu tio Caio foi irresponsável, mas eu não fiz por mal.

Era o que eu queria ter ouvido dele naquele dia. Talvez essa simples frase tivesse mudado o rumo da nossa conversa. Ou não, porque, diferente de Manu, eu fiquei muito puta com ele.

— Eu já disse que está desculpado — ela insiste, ficando séria.

— Isso quer dizer que você não quer a bicicleta?

— Não! — Ela grita e começa a rir. — É claro que eu quero!

— Ainda bem, porque eu acho que essa bicicleta não serve pra mim.

— Não, porque é lilás, e essa é a minha cor favorita.

Impossível segurar o riso, porque achei que ela ia mencionar o tamanho dele.

Caio tinha começado a rir também, mas noto quando fica em silêncio, provavelmente ao perceber que eu também estou ali.

— Manu, se despede porque você precisa tomar banho — sussurro para ela, para acabar de vez com essa tortura.

— A titia disse que preciso tomar banho. — Ela confirma minha presença e eu reviro os olhos. Não sei por que esperava discrição de uma criança que não tem nada a ver com o nosso drama de adulto. — Eu brinquei o dia inteiro com os gêmeos.

— Sua tia tem razão, princesa. Depois a gente conversa mais.

— Tá bom. — Ela sopra um beijo e quase consigo o visualizar do

outro lado da tela fingindo que o pega no ar. — Tchau, tio Caio. Eu te amo.

Ouçó o silêncio da parte dele e fico com medo de que não retribua a declaração dela. Mesmo que não sinta o mesmo, ele não pode ser imbecil a ponto de não retribuir a declaração de uma criança, pelo amor de Deus.

— Também te amo, princesa — ele por fim responde, e uma infinidade de sensações me atravessa ao escutá-lo dizer essas palavras pela primeira vez.

E uma esperança que eu não queria alimentar se faz maior em meu peito. Talvez Cristina esteja certa e a nossa situação se resolva com um pouco mais de tempo. A questão é se eu sou paciente o bastante para esperar.



Eu fui um imbecil e acabei estragando as coisas, como eu sabia que ia acontecer desde o começo.

Meu primeiro erro foi beber como se não houvesse amanhã. Fazia tempo que não fazia isso, acabei me empolgando e, pela primeira vez em muito tempo, apenas curti a noite e a companhia do meu amigo e dos meus colegas de karaokê. Foi divertido.

O problema é que esse tipo de diversão não é duradoura. Quando me dei conta de que havia esquecido de algo tão importante quanto o aniversário de Manuela e o compromisso que tinha feito com ela e sua tia, senti-me a pior pessoa do Universo. Porque eu queria estar lá, junto delas — afinal de contas a ideia foi minha — e acabei me olvidando por completo, enquanto me curava de uma ressaca. Antes eu tivesse desistido de sair com John, como passou por minha mente quando me despedi de Amélia naquela sexta-feira. Elas teriam dormido em meu apartamento como havia se tornado a nossa rotina, e estaria junto a elas no dia seguinte, sem chance de esquecer a data tão importante para a pequena. E estaríamos bem e felizes.

Ao invés disso, saí, enchi a cara e magoei de uma só vez duas das pessoas com quem mais me importo nessa vida.

E em seguida veio o meu segundo erro: a discussão com Amélia e

o seu ultimato. E depois de ter feito uma merda daquele tamanho, respondi a única coisa que veio na minha cabeça no momento. Porque eu continuaria cometendo erros e as magoando se ficasse junto delas. Porque este é quem eu sou: um fodido.

No entanto, estava bêbado e jamais deveria ter dado uma resposta definitiva como essa estando naquele estado. Porque sóbrio, mesmo que ainda sinta muito medo de continuar estragando tudo, sinto que eu poderia tentar fazer diferente, fazer melhor. Ser o cara com quem Amélia sonha, ser o tio que Manuela merece.

Mas talvez agora seja tarde demais, porque magoei as duas e Amélia nem se digna a olhar na minha cara. E eu sinto falta de nós, do que tínhamos, das noites em claro transando, do seu corpo encostado ao meu enquanto dormíamos, das nossas conversas sobre tudo e sobre nada, das suas broncas. Nunca achei que sentiria falta de alguém como sinto falta dela. Ela está ali, na minha frente, mas totalmente fora de alcance. É pior do que antes, quando eu tinha que controlar o meu tesão para não me envolver com ela, porque agora eu sei exatamente o que estou perdendo.

E quer saber o que é pior? Também sinto uma falta danada da Manu. Não sei precisar o momento em que aconteceu, mas me apeguei àquela baixinha a ponto de ela ter se tornado uma parte fundamental da minha vida.

Trabalhar ao lado de Amélia tem sido uma tortura. Ela continua educada como sempre, mas agora me trata com se a nossa história nunca tivesse acontecido. E eu reparei que tem me evitado sempre que pode, lidando apenas com Diego. E isso é um saco, porque dói ser ignorado por ela, mesmo sabendo que eu mereço. Tenho consciência de que eu sou o responsável pela situação que vivemos.

Cada vez que a vejo tenho vontade de ajoelhar e pedir que me perdoe, que eu fui um idiota e isso nunca mais vai acontecer. O problema é que não sei se posso prometer uma coisa dessa. Já disse que eu sempre estrago tudo? Por mais que tente ser diferente, fazer tudo direitinho, sempre acabo fazendo alguma merda no final. E não posso tirar a razão dela. Amélia agora tem outras responsabilidades, criar uma criança não é pouca coisa, por isso entendo o que ela espera de um parceiro. E ainda tenho dúvidas se estou à altura do cargo.

Sei que ter mandado o presente para a Manu não mudou nada entre nós. Nem fiz isso com essa intenção. Fiquei me sentindo um cretino por ter estragado o aniversário da pequena; saber que ela chorou por minha causa foi horrível, porque sei o quanto precisava daquele momento especial e eu não fui capaz de cumprir minha promessa — mesmo que não tenha feito nada disso de propósito. Por isso eu decidi enviar o presente que não tinha lhe dado antes, na esperança de que ao menos Manuela pudesse me perdoar.

Eu não esperava pela videochamada. Fiquei surpreso quando vi o nome e a foto de Amélia na tela do meu celular, mas, apesar de não ser ela do outro lado, superei a minha frustração em um instante ao ver o sorriso da Manuela.

Criança é o melhor tipo de ser humano que existe. A alegria dela ao me ver, ao falar comigo, o fato de ter me perdoado, tudo faz com que eu goste cada dia mais dessa garota.

Mas apesar de ter autorizado a sobrinha a falar comigo, Amélia permaneceu em silêncio. É claro que eu sei que ela estava lá, mas não fez questão nenhuma de se mostrar para mim, de dizer uma palavra que fosse. E isso deixa bem clara sua posição com relação a mim.

Provavelmente me ligou porque Manu pediu, e ela não nega quase nada à sobrinha.

No dia seguinte aconteceu a festa de noivado de Aline. Fiquei esperando Amélia aparecer, mas ela não foi. Depois fiquei sabendo que já tinha avisado que não poderia ir. Inventou um compromisso qualquer, apenas para continuar me evitando. E isso é uma merda, porque sei que é o tipo de evento que ela gosta de frequentar — tudo o que se refira aos poucos amigos que tem, ela faz questão de participar — e acabou deixando de ir por minha causa. Se soubesse disso, não teria ido e daria um jeito de deixá-la saber disso, para que pudesse aproveitar a comemoração em paz.

Principalmente porque a festa, no final, foi muito estranha para mim. Ver-me sozinho em um lugar cheio de pessoas acompanhadas, seja por namoradas, esposas ou filhos, fez com que eu me sentisse deslocado e perdido. Aline tem 24 anos e acabou de noivar com um cara que tem duas filhas — e ela assumiu as meninas como se fossem suas. Como é possível que uma garota com quase metade da minha idade seja mais responsável e decidida do que eu? Como é possível que eu não tenha a mesma coragem dela ao assumir essa família e enfrentar as consequências? Porque, afinal de contas, era exatamente isso que Amélia queria de mim. E a minha resposta foi lhe dar as costas e ir embora.

Entramos em férias coletivas há dois dias, e já sinto falta de vê-la; mesmo sendo ignorado, o simples fato de saber que ela está por perto me faz bem. Apesar disso, acho que essas duas semanas serão um bom respiro para mim, para colocar minhas ideias em ordem. Se é que há alguma ordem para ser encontrada.

Geralmente passo a noite de Natal na casa de Diego, para depois

almoçar com Dona Teresa no dia seguinte, mas Cristina me contou que convidou Amélia e Manuela para comemorar com eles, então optei por não ir. Não quero estragar a festa delas mais uma vez. Imagino que já seja bem difícil passar essa data sem a irmã, não quero deixá-la ainda mais triste com minha presença — mesmo que minha vontade seja estar ao lado delas para consolá-las. Também não quero que desista por minha causa, e pedi à Cristina que a avisasse sobre minha ausência.

É por isso que vim direto para a casa de minha mãe, na esperança de que ela me deixe ficar por aqui até esse feriado acabar, porque a minha casa parece mais vazia e triste do que nunca.

— Eu achando que você ia aparecer aqui com uma família, e você me traz um cachorro? — Dona Teresa indaga, no momento em que o filhote de vira-lata amarelo entra correndo em sua cozinha, fazendo festa para ela.

Sim, eu arrumei um cachorro. Acabei de dizer que minha casa estava vazia, foi a solução mais simples que encontrei para o momento. Talvez, se tivesse pensado melhor, teria desistido desta ideia e ainda teria todos os meus pares de chinelos intactos, mas não me arrependo do filhote que fui buscar no abrigo. Ele é um terror, porém tem tornado meus dias menos solitários. E menos sedentários, pois é hiperativo e sou obrigado a passear com ele duas vezes por dia.

— Mãe, este é o Zé. — Aponto para o cãozinho que tenta subir pelas suas pernas, pedindo colo. — Zé, esta é a minha mãe.

— Olá, Zé. — Ela coça a orelha dele, que falta se desmanchar com o carinho, antes de pegar uma pequena porção de carne moída e lhe oferecer. O bicho come num desespero que parece que nem lhe dei ração

hoje. — Seu dono não foi muito criativo para escolher o seu nome.

— Espero que não tenha problema em tê-lo trazido. — Ignoro seu comentário e me sento em uma das cadeiras. Não tive a menor inspiração para conseguir um nome melhor para o coitado. — Eu estava pensando em dormir aqui hoje e já ficar para o almoço.

— É claro que não tem problema, meu filho. — Ela se aproxima para me dar um beijo na testa. — Eu só não estava esperando que você viesse hoje. Diego e Cristina não estão comemorando com as crianças?

— Estão, mas Amélia ia comemorar com eles. Eu preferi deixá-la em paz. Eu ainda tenho a senhora, ela não tem mais ninguém.

— Ela é órfã? — pergunta com uma expressão triste no rosto.

— É como se fosse. — O que é verdade. Com os pais que tem, até seria melhor se fosse.

— E como vão as coisas entre vocês? Não conseguiram se acertar ainda?

Minha mãe deixa o que está fazendo e puxa uma cadeira, sentando-se ao meu lado e segurando minhas mãos.

É claro que acabei falando sobre Amélia para ela, principalmente depois que terminamos, porque não havia maneira de justificar a minha tristeza a cada videochamada. Não que eu tivesse como esconder a minha relação, visto que Diego já havia comentado com Dona Teresa sobre o meu “namoro” e a minha nova sobrinha.

— Eu não acho que a nossa relação tenha conserto, mãe. Eu enrolei demais, não mostrei a ela como eu me sentia de verdade e acabei estragando tudo.

— E como você se sente, Caio?

— Totalmente perdido — respondo com um suspiro.

— Eu perguntei em relação a ela. — Minha mãe sorri enquanto dá um tapa de leve em meu braço.

— Acho que estou apaixonado por ela. — Digo em voz alta o que ainda não havia admitido nem a mim mesmo. — Sou louco por essa mulher, é algo que nunca senti antes.

— Então você precisa descobrir o que quer e dar um jeito de corrigir essa situação.

— E se eu continuar ferrando com tudo, mãe? Eu já a magoei demais.

— Querido, você tem que se colocar no lugar dela. Amélia agora é mãe dessa garotinha. E, para estar junto dela, você tem de estar consciente de que terá que ser um pai para a Manu. Sinto te dizer, mas essa moça estava certa ao te colocar contra a parede.

— E eu não dei a resposta que ela queria.

— Não. Você fugiu.

— Mas você acha que eu sou capaz de assumir essa responsabilidade?

— Sem dúvida — ela responde com um sorriso. — Mas é você quem precisa ter certeza, meu filho. É uma decisão importante. Uma criança é para a vida inteira.

Ela dá um tapinha em meu rosto e se levanta para retomar o preparo da ceia, deixando-me ali com os meus pensamentos, minha

mente fervilhando em busca de respostas e na busca do caminho a seguir.



Hoje é 26 de dezembro e vou almoçar na casa dos meus amigos. Cris insistiu que os gêmeos sentiram minha falta e não tive como recusar o convite. Aproveito para levar o presente que comprei para eles, bem como aqueles que comprei para Isabela e Manuela. Ouvi Diego dizer que Cris e Amélia estão reunindo as crianças com frequência, então imagino que o presente chegará às mãos da pequena cedo ou tarde.

Talvez mais cedo do que imaginei, porque depois de ser recebido por Diego, dar um beijo em minha afilhada e deixar Zé para ser mimado por Cristina, vou para o quintal em busca dos pequenos e acabo tendo uma agradável surpresa:

— Tio Caio!

Manuela deixa a brincadeira com os gêmeos e corre em minha direção. Eu largo as sacolas no chão para me abaixar e abraçá-la.

— Eu senti a sua falta! — resmunga, fazendo beicinho.

— Eu também senti a sua falta, princesa.

— Você nunca mais foi me visitar.

— É complicado, Manu. A sua tia e eu não estamos em um bom momento.

— Vocês brigaram, não é? Por minha causa. Eu ouvi. Ela falou que vocês não são mais namorados.

Dói ouvir essas palavras. Como se o fato de Amélia ter contado a verdade à sobrinha tornasse a nossa situação mais definitiva.

— Não foi por sua causa, lindinha. Adultos brigam, você não teve nada a ver com isso. — Ela concorda com a cabeça, não parecendo muito convencida. — Eu queria te pedir desculpas de novo por ter perdido o seu aniversário. — Passo a mão pelo seu rosto, tirando o cabelo grudado em sua testa. — Eu sinto muito por ter estragado o seu dia e pelo piquenique que não tivemos.

— Mas eu já disse que você estava desculpado. — Ela se afasta de mim e leva as mãos à cintura. — Se era só por isso, você já pode ser namorado da titia de novo e a gente marca outro piquenique.

Se ao menos a vida fosse tão fácil quanto uma criança de cinco anos imagina...

— Eu não acho que isso vai ser possível, princesa. Sua tia não está muito feliz comigo no momento, ela não me quer como namorado e eu duvido que ela me deixe sair com você.

Sento-me em uma das cadeiras da área de lazer e Manuela volta a se aproximar, sentando-se em meu colo.

— Ela também sente a sua falta — cochicha em meu ouvido, como se estivesse contando um grande segredo.

— É mesmo? — pergunto curioso. E esperançoso. Talvez a merda que eu fiz tenha conserto, no final das contas.

— Sim. Ela está sempre chorando. Antes era por causa da minha mamãe, porque elas eram melhores amigas e minha titia sentia falta dela, como eu. Mas agora eu sei que ela chora porque sente a sua falta também.

Amélia não exagera quando diz que essa criança é um prodígio. Quando na vida eu imaginei que uma garotinha dessa idade pudesse ser tão perceptiva?

— E onde está sua tia? Ela veio com você?

Não sei qual resposta eu espero, mas a possibilidade de me encontrar com Amélia sempre faz com que eu sinta essa agitação esquisita no fundo do estômago.

— Não. A titia me deixou aqui para brincar com os meninos e foi almoçar com o tio Henrique. Você conhece ele?

— Preferia não conhecer. — Impossível conter minha careta. Minha esperança morre um pouco ao ouvir que ela saiu com o ex.

— Tio Henrique é legal. E muito bonito. A pele dele tem cor de chocolate. — A pequena não tem ideia do ciúme que sinto ao ouvi-la o elogiando. — Mas ele nunca cantou para mim. E nunca me trouxe nenhum livro.

— Sua tia está saindo com ele? — Sei que é jogo baixo, que não deveria estar utilizando uma criança para conseguir a informação que eu busco, mas não tenho outra alternativa aqui.

— Eles se falam pelo celular todo dia. Ela ri quando conversa com ele. Mas depois chora de novo.

— Amélia vai ficar bem. — Dou um beijo em seu rosto, querendo acreditar em minhas palavras. Mesmo que a gente nunca mais fique junto, é o que desejo a ela. — Vocês duas vão ficar bem.

— Tá. — Ela concorda, antes de tombar a cabeça no meu peito e tentar abraçar minha cintura. É uma coisinha tão pequeninha perto do

meu tamanho. A vontade que sinto de protegê-la chega a ser absurda.

— Trouxe um presente para você também.

— Outro presente? — Ela volta a me encarar. — Mas você já me deu a bicicleta. Eu adorei a bicicleta. Ando todo dia na pracinha.

— A bicicleta foi presente de aniversário, o que eu trouxe é presente de Natal. A menos que você não queira o presente que eu trouxe hoje.

— É claro que eu quero. — Ela responde rápido, segurando o meu rosto com as duas mãozinhas. — Eu sempre quero presente.

Coloco-a no chão e volto para junto das sacolas que larguei mais cedo. Os gêmeos por fim resolvem vir me cumprimentar e ergo os dois ao mesmo tempo, apertando-os e os fazendo rir, antes de entregar os embrulhos a cada um deles. Daniel e Gabriel destroem as embalagens, antes de saírem correndo para dentro de casa para mostrar aos pais o que ganharam.

Entrego o pacote restante à Manuela, que desfaz o embrulho com delicadeza, como se fosse algo precioso. O sorriso que ela abre ao encontrar os dois livros que lhe comprei simplesmente ilumina o meu dia.

— Obrigada, tio Caio. Eu amei.

— Que bom, princesa.

Ela abraça minhas pernas, ainda segurando um livro em cada mão.

— Você pode ler para mim hoje?

— Claro que sim.

Mais um pequeno detalhe da rotina que construímos e durou muito pouco, mas do qual sinto muita falta.

— Manu! — Gabriel grita, agitando a caixa com o autorama que lhe dei. — Vem montar com a gente.

A pequena olha para mim, claramente em dúvida entre ficar comigo ou ir brincar com os amiguinhos.

— Pode ir. — Encorajo-a. — Eu não vou sair daqui. Podemos ler antes de você ir embora.

— Tá bom! — Ela abraça os dois livros e os beija antes de me entregar para que eu os segure. — Eu te amo, tio Caio.

E escutar essas palavras pela segunda vez é ainda mais emocionante, principalmente por estar ali em pessoa.

— Eu também te amo, princesa. — Abaixo-me para depositar um beijo em sua cabeça, antes que ela saia correndo atrás de Gabriel.

O mais engraçado de tudo: ela é a segunda pessoa para quem eu digo isso na vida, a única outra sendo a minha mãe. E eu fui sincero, porque eu realmente amo essa garotinha, e está sendo difícil viver longe dela porque eu não tive coragem de dizer essas mesmas palavras para a sua tia.

— Você sabe que esse filhotinho lindo vai se transformar em um cachorro enorme, não sabe? — Cristina me tira da minha autocomiseração ao se aproximar carregando o Zé no colo. Esse bicho parece ter um fraco por mulheres, não poderia combinar mais com o dono.

— Não! — respondo, arregalando os olhos com essa informação.

— O rapaz no abrigo não me disse nada disso, só que ele não tinha raça definida.

— É só ver o tamanho dessa pata. — Ela segura a patinha dele, mostrando-a para mim, como se isso fosse uma explicação lógica. Nunca tive um mascote antes, não entendo nada disso. Ela nota minha confusão e prossegue: — Em poucos meses você vai chegar à conclusão de que seu apartamento é pequeno demais para os dois e finalmente vai querer morar em uma casa.

Ela coloca o cãozinho no chão e ele começa a latir antes de sair correndo pelo imenso quintal, parecendo mais feliz do que em qualquer dia que tenha passado em meu apartamento até agora. Logos as crianças retornam, provavelmente atraídas pelo barulho, e passam a correr junto com ele. Cristina e eu permanecemos lado a lado, observando a brincadeira. Sei que ela tem razão com relação à casa, mas o único motivo que me faria mudar do meu apartamento para um lugar maior no momento não quer olhar na minha cara e está ocupada almoçando com outro.

— Por que você me convidou para vir aqui hoje, Cris? — Viro-me para encará-la, mas sua atenção continua focada nas crianças. — Para eu descobrir que a Amélia saiu com o ex?

— Não, para que você pudesse passar um tempo com a Manu. — Ela abre um sorriso e acena para a pequena, que retribui. — A menina sente a sua falta.

— E eu sinto a falta dela.

— E da tia dela?

— Você não tem ideia do quanto.

— E por que ainda não deu um jeito de acertar as coisas? — Recebo um soco que não faz nem cócegas, mas demonstra o quanto Cris está frustrada comigo, já que ela não é de apelar para a violência.

— É complicado. — Dou de ombros, sem ter palavras para responder à sua pergunta.

— Você está complicando tudo — ela bufa.

— Eu não sei se sou capaz de ser o que elas precisam agora. Talvez Amélia esteja certa em seguir com a vida.

— Deixa de ser idiota, Caio. — Recebo outro soco, dessa vez um pouco mais forte. — Amélia saiu com Henrique, mas eles são apenas amigos. Não é por ele que ela está apaixonada.

— E você acha que a Santinha está apaixonada por mim? Ela não demonstrou nenhum sinal de querer falar comigo. Não tenho nem mesmo como pedir perdão.

— Dá um tempo pra ela. A sua cagada foi grande, tanto por ter se esquecido do aniversário da Manu quanto por não ter dado a resposta que ela queria ouvir depois disso. Ela ainda está magoada.

— E se nesse tempo ela decidir voltar para o Henrique? Se nesse tempo ela se der conta de que o seu amigo é uma opção muito melhor do que eu?

— Então é porque não era pra ser. — É a sua vez de dar de ombros.

— Não é exatamente a resposta que eu queria.

— Não tenho por que mentir para você, Caio. Acho que ainda tem

chances, mas vai ter que tomar coragem.

— Você não está zangada comigo? — pergunto ao me dar conta que estamos falando do meu relacionamento, sem que eu nunca tenha contado nada sobre isso para ela. Mas é claro que a essa altura ela já sabe de tudo.

— Porque você é um idiota que estragou tudo? — Ela por fim me encara, mas, diferente do que esperava, há um pequeno sorriso em seu rosto.

— Não só por isso. Por eu ter me metido com a Amélia quando você me mandou ficar longe?

— Eu estou orgulhosa, porque você se controlou pra caramba. — A gargalhada que ela dá é ainda mais surpreendente. — Jamais pensei que conseguiria se segurar por mais de um ano.

— Você sabia que eu ia desobedecer?

— Eu te conheço, Caio. E vi a maneira como Amélia também pareceu interessada em você. Sabia que eventualmente ia acontecer algo entre vocês. Meu aviso serviu mais para que você pensasse antes de agir, para que não fosse mais um envolvimento leviano. E você não pode dizer que eu estava errada.

Não mesmo. Se eu tivesse ficado com Amélia logo que ela começou a trabalhar na produtora, é bem provável que as coisas entre nós não tivessem passado de alguns encontros e vai saber que tipo de relacionamento profissional sobreviveria depois disso. Da forma como tudo transcorreu, eu aprendi a vê-la como mais que um caso de uma noite. Com a nossa convivência, eu acabei me apaixonando por Amélia.

— Você é a pessoa mais inteligente que eu já conheci. — Passo um braço por seu ombro, puxando-a para mim, beijando seus cabelos. — Obrigada por ser minha amiga.

— Não tem o que agradecer, Caio. Ser sua amiga dá trabalho, mas vale a pena.

Aperto o abraço, emocionado com a sua declaração. Só espero que, apesar de todos os meus defeitos, Amélia também pense que eu valho a pena o trabalho.

Capítulo 35

AMÉLIA



Passamos a virada do ano na chácara de Henrique. Não foi nenhuma grande celebração, apenas nós três, os seus pais e alguns amigos dele mais próximos — pessoas que eu não conhecia, mas que foram muito simpáticas comigo e com Manuela. Confesso que senti falta dos fogos de artifício que podemos ver da janela do apartamento e do barulho da cidade, mas foi uma festa tranquila e, mais importante, sem a chance de Caio aparecer de repente — como foi o Natal na casa de Cristina. Não que isso me impedisse de pensar nele o tempo todo, principalmente no momento da virada, quando fiz pedidos para um novo ano, sem ter certeza de quais deles poderei realizar.

Porque nesse ano que se iniciou minha vida mudará de vez. E eu tenho pouco ou nenhum controle sobre essas mudanças. Em um futuro não muito distante, terei que brigar com meus pais pela guarda de minha sobrinha, e em sete meses trarei ao mundo um serzinho que dependerá completamente de mim. Duas vidas sob a minha responsabilidade, e é possível que tenha de passar por tudo isso sozinha.

Não sei o que espero de Caio a essa altura. Confesso que ainda sonho com o dia em que ele vai se dar conta de que não consegue viver sem mim e vai voltar, dizendo estar disposto a tudo para continuar ao meu lado. Mas aí eu retorno à nossa realidade atual, aquela em que eu

perguntei se ele estava pronto para construir uma família comigo e ele simplesmente fugiu.

E é por isso que eu ainda não contei a ele sobre a gravidez. Porque quero que Caio volte por minha causa, porque quer enfrentar todas as incertezas do futuro por mim, não por alguma obrigação que possa sentir em relação ao nosso filho. Diferente da crença que meus pais tentaram incutir em nós, acredito que não são os filhos que mantêm um casal unido. Gravidez não é motivo para casamento, não hoje em dia. Sou capaz de cuidar dos meus filhos sozinha.

Com alguns dias restantes das férias coletivas, Henrique nos convidou a ficar ali na chácara e eu acabei aceitando. Ele é o melhor amigo que eu poderia ter, mas tenho consciência de que ainda tem esperanças de que eu lhe dê uma nova chance, agora que Caio e eu estamos separados. É tão incrível que não se importaria de assumir o filho de outro. O problema é que meu coração é um masoquista, que se apaixonou por um covarde que gosta de nos fazer sofrer. Eu jamais poderia ficar com Henrique amando outro, porque isso não é justo comigo, e muito menos com ele. Jamais lhe tiraria a chance de encontrar uma mulher que o ame de verdade.

Apesar disso, os dias que passamos ali foram muito bons para mim e, principalmente, para Manuela. Minha pequena se divertiu cuidando das galinhas e correndo atrás dos gatos dos pais de Cristina, que adoram passear entre uma chácara e outra. E ficou ainda mais feliz quando meus patrões vieram com a família passar uns dias por ali. Foram realmente dias bons.

A realidade, no entanto, estava me esperando quando retornei a São Paulo. Voltar ao trabalho e rever Caio depois de duas semanas fez

meu coração bater acelerado como sempre. Acho que nenhuma distância será suficiente para fazer com que eu supere esse homem. E como posso ao menos tentar fazer isso estando prestes a ter um filho com ele?

E é por isso que respiro fundo e vou vivendo um dia de cada vez, um problema de cada vez — ignorando-o sempre que possível, evitando estar no mesmo ambiente que ele.

E problemas não faltam. Manuela ainda está de férias, e isso seria complicado se eu não tivesse a melhor chefe/amiga do mundo. Para minha sorte, Cristina se ofereceu para ficar com minha sobrinha enquanto eu trabalho. É um pouco complicado levá-la lá todos os dias, mas eu jamais teria condições de pagar uma babá em tempo integral — e sempre que pode Diego me dá carona de sua casa até a empresa e de volta. Ao menos a vantagem da escola particular é que as férias são mais curtas, e o incômodo será por pouco tempo.

No entanto, hoje nenhuma de nós duas saiu de casa. Pedi licença do trabalho porque recebemos uma visita muito importante, um dos muitos passos para vencer esse processo e voltar a ter alguma tranquilidade em minha vida — sim, eu sei que há muitas outras coisas para resolver, mas é um passo importante. Como já disse, uma coisa de cada vez.

— Mais alguém vive aqui com vocês? — Ana Carolina questiona, analisando o quarto que compartilhamos.

Desde a primeira vez que nos encontramos, ainda no hospital, a assistente social sempre se mostrou simpática e compreensiva com a minha situação. Quando me assegurou que minha sobrinha ficaria bem no abrigo, não tive outra alternativa a não ser acreditar e confiar nela. E foi

ela quem me entregou Manuela de volta no dia seguinte, então foi cúmplice do nosso sofrimento e da nossa dor.

Estava muito nervosa com a visita, mas Carol — como pediu para ser chamada — me deu um sorriso sincero quando a recebi, o que fez com que eu me acalmasse um pouco. Não há motivos para ansiedade. Sempre fiz tudo certinho, cuido bem de Manuela, trabalho para sustentar a nós duas, e o nosso apartamento, apesar de ser pequeno, cumpre com o básico para que tenhamos algum conforto.

— Não — digo a verdade.

— O Caio — minha sobrinha responde ao mesmo tempo que eu.

— Quem é Caio? — A mulher ergue a sobrancelha, encarando a pequena.

— É só um amigo que nos visitava de vez em quando — respondo rápido, mas Manu também é ligeira:

— É o namorado da titia.

Eu não entendo por que ela está dizendo essas coisas. Eu expliquei a situação a ela, achei que tinha compreendido e aceitado. Pelo jeito, não.

— Eu preciso que você seja sincera comigo, Amélia. — A assistente social volta o olhar para mim. Há seriedade em seu tom de voz, mas não censura. — Caio é aquele rapaz que estava ao seu lado no hospital quando eu as conheci? Que foi buscar a Manu junto com você?

— Sim — digo, sem motivos para ocultar mais nada. — Mas agora somos só Manu e eu — afirmo sentindo aquele aperto no coração porque essa verdade ainda dói. — Nossa vida é complicada e nem todo

homem está à altura da situação.

— Não precisa se preocupar. — Ela me abre um sorriso triste. — Não estou aqui para avaliar o seu estado civil. Eu vim para avaliar as condições em quem vocês vivem, para saber se aqui a Manuela tem tudo para crescer bem e feliz.

— Estamos bem aqui, não é, Manu? — pergunto à minha pequena boca-aberta. — Você gosta de morar aqui?

— Sim. Gostava mais quando a minha mamãe estava aqui com a gente, mas ela virou anjo e agora eu não posso mais ver *ela*. — Começa a falar sem parar. — Mas eu gosto da escola nova, só que agora estou de férias. E o tio Caio me deu uma bicicleta, então a gente vai na pracinha para eu andar lá. Ainda uso rodinha, mas quando eu crescer, vou poder andar sem e nós iremos no parque grandão com lago e cisnes para fazer um piquenique.

— Que bom que você está feliz, Manu. — A mulher ri, passando a mão na cabeça da minha sobrinha antes de fazer mais algumas anotações. — Seus pais estão vindo visitá-la? — Dessa vez a pergunta é direcionada a mim.

— Não. — Não sei se essa questão faz parte do processo ou é apenas uma curiosidade dela. De qualquer forma, não tenho motivos para esconder a verdade, muito pelo contrário. — A última vez que os vi foi durante o velório de minha irmã. Inclusive foi nesse dia que eles viram a Manuela pela primeira vez na vida, nunca tinham demonstrado interesse antes. — Ana Carolina agita a cabeça em positivo, fazendo mais algumas anotações e por algum motivo sinto a necessidade de me defender. — Não estou os impedindo, nem nada disso. Eles sabem onde vivemos, têm

o meu telefone, mas nunca mais nos procuraram.

— Não precisa se preocupar, Amélia. — Ela anota algo mais. — Acho que terminamos por aqui.

— É só isso? — pergunto surpresa, pois a visita foi curta.

Assim que Carol chegou, Manuela ficou um pouco arredia, algo que não é comum dela. Não quis cumprimentá-la e ficou se escondendo atrás de mim. Levei um tempo para perceber que estava com medo de ser levada novamente para o abrigo — a experiência foi mais traumática do que ela deixava transparecer. Minha pequena só se acalmou quando a assistente social afirmou que era apenas uma visita, que só queria conhecê-la melhor e não ia levá-la a lugar nenhum. Depois disso nos sentamos no sofá e ela fez perguntas sobre a nossa rotina, pedindo para conhecer a casa em seguida. Achei que seria algo mais complexo.

— Sim — responde com o mesmo sorriso simpático. — O meu relatório é anexado junto ao relatório do psicólogo e da escola da Manu, e é encaminhado para o juiz analisar antes da audiência.

— Você tem uma previsão de quando essa audiência acontecerá?

— Infelizmente, não. Pode levar meses, o nosso sistema está sempre sobrecarregado, muitos casos para serem resolvidos. Mas vocês estão se saindo bem, não precisa se preocupar.

— Obrigada.

— Boa sorte — ela diz com um sorriso e se dirige à porta.

— Só mais uma coisa. — A mulher se volta para mim. — Você já visitou os meus pais?

— Já, mas não posso discutir sobre isso com você, Amélia. Sinto muito.

— Tudo bem. — Abro a porta para ela. — Obrigada de qualquer maneira.

— Se tudo der certo nos veremos na audiência. Até lá.

— Até.

Ela sai e eu fecho a porta, tentando controlar os nervos e a vontade de chorar. Ainda não acredito que eles estão fazendo isso comigo depois de todos esses anos. Mas não posso me estressar. Como ela mesma disse, a audiência pode levar meses para acontecer, e preciso me preocupar com a minha saúde — e a do meu bebê — e com o bem-estar de Manuela. Isso é tudo o que importa.



O meu celular toca, tirando minha concentração da planilha na qual estava trabalhando. O visor indica que é uma chamada da minha advogada, e atendo imediatamente, todo o resto deixado de lado.

— Oi, Edna.

— Eles marcaram a primeira audiência — ela diz afobada, sem nem ao menos me cumprimentar de volta.

— Para quando? — A surpresa é evidente em minha voz. Não tem duas semanas que a assistente social esteve na minha casa.

— Para dia 4 de fevereiro.

— Mas já? Isso é sexta-feira que vem. — Meu pulso se acelera e preciso respirar fundo para manter a calma. — Eu achei que esse tipo de coisas levasse meses.

— E leva, mas por algum motivo o seu caso acabou passando na frente.

— Isso é bom ou ruim?

— Não tenho como te responder com certeza, Amélia. É a primeira vez que vejo isso acontecer. Mas você não tem por que se preocupar. Vou trabalhar durante essa semana para concluir a defesa da sua causa, já temos as testemunhas, já está tudo encaminhado.

Há firmeza em seu tom de voz, o que me dá uma certa segurança.

— Obrigada, Edna. Você tem sido de grande ajuda em meio a esse tormento.

— Nós vamos conseguir, você vai ver.

— Espero que sim.

— Eu te ligo semana que vem, para combinarmos os detalhes.

— Estarei esperando.

— Até mais.

Desligo o telefone e fico o encarando, pensando no quanto será difícil enfrentar os meus pais nessa audiência.

— O que aconteceu? — Suellen aparece na porta da minha sala. É claro que deve ter ouvido toda a conversa, já disse que não é conhecida pela sua descrição.

— A audiência da guarda foi marcada. — Não me preocupo em esconder nada dela. Durante esses últimos meses tem se mostrado uma boa amiga e boa ouvinte, apesar da idade. — Para a semana que vem.

— Tão cedo? — Ela arregala os olhos, tão surpresa quanto eu.

— O Pastor não é conhecido pela sua paciência — desabafo, já imaginando o que ele deve ter feito para conseguir adiantar as coisas dessa maneira.

— Você acha que seu pai deu um jeito de antecipar a audiência?

— Eu não duvido. Ele conhece muita gente importante.

— Você me desculpa, mas eu já peguei um ranço desse homem.
— Ela faz uma careta de nojo, desencadeando em mim uma crise de riso.

— Você não é a única, Sue. Ele é meu pai e não estou nem aguentando pensar nele agora, imagina como vai ser semana que vem, tendo que encarar os dois.

— Sua mãe não é muito melhor, né?

— Não. É a esposa perfeita para o pastor. Faz tudo o que ele manda, dizendo que a Bíblia exige isso de nós mulheres. Não tem uma opinião própria, e gosta muito do status de primeira-dama da igreja.

— Credo! Acho que nunca mais vou reclamar da minha própria mãe. — A sua sinceridade me arranca outra gargalhada.

— A sua mãe é boa, Suellen. Pare de implicar com a coitada.

— Já parei. — Ela ergue as mãos, em um gesto de rendição. — Você e a baixinha vão ficar bem. Se Deus existe, seus pais não conseguirão nada com esse processo.

— Assim espero... — Retribuo o seu sorriso, torcendo para que ela esteja certa.



— Aí o Gabriel disse que o desenho dele era mais bonito, mas não era verdade. Eu não falei nada, para não magoar *ele*, mas o Daniel falou e eles brigaram e acordaram a Isa.

Manuela está elétrica como sempre enquanto esperamos o elevador.

— Mas você está se comportando direitinho, não é? Tia Cris já tem muito trabalho com eles e está nos fazendo um favor.

— Tia, eu sempre me comporto — ela afirma com convicção, levando as mãos à cintura. — O problema são os meninos. Eu gosto deles, mas às vezes prefiro a Isa, porque ela fica quietinha e bonitinha no carrinho.

— Você gosta da Isabela? — questiono, imaginando como será a relação de Manuela com meu futuro bebê.

— Sim. Ela é bonitinha. Só não gosto quando ela chora muito. Ou quando a tia Cris troca a fralda de cocô. Fede muito. — Faz uma careta exagerada e eu estou rindo quando entramos no elevador.

— As suas fraldas também não eram muito cheirosas, Manu. — Aperto sua bochecha e ela ri, se afastando de mim.

— Como é que você aguentava?

— Porque são coisas que a gente faz por amor. Aguentei muita fralda suja sua.

— Você me ama, né, tia? — ela questiona, com aquele sorriso travesso.

— Muito, meu amor. Você é a pessoa que mais amo nesse mundo.

— Eu também te amo. — Ela abraça minhas pernas. — Podemos pedir pizza hoje?

As portas se abrem e eu pego minha pequena interesseira no colo, caminhando com ela pelo corredor.

— Podemos, Manu. — Beijo sua bochecha, sentindo uma dorzinha no coração ao me lembrar que criamos essa tradição de sexta-feira com Caio.

E a minha alegria some de vez quando encontro um homem em frente à minha porta. Alguém que não vejo há muito tempo, e que esperava não ver nunca mais.

— O que você está fazendo aqui?

— Seus pais pediram que eu viesse falar com você.

Hugo não mudou muito. Acho que cinco anos não são o bastante para notar as diferenças que a idade causa em uma pessoa. Continua magro como sempre — situação evidenciada pelo terno que usa, barba bem-feita e cabelo penteado de lado e mantido no lugar com muito gel. Parece uma cópia do meu pai. E tenho a certeza de que sua intenção ao se vestir assim é justamente essa.

— Não tenho nada para conversar com você. Muito menos se foi um pedido dos meus pais. Eles estão tentando tirar a minha sobrinha de mim.

— É justamente sobre isso que eu quero falar — ele continua, mantendo o tom de voz neutro. — Será que podemos entrar e conversar com calma?

Estou cansada, e a última coisa que eu queria para encerrar a minha semana era essa visita indesejada, mas sei que será pior ficarmos discutindo aqui no corredor. Não há necessidade de transformar os vizinhos em espectadores da minha vida.

Destranco a porta e coloco Manuela no chão. Ela encara Hugo com a sobrancelha franzida, e tenho certeza de que não foi com a cara dele. Preciso me segurar para não rir. Minha sobrinha parece ter um detector de embuste. Espero que ainda esteja funcionando quando chegar à adolescência e precisar se manter distante de alguns desses.

— Manu, vai para o quarto brincar com o tablet um pouquinho. Daqui a pouco a tia pede a pizza.

Ela volta o olhar para mim e eu confirmo o pedido com um aceno. Manuela faz uma última cara feia para Hugo, antes de fazer o que eu pedi.

— Ela parece uma cópia sua — ele comenta, não parecendo muito incomodado com a antipatia dela.

— Sim — digo, sem vontade de prolongar o assunto. Fecho a porta e me sento no sofá, indicando que ele se sente na poltrona. Não preciso de sua proximidade. — Vamos acabar logo com isso. Tenho

coisas mais importantes para fazer.

— Como você está, Amélia? — ele questiona ao se sentar, fitando-me com um sorriso que não alcança os olhos.

— Poderia estar melhor se não fosse esse maldito processo.

— Eu sei que é uma situação complicada mesmo. Mas os seus pais estão fazendo o que acham melhor para vocês duas.

— Eu não acredito que, depois de tudo, você ainda tem a cara de pau de vir até aqui para defender os dois. — Levanto-me pronta para abrir a porta e colocá-lo para fora, acabando com essa conversa ridícula.

— Eu me arrependi muito de não ter ficado ao seu lado naquela época, Amélia! — quase grita, desesperado por conseguir minha atenção.

E ele consegue quando me viro em sua direção, queimando de raiva.

— Precisei de você, e me deu as costas como eles. Eu achei que me amava.

— Eu amava. — Ele afirma com tanta convicção que, se eu fosse outra pessoa, até poderia confiar em suas palavras. — Ainda amo.

— Não consigo acreditar em você. Porque quem ama não age como você agiu.

— Eu não sabia o que fazer. — Sento-me de volta, sentindo-me muito frustrada com esta conversa. Ele também parece alterado, algo que não acontecia com frequência. — Era o meu sonho nas mãos do seu pai. Estava me preparando para ser pastor, não podia me colocar contra meu sogro. Ele era o responsável por decidir meu futuro dentro da igreja.

— E eu achei que nós tínhamos um futuro juntos, que eu era mais importante do que tudo isso.

— Você também me deu as costas. — Ele tem a ousadia de parecer ofendido. — Escolheu ficar com a sua irmã e deixar todos os nossos planos de lado.

— Rosália era uma criança e meus pais a abandonaram. Como você esperava que eu seguisse normalmente com a minha vida depois disso?

— Tudo bem. — Ele suspira, como se estivesse cansado da discussão. Mal sabe ele que tenho mágoas suficientes para me dar energia para continuar com isso por um bom tempo. — A situação ficou mesmo complicada naquela época. Mas as coisas mudaram e é disso que eu vim falar com você.

— O que quer dizer?

— Vim pedir para você voltar para mim, para voltar para a nossa igreja. — Ele estende a mão, como se eu simplesmente fosse aceitar o seu contato.

— Você enlouqueceu? — Suas palavras conseguem me surpreender mais do que a sua própria visita.

— Vamos retomar de onde a gente parou, Amélia. As coisas seriam tão mais simples se nós estivéssemos juntos — ele fala com uma certeza que me assusta, como se tivesse pensado muito sobre o assunto. — Você poderia continuar com a sua sobrinha, eu não me importo.

— Você não se importa? — Impossível conter a ironia em minhas palavras. Ele parece não notar, porque simplesmente continua:

— Não. Eu sei que você ama a garota como se fosse sua, afinal ela é o seu sangue. Podemos criá-la junto com os nossos futuros filhos. Seremos uma família perfeita, digna de um pastor que adora a Deus.

— Não acredito nisso... — Agito a cabeça em negativa, levantando-me mais uma vez para aumentar a distância entre nós. — Meus pais mandaram você vir aqui para falar esse monte de merda para mim?

— Amélia! — Ele parece horrorizado com o meu comportamento.

Hugo estava acostumado com a antiga Amélia, aquela que abaixava a cabeça e dizia “Sim, senhor” para tudo. Essa que tem à sua frente agora é outra. Uma que não leva desaforo para casa e que não desiste do que quer sem uma boa luta. Uma que aprendeu e evolui à base de muitas decepções.

— Sim, porque isso é um monte de merda! Eu não quero voltar para aquela igreja, e muito menos quero voltar para você. O que sentimos um pelo outro nunca foi amor, foi simplesmente comodismo. Era fácil estar junto, prático até.

— A gente se conhece desde pequeno, Amélia. Estávamos destinados a ficar juntos. Se não fosse a Rosália se comportando como uma va...

— Você não se atreva a falar da minha irmã! — Dou dois passos em sua direção e logo recuo, controlando a vontade de dar na cara dele. — Eu achava que você era melhor que meus pais. Nós fomos amigos um dia, Hugo!

— E é por essa amizade que estou aqui. Não vê que é o melhor para todos?

— Entre nós dois não deveria nem ter acontecido nada. Eu sempre me deixei levar pelo que os outros queriam, e simplesmente fui aceitando. Eu precisei romper com aquela vida para conseguir compreender o que é liberdade e amor-próprio, para entender o que quero para mim mesma, e eu jamais voltaria atrás.

— Amélia... — Ele tenta me interromper, mas não permito.

— Eu vou lutar pela Manuela. E não preciso de você para isso. Meus pais não vão ficar com a minha sobrinha. Ela não terá a mesma criação de merda que eu tive.

— Eles não ligam para a menina. — Ele fala tão baixo que fico na dúvida se ouvi direito.

— Como é?

— Você sempre foi a filha boa, Amélia, um exemplo para os fiéis da nossa igreja. Eles têm esperanças de ter você de volta. Seu pai está abrindo novas filiais da igreja, o retorno da filha pródiga ao seio familiar é justamente o que ele precisa no momento.

— Eu sabia que era muito estranho eles terem algum interesse pela Manu depois de tanto tempo — falo mais para mim mesma, finalmente compreendendo o porquê de todo esse inferno. — Meus pais não querem uma filha, Hugo. Querem um fantoche. Alguém que possam manipular e exibir como um troféu.

— Não é isso. — Ele tenta defender o que não tem defesa. — O nosso casamento traria orgulho a eles, e não há nada de errado nisso. Nós podemos ser felizes, Amélia. Você só precisa aceitar.

— Vá embora da minha casa, por favor.

— Amélia...

— Essa conversa acabou, Hugo. Eu tenho mais o que fazer.

Caminho até a porta e a abro, esperando que ele entenda a deixa.

— Seus pais conseguiram trocar o juiz. — Ele se levanta e caminha em minha direção, parecendo impaciente. — O cara é um conhecido do Pastor, defensor da moral e dos bons costumes. Você dificilmente vai ganhar o caso. Vão usar o argumento de que é uma mulher solteira para tirar sua sobrinha de você. Estão dispostos até a questionar sua sexualidade.

— Como é? — Estou tão perplexa com suas insinuações que não sei o que mais dizer. Como é possível que tentem tirar minha Manuela de mim por eu ser solteira ou possivelmente lésbica? Isso nunca deveria ser considerado um impedimento para criar uma criança com amor.

— Aceite as condições, Amélia. — Ele bufa, exasperado. E esse seu lado irritadiço eu ainda não tinha conhecido. Ou talvez não me lembrasse. — Formamos um casal perfeito, você sabe disso. Nós constituímos a nossa família, você fica com sua sobrinha, seus pais têm a filha de volta e todos ficam felizes. Não é muito diferente dos planos que tínhamos antes. Nada mudou.

— Eu mudei.

— É o melhor para todos nós — ele prossegue, ignorando-me por completo. — Eu termino com a minha atual namorada e você e eu nos casamos. Eu sabia que tinha um motivo para eu não me sentir seguro em pedir Jennifer em casamento ainda. — Agora é ele quem parece estar falando consigo mesmo. — Você e eu estávamos destinados a ficar

juntos. Seremos os herdeiros da igreja quando o seu pai se aposentar ou morrer, o que acontecer primeiro.

Encaro-o sem conseguir responder. É uma situação tão absurda que as palavras me fogem. Ele tem um compromisso com outra mulher e mesmo assim aceitou fazer o que meus pais mandaram, sem se importar nem um pouco com essa pobre coitada. Que tipo de ser humano faz isso?

Por maior que seja o meu medo de perder Manuela, de jeito nenhum posso fazer o que ele sugere. Voltaria a viver à sombra da tirania do meu pai, e minha sobrinha teria a mesma educação fria, rígida e um tanto violenta que eu tive. Eu prefiro me arriscar. Até porque, se meus pais descobrirem que serei mãe solteira como a filha que eles expulsaram no passado, de nada servirá esse “acordo”. E, diferente de Henrique, duvido que Hugo ficaria feliz em assumir um filho que não é dele.

De qualquer maneira, sei minha resposta para essa proposta absurda. Não posso desistir sem lutar.

— É melhor você sair da minha casa agora! — insisto com mais firmeza.

— Pense com calma. — Ele não soa muito abalado com a minha recusa. — É só ligar para o seu pai que ele consegue adiar a audiência.

— Adeus, Hugo.

Com um aceno de cabeça ele sai, e preciso me controlar para não bater a porta com força. Não acredito que isso esteja acontecendo. Quanta merda mais vou ter que suportar? Como é possível ter uma gravidez tranquila dessa forma?

— Não gostei dele, tia.

A voz da minha pequena me traz de volta. Acabo rindo de sua sinceridade, torcendo para que ela não tenha ouvido a conversa, ou ao menos não tenha conseguido entender do que estávamos falando.

— Nem eu, Manu. Mas com sorte não precisaremos vê-lo nunca mais.

— Podemos pedir a pizza agora?

— Claro, meu amor. Qual o sabor de hoje?

— Atum com queijo! — ela responde rápido, sem precisar pensar muito.

Retomamos a nossa rotina e eu deixo para me preocupar depois com o que Hugo me contou. Não é possível que meu pai saia vitorioso e Manu e eu sejamos prejudicadas. Espero que Edna tenha uma solução para isso.



Sinto beijos molhados por meu rosto. É uma delícia acordar dessa maneira, a maior vantagem em compartilhar a cama com uma mulher como ela.

— Santinha...

Escuto o seu gemido excitado junto a um latido. Essa estranha combinação me obriga a abrir os olhos e despertar do meu sonho. Ao voltar à realidade, a decepção é grande. Não é Amélia quem está na minha cama, e ao constatar isso tenho vontade de gritar. Já tem semanas que ela não está aqui e sou consciente de que sua ausência é minha culpa, de mais ninguém. A minha covardia foi a minha perdição.

A única companhia que tenho no momento é Zé, que me encara com sua expressão de cachorro sem dono, acomodando-se ao meu lado quando nota que estou acordado.

— É sério isso, José? — Passo a mão pelo rosto, tentando limpar toda a baba deixada ali pelo meu colega de apartamento. — Eu não tinha te proibido de entrar no meu quarto? De subir na minha cama? — Bufo, exasperado. — De interromper os meus sonhos com a Santinha? — Porque só em sonhos a minha vida continua perfeita, com Amélia ao meu lado, sem que eu tenha feito nenhuma merda para magoá-la.

Ele late e gostaria de saber se isso é sinal de que entendeu o que disse, se não entendeu nada, ou se entendeu mas vai continuar desobedecendo.

— Aposto que se a Amélia estivesse aqui, ela ia saber dar um jeito em você. — Ele tomba a cabeça, como se estivesse duvidando do que eu digo. Ou talvez acredite que seu tutor é louco e que poderia ter dado mais sorte se tivesse continuado no abrigo por mais um tempo. — Não acredita? É porque você não viu a cara de brava dela. Consegue convencer qualquer um de fazer as coisas direito. Sinto tanta falta da cara de brava dela.

Solto um suspiro involuntário quando a saudade bate forte. Zé late de novo, como se concordasse comigo, antes de voltar a lambar minha cara.

— Já acordei, não precisa insistir.

Tiro o cachorro de cima de mim e me levanto. Ao colocar os pés no chão, deveria encontrar os meus chinelos ali. Ao invés disso, o que sinto é mais baba, misturada a vários pedaços de borracha.

— Zé!

O meu grito faz com que ele saia correndo do quarto. De onde eu tirei que era uma boa ideia ter um mascote? Mal dou conta de mim mesmo. Quem foi o louco que deixou que eu fosse responsável por outro ser vivo?

Pego o meu celular para verificar as horas, e a foto de Amélia no descanso de tela não me deixa esquecer o meu infortúnio. Ao mesmo tempo é uma provocação, como se fosse ela ali me perguntando o que

vou fazer agora, como pretendo consertar isso.

— Santinha, como eu posso ser o cara certo para você se não dou conta nem de um filhote? Que tipo de família posso te oferecer?

Os latidos de Zé mais uma vez me lembram das minhas obrigações. Antes que possa reagir ele volta correndo para o quarto, pula na cama e volta a me lambar, como se não tivesse acabado de tomar uma bronca por mais uma arte. Apesar de tudo, abro um sorriso. Ao menos há alguém nessa vida que ainda não decepcionei.

Levanto de vez, pronto para levá-lo para passear e começar o dia, mesmo que a minha vontade seja continuar nessa cama sonhando com Amélia. Por quanto tempo mais conseguirei viver desse jeito? Eu não sei, mas preciso fazer algo a respeito ou vou acabar enlouquecendo.



Às vezes eu paro e fico tentando me recordar como era minha vida antes da Amélia. E tudo me parece nublado, sem graça e distante demais, como se fosse uma outra vida, vivida por uma pessoa diferente.

Isso não deixa de ser verdade. Eu me tornei um homem diferente no momento em que beijei Amélia pela primeira vez, porque naquele dia eu senti que não haveria outra depois dela. Fui um idiota em demorar a reconhecer isso? Claro que fui. Fui um covarde em resistir aos meus sentimentos por tanto tempo? Com certeza. Estou pagando caro por isso? Definitivamente.

Encontro-me na minha sala na produtora, mas minha mente está em outro lugar, mais especificamente na pequena saleta próxima da

recepção. Diego não está aqui, e a sua ausência me dá liberdade para me sentir miserável enquanto encaro uma selfie que tirei junto com Amélia e Manuela, recordando-me de tudo o que eu tive e perdi.

Amélia nem exigiu muito de mim. Ela praticamente pediu que fosse o adulto que já deveria ser a essa altura do campeonato, e eu saí correndo como o moleque que deveria ter deixado para trás há muito tempo.

Agora a pergunta que não deixa de martelar em minha mente é: será que é tarde demais para mim, para nós?

Será que ainda terei a oportunidade de consertar todas as minhas burradas?

Tenho muitas pendências para resolver, mas não estou conseguindo me concentrar em minhas tarefas hoje. Quando Diego está por perto, ainda me obrigo a trabalhar e deixar os problemas de lado, mas meu amigo precisou ir a uma reunião e estou sozinho aqui desde que cheguei. E estou cada vez mais detestando estar sozinho.

Recolho minhas coisas decidido a sair para almoçar. É um pouco cedo, mas aproveitarei para fazer uma visita à Cristina. Talvez seja uma boa ideia conversar com ela sobre isso. Cris me disse que deveria dar um tempo à Amélia, para que a raiva que ela estava sentindo de mim diminuísse, mas já se passaram quase dois meses desde que rompemos e minha Santinha continua me tratando com indiferença. Estou cansado de esperar. Talvez seja hora de criar vergonha na cara e mergulhar de cabeça. O pior que pode acontecer é Amélia me rejeitar, e a minha miséria não será muito diferente do que estou enfrentando agora. Declarar para Amélia o que eu sinto pode trazer dois resultados: ou ela

me perdoa, nós reatamos e eu tento ser um homem melhor para as duas; ou Amélia me dispensa de vez e eu tento aprender a viver sem ela. A segunda opção não me agrada muito, mas ficar nessa agonia é pior.

Saio da sala na esperança de vê-la, nem que seja de relance. Ela ainda não deve ter saído para almoçar. Quando alcanço a recepção, encontro Suellen conversando com Henrique, e é impossível controlar o ciúme que me atinge ao imaginar que ele está aqui para ver Amélia.

— Henrique? — Estendo a mão para cumprimentá-lo e ele a aperta com firmeza. Não é porque tenho ciúmes que serei mal-educado. Ao menos nisso minha mãe acertou na minha criação. — Cristina não voltou a trabalhar ainda.

— Eu sei, já a visitei hoje de manhã. — Ele responde com naturalidade, não percebendo a minha indireta.

— Diego também não está. Foi para uma reunião com um cliente. Tem algo em que eu possa te ajudar?

— Eu vim buscar um pen drive que Amélia esqueceu aqui. — Ele volta-se para Suellen, dando-lhe maiores explicações, como se estivesse retomando a conversa que eu interrompi. — Ela montou um álbum de fotos da Manuela para mostrarmos ao juiz, mas estava tão ansiosa com tudo que acabou esquecendo.

— A audiência é hoje? — questiono, sentindo uma pressão no peito.

— Sim, às 16 horas. — É Suellen quem responde, encarando-me com um olhar que eu classificaria como pesar. Eu sei que Sue torcia pela gente e também ficou triste quando terminamos. — Por isso ela não veio trabalhar.

Amélia anda me ignorando tanto ultimamente que eu simplesmente assumi que estava trancada em sua sala, como se tornou seu hábito. Não sabia que tinha faltado ao trabalho, provavelmente avisou para Diego, que não viu necessidade de me avisar. Grande amigo!

— Por isso você está aqui? — Volto a falar com Henrique, buscando mais detalhes. — Vai participar da audiência?

— Não posso. — Ele responde sem hesitar. — Por causa do meu cargo é melhor não me envolver na questão, mesmo que trabalhe em outra cidade. Mas vim para apoiá-la. Os pais conseguiram trocar o juiz do caso em cima da hora, e o cara é um velho conservador, que geralmente opta por uma família tradicional. Edna ficou preocupada com a situação e eu decidi vir.

— Não podem tirar Manuela da Amélia. — A dor no peito aumenta ao imaginar Manu sendo afastada da tia. Amélia não suportaria, ela quase surtou no dia em que a sobrinha precisou dormir no abrigo. — Ela ajudou a criar a menina.

— Eu também acho um absurdo, mas os pais dela devem pegar pesado com o fato de Amélia ser solteira. Ao menos é o que o ex dela disse. Você acredita que o cara a procurou, com uma chantagem dos dois, de que se eles reatassem o relacionamento e ela voltasse para a igreja, poderia ficar com a Manuela sem problemas?

— E ela aceitou? — Imaginar Amélia casada com outro me tira o ar. Não posso deixar que isso aconteça.

— Não, Amélia não aceitou a chantagem. Mas agora teremos que ver como o juiz analisa o caso. De qualquer forma, minha amiga está pronta para recorrer caso o resultado não seja favorável a ela. Essa

mudança repentina de juiz e a antecipação da audiência... é tudo muito suspeito. Talvez a gente tenha que provar a relação do juiz com os pais dela, mas sinceramente espero que não precisemos chegar a tanto. O cara tem fama de conservador, não de corrupto, e toda a situação pende a favor de Amélia.

— Você acha que se Amélia fosse uma mulher comprometida, conseguiria a simpatia desse juiz?

— É possível, mas não é garantido. — Ele me encara franzindo uma sobrancelha. — De qualquer forma, Amélia não tem um compromisso com ninguém, não é mesmo?

— Suellen, estou saindo para almoçar — digo, ao invés de responder a pergunta dele. Tomei uma decisão e espero que não seja tarde demais. — E não volto mais hoje.

— Mas você tem uma reunião agora à tarde... — ela diz, quando já estou a caminho do elevador.

— Veja com Diego se ele dá conta sozinho. Ou então remarque. Tenho algo importante para fazer agora.

Saio sem nem ao menos me despedir. Tenho poucas horas para resolver tudo. Chega de duvidar de mim mesmo. É hora de tomar uma atitude!



— Caio!

Amélia está surpresa ao abrir a porta do apartamento e me

encontrar do outro lado. Para variar, consegui entrar no prédio sem precisar chamar no interfone, já que o portão estava aberto — faço uma nota mental para conversar com ela depois sobre a segurança desse lugar.

— Precisamos conversar. — Digo firme e entro sem ser convidado.

— Não tenho muito tempo, a audiência da guarda é daqui a pouco. — Ela parece nervosa com minha presença, e não sei o que pensar disso. Faz tempo que não nos falamos, ao menos não de verdade, mas não esperava essa recepção tão fria. — Henrique foi levar Manuela à casa de Cristina, só estou esperando que ele volte para que possamos ir ao fórum.

— Eu sei da audiência. É por isso que eu vim.

Sento-me no sofá, observando-a de pé. Está usando uma de suas roupas sérias, aquelas que chama de “uniforme” — saia cinza, blusa branca, cabelo preso em um coque apertado no topo da cabeça, tudo muito sóbrio —, provavelmente para demonstrar seriedade perante o juiz. Apesar disso, segue linda como sempre, e seu visual traz de volta o período em que eu apenas a admirava, tentando imaginar o que ela trazia por baixo de tanto pano.

— Sente-se aqui, por favor. — Peço, quando a noto incerta quanto ao que fazer. — Nós precisamos mesmo conversar.

Ela faz o que peço, mas ao invés de se sentar ao meu lado, senta na outra ponta do sofá, virando-se de lado para me encarar.

— Caio, agora não é o melhor momento para conversarmos. — Ela começa antes que eu tenha chance de dizer algo. — Estou nervosa demais, é muita pressão, não preciso de mais complicações no momento.

— Eu não vim para complicar nada, Amélia. — Estendo a mão para segurar a sua e, para minha sorte, ela não se afasta. — Eu vim pra lutar com você. Não vou deixar que perca a Manuela.

— Eu não sei o que vou fazer se tirarem a minha menina de mim, Caio. — O controle que tentava demonstrar se esvai, sendo vencido pelas lágrimas que descem sem controle pelo seu rosto.

— Isso não vai acontecer, Santinha. — Arrasto-me pelo sofá e a puxo para um abraço. Ela aceita o contato e chora contra o meu peito. Como um lunático, aspiro seu perfume, matando a saudade que senti de tê-la junto a mim. É claro que seria melhor se ela estivesse sorrindo, mas pretendo consertar essa situação em breve. — Eu não vou deixar.

— Você não tem como garantir isso — ela resmunga, fungando.

— Não. Mas podemos tentar ganhar a simpatia desse juiz, derrubando o único argumento que seus pais têm contra você.

— Do que você está falando? — Ela se afasta do meu abraço para me encarar, e já sinto falta do seu calor.

— Henrique comentou sobre o que os seus pais estão fazendo, a chantagem, o ex, a troca do juiz e tudo mais. — Ela ameaça falar, mas eu a impeço. — Eu sei que você é a melhor mãe que Manu poderia ter, depois da Rosália — acrescento, quando a noto franzir o cenho. Nem mesmo nessa situação ela permite que manchem a memória da irmã. — Você merece e deve ficar com ela, assim como a Manuela merece ficar com você. E nós vamos nos certificar de que isso aconteça.

— Como?

Tiro a caixinha de veludo do bolso da calça e entrego a ela.

— Caio... — Ela aceita o objeto e o abre, ofegando ao ver as duas alianças ali dentro.

— Vamos dizer ao juiz que estamos noivos, e iremos nos casar em breve, para constituir uma família para a Manu. Se juntarmos isso à carta da Rosália, o cara não vai ter o que protestar.

Sei que pode não ser o suficiente — principalmente por ser tão repentino —, mas é o que está ao meu alcance e espero que seja o bastante para que o juiz pense duas vezes antes de tirar a guarda dela.

Fico preocupado quando Amélia não diz nada, apenas encarando a caixinha aberta na palma de sua mão.

— Não tinha ideia do seu tamanho, mas acho que deve servir. Eu descrevi à moça da loja o que eu lembrava da sua mão, espero ter acertado.

— Caio... — ela continua repetindo meu nome, como se não conseguisse pensar em mais nada para dizer, talvez chocada com a minha proposta.

— Aqui, me deixa provar.

Tiro a caixinha de sua mão, retirando a aliança menor primeiro e segurando sua mão direita. Amélia treme enquanto eu deslizo a peça de ouro pelo seu dedo anelar, onde ela repousa em um encaixe perfeito. Levo sua mão até os lábios, depositando um beijo ali, enquanto ela volta a chorar.

Coloco a outra aliança em meu dedo e mostro a ela, que abre um sorriso tímido.

— O juiz não terá o que questionar. Manuela terá uma família

completa e vamos todos ficar bem.

Ela fica em silêncio por mais um instante, antes de acenar em positivo com a cabeça, confirmando que concorda com o meu plano. Seguro seu rosto entre minhas mãos e lhe dou um selinho, para selar o nosso acordo.

— Amélia? — A voz de Henrique interrompe o nosso momento, e quase sinto vontade de acertar o cara. Nem posso pensar assim, pois é graças a ele que estou aqui, tomando uma atitude. — Você está pronta para ir?

— Só preciso de um minuto. — Sua voz parece mais rouca, como se ainda estivesse com dificuldades para falar. Leva suas mãos até as minhas, apertando-as antes de afastá-las de seu rosto. — Só um minuto e já vamos.

Ela se afasta em direção ao banheiro, deixando nós dois sozinhos na sala.

— Você acha que isso pode ajudar? — Depois de um silêncio incômodo, ergo a minha mão, mostrando-lhe a aliança.

— Talvez. — Ele responde, e a sua expressão não é das melhores. Não sei se acha a minha ideia péssima ou se ainda tinha esperanças com Amélia. Sinceramente, não sei o que é pior. — Vamos ter de conversar com a Edna quando chegarmos ao fórum, ver o que ela acha a respeito disso.

Concordo com a cabeça e me recosto no sofá, fechando os olhos e rezando pela primeira vez em décadas. O pai-nosso que minha mãe me ensinou quando menino é a única coisa de que consigo me recordar, e espero que seja o bastante para conseguirmos ajuda dos céus com essa

audiência. Direciono o pensamento à Rosália, só para o caso de as crenças de Dona Teresa serem verdadeiras, e peço que nos ajude a cumprir a sua vontade de manter a sua filhinha junto a Amélia, junto a nós.

— Podemos ir.

A voz de Amélia me desperta de meus devaneios e eu me coloco de pé, aproximando-me dela, que parece desconfortável ao olhar de mim para Henrique.

— Caio — ela diz o meu nome com um certo receio —, eu tinha combinado com o Henrique de ele me levar.

Não era o que eu esperava ouvir, mas não quero tornar a situação mais incômoda. A última coisa que ela precisa no momento é mais tensão, então eu aceno com a cabeça.

— Sem problema. — Engulo todo o meu ciúme e decepção antes de continuar: — Eu vou seguindo vocês até o fórum.

Saímos do apartamento em silêncio e continuamos assim até chegar à rua. Henrique me diz o nome do fórum antes de abrir a porta para Amélia e corro para o meu carro, para não os perder de vista. Alguns minutos depois, o carro dele entra em um estacionamento e eu o imito.

A advogada de Amélia nos encontra em um café próximo — imagino que Santinha deva ter ligado para lhe informar sobre o noivado — e nós reunimos para contar detalhes da situação: como nos conhecemos, há quanto tempo estamos juntos, minha relação com a Manuela... Edna me deixa um pouco mais animado ao explicar que pode incluir isso em seus argumentos, mesmo que eu não possa ser testemunha, porque todos os que irão depor já foram apresentados em

uma lista para o juiz.

— Você tem certeza de que é mesmo uma boa ideia, Edna? — Henrique se manifesta, quando achei que já estava tudo resolvido. — Se fosse o meu caso, eu estranharia esse noivado repentino.

A vontade de esmurrá-lo volta forte. Isso é hora de colocar impedimento ao meu plano?

— Eles já tinham um relacionamento antes, Henrique. Não estamos inventando nada. Temos como provar a relação dos dois e a proximidade de Caio e Manuela. Não é mesmo, Amélia? — Ela apenas acena com a cabeça concordando. Não falou muito desde que chegamos aqui. — É o melhor argumento que temos. Se fosse o outro juiz, não precisaríamos de nada disso, porque nosso caso é sólido, mas esse cara é diferente. Eu prefiro usar esse argumento a correr o risco de perdermos a causa por um detalhe.

— Você está de acordo com isso, Amélia? — Henrique insiste, segurando sua mão. Nem preciso dizer o quanto isso me irrita, não é?

Ela ergue o rosto para me encarar antes de se voltar a Henrique e concordar de novo com um aceno.

— É isso. Vai dar certo, vocês vão ver. Estou sentindo. — Edna abre um sorriso animado, que me deixa esperançoso. — É melhor irmos, já está quase na hora e preciso verificar se suas testemunhas já chegaram.

Ela paga a bebida que estava consumindo quando chegamos e atravessamos juntos a rua em direção ao fórum. No corredor do lado de fora da sala onde acontecerá a audiência há três mulheres, que Amélia cumprimenta com abraços, então suponho que sejam suas testemunhas, mesmo que eu não reconheça nenhuma delas.

Sento-me em um dos bancos e em seguida sinto Amélia ao meu lado. Antes que possa me controlar, passo o braço por seu ombro e a trago para mais perto, beijando seus cabelos.

— Tudo vai dar certo, Santinha. Você vai ver.

— Espero que sim — ela responde, parecendo cansada.

Mal posso imaginar como está sendo difícil para ela toda essa situação. E pensar que teve que passar por isso sozinha, quando eu poderia estar do seu lado desde o começo, se tivesse tido mais coragem.

Ouçoo passos pelo corredor e ergo a cabeça para ver quem se aproxima. O casal que conheci no velório vem acompanhado de um homem, que suponho ser o advogado deles, e uma senhora que não sei quem é.

— Você conhece a outra mulher? — questiono Amélia, quando noto que ela também os está fitando.

— É a mãe do Cléber; a outra, avó de Manu.

Isso não é bom, pois pelo que sei da história, essa mulher também é uma das que segue fielmente o que o pastor diz, a ponto de ter renegado o próprio filho.

A porta é aberta e uma mulher começa a falar o número de um processo, citando os nomes de Amélia e de seus pais.

— Somos nós, Amélia. — Edna se aproxima e apoia a mão em seu ombro.

Os pais delas entram na frente — nem se deram ao trabalho de cumprimentá-la ou falar qualquer coisa que seja. Estão agindo como se

fossem eles os grandes injustiçados e imagino que não estejam satisfeitos com a recusa de Amélia à proposta absurda que lhe fizeram.

Ela respira fundo ao meu lado antes de se levantar e eu a sigo.

— Infelizmente você não pode entrar, Caio. — Edna impede o meu caminho. — Terá que esperar aqui fora com o Henrique e as demais testemunhas.

— Está tudo bem, Caio. — Amélia se aproxima de mim antes que eu possa reclamar e me dá um abraço, que eu correspondo com tudo o que sinto por essa mulher. — Só o fato de ter vindo já é muito importante para mim.

— Eu não vou sair daqui, Santinha.

— Obrigada. — Recebo um beijo casto no rosto antes de ela se afastar e acompanhar a advogada.

Assim que a porta se fecha, volto a ocupar o lugar onde estava antes. Henrique permanece por perto, e anda de um lado para o outro, conferindo o celular com frequência. Nota-se que está tão preocupado com a situação de Amélia quanto eu e, apesar de tudo, tenho que admitir que o cara parece se importar de verdade com ela. E é graças a ele que ela conseguiu essa advogada que parece saber bem o que está fazendo.

Um tempo se passa, uma a uma as testemunhas de Amélia são chamadas, e a minha agonia não diminui. Só posso imaginar o tormento que está sendo para minha Santinha lá dentro.

— Eu preciso de ar. — Henrique eventualmente para em frente a mim, mãos na cintura, parecendo agitado. — Estou acostumado a ficar do outro lado da porta. Ficar aqui fora está me deixando ainda mais

angustiado.

— Tudo bem. — Não sei o que esperava que eu lhe dissesse, mas é a única resposta que vem à minha mente. Não estou me sentindo muito melhor do que ele.

Depois de acenar em positivo, guarda o celular no bolso do terno e caminha para fora do fórum. O meu próprio celular vibra em meu bolso e o pego para encontrar uma mensagem de meu sócio:

Diego: Espero que esteja fazendo a coisa certa.

“Eu também” — penso, mas não respondo. Não estou com cabeça para dar explicações agora. Sinto alguém se sentando ao meu lado e viro a cabeça para me encontrar com a mãe de Cléber me encarando. Eu a cumprimento com um aceno de cabeça e volto minha atenção ao celular, tentando me distrair da situação. Nem notei o momento em que sobramos apenas nós dois neste corredor.

— Você é alguma coisa da Amélia? — Sua pergunta me surpreende, porque não acreditei que fosse falar comigo.

— Sou noivo dela — respondo com convicção.

— Você conhece a minha neta? — Sua expressão é neutra, não consigo imaginar o que está se passando em sua cabeça.

— Sim.

— Eu só a vi uma vez. — Ela responde e desvia o olhar para a porta da sala onde está ocorrendo a audiência. — Quando Cléber foi com a família até a minha casa para me convidar para o casamento, ele

estacionou o carro em frente à minha calçada e me chamou no portão. Eu atendi, mas não aceitei que entrasse, nem quis ouvir o que tinha para me dizer. — Ela já não está falando comigo. Parece mais um desabafo, uma conversa com a sua própria consciência. — Eu vi a pequena no banco traseiro, junto à Rosália, mas elas nem desceram, porque eu recusei o convite na hora e mandei que Cléber continuasse longe. — Ela começa a chorar e parece estar sofrendo, como se admitir isso em voz alta doesse. — Porque ele estava envolvido com coisas erradas, e o pastor disse que aceitar meu filho dessa maneira não era algo que agradasse a Deus.

Não sei o que fazer no momento. Porque essa mulher é uma testemunha a favor das pessoas que estão tentando tirar Manuela de nós, mas ao mesmo tempo parece estar padecendo com suas escolhas, e posso empatizar com isso. De decisões equivocadas eu entendo.

— Amélia me contou que ele tinha mudado de vida — digo quase em um sussurro, sem ter certeza de que seja algo que ela queira ouvir no momento.

— Mas não foi o bastante, não é? — O choro agora é ainda mais sentido. — Porque o passado veio cobrar dele, e meu filho se foi acreditando que eu não o amava mais, e tudo o que me resta do meu Cléber agora é essa garotinha que está sendo disputada dentro dessa sala de audiência.

Eu tinha a julgado errado, achando que não quis nada do filho quando tivemos que nos desfazer da casa porque não se importava com ele. Agora vejo que ela não queria nenhum objeto que a fizesse se lembrar do fato de que abandonou o filho à própria sorte e não foi capaz de perdoar quando ele finalmente voltou para casa.

— Manuela é uma criança incrível. — Espero que falar da pequena a anime um pouco. — E a senhora me parece uma boa pessoa apesar de tudo. Todos cometemos erros, o importante é tentar corrigi-los. — Ela concorda com a cabeça, secando as lágrimas, ainda sem me encarar. — Tenho certeza de que Amélia não se importaria se você quisesse conviver com a sua neta.

— Eu sei que não. — Ela por fim se volta para mim e me dá um sorriso triste, o primeiro desde que se sentou aqui. — Amélia sempre foi um amor de pessoa. Boa demais para seu próprio bem.

— Você vai testemunhar a favor dos pais dela, não é?

A nossa conversa é interrompida quando a porta da sala é aberta mais uma vez e é a sua vez de depor.

— Meu rapaz... — Ela se levanta e apoia a mão em meu ombro —, vou fazer o que é o melhor para a minha neta.

E se afasta, entrando na sala. E eu fico ali sozinho, torcendo para que o que ela considera que seja melhor seja o mesmo que acredito que seja.

Capítulo 37

AMÉLIA



A sala de audiência é parecida com o que já vi em algumas novelas. Há duas mesas dispostas em forma de T, sendo uma menor mais ao fundo com três cadeiras e um computador à esquerda, e a outra maior ocupando grande parte do ambiente, três cadeiras de cada lado e uma na ponta oposta à outra mesa. Edna e eu nos acomodamos de um lado da mesa maior, enquanto meus pais se sentam do outro lado com seu advogado.

Eu já não sei mais o que esperar deles. Primeiro esse processo, depois a proposta ridícula que fizeram através de Hugo e agora ainda me ignoram e agem como se fosse eu a errada na história. Nem se deram ao trabalho de reconhecer a minha presença. Por mais que tente não me abalar com isso, é difícil quando as pessoas que mais deveriam te amar no mundo agem como se você fosse uma grande decepção. Acho que em outras circunstâncias não me importaria tanto, mas a gravidez me deixou mais emocional. E Deus sabe o tanto de emoções que já enfrentei somente hoje.

Assim que estamos acomodados, a escritã ocupa seu lugar em frente ao computador. Um par de minutos se passa e uma outra mulher entra, acompanhada de um senhor de mais idade, que imagino ser o juiz. Tenho a confirmação quando ele ocupa o lugar central e a moça se senta

na cadeira à sua direita.

Depois de o juiz expor os detalhes do processo, ele convida Edna a falar primeiro. Minha advogada fala sobre minha petição, o fato de eu ter criado Manuela junto com a minha irmã e a possibilidade de lhe dar um lar estruturado, já que tenho um bom emprego e estou noiva. Noto a careta que meu pai faz quando Caio é citado, e o olhar que minha mãe lança à minha mão, onde a aliança que ganhei há algumas horas parece um letreiro expondo meu novo estado civil.

Assim que Edna conclui, o advogado dos meus pais — que reconheço como sendo um dos irmãos que trabalham na estrutura da igreja — começa a expor sua tese, falando o quanto meus pais estão mais aptos para cuidarem de uma criança, tanto financeiramente quanto moralmente, por estarem em um casamento sólido há muitos anos. Acho que acaba descartando o questionamento à minha sexualidade depois da história do noivado com um homem.

Como pode falar de moral quando seus clientes chegaram a cogitar inventar essa calúnia contra mim? E mesmo que fosse verdade, isso jamais deveria ser considerado um ponto negativo! Nem sei por que ainda me surpreendo, considerando que são as mesmas pessoas que expulsaram de casa uma filha menor de idade no momento em que ela mais precisava deles, e agora agem como se tudo não tivesse passado de um desentendimento e uma rebeldia de adolescente. A essa altura já deveria estar careca de saber que meus pais manipulam a verdade de acordo com o que querem ou precisam. O Pastor faz isso na sua igreja interpretando a Bíblia de acordo com as suas vontades e impondo suas “verdades” aos seus fiéis — não é muito diferente do que estão fazendo aqui hoje.

Depois disso é a minha vez de ser ouvida. Começo contando da minha infância, do nascimento de Rosália, da maneira como éramos disciplinadas em casa cada vez que cometíamos um erro — minha irmã sempre era a que mais apanhava de cinto, tendo em vista que era a mais elétrica e nem sempre seguia as regras absurdas impostas por meus pais. Não gosto de falar sobre essa parte da minha história, mas preciso que o juiz entenda como foi infernal crescer naquela casa.

Explico como tudo isso fez com que nos tornássemos mais unidas, já que eu sempre estava tentando defendê-la e escondendo suas artes. Falo de como ela se apaixonou por Cléber, a reação dos nossos pais ao relacionamento e como a colocaram para fora de casa quando ela engravidou. E como eu fui junto, para ajudá-la com a minha sobrinha, alugando a pequena quitinete onde vivemos por mais de três anos, até que eu conseguisse um emprego melhor na produtora. Esclareço os motivos pelos quais ela escreveu a carta me elegendo tutora de Manuela e o breve período em que minha sobrinha morou fora da minha casa.

O juiz faz algumas perguntas para confirmar o que eu disse, depois a moça ao seu lado pede que eu fale mais uma vez da maneira como meus pais nos disciplinavam. Posso contar nos dedos de uma mão as vezes em que apanhei dessa maneira, já Rosália sofria com mais frequência — mesmo adolescente, as surras eram constantes para ela. Meu pai só não lhe bateu quando descobriu a gravidez porque eu interfeiri.

É claro que quando é a vez de eles falarem, tentam minimizar o que acabei de contar, dizendo que tudo isso é exagero da minha parte e que fizeram o que julgaram melhor para educar as duas filhas. E que estão prontos para educar a neta agora — eu me arrepio só de pensar em

Manuela passando pelo mesmo que sua mãe passou na mão deles.

Minha mãe chega ao cúmulo de dizer que já tem um quarto montado para Manuela em sua casa, tentando demonstrar que tem mais espaço do que eu com meu apartamento quarto e sala. Como se a minha sobrinha precisasse de algo daquele lugar.

E meu pai insiste no fato de que eu sou solteira e Manuela merece uma família completa, uma chance que não teve ao nascer. O que ele não diz é que foi a sua intransigência um dos motivos que levou Cléber a se afastar de Rosália quando descobriu a gravidez.

— Com licença, Meritíssimo, mas gostaria de lembrar que minha cliente não é solteira como alegam seus pais — Edna protesta quando lhe é dado o direito de falar. — Ela está em um relacionamento sério com um colega de trabalho. Inclusive eles ficaram noivos há pouco tempo e estão se preparando para a cerimônia.

Sei que, como advogada, ela não deveria estar contando meias-verdades dessa maneira, mas na situação em que me encontro, estou disposta a tudo. E muito satisfeita que ela tenha embarcado nesse teatro comigo.

— Se o relacionamento é tão sólido, por que o noivo não foi arrolado como testemunha? — questiona o juiz, encarando-me.

— Eu posso responder, Meritíssimo. — Edna é mais rápida do que eu, e agradeço a Deus por isso. Eu não tenho ideia do que poderia dizer. — O casamento está programado para daqui alguns meses. Minha cliente acreditou que até a audiência já seria uma mulher casada. As coisas aconteceram um pouco mais rápido do que imaginávamos.

O juiz faz uma careta e sei que foi devido à indireta de Edna.

Mais um sinal de que meus pais têm algo a ver com a antecipação da audiência.

— A advogada tem mais alguma pergunta a fazer à outra parte?

E Edna tem. Muitas. Ela contra-argumenta tudo o que meus pais disseram, desde a rebeldia adolescente de Rosália até o fato de que tentaram manter contato no decorrer dos anos.

Nesse momento agradeço a Henrique por ter me conseguido uma advogada tão boa, porque ela consegue até deixar o advogado dos meus pais sem palavras em alguns momentos.

O juiz passa para os depoimentos das testemunhas. A assistente social que nos visitou é a primeira a falar. Ela comenta sobre a visita à casa dos meus pais, e que eles realmente têm uma boa condição financeira. No entanto, expõe o fato de que Manuela vive bem comigo, mesmo que em um apartamento pequeno. O que mais me surpreende é quando fala de Caio, do apoio que me deu quando perdi minha irmã e do apreço que minha pequena parece ter a ele, imagino que não tenha escrito nada disso em seu relatório, mas deve ter chegado à conclusão de que me acertei com meu “namorado”, tendo em vista o noivado.

— Pude ver o apego que a menor tem à tia, considerando que Amélia ajudou em sua criação desde o momento do seu nascimento. — Ela conclui sua análise. — Não sei se seria benéfica uma mudança de rotina e a convivência diária e exclusiva com pessoas que ela mal conhece. Não há nada que desabone Amélia ou que justifique que a guarda seja retirada dela.

— O Ministério Público tem alguma pergunta? — O juiz se dirige à moça que está sentada à sua direita e ela nega. — Muito obrigado,

então. Escrivã, pode chamar a psicóloga.

A doutora com quem Manuela esteve se consultando nos últimos meses começa a explicar o que conversou com a minha pequena. Ela confirma a teoria de que Manuela nunca conviveu com os avós.

— A menor ainda sofre com a perda dos pais, mas a convivência com a tia é benéfica, principalmente se considerarmos que é a única família que conhece e a relação entre as duas é quase de mãe e filha. E a retomada de sua rotina está fazendo com que, aos poucos, Manuela supere o trauma. Acho que, neste momento, ter a sua guarda transferida a pessoas que são estranhas pode trazer um retrocesso à sua evolução. Mas, qualquer que seja a decisão tomada aqui hoje, eu aconselho prosseguimento do tratamento.

A cada depoimento, as minhas esperanças crescem, na mesma proporção em que a carranca de meu pai aumenta. É a mesma careta que sempre faz quando é contrariado, a mesma expressão que tinha quando saí de sua casa junto com Rosália.

Espero que as minhas testemunhas sirvam para enfatizar tudo o que já foi dito até agora. A primeira a ser chamada é uma antiga vizinha, da época em que morávamos na quitinete. Eu havia perdido contato com ela, mas era a pessoa mais próxima de nós quando Manuela nasceu, então foi testemunha do fato de que ajudei na criação de Manuela desde o princípio, e da total ausência dos meus pais em nossas vidas.

A segunda é a monitora da creche que Manuela frequentava antes de se mudar para a casa do pai. Ela estava lá todas as vezes que eu ia levar ou buscar a minha pequena e conhecia um pouco do meu relacionamento com a minha irmã.

A terceira é uma ex-colega de trabalho, do antigo escritório. É uma querida — a única com quem ainda mantenho contato daquele lugar —, e acompanhou o meu sacrifício para sustentar a casa enquanto morávamos as três juntas.

Edna entrega ao juiz uma cópia da carta de Rosália e o pen drive com as fotos que separei. Tinha pensado em deixar as fotos de Caio de fora, mas acabei mantendo algumas, porque são aquelas mais recentes em que Manuela parece mais feliz. Acho que isso será útil no final das contas, para comprovar a história do noivado e meu relacionamento com ele. Há também uma carta que Cristina escreveu a meu favor, onde descreve o meu trabalho, enchendo-me de elogios e falando do meu crescimento na empresa. Também fala sobre a nossa amizade e o fato de ter acompanhado o modo como eu sempre cuidei de Manuela e como tenho lidado com tudo depois da morte de minha irmã. É um testemunho emocionante, e eu chorei quando ela me entregou e li pela primeira vez. Espero que ajude a tocar o coração do juiz, para que ele me veja por mim mesma, e não pela pessoa sem-caráter que meus pais devem ter lhe descrito para convencê-lo a adiantar o processo.

A expressão de Edna, que vira e mexe me direciona um sorriso, faz com que eu me acalme e comece a divagar. Sei que deveria estar mais atenta ao que é dito, mas já não consigo me concentrar. Minha cabeça está longe e confio que ela cuidará de tudo por mim, para manter a balança a meu favor. Estou tão cansada, só quero que isso acabe de vez.

Seguro as mãos no colo, alisando a aliança e pensando no significado do gesto de Caio. Saber que ele se importa comigo a ponto de encenar tudo isso faz com que meu coração bata acelerado. Passo os dedos pela joia, sentindo sua textura e seu peso. Já usei uma dessas antes,

mas agora a situação é totalmente diferente. Os meus sentimentos pelo noivo são verdadeiros, já o noivado em si nem tanto.

Volto a atenção ao que está sendo dito quando a única testemunha dos meus pais é chamada. Débora entra na sala e ocupa seu lugar. Não olha para os meus pais, mas tem um sorriso triste nos lábios quando me fita.

Para minha surpresa, ela começa a contar como se afastou do filho a pedido do pastor, depois da descoberta da gravidez de Rosália, e como foi orientada a não ter contato com a nora ou a neta. Entre lágrimas, afirma que meus pais ignoraram a existência das filhas até o momento da tragédia e só estão tentando fazer tudo isso para me obrigar a voltar para casa.

Jamais imaginei que Débora ficaria do meu lado. E meus pais estão tão chocados quanto eu. No entanto, quando o Pastor sai de seu estupor, começa a protestar e pedir que o depoimento dela seja desconsiderado. É claro que toma uma bronca do juiz.

Quando meu pai fica em silêncio, seu olhar voa para mim, e é como se pudesse me fulminar com a mirada.

— A testemunha pode prosseguir — o juiz devolve a palavra à Débora.

— A mágoa deles me afastou do meu filho e me impediu de conviver com a minha neta, senhor juiz. — Ela agora já não consegue controlar o choro e Edna lhe entrega um lenço de papel. — Eu pretendo mudar isso, se me for permitido, mas Amélia sempre foi uma boa moça, ajudou a irmã quando ficaram sozinhas e acredito que é a melhor mãe para a pequena.

Depois disso, ninguém tem mais perguntas. O advogado dos meus pais nem se atreve a falar. O juiz solicita que sejam feitas as alegações finais e Edna é a primeira.

— Excelência, baseando-se nas normas constitucionais e também no Estatuto da Criança e do Adolescente, vemos que o princípio norteador de todo este processo é o bem-estar da menor. Manuela deve sim conviver com a família, sendo importante a extensão dessa ideia de família, englobando todos aqueles com quem ela convive e que a amam e se importam com ela. Acredito que o que deve prevalecer aqui é o amor, o vínculo afetivo construído no decorrer dos anos de convivência.

“De maneira nenhuma queremos impedir o vínculo afetivo com os demais integrantes da família que tiverem esse desejo. Estou falando aqui de assegurar a tranquilidade ao não fazer uma ruptura cruel e abrupta do convívio entre a menor e a minha cliente, que já existe desde o seu nascimento. Lembro também que a minha cliente já moldou a vida dela preparando-se para receber a menor, colocando as suas necessidades em primeiro lugar. Como já comprovamos, diferente do que alegam os pais de Amélia, ela tem uma vida estável, com emprego fixo e um noivo com quem pretende se casar em breve — noivo este que já tem um quarto em sua residência para receber a menor quando eles passam os finais de semana lá. É uma família em formação, que já tem Manuela como núcleo, como foco principal.

“O vínculo sanguíneo por si só não é fator primordial e nem requisito único para que haja um vínculo amoroso, um vínculo afetivo entre uma criança e um adulto. Tanto é que os avós paternos são considerados estranhos por uma questão própria deles, que nunca demonstraram interesse na vida da menor. E mesmo assim, reforço que

não há nenhuma oposição da minha cliente em permitir a convivência e as visitas desses avós.

“Por último, gostaria de lembrar que temos uma carta, escrita de próprio punho pela genitora, onde ela deixou clara a sua vontade de que a criança ficasse com a tia caso lhe acontecesse algo, assegurando que não há pessoa melhor do que a minha cliente para ficar responsável pela menor. Rosália sabia que ninguém nesse mundo amava sua filha tanto quanto Amélia e, por isso, eu peço, Excelência, que olhe as evidências aqui apresentadas com o coração. Pense na crueldade de se tirar uma criança que já perdeu os genitores de um novo lar onde ela encontrou uma base de apoio, amor e afeto. Sem mais.”

Assim que termina o seu discurso, Edna me lança um sorriso, e é possível ver que está tão emocionada quanto eu com as suas próprias palavras. Minha advogada não poderia estar mais certa: não é sangue quem determina o que é uma família; é a convivência, o cuidado, o carinho que temos por aqueles que estão ao nosso lado. É o amor que lhes dedicamos todos os dias. Considero meus amigos mais minha família do que meus próprios pais, que poucas vezes tiveram um gesto de carinho para comigo no decorrer de todos os anos em que convivemos. E é por isso que luto para que Manuela fique comigo, porque eu sei que ela não merece menos que uma família que a ame incondicionalmente.

Quando autorizado a falar, o advogado dos meus pais repete quase o mesmo que disse no começo, a coisa do dinheiro e da família. A única coisa que acrescenta é que seus clientes não esperam que eu deixe de conviver com minha sobrinha e que sou mais do que bem-vinda de volta à casa deles. Não sei se pretendiam parecer bonzinhos, mas a meu ver isso apenas confirmou o depoimento de Débora, de que eles estão

usando Manuela para me atrair de volta.

O juiz dá a audiência por encerrada e sai da sala. Meu pai só falta derrubar a cadeira quando se levanta e minha mãe o segue quando ele sai quase correndo da sala, batendo os pés como uma criança contrariada. O advogado oferece a mão à Edna, que aceita o cumprimento, antes de acenar para mim e seguir seus clientes.

Assim que deixamos a sala, encontro Caio, que vem correndo ao meu encontro.

— E aí? Como foi?

Ele abre os braços e me sinto impelida a aceitar o seu conforto. Caio me aperta e beija minha cabeça, enquanto eu escondo o rosto em seu peito. Como senti falta disso.

— Melhor do que eu esperava — Edna responde por mim. Ainda estou muito abalada para encontrar minha voz.

— A Manuela fica com a gente?

— O juiz ainda vai decidir. Deve nos dar uma resposta em algumas semanas, mas acho que conseguimos convencê-lo. De qualquer maneira, estou pronta para recorrer se for preciso — continua a advogada. — Depois de tudo o que aconteceu ali, não tem como ele honestamente decidir algo diferente do que estamos esperando.

— Muito obrigada, Edna. — Solto-me de Caio para poder abraçá-la.

— Só estou fazendo o meu trabalho, querida. Eu entro em contato assim que tiver uma resposta.

— Muito obrigado — Caio também agradece, enquanto a mulher se despede e sai do fórum.

— Amélia, posso falar um instante com você? — A voz de Débora chama a minha atenção e noto que ela ainda está ali, em pé ao lado de Henrique, que me observa um tanto ansioso.

— Claro — respondo enquanto ando até ela. Depois do que fez por mim ali dentro, jamais me negaria.

Caminhamos as duas para um canto mais afastado do corredor e nos sentamos em um dos bancos.

— Eu queria pedir desculpas, minha filha. — Ela mal começa a falar e já está chorando de novo. Seguro a sua mão, tentando acalmá-la. — Fiz tanta coisa errada nessa vida, tanta coisa que não posso consertar...

— Mas fez o certo hoje, e não tem ideia do quanto isso foi importante para mim e para a Manuela.

— Eu quero fazer as coisas diferentes daqui pra frente. Quero conhecer a minha neta, fazer parte da vida dela. Será que eu posso ter essa chance?

— É claro que sim, Débora. Minha casa sempre estará aberta para você. — Eu a abraço e é claro que começo a chorar junto com ela. Já disse que meus hormônios estão me deixando uma manteiga derretida? — Cléber estaria feliz com isso.

Assim que nos separamos, peço o seu celular e anoto o meu número, para que ela possa me ligar quando quiser nos visitar. Débora agradece mais uma vez e me dá outro abraço antes de ir embora. Fico

parada ali por um tempo, tentando me recompor enquanto agradeço a Deus que as coisas tenham saído muito melhor do que eu esperava.

— Amélia, você precisa de uma carona para casa? — Henrique questiona depois de um tempo, e até tinha me esquecido de que os dois ainda estavam ali, provavelmente me observando.

E Caio interfere na conversa antes que eu possa responder:

— Pode deixar que eu levo minha noiva para casa.

Ouvi-lo falar assim faz com que tudo pareça real. E isso dói.

Henrique mantém seu olhar em mim e me levanto para abraçá-lo.

— Eu não teria conseguido sem você. — Ele me aperta contra si, beijando meus cabelos. — Muito obrigada por ser esse amigo tão incrível.

— Você sabe que sempre vou estar aqui por você. — Cochicha em meu ouvido e eu agito a cabeça em concordância. — Qualquer coisa é só me ligar.

— Obrigada mesmo.

Henrique dá um beijo em minha bochecha antes de acenar para Caio e sair. Caio, por sinal, não parece muito feliz, e imaginar que isso é ciúme traz de volta aquela esperança estúpida.

— Podemos ir? — ele questiona, desfazendo um pouco a carranca.

— Sim.

Caminhamos lado a lado, em silêncio, até o estacionamento onde ele deixou o carro. Assim que estamos acomodados no interior do

veículo, sento-me de lado para poder encará-lo.

— Agradeço muito a sua ajuda. — Tiro o anel do dedo e lhe devolvo.

— Essa aliança é sua. — De cenho franzido, ele encara a joia sem aceitá-la. — Você não gostou? É mil vezes melhor que aquela que Matheus escolheu para a namorada. Eu fiz questão disso.

— Do que você está falando? — Estou tão cansada, tão confusa, que simplesmente não consigo acompanhar o seu raciocínio.

— Acho que eu não fui muito claro. — Ele começa a rir, deixando-me ainda mais tensa. — É claro que podemos contar comigo para fazer tudo errado. Nem quando eu tento acertar... — Ele segura o riso e suspira fundo, antes de se virar para me encarar. — Eu sei que há uma grande chance de isso dar errado, de eu estragar tudo de novo, mas você estava certa o tempo todo, Santinha. Eu quero tentar, quero arriscar. Você é a única mulher até hoje que me fez desejar isso. Eu quero crescer com você, quero dividir as responsabilidades, errar e acertar juntos, ser o tio que a Manu merece...

— Caio, isso não é jeito de pedir uma mulher em casamento. — E aqui estou eu chorando de novo. Aguardei essa declaração por tanto tempo, e ela não veio da maneira como esperava.

— Eu sei. Nada comigo é convencional. — Antes que eu possa pensar em uma resposta, ele segura meu rosto com ambas as mãos e me puxa para um beijo profundo, com gosto de felicidade.

Quando estou quase sem fôlego, ele se separa de mim, apoiando sua testa na minha.

— Eu te amo, Caio — digo pela primeira vez, sem medo de assumir o que sinto.

— Eu também te amo, Amélia! — ele responde, dizendo as palavrinhas mágicas que ansiei ouvir desde o nosso primeiro beijo. — Santinha, você quer se casar comigo?

Agito a cabeça em negativa, não acreditando que isso está acontecendo. Quando o vejo fechar a cara, abro um sorriso e jogo meus braços ao redor de seu pescoço, puxando-o de volta para mim.

— É claro que eu quero!

Beijo-o de novo, sentindo o suspiro de alívio que ele deixa escapar.

— Então vamos buscar a nossa menina, antes que você pense melhor na oferta e perceba que é boa demais para mim.

Mal sabe ele que, mesmo com seus defeitos, é simplesmente perfeito para mim.



— Tio Caio!

— Oi, princesa.

Agacho-me para que Manuela possa se jogar nos meus braços. Levanto-me com ela, abraçando-a apertado enquanto ela ri.

— Estava com saudade. — Manu dá um beijo estalado em meu rosto.

— Eu também, princesa. Mas agora você vai me ver tanto que vai acabar enjoando da minha cara.

— Você vai ser o namorado da titia de novo? — Ergue o rostinho para me encarar, expectativa presente em seu olhar.

— Como você sabe?

— Porque eu sou muito esperta. — Ela se aproxima para cochichar no meu ouvido. — E porque a titia está nos olhando com cara de boba apaixonada.

— Garota, de onde você tira essas coisas? — Ouço a voz de Amélia, que está logo atrás de mim. Ela tenta parecer séria, mas sei que está se controlando para não rir, assim como eu.

— Ela não está mais triste. — Manuela volta a cochichar para

mim.

Viro-me para encarar Amélia, que tem um sorriso no rosto e lágrimas ameaçando cair de seus olhos. Estico o braço livre e ela se aproxima de nós, abraçando-me pela cintura.

— Não vai ter mais ninguém triste aqui, Manu. — Ela dá um beijo na bochecha da pequena.

— Olha quem está aqui, filha! — Cristina aparece na área, carregando Isabela nos braços.

— Ela está tão grande. — Amélia se separa de mim para pegar a bebê no colo, dando um cheiro em seu pescoço. — Oi, Isa.

A pequena abre um sorriso, como se a reconhecesse. A cena mexe comigo, e não sei explicar bem o porquê.

— Sua afilhada está muito feliz em finalmente ver a madrinha e o padrinho juntos. — Cris sorri, encarando-me. — Parece que finalmente tomou juízo, não é, senhor Caio?

— Uma hora tinha que acontecer... — Dou de ombros, como se não fosse a decisão mais importante da minha vida.

— Então quer dizer que vamos ter festa em breve? — Diego se aproxima com seus pequenos furacões correndo no seu encalço. Manuela se agita em meu colo e a coloco no chão, para que possa se unir a eles, voltando aos brinquedos do quintal. — Achei que não estaria vivo para ver esse dia.

— Deixa de ser exagerado, Di. — Cris o repreende e ele a enlaça em um abraço. — Nosso amigo pode ser meio lento, mas eu tinha certeza de que esse dia chegaria.

— Acho que isso pede uma comemoração! Vocês ficam para jantar com a gente.

Diego não nos dá a chance de protestar e entra para pedir a comida. Passamos algumas horas ali, em meio à família dos meus melhores amigos, comemorando o fato de que agora eu terei a minha própria família.

A responsabilidade ainda me assusta um pouco, mas sentir Amélia ao meu lado e observar Manuela brincando aqui por perto é algo pelo qual vale a pena encarar qualquer receio.



— A gente vai dormir na sua casa hoje? — Manuela pergunta, batendo as mãozinhas, empolgada. — Estou com saudades da minha cama de princesa. A cama na minha casa não tem a mesma graça.

— Não seja por isso. Muito em breve você vai morar lá de vez e dormir todos os dias na cama de princesa. O que acha?

— Eba! — a pequena grita, ao mesmo tempo em que a tia, sentada no banco do passageiro, me repreende:

— Caio!

— O que foi? — questiono, tirando a atenção da rua por um instante, para encará-la.

— Não pode decidir as coisas assim. Nós precisamos conversar primeiro.

— Santinha, nós vamos nos casar. Não tem por que vocês continuarem naquele apartamento minúsculo quando o meu é maior e tem um quarto só para a Manu. Eu quero vocês ao meu lado, seremos uma família agora. Sem contar que o portão daquele prédio vive aberto, e quando não está tem sempre um vizinho que deixa qualquer um entrar. Lá não é seguro para vocês.

Vejo que está sentindo vontade de me contrariar, mas como parece não encontrar argumentos, acaba se mantendo em silêncio durante o resto do caminho. Isso não quer dizer que o carro permaneça silencioso, porque Manuela não para de falar por um segundo, como se estivesse disposta a me atualizar sobre tudo o que aconteceu em sua vida nessas semanas em que estivemos separados.

Assim que paro com o carro no estacionamento do meu prédio, tiro Manuela da cadeirinha e a carrego no colo, enquanto sua tia recolhe sua mochila. Subimos de elevador, repetindo a rotina com a qual já tinha me acostumado e da qual senti tanta falta.

— O que é isso, Caio? — Amélia questiona assim que abre a porta do apartamento e Zé vem correndo ao nosso encontro.

— Um cachorrinho! — Manuela grita, sacodindo-se para ir para o chão, e eu a deixo ir.

— Eu estava me sentindo sozinho. — Defendo-me, preocupado que ela fique zangada com a presença de meu novo companheiro.

— Você sabe que ele vai ficar enorme, não sabe? — indaga, com um sorriso torto. Ao menos está de boa com a situação. E espero que esteja disposta a me ajudar a educá-lo, pois cheguei à conclusão de que não consigo sozinho.

— Cristina já me deu essa notícia. Talvez a gente precise procurar um apartamento maior daqui alguns meses.

Ela fica em silêncio de repente, encarando um ponto qualquer na parede em frente, parecendo preocupada com algo.

— Está tudo bem? — Eu a abraço, beijando seu ombro.

— Sim. — Ela se vira para apoiar a cabeça em meu peito. — Só estava pensando no nosso futuro.

— Ele vai ser maravilhoso. — Aperto-a entre meus braços. — Vou fazer o possível e o impossível para que seja assim.

— Espero que esteja certo.

— Preciso dar uma voltinha com o Zé antes que ele acabe fazendo meleca na sala.

— Zé? — Ela me encara com a sobrancelha arqueada, um sorriso dançando em seus lábios.

— Foi o único nome que surgiu em minha mente. — Dou de ombros. — José quando estou puto com ele.

— Tem certeza de que você trabalha como criativo em uma produtora?

— Engraçadinha. — Dou uma mordidinha em seu pescoço, lambendo-o em seguida.

— Vá passear com ele enquanto Manuela e eu tomamos banho. — Ela me dá um selinho e se separa de mim.

— Eu quero ir junto. — Nossa pequena protesta, abraçada ao

filhote.

— Hoje não, Manu. Está muito tarde. — Amélia segura sua mão, já puxando em direção ao corredor.

— Vem, Zé. — Pego a guia e o bicho só falta subir no meu colo, tamanha é a sua empolgação.

— A gente precisa arrumar um nome melhor para esse cachorro! — Amélia grita, já do banheiro, fazendo-me rir.

Quando volto para o apartamento uns vinte minutos depois, as duas estão no quarto de Manuela e Amélia está lendo-lhe um livro. Aproveito para tomar um banho, ansioso por matar as saudades de minha Santinha na cama.

— Tio Caio, você vai cantar para mim hoje? — Manuela questiona, assim que paro na porta do seu quarto.

Zé está deitado aos seus pés, parecendo muito confortável com a cama nova que escolheu, nem um pouco preocupado com a nossa presença. A visão dos três ali é a coisa mais incrível que já vivenciei, despertando sentimentos que nunca senti antes. Minha noiva me encara com um sorriso esperando por minha resposta.

— É claro que sim, princesa.

Amélia se levanta da cama e anda até mim.

— Eu vou te esperar no quarto. — Passa a mão por meu peito, provocando-me, e sai, deixando-me a sós com a Manu, que parece agitada demais para dormir.

Pego o meu violão e uma banqueta e me sento ao lado da cama.

Apenas depois da terceira música ela fecha os olhinhos, sendo vencida pelo cansaço do dia. Beijo sua testa, coloco o violão no lugar e saio do cômodo, encostando a porta.

— Ela dormiu?

Ao entrar em meu quarto, tenho a visão mais maravilhosa do mundo. Amélia está esparramada sobre a cama, cabelos soltos sobre os meus travesseiros, usando uma de minhas camisetas.

— Acho que sim — respondo, trancando a porta. — Ela pediu para deixar o Zé no quarto e eu não tive como negar.

— Ela sempre foi doida por animais, mas não tínhamos como manter um naquele apartamento pequeno.

— A Manu ainda está acordando muito no meio da noite?

— Ainda acontece, mas está mais raro agora.

— Isso é bom.

— Senti tanta falta desta cama. — Ela diz, esfregando-se contra os lençóis como uma gatinha manhosa.

— Só da cama, é? — Aproximo um passo de cada vez, apreciando a visão.

— Talvez um pouco do dono dela também.

Deito-me ao seu lado e a puxo para se deitar sobre o meu peito.

— Também senti falta desse abraço. — Ela se aconchega a mim e pela primeira vez em meses me sinto completo de novo.

— Eu estava miserável aqui sem você, sem a Malu. Não quero

nunca mais passar por nada parecido.

— Caio, você tem certeza disso? — ela questiona, erguendo a mão para me mostrar a aliança que coloquei ali mais cedo.

— Absoluta. — Apoio minha mão sobre a sua, entrelaçando nossos dedos. — Foram dois meses me remoendo porque deveria ter feito isso há muito tempo.

— Eu te amo, Caio — ela me diz pela segunda vez, e é a primeira mulher a quem estou pronto para corresponder.

— Eu também te amo, Amélia. Mais do que eu achei que seria capaz um dia. — Espalho beijos por seu rosto. — Me desculpa por tudo, Santinha. Eu prometo que tentarei ser melhor daqui pra frente. Melhor para você, melhor para a Manu.

— Você já é o melhor que poderia ter acontecido nas nossas vidas.

Amélia segura minha mão esquerda e a leva até a barriga, segurando-a ali por um tempo antes de descê-la para o interior de sua calcinha.

— Senti tanto a sua falta, Bebezão. — Vira-se no meu abraço, para poder me beijar. — Nem acredito que você agora é meu de verdade.

— Todo seu! Seu noivo e, em pouco tempo, seu esposo. — Até que o rótulo já não me cai tão mal. Percebi que é mil vezes melhor o peso do compromisso ao desespero da solidão.

O beijo que começou lento vai ganhando força, tirando-me o ar e a concentração. Mas eu quero mais. Muito mais. São dois meses de frustração e punhetas solitárias para compensar.

Ergo-nos para ajudá-la a tirar a camiseta. Para minha surpresa, mesmo ainda tendo algumas peças de roupas suas aqui, ela não está usando nada por baixo. Tombo-a sobre a cama, espalhando beijos molhados do seu pescoço até o seu peito.

— Você está muito mais gostosa do que eu me lembrava. — Abocanho um seio, que parece mais cheio do que antes, deliciando-me com seu gosto, enquanto uso a outra mão para brincar com o outro mamilo. Ela geme baixinho, mordendo os lábios para não fazer qualquer barulho que possa despertar a sobrinha e acabar com a nossa festa.

— Caio, eu preciso de você — ela resmunga, passando os dedos pelo meu cabelo, atraindo minha cabeça para mais perto de seu corpo.

— Eu sei, Santinha. Mas eu quero saborear cada pedacinho seu hoje.

Continuo meu caminho, passando pela barriga que está um pouco mais evidente do que me recordava, e desço as mãos pelos quadris, que também estão mais largos. Amélia parece ter ganhando alguns quilinhos durante a nossa separação, e jamais poderia reclamar disso, porque ela está gostosa pra cacete.

— Caio! — ela protesta, seu corpo se remexendo embaixo do meu.

— A espera vai valer a pena.

Desço mais um pouco e me ajoelho na cama, segurando-a pelo quadril para trazê-la para perto de minha boca e começo a beijá-la ali, lambendo e sugando enquanto ela se contorce e segura o meu cabelo, para me manter no lugar. Logo, ela apoia as pernas em meus ombros e as

usa para me puxar para ainda mais perto.

— Caio... — ela ofega e uso meus dedos para aumentar seu prazer. Eu sinto que está perto.

Quando alcanço aquele ponto especial em seu interior, sinto-a se estremecer, apertando-me por alguns segundos, enquanto coloca a mão na boca para controlar seus gemidos.

Abaixo-a de volta na cama e me levanto, tirando a camiseta e a bermuda do pijama que estou usando — assim como ela, não visto mais nada por baixo, então fico completamente nu. Caminho até a mesinha de cabeceira e pego uma camisinha. Protejo-me e me viro para Amélia, que me encara com um sorriso no rosto.

— Vem, grandão. — Ela me chama com o dedo. — Eu quero mais um.

— Vou te dar muitos outros ainda hoje — respondo, voltando para a cama e colocando o meu corpo sobre o seu, apoiando-me em meus cotovelos para poder encará-la.

— E eu quero todos.

Posiciono-me em sua entrada e vou deslizando com facilidade, observando a expressão de deleite em seu rosto.

— Eu te amo tanto, Amélia! — digo, assim que estamos completamente unidos.

— Também te amo, Caio! — Puxa a minha cabeça e beija meus lábios de um modo profundo e lento. — Agora se mexe, pelo amor de Deus!

Beijo-a de novo, para não rir de seu desespero, e faço o que pede. Essa mulher é perfeita para mim, o sexo nunca antes foi tão bom quanto é com ela. É como se Amélia tivesse sido criada para mim. Só para mim.

Suas mãos vão para as minhas costas, que ela arranha, antes de me abraçar. Aproveito o momento para trazê-la comigo quando me ajoelho na cama, e faço com que se sente no meu colo. Amélia usa meus ombros como apoio e começa a se mover sobre mim, engolindo-me ainda mais.

— Tão gostoso — resmunga, ofegante pelo esforço. — Sempre tão gostoso.

Suas palavras me incentivam e me seguro em seus quadris para conseguir mover os meus de encontro a ela. Algumas investidas e a sinto me apertando mais uma vez, enquanto tomba a cabeça para trás, deixando os seios ao meu alcance. Volto a chupá-los e ela alcança seu ápice, o que faz com que eu vá logo depois dela.

Amélia joga os braços ao redor do meu pescoço, apertando o seu corpo contra o meu, enquanto tentamos recuperar o controle sobre nossas respirações.

— É pra sempre mesmo, Bebezão? — ela sussurra em meu ouvido, parecendo emocionada. Confesso que não estou muito diferente.

— Para sempre, amor. — Ouço seu suspiro satisfeito com o novo vocativo. — Para sempre.

Capítulo 39

AMÉLIA



Depois de semanas difíceis, parece que finalmente volto a respirar. É claro que o resultado da audiência ainda é algo que me preocupa, mas estou tentando permanecer positiva. Tudo vai dar certo, e só preciso manter esse pensamento constante, para que ele possa se concretizar.

Apesar disso, estou exatamente onde sempre sonhei estar, ao lado do homem que eu amo. É claro que não imaginei que Rosália não estaria mais aqui para compartilhar a minha felicidade, mas eu sei que estaria muito feliz por mim.

As coisas aconteceram de uma maneira tão confusa que nem tive como contar a Caio sobre a gravidez. Tenho medo de ele se assustar e acabar fugindo de novo. Sei que é uma estupidez ficar segurando isso comigo, é algo que não podemos mudar, mas ele acabou de aceitar a ideia de ser meu marido, de ser tio de Manuela, não sei se está pronto para ser pai. São muitas mudanças para alguém que nem sempre sabe lidar bem com elas.

Ontem eu quase contei. Primeiro durante o jantar na casa de Cristina e Diego, quando fiquei com receio de Cris acabar falando sobre o bebê. Mas a minha amiga percebeu que Caio ainda não sabia de nada e ficou quieta. Imagino que, a essa altura, Diego já saiba, e também

mantive meu segredo. Acabei desistindo de falar ali, porque imaginei que Caio ficaria chateado por ser o último a saber, e decidi fazer isso quando estivéssemos sozinhos.

Mais tarde, houve outro momento em que pensei em lhe falar sobre o nosso filho. Apenas mais um quase. No final, o medo acabou falando mais alto. A nossa noite estava tão perfeita que eu tive receio de estragar tudo. E hoje estou feliz por ter me calado. Foi o melhor sexo da minha vida. Fazer amor com Caio depois de tanto tempo foi fantástico, uma mistura de paixão, desejo e saudades.

Enquanto ele me olhava desnuda, achei que iria reparar que há algo de diferente em mim. A minha barriga de três meses já começa a aparecer e, considerando que nunca tive uma barriga para mostrar, achei que ele iria questionar. Mas Caio deve imaginar que eu apenas engordei, e pareceu satisfeito com isso. Confesso que estou feliz com minhas novas curvas, sentindo-me mais sensual do que nunca. Não sei como me sentirei daqui alguns meses, quando a barriga crescer de verdade.

Apesar de todo o estresse das últimas semanas, minha gravidez está sendo muito tranquila. É como se o meu bebezinho soubesse que a mãe dele precisa de uma folga. Quase não tive enjoos e o único “sintoma” que apresento é o cansaço excessivo, além dos quilinhos a mais. Mas eu sei que outros sinais não demorarão a aparecer, então não é algo que possa manter em segredo por muito tempo.

Deitada de lado na cama, observo Caio dormindo. Ele parece calmo, sereno, muito diferente do homem que via de relance no trabalho. Parece que um grande peso foi retirado de seus ombros. Imagino que eu mesma não esteja muito diferente. Sinto que posso explodir de felicidade a qualquer momento.

A vontade de ir ao banheiro surge forte, interrompendo o meu momento de apreciação do meu noivo. Meu noivo! O sentimento é tão diferente da primeira vez em que estive nessa mesma condição. Com Hugo eu nunca senti essa empolgação que sinto com Caio, essa ansiedade pelo futuro que construiremos juntos.

Deixo de divagar e tento tirar o braço que ele mantém em minha cintura — unindo meu corpo ao seu —, fazendo o possível para não o despertar.

— Aonde a senhorita pensa que vai? — Caio me puxa de volta, apertando-me ao seu corpo, e quase grito quando minha bexiga cheia reclama.

— Só preciso ir ao banheiro, Bebezão. — Passo a mão por seu rosto, sentindo a barba macia.

— Precisa mesmo? — Cheira meu pescoço, deixando-me molinha com a sua provocação.

— Só um minutinho e já volto.

— E a gente pode continuar de onde paramos ontem? — pergunta, mordendo minha orelha.

— Enquanto a Manu não acordar — respondo com uma risadinha e ele bufa. Aproveito sua distração para escapar e correr até o banheiro.

Faço o que tenho de fazer, aproveitando para já escovar os dentes e lavar o rosto.

— Amélia! — Escuto o grito de Caio, e o seu tom zangado me assusta.

— O que foi? — questiono ao voltar para o quarto, encontrando-o de cara amarrada.

— Que caralho é isso? — Tem o meu telefone nas mãos e o agita, como se o aparelho o tivesse ofendido de alguma maneira.

— Olha a boca, Caio — repreendo-o, sem compreender seu comportamento.

— Estou pouco me lixando para isso agora. Eu quero saber que merda é essa!

Pego o celular que aponta na minha direção como se fosse a prova de um crime. Na tela bloqueada vejo uma mensagem que acabou de chegar.

Henrique: Você já contou a ele?

Ah, Henrique, amigo querido. A sua preocupação comigo acabou de estourar a minha bolha de felicidade.

— Você ficou com ele de novo, não foi? — Caio pergunta, irritado, quando não digo nada, apenas encarando o aparelho. Nunca o vi dessa maneira. — É isso que tem para me contar? É isso o que eu preciso saber?

Sua pergunta me irrita, porque ele não tem direito nenhum de me fazer esses questionamentos. Foi ele quem terminou tudo! Se eu fiquei ou não com Henrique, não deveria fazer diferença agora. Eu aceitei me casar com ele, pelo amor de Deus!

— Você vai me dizer que ficou esses dois meses em abstinência?
— pergunto ao invés de responder seu questionamento. Sei que deveria esclarecer a situação, mas o seu machismo me irrita.

— Claro! — ele grita de volta, surpreendendo-me. — Como eu poderia ficar com outra se você não saiu da minha cabeça um segundo sequer?

Caio leva as mãos à cabeça e me dá as costas. Eu me aproximo de novo, satisfeita por saber que ele me foi fiel e decidida a acabar com o mal-entendido. Apoio a mão sobre o seu ombro e ele suspira, parecendo se controlar, antes de segurar minha mão e me puxar para um abraço.

— Eu achei que você me amava tanto quanto eu te amo — resmungo, apertando-me contra si.

— É claro que eu amo, Bebezão. — Correspondo ao abraço. — Você entendeu tudo errado.

— O que é que tem para me contar então, Amélia? Porque eu estou surtando aqui!

— Eu estou grávida! — falo de uma vez. Omitir a informação não está ajudando nenhum de nós.

— Do Henrique? — ele questiona, afastando-se de mim, e sinto vontade de esmurrá-lo. Como pode ser tão estúpido?

— Não, seu idiota! Eu não fiquei com o Henrique! O filho é seu!

A cor some de seu rosto, como se o sangue tivesse parado de circular por ali. Caio olha de mim para a minha barriga repetidas vezes, sem emitir nenhuma palavra.

— Caio?

Ouvir o seu nome parece despertá-lo do transe. Ele me encara, mas é como se não estivesse me enxergando.

— A gente sempre se protegeu. — Ele diz aquilo que eu já esperava ouvir.

— 98% de eficácia, Caio — respondo, já preparada para isso. — Nós somos os “sortudos” 2% restantes.

— E o Henrique sabe sobre a gravidez? — Posso entender sua frustração no momento. Eu deveria ter contado a ele primeiro, Caio tinha esse direito. — Quem mais soube antes de mim?

— Cristina — respondo, sem conseguir encará-lo. — E provavelmente Diego.

— E você achou que eu não merecia saber?

Ele balança a cabeça, sem me dar a chance de responder. Começa a andar pelo quarto, vestindo-se como se eu já não estivesse ali. E o que eu mais temia está acontecendo: Caio está fugindo de novo.

Ele recolhe a carteira e o celular da mesinha de cabeceira e deixa o quarto, sem olhar para trás.

E eu fico ali, sem saber como reagir. Sozinha de novo. Jurando a mim mesma que será a última vez.



Eu vou ser pai! Eu vou ser pai e fiz merda de novo! Sei que não deveria ter agido dessa maneira, mas foi mais forte do que eu. O ciúme e a surpresa fizeram com que eu agisse sem pensar. E agora já não sei o que fazer.

— Meu filho, o que você tem? — Minha mãe questiona quando abre a porta para mim. — Está pálido!

Assim que entrei no carro, senti-me totalmente perdido, e acabei dirigindo até a única pessoa que acreditei ser capaz de me ajudar.

— Você vai ser avó! — Solto sem nenhuma preparação.

— Eu sei, meu bem. Eu vi a sua mensagem. — Ela abre um sorriso e sinaliza para que eu entre. — Estou tão feliz que você tenha se acertado com a Amélia. Já posso chamar a Manuela de netinha?

— Não — respondo, sentando-me no sofá da sala, e ela franze a sobancelha. — Sim, eu me acertei com a Amélia, mas não estou falando da Manu.

— Do que está falando...? — Dona Teresa arregala os olhos, abrindo um sorriso que quase não cabe no rosto. — Amélia está grávida?

Aceno em positivo com a cabeça. Estou apavorado. Se achei que

ser marido de Amélia seria um grande desafio para mim, ser pai é um outro nível de dificuldade, totalmente assustador.

— Quando você ficou sabendo? — Minha mãe continua, quando eu permaneço em silêncio.

— Agora.

— E por que não me ligou ao invés de largar a sua noiva grávida sozinha?

E é claro que a minha mãe, sendo a pessoa sensata que é, vai jogar meu erro na minha cara.

— Porque eu sou um imbecil, mãe. — Levo as mãos ao rosto, querendo me esconder. — Eu surtei quando descobri.

Minha mãe se senta ao meu lado e me abraça.

— Meu filho, você já tem quase 40 anos, não pode fugir cada vez que uma situação difícil se apresentar. Já passou da fase de se comportar como um adolescente contrariado.

Conte com Dona Teresa para jogar verdades em cima de mim.

— Eu não sei se sirvo para ser pai.

— Mas você se dá tão bem com a Manu — ela diz, puxando meu rosto para me fitar nos olhos.

— É diferente. Ela já veio grande e bem-educada, e eu não fui responsável por nada disso. Um bebê é diferente. E se eu não souber lidar com uma coisinha tão pequena? E se eu não souber educar? Se acabar criando um pequeno monstro?

— Você está sofrendo antes da hora, Caio. — Minha mãe

praticamente está rindo do meu desespero. — Não vai estar sozinho, Amélia estará com você e ela fez um belo trabalho com a sobrinha. Vocês vão dar um jeito, filho. A gente aprende, o instinto ajuda.

— Nunca achei que teria filhos.

— Mas esse bebê não está ligando muito para o que você acha. Já está a caminho. — Ela continua rindo. — Deus nunca nos dá um fardo maior do que somos capazes de carregar, meu filho. E eu acredito em você, sei que criei um homem maravilhoso, que será capaz de criar uma criança ainda mais maravilhosa.

— Você tem muita fé em mim, não sei se mereço tanto.

— Vai merecer mais se sair agora daqui e resolver as coisas com a sua noiva. E só volte aqui com ela e minha neta.

Poucos minutos e minha mãe já conseguiu colocar algum juízo em mim. Ela está certa. Eu consigo. Tenho que conseguir, agora são três pessoas — e um cachorro — contando comigo. Não estou mais sozinho. Nunca mais estarei.

Beijo minha mãe e a abraço, buscando sua energia para voltar para junto da mulher que eu amo, tentar consertar as coisas — de novo — e retomar de onde paramos.



Abro a porta do apartamento, preocupado com o que irei encontrar do outro lado. Minha Santinha está andando pela sala, recolhendo os brinquedos que Manuela já espalhou por ali.

— Não precisa se preocupar com a gente. — Amélia nem ao menos me encara. — Estamos voltando para o meu apartamento, você pode ficar tranquilo.

— Do que você está falando, Amélia? — Começo a ficar preocupado, porque da última vez em que a vi fria assim, as coisas não terminaram bem para nós.

— Você fugiu de novo, Caio. Estou cansada disso.

Ela para o que está fazendo, de costas para mim, e suspira fundo, levando a mão à barriga. Lembro-me de quando apoiou minha mão ali ontem e do fato de ter achado que ela estava mais gostosa. Eu deveria ter me dado conta de que há um motivo para o corpo de Amélia estar mudado.

— Perdão, amor. Eu sou um idiota. — Corro até ela e a abraço por trás, apoiando as minhas mãos sobre as suas. — Só fiquei um pouco surpreso com a notícia, prometo que nunca mais vou fugir de você. Nem da nossa família.

— Caio, eu te amo muito, quero ficar com você, mas aprendi a viver sozinha. Sou capaz de cuidar de mim, da Manu e desse bebê. — Ela tenta controlar o choro, e eu fico com medo do que vai dizer a seguir, mas não a solto. — Se você ficar comigo, tem que ser porque quer. Não posso ficar com o medo constante de que você fuja a cada dificuldade que aparecer.

Sinto seu corpo tremendo contra o meu e a aperto mais, sentindo-me um merda por tê-la feito chorar mais uma vez.

— Eu preciso de você, Santinha. Não me afasta de novo. Nunca

mais vou fugir, eu juro!

— Eu não vou te perdoar de novo, Caio. — Mal consigo compreendê-la em meio às lágrimas. — Juro por Deus, se você voltar a fazer isso comigo, eu sumo da sua vida.

— Nunca mais — eu lhe asseguro. — Nunca mais. — Ela se vira em meu abraço e esconde o rosto em meu peito. — Me perdoa, amor.

Sinto-a balançar a cabeça em um gesto positivo e deixo que se acalme em meu abraço por alguns minutos.

— Trouxe algo para o nosso filho — sussurro em seu ouvido quando noto que finalmente parou de chorar.

Separo-me dela por um instante e recolho a sacola que deixei sobre o sofá antes de abraçá-la.

— Como você sabe que vai ser um menino? — ela questiona, secando o rosto e observando meus movimentos.

— Eu não sei, mas estou torcendo para que seja. — Sento-me no sofá e a puxo para o meu colo. — Nós já temos uma menina.

Amélia abre um sorriso lindo e sei que disse a coisa certa. Entrego-lhe o pacote e ela rasga a embalagem. Ao encarar o par de sapatinhos amarelos, lágrimas voltam a cair de seus olhos.

— São lindos, Caio.

— Que bom que gostou, amor.

— É o primeiro presente do nosso filho. — Ela abraça o meu pescoço, apoiando os sapatinhos sobre sua barriga. — Eu não quis comprar nada antes de você saber da existência dele.

— Você ficou sabendo depois que nós brigamos, não foi? Por isso não quis me contar antes?

— Foi naquela manhã. Eu não ia te esconder isso pra sempre, mas não queria que você se sentisse preso a mim por causa do bebê.

— Eu estou preso a você desde que te conheci, Santinha. Só levei um tempo para aceitar isso.

Ela volta a chorar e começo a ficar preocupado. Nunca a vi dessa maneira. Seguro seu rosto entre minhas mãos e começo a beijar suas lágrimas.

— Desculpa, são os hormônios — ela se justifica, e eu acabo rindo de sua explicação. Se sou sincero, também estou bem emotivo e me controlando para não desabar como ela.

Eu vou ter um filho, caralho! Eu vou ser pai!

— Titia, você disse que não ia ter mais ninguém triste. — Manuela aparece na sala, seguida por Zé, e protesta ao ver a tia chorando.

— E de felicidade, meu bem.

Para minha sorte, a baixinha não apareceu enquanto o choro era de decepção.

Amélia se levanta e caminha até a sobrinha, ajoelhando-se na sua frente e lhe mostrando os sapatinhos.

— Você vai ter um priminho ou uma priminha. O que acha disso?

— Eu não vou trocar nenhuma fralda! — Manu responde de imediato, fazendo um bico e cruzando os braços sobre o peito.

Amélia se vira para mim e caímos ambos em uma gargalhada, o

ambiente totalmente diferente de alguns minutos antes. Acho que não posso tirar a razão da pequena, essa parte da experiência parece mesmo ser a menos agradável.

Mas estou disposto a passar por tudo isso e enfrentar todos os meus receios. Elas são a minha família agora, e sei que valem a pena qualquer sacrifício.

Capítulo 4)

AMÉLIA



Quando entrei aquele dia na produtora para fazer a entrevista, não imaginei que chegaríamos aqui. Tinha esperanças de conseguir um bom emprego, para me mudar com a minha família para um lugar maior e dar uma vida melhor para a minha sobrinha. Nunca imaginei que o meu destino se entrelaçaria ao daquele gostoso rabugento com cara de anjo; nem em sonho supus que encontraria ali o amor da minha vida, e muito menos que estaria me casando com ele quase dois anos depois, prestes a formar uma família.

Olho o pequeno salão que abriga a igreja, feliz por ter decidido me casar aqui. A princípio, me senti mal somente por ter essa ideia — afinal, esse era o plano da minha irmã, o casamento que ela planejava ter. Depois, fui fazendo as pazes com a ideia, como se o que Caio disse uma vez à Manuela fosse verdade, e Rosália realmente estivesse aqui com a gente. Enquanto discutíamos detalhes da nossa união, resgatei o vestido de minha irmã e decidi que ele merecia ter um final feliz, o final que ela não pôde ter.

Não foi difícil convencer meu noivo a fazermos a cerimônia no mesmo lugar onde minha irmã iria fazer a sua. No final das contas, Rosália conseguiu fazer com que eu voltasse à igreja. Depois de marcar a data com a pastora, decidi participar de alguns cultos — estava sentindo

falta desse contato com Deus — e vi que minha irmãzinha estava certa, o lugar não é nem um pouco parecido com aquele onde crescemos. As pessoas são mais simpáticas; o ambiente, mais leve. Aqui as ideias são discutidas e debatidas, nenhuma verdade é imposta sobre nós, somos convidados a pensar por conta própria. A pastora foi um amor com a gente, emocionando-se quando contei sobre o meu desejo de homenagear minha irmã.

Caio não segue nenhuma religião, e sua mãe me apoiou em minha decisão, então nosso casamento está sendo realizado de acordo com a minha fé.

Apesar de tudo o que aconteceu, eu convidei os meus pais para a cerimônia. Depois da sentença sobre a guarda de Manuela — que graças a Deus, e ao trabalho impecável de Edna, foi a meu favor —, tentei reestabelecer algum contato com eles. Como o juiz determinou que têm o direito de vê-la uma vez ao mês, estava tentando manter uma convivência pacífica com os dois. No entanto, assim como não se preocuparam em visitar minha sobrinha uma vez sequer, também não fizeram questão de aceitar o meu convite. Para os meus pais, ou você segue o que determinam como o certo, ou você simplesmente deixa de existir para eles. É claro que isso é triste, mas vivi bem sem os dois por todos esses anos, não é agora que estou construindo minha própria família que vão me fazer falta.

Uma grata surpresa foi Débora, a mãe de Cléber. Ela se aproximou de mim depois que consegui a guarda definitiva, querendo ter contato com a neta. E tem se mostrado uma avó excelente, conquistando a amizade de Manu aos poucos, sem tentar impor sua presença ou suas crenças. Por falar nisso, também abandonou a igreja dos meus pais e

agora me acompanha sempre que venho aos cultos daqui. Devo admitir que se tornou uma boa amiga e tem me ajudado muito. Acho que, de um jeito torto, acabou me adotando como filha, sempre preocupada comigo e com a gravidez. Tudo o que deveria ter feito pela minha irmã, está fazendo agora por mim. É possível ver o peso do arrependimento em sua vida, mas ao menos está feliz quando está ao lado de Manu. Minha pequena adorou a novidade, porque nunca teve uma avó antes e está amando ter alguém que a mime ainda mais do que Caio e eu. Dois alguéms, porque Dona Teresa também tem se mostrado uma avó maravilhosa para a minha pequena, mesmo que não seja sua neta biológica. Manuela sabe como conquistar o afeto de todos aqueles que convivem com ela.

A música muda, trazendo-me para o presente. É a minha deixa para entrar. Respiro fundo e seguro o buquê com uma mão, enquanto apoio a outra sobre minha barriga já proeminente. Meu bebê parece tão ansioso quanto eu, porque escolhe justo este momento para se mexer pela primeira vez. Emocionada e com lágrimas nos olhos, caminho pelo tapete que conduz ao pequeno altar, onde o meu noivo e o meu futuro me aguardam.



Apesar de nunca ter me preocupado com esse tipo de coisa, posso dizer que a cerimônia foi bonita. Se dependesse de mim, teríamos casado apenas no civil, mas notei o quanto era importante para Amélia ter a bênção de Deus em nossa união e descobri, nesses últimos meses, que eu sou capaz de fazer qualquer coisa para ver essa mulher feliz. E só por isso aceitei me casar aqui.

A parte mais emocionante para mim foi ver Amélia caminhando por aquele corredor, linda como sempre, com a mão sobre a barriga que abriga o nosso filho. Seus olhos estavam lacrimejantes e foi impossível impedir que uma lágrima escapasse dos meus. Assim que ela me alcançou, pegou a minha mão e apoiou sobre sua barriga, onde um Caíque muito agitado decidiu demonstrar sua presença pela primeira vez.

Depois do susto com a notícia de que seria pai, fiz as pazes com a novidade — e com o fato de que a minha vida nunca mais será a mesma. A primeira consulta com o obstetra que pude acompanhar foi emocionante. Nesse mesmo dia, descobrimos o sexo do bebê: um menino, como eu tinha previsto.

Amélia e Manuela se mudaram para o meu apartamento, mas não devemos ficar muito tempo por lá. Estamos procurando por uma casa, porque nossa família está prestes a aumentar e precisaremos de mais

quartos — e porque Zé não para de crescer e está na hora de ter um quintal onde possa correr e gastar sua energia, ao invés de destruir os móveis.

Voltando à cerimônia, a pastora fez um discurso breve, sobre amor, companheirismo e respeito. E sobre o valor da família, sem importar a sua constituição. Amélia e eu apenas repetimos as palavras que nos foram ditas ao trocar as alianças, já que nossos votos trocamos ontem, quando fizemos amor.

Minha mãe chorou o tempo todo. Acho que ainda não acredita que finalmente será avó, mesmo que nunca tenha perdido a esperança de que seu filho tomasse juízo — palavras dela. Confesso que foi emocionante ver a sua expressão quando lhe entregamos uma foto do ultrassom. Na verdade, ela já se tornou avó no momento em que conheceu Manuela. A afinidade delas foi imediata. Aliás, mamãe também amou Amélia. Não poderia estar mais satisfeito com o fato de que as três mulheres da minha vida se dão tão bem.

Saímos da igreja em direção à casa de Diego e Cristina. Por ser uma celebração íntima, meus amigos ofereceram sua casa para a festa e não tivemos como recusar.

O quintal está decorado com algumas bandeirolas brancas e flores coloridas, tudo simples, mas de muito bom gosto. Há algumas mesas próximas à área da churrasqueira e outras no gramado. Contratamos um churrasqueiro, uma cozinheira e um garçom para cuidarem da comida e da bebida e podermos aproveitar a festa sem nos preocuparmos com isso.

Um rádio toca a playlist que preparei com as nossas músicas favoritas, a maioria MPB e rock clássico. Nossos poucos amigos estão

ali, comendo e se divertindo, enquanto as crianças correm empolgadas de um lado para o outro. Além dos gêmeos e Manuela, também temos as filhas de Aline, que, em uma coincidência do destino, são a cara dela, mesmo não sendo suas filhas biológicas. Acho que é mais um capricho da vida, unindo pessoas que estavam destinadas a se encontrar.

Amélia está sentada em uma das mesas, os pés descalços sobre a grama. A gravidez a está deixando exausta e sempre que pode está sentada, descansando. O quanto é possível descansar quando se tem uma filha de cinco anos que precisa de atenção constantemente. Ela conversa com minha mãe e Camila, que parece outra menina, muito diferente daquela que defendi meses atrás. Soube que está com um namorado novo e com planos de se mudar com ele para os Estados Unidos. Espero que tenha mais sorte desta vez.

Eu estou ao lado dos meus amigos, observando as pessoas ao nosso redor, feliz como nunca me senti antes.

— Quem diria que aquele fanfarrão que eu conheci há mais de 15 anos se tornaria um respeitável pai de família. — Diego ri, batendo em meu ombro.

— Isso é culpa da sua esposa.

— Como assim? — ele questiona, olhando para Cris, que está ao seu lado.

— Eu o proibi de ter um caso de uma noite com Amélia. — Ela dá de ombros, como se não fosse grande coisa o que eu sofri por mais de ano com essa promessa que me obrigou a fazer. — Aí ele teve que conviver com ela antes que algo acontecesse entre os dois. E acabou se apaixonando.

— E você sabia que isso ia acontecer dessa maneira? —
Questiono, achando graça de suas palavras.

— Claro que sim. — Dá um sorriso de lado. — Diz se eu não sou um gênio.

— Ainda não tenho um veredito — respondo, rindo. — Mas agradeço de qualquer maneira.

— Estou orgulhosa de você, Caio. Tenho certeza de que será um ótimo pai.

— Nem eu tenho certeza disso, mas é bom saber que tem gente que acredita em mim. Você, Amélia, minha mãe...

— Eu. — Diego aperta meu ombro. — Você é um ótimo tio, será um ótimo pai.

— Obrigado. — Devolvo o aperto em seu ombro. — Isso significa muito vindo de vocês. Agora, se me dão licença, vou atrás da minha esposa que já estou com saudades.

— Ai, meu Deus! O Caio romântico é tão bonitinho! — Cris zomba e mostro a língua pra ela, que começa a gargalhar.

— Eu aguento vocês dois há anos. Agora chegou a minha vez de perturbá-los.

— Não tem ideia do quanto estou feliz com isso. — Abre um largo sorriso, tombando a cabeça de lado ao me encarar.

Levanto-me da mesa e dou um beijo em sua testa, sussurrando-lhe mais um agradecimento, antes de caminhar em direção à Amélia.

— Será que eu posso roubar a minha esposa por um minutinho?

— Claro. — É minha mãe quem responde. — Ela é toda sua. Ao menos até o bebê nascer.

Rindo, Amélia aceita a mão que lhe estendo e se deixa arrastar por mim para o meio do gramado. Ali ainda podemos ouvir a música e eu enlaço sua cintura, puxando-a para perto de mim, começando a nos mover de um lado para o outro.

— Acho que é uma tradição a dança dos noivos, não é?

— Com certeza — ela responde com um sorriso, apoiando a cabeça em meu ombro.

— Amélia, amor, eu tenho um pedido para fazer.

— O que é?

— Eu quero compartilhar a guarda da Manuela com você. Também quero ser responsável por ela.

Ela ergue a cabeça para me encarar, parecendo surpresa com o meu pedido. Eu pensei muito sobre isso, nós seremos uma família, precisamos começar a dividir as responsabilidades. E eu quero que Manuela me veja como alguém com quem ela poderá contar para sempre.

— Você tem certeza disso, Caio? — Amélia questiona, e não posso tirar sua razão ao ficar em dúvida em relação ao meu pedido.

— Tenho — respondo com convicção.

— Ok. — Ela volta a sorrir, parecendo emocionada. — Assim que voltarmos de viagem, eu falo com a Edna para resolver isso para a gente.

— A nossa família é o sonho que eu não sabia que tinha. — Cochicho em seu ouvido. — Obrigado por torná-lo realidade.

Ela me beija em resposta, eu a abraço de novo e dançamos mais um pouco, aproveitando o começo do resto de nossas vidas.



É agonizante ver o sofrimento de Amélia e não poder fazer nada para ajudá-la. Juro que se eu pudesse estaria em seu lugar no momento. Mentira! Eu jamais teria a coragem que ela tem. Se fosse eu já teria pedido para me apagarem com anestesia e retirarem essa criatura de mim enquanto eu estivesse fora do ar.

Mas Amélia, como uma pessoa muito mais valente do que eu, está encarando tudo muito bem e ainda optou pelo parto normal. E é por isso que estamos nesse tormento há mais de dez horas. Nos filmes tudo acontece muito mais rápido. Ninguém mostra a tortura que é passar pelas contrações, além da ansiedade para que o seu filho chegue logo. E olha que nem sou eu quem está sofrendo com as dores. Talvez um pouco minha mão, que Amélia aperta a cada nova contração.

— Já está corando, Amélia! — a médica anuncia — Quando a próxima vier, você pode empurrar com toda a força.

Minha Santinha confirma com a cabeça, já sem forças para falar. Não sei como vai conseguir fazer o que a médica pede.

Mas ela consegue. Com mais dois grandes empurrões o nosso menino chega ao mundo, berrando a plenos pulmões.

— Você conseguiu, amor. — Beijo sua testa suada, e ela fecha os

olhos, exausta.

A médica traz o bebê para o peito de Amélia, que o segura contra si, emocionada. Eu não estou diferente. Parece um milagre, um serzinho que meses atrás era apenas um borrão no ultrassom hoje é um minúsculo ser humano pelo qual eu sou responsável a partir de agora. E não poderia estar mais feliz por isso.



Uma enfermeira abre a porta do quarto e deixa Manuela entrar. A pequena nos encara, parecendo não saber o que fazer.

— Vem conhecer seu priminho, Manu. — Amélia a chama, enquanto acaricia o rostinho de nosso filho que está ocupado mamando em seu peito.

Manu se aproxima, parecendo receosa.

— Agora que você tem um bebê, não vai querer mais saber de mim?

Se tivesse consciência do quanto a tia lutou por ela, jamais pensaria dessa forma.

— Meu amor, você nunca vai se livrar de mim. — Amélia sinaliza e eu faço o que pede, colocando a pequena sentada ao seu lado na maca. — Eu estava esperando que você quisesse ser irmã dele.

— Ele é bonitinho. — Manuela passa o dedinho pelo rosto de Caíque. — Tio, você vai ser papai do bebê, né?

— Sim, Manu — respondo, apertando sua bochecha.

— Eu ganhei um papai, mas ele virou anjo junto com a minha mamãe. — Sempre sinto um aperto no peito quando a ouço falar sobre os pais. — Você pode ser o meu papai também?

— Claro, meu amor — respondo sem pestanejar. Essa menina ainda vai acabar com o meu emocional. — Mas eu já sou o seu papai, você só não percebeu ainda.

— É mesmo? — ela pergunta, sobrancelha franzida.

— Sim. Eu te ajudo com o dever, leio e canto para você dormir, te levo na escola... Tudo isso são coisas que um pai faz.

— Então a titia pode ser minha mamãe também? — Ela se vira para Amélia. — Assim eu tenho um papai e uma mamãe no céu, um papai e uma mamãe aqui.

Amélia começa a chorar, emocionada.

— Eu ficaria muito feliz com isso, meu amor.

— Aí o Caíque pode ser meu irmão de verdade.

— Sim. Essa é a ideia — digo, quando Amélia não consegue responder.

— Mas eu não vou trocar fralda. — Ela insiste no mesmo que já nos disse quando soube da gravidez.

— Não, isso você pode deixar para o seu pai. — Amélia agora está rindo em meio ao choro.

— Sobrou pra mim, é?

— Bebê caga muito fedido. — Manuela enruga a testa, fazendo uma careta.

E eu só consigo sorrir. Quando na minha vida achei que ficaria feliz trocando fralda cheia de merda?

Ali, naquele quarto com as pessoas mais importantes da minha vida, sinto-me realizado pela primeira vez. Não importa quantos clientes eu conquiste no trabalho, quantas campanhas de sucesso realize ou quantos prêmios eu ganhe, minha grande conquista sempre será esta aqui: a família que nunca achei que teria.

FIM

Agradecimentos

À minha família, que sempre foi o meu maior apoio; em especial à minha mãe e minha irmã, minhas primeiras leitoras.

À minha amiga Michelle Valim da Silva, que segue me incentivando e cobrando capítulos.

À minha amiga Natalia Eliza Sampaio Saunders, minha consultora jurídica. Neste livro, a sua participação foi fundamental. Obrigada por esclarecer minhas dúvidas e dar sugestões para deixar o texto mais emocionante.

À Luciana Guarani, a minha primeira leitora beta, que continuou defendendo o Caio até o final. Trabalhar com você foi uma experiência maravilhosa.

À Mag Brusarosco, por ter me dado dicas valiosas no momento da reescrita.

À Fabi Dias e C.M. Sang. Seguimos na luta, um livro por vez.

Às minhas amigas do grupo *Point das Autoras*. Obrigada por compartilharem experiências e me ajudarem a me tornar uma autora melhor.

À Mari Sales, pois graças ao seu desafio mais um livro está

saindo. Obrigada pelo seu incentivo diário.

Às minhas novas leitoras do Wattpad. Muito obrigada pelo apoio, meninas. Foi uma emoção muito grande acompanhar os comentários de vocês a cada capítulo postado.

E, por último, quero agradecer a você, que chegou até aqui. Muito obrigada por ter dado uma chance ao meu trabalho. Espero que a gente se encontre de novo em breve.

Sobre a Autora



Nascida em São Paulo, em 1986. Começou a ler aos seis, e não parou mais. Sempre foi apaixonada por quadrinhos (a “Turma da Mônica” até hoje tem lugar cativo em sua estante) e somente com doze anos começou a ler os primeiros romances, a maioria espíritas.

Gosta tanto de ler e contar histórias que optou por fazer Midialogia na graduação, um curso que envolve um pouco de Cinema e de Televisão. Depois de formada, começou a trabalhar com edição de vídeo e fez pós-graduação em Roteiro Audiovisual. Seus primeiros textos completos foram roteiros para cinema, que infelizmente nunca foram filmados, mas que a inspiraram a continuar criando suas histórias.

Atualmente está focada na literatura, porque um roteiro é limitado pelos custos de produção, enquanto os livros não apresentam este problema. O orçamento é ilimitado, assim como a imaginação.

<https://romances.cintiahenriques.com.br/>

Outras Obras



Vanessa passou boa parte de sua vida cuidando da mãe, que tem uma grave doença degenerativa. Com isso, sacrificou seus sonhos, carreira e vida amorosa, dedicando todo o seu tempo e seu amor ao bem-estar de sua progenitora. Estava conformada com a situação até que o surgimento de Pedro em sua vida a faz questionar tudo o que acreditou que era certo e definitivo.

Graças a uma gravidez não planejada, Soraia se casou muito nova. Apesar disso, é feliz em seu casamento e mãe orgulhosa de três meninas. Conseguiu se formar em artes plásticas e trabalha em casa enquanto tenta cuidar das filhas. Mesmo com o peso das responsabilidades, nunca amadureceu completamente. Sua atitude relapsa deteriora o relacionamento com a filha adolescente, que se afasta cada vez mais. Ao mesmo tempo, seu casamento começa a sair dos eixos e Soraia não

consegue entender o que está fazendo de errado.

Diego não está em busca de compromisso. Depois de uma decepção amorosa, decide aproveitar a vida, saindo com várias mulheres, sem se apegar a nenhuma. O único relacionamento sério em sua vida é a amizade com Cristina, com quem mora há cinco anos. Mas o amor pode acontecer quando menos se espera. A relação dos dois se transforma quando Diego começa a se sentir atraído pela melhor amiga e questiona se o amor fraternal que sempre sentiu é apenas isso ou se esse sentimento mudou sem que ele tenha se dado conta.

Vanessa, Soraia e Diego são primos e amigos. Cresceram juntos, sofreram uma grande perda e continuam se apoiando nas intempéries da vida. Sempre na certeza de que, por maiores que sejam as dificuldades, tudo vai dar certo.

Disponível em eBook na Amazon, também pelo Kindle Unlimited, e em físico no site da autora.

<https://www.amazon.com.br/dp/B07JW1PR4X>



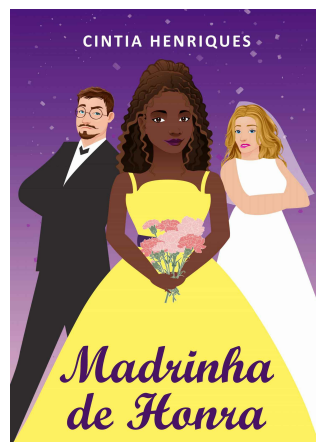
Após enfrentar muitas adversidades durante sua infância, Paula foi adotada junto a seus irmãos. Porém, por mais incrível que seja sua nova família, alguns traumas são difíceis de superar, principalmente quando o passado ainda está à espreita.

Depois de passar anos se preocupando com sua mãe e irmãos, Aline por fim saiu de casa. Chegou o momento de cuidar de sua própria vida, e ela planeja vivê-la ao máximo. Seus planos mudam, porém, quando o retorno de um antigo namorado desperta mágoas que ela julgava há muito tempo esquecidas. Será que Aline está pronta para perdoar e construir um futuro com o qual já não sonhava?

Camila namora há cinco anos aquele que um dia foi seu professor no Ensino Médio. Apesar da diferença de idade, a relação vai bem até que ele se torna cada vez mais obsessivo. Camila se dá conta de que não será tão fácil sair desse relacionamento e que é nos momentos de confronto que descobrimos do que cada um é capaz.

Disponível em eBook na Amazon, também pelo Kindle Unlimited, e em físico no site da autora.

<https://www.amazon.com.br/dp/B082PCR6MZ/>



Aceitar o convite para o casamento do ex com a melhor amiga... Péssima ideia, ou a melhor coisa que poderia ter lhe acontecido?

Lídia recebe um convite de casamento. Mas não é um casamento qualquer. É a união de seu ex quase noivo, Gilberto, com sua ex melhor amiga, Alessandra. E não é um simples convite, é um pedido para que ela seja madrinha na cerimônia.

Contando com o apoio de seu amigo Maurílio, ela decide ir à festa apenas para infernizar a vida do feliz casal, só para não deixar seu próprio sofrimento passar batido. No entanto, as coisas não saem como ela espera e Lídia se dá conta de que essa traição talvez seja a melhor coisa que aconteceu em sua vida.

Disponível em eBook na Amazon, também pelo Kindle Unlimited.

<https://www.amazon.com.br/dp/B085KYVTSX/>

Notas

[← 1]

Versão reduzida de imagem, usada para tornar mais fácil o processo de busca. Neste caso, é uma imagem capturada do vídeo, com uma prévia do seu conteúdo.

[← 2]

Licença-nojo ou licença-óbito é prevista em legislação (artigo 473 da CLT) e permite a ausência do trabalhador por até 2 dias sem prejuízo do salário em casos de falecimento de parentes próximos.